

Lucas Banzoli
Emmanuel Dijon

As Provas da Existência de Deus



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAP. 1 - EVIDÊNCIAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS.....	8
1º A Prova do Movimento.....	8
2º A Causalidade Eficiente	10
3º Prova da Contingência	11
4º Prova da Perfeição	13
5º Prova do governo do mundo	14
• O Argumento Teleológico	15
• Quem criou Deus?	25
• O Argumento da Moralidade.....	28
CAP. 2 – A TEORIA DA EVOLUÇÃO	32
• O Design Inteligente.....	32
• A religião atrasa o progresso científico?	34
• Onde estão os trabalhos científicos dos teóricos do Design Inteligente?.....	37
• O Design Inteligente não é ciência, é religião	43
• O que dizer das pesquisas naturalistas?	47
• O registro fóssil	52
• A Seleção Natural	58
• As mutações e a macroevolução	60
• O darwinismo de mãos dadas com a eugenia	62
• Ateísmo: o mito histórico.....	64
CAP. 3 - JESUS REALMENTE EXISTIU?	67
• Provas históricas da existência de Cristo.....	70
Flávio Josefo (37 – 100 d.C)	72
Tácito (55 – 120 d.C).....	77
Luciano de Samosata (125 – 181 d.C).....	80
Plínio, o Jovem (61 – 114 d.C)	82
Imperador Trajano (53 – 117 d.C)	84
Suetônio (69 – 141 d.C)	85
Talo (55 d.C)	87

Flêgão (Século I).....	88
Mara Bar-Serapião (73 d.C).....	89
Talmude.....	92
Rei Abgar V	93
O ossuário do irmão de Jesus	94
Constantino e o Concílio de Niceia.....	97
Considerações Finais.....	100
CAP. 4 - JESUS É UM PLÁGIO DE MITOS PAGÃOS?	104
1º Nascimento no dia 25 de Dezembro	108
2º Três reis magos.....	109
3º O nascimento virginal	110
4º Jesus e seus doze anos	112
5º A ressurreição.....	113
6º Adjetivos dos deuses mitológicos.....	115
7º Morte por crucificação.....	117
8º Semelhanças depois de Cristo.....	118
9º Cristianismo e Mitraísmo.....	119
Considerações Finais.....	122
CAP. 5 - JESUS REALMENTE RESSUSCITOU?.....	124
1º Teoria do desfalecimento refutada	129
2º Teoria da alucinação refutada	131
3º Teoria do irmão gêmeo refutada	133
• Mas e os mártires muçulmanos?.....	136
CAP. 6 - O SUDÁRIO DE TURIM.....	140
Premissa 1 – Não é uma falsificação medieval.....	142
Premissa 2 – Este homem trata-se de Jesus Cristo.....	175
Premissa 3 – Este homem ressuscitou	185
Conclusão – Jesus Cristo ressuscitou dos mortos.....	187
CAP. 7 - A AUTENTICIDADE DO NOVO TESTAMENTO.....	189
• Quantidade de cópias antigas do Novo Testamento.....	191
• Tempo entre a cópia e o original.....	195
• Os Pais da Igreja.....	199

• Respondendo aos Céticos	205
CONSIDERAÇÕES FINAIS	218
APÊNDICE 1 – A RELIGIÃO É O ÓPIO DO POVO?.....	220
APÊNDICE 2 – COMO EXPLICAR O MAL?	230

INTRODUÇÃO



“Contudo, quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?” (Lucas 18:8)

Vivemos tempos sombrios, onde nunca a fé foi tão desafiada pelos céticos e materialistas como hoje. Em nossas universidades, as teorias que vão contra a Bíblia, sejam elas de aspecto moral ou científico, são ensinadas como se fossem verdades incontestáveis. No mundo secular, aumenta cada vez mais o número daqueles que duvidam da existência de Deus e da existência histórica de Jesus Cristo, que atacam a fé cristã e creem que não existe nada além do material. Neles se confirma a profecia de Jesus: que, por ocasião da Sua segunda vinda, a fé de muitos se esfriaria.

Mas será que tais céticos estão certos em sua descrença na fé cristã? Têm eles razão em duvidarem de tudo? Afinal, para que lado aponta as evidências? É preciso ter mais fé para ser cristão ou para ser ateu? Responder tais questões exige muito estudo e paciência. Esperamos que o querido leitor, seja ele ateu ou teísta, cristão ou não-cristão, leia este livro com a mente aberta, analisando os argumentos e tomando suas próprias conclusões. Nós seguiremos a seguinte linha argumentativa:

- **Deus existe. Isso é provado por:**

- Prova do Movimento
- A Causalidade Eficiente
- Prova da Contingência
- Prova da Perfeição
- Prova do Governo do Mundo
- Argumento Teleológico
- Argumento Cosmológico
- Argumento da Moralidade
- O Design Inteligente

- **Deus é um ser pessoal. Isso é provado por:**

- Argumento Cosmológico
- Argumento da Moralidade
- O Design Inteligente

- **A teoria da evolução é falsa. Isso é provado por:**

- Provas do Design Inteligente
- O Registro Fóssil
- Mutações
- Origem da Vida

- **Jesus realmente existiu. Isso é provado por:**

- Testemunhos não-cristãos sobre Jesus no primeiro século.
- A existência de cristãos no primeiro século.
- A inexistência de plágio de mitos pagãos.

- **Jesus realmente ressuscitou. Isso é provado por:**

- Provas lógicas da ressurreição de Cristo.
- Prova científica da ressurreição de Cristo.

- **O Novo Testamento é autêntico. Isso é provado por:**

- Mais manuscritos antigos.
- Menor intervalo entre o original e a cópia mais antiga.
- Mais fontes de apoio.
- Inexistência de variantes que comprometam doutrina.

- **Apêndice 1: “A religião é o ópio do povo?”**

- De qual lado estão os cientistas?
- Quem matou mais? Religiosos ou ateus?
- Qual é a visão de mundo mais moral?

- **Apêndice 2: “Como explicar o mal?”**

- Deus criou o mal?
- Por que Deus permite o mal?

Resolvi escrever este livro em co-autoria com meu amigo Emmanuel Dijon, que possui muito mais conhecimento sobre teoria da evolução do que eu. Assim, a parte do livro que trata sobre macroevolução (design inteligente, registro fóssil, seleção natural, mutações e origem da vida) é de autoria dele. Esperamos que este livro possa servir para fortalecer a fé de muitos cristãos e que possa ser uma ferramenta de conversão para muitos que ainda não são, e que poderão ser convencidos pela força das evidências, se estiverem realmente dispostos a abraçarem a verdade.

CAP. 1 - EVIDÊNCIAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS



No século XIII o teólogo e filósofo Tomás de Aquino propôs cinco vias para a existência de Deus. Por mais que muitos séculos tenham se passado desde então, seus argumentos expostos em sua Suma Teológica permanecem intactos, pois são refinados pela mais alta classe da retórica filosófica. Iremos resumir seus cinco principais argumentos a seguir.

1º A Prova do Movimento

A primeira prova é a do movimento. Nas palavras de Tomás de Aquino, “é certo, e está de acordo com nossa experiência, que algo se move no mundo. Tudo o que se move é movido por outra coisa... já que mover não é senão fazer algo passar de potência para ato; ora, mas nada pode passar de potência para ato senão por meio de um ser que já está em ato”¹.

¹ Todas as referências deste livro a Tomás de Aquino se encontram em sua Suma Teológica, livro 1, questão 2, artigo 3.

Diferentemente de Parmênides, que cria que o movimento não passa de uma ilusão, nós sabemos que as coisas no mundo mudam. Há mudanças substanciais, acidentais, quantitativas e locais. A planta que cresce, o céu que fica nublado, a madeira que vira carvão, a parede branca que é pintada de vermelho, o nosso próprio crescimento e envelhecimento, mudança de lugar físico, são apenas alguns dentre diversos outros exemplos. Para Tomás, isso nada mais significava senão que esse movimento é a passagem da potência para ato, e que isso somente pode ser levado a efeito por um ser que já esteja em ato.

O fogo, por exemplo, é quente em ato e torna a madeira, que é quente em potência, em quente em ato. Somente algo que já é quente pode tornar algo que ainda não é quente em algo quente. E, como diz Tomás, “[é impossível que a mesma coisa seja ao mesmo tempo em potência e em ato em relação ao mesmo, mas apenas em relação a diversas coisas](#)”. Assim, é impossível que algo esteja em potência e em ato ao mesmo tempo e com relação ao mesmo aspecto. Aquilo que é quente em ato (como o fogo) não pode ser ao mesmo tempo quente em potência, pois já é quente em ato.

Sendo assim, tudo o que é mudado é mudado por um outro ser que tenha aquela qualidade em ato. A panela aquecida não é aquecida sozinha, mas precisa receber calor de outro ser – o fogo – que tenha calor em ato. Assim também a parede, que é branca em ato, só passará a ser verde em ato caso receba esse verde de outro ser – a tinta – que seja vermelho em ato. E isso o leva a concluir:

[“É impossível que no mesmo sentido e do mesmo modo algo seja movente e movido, ou que se mova a si mesmo. Tudo o que se move deve, portanto, ser movido por outra coisa. Mas, se aquilo pelo qual algo é movido também se move, é indispensável que seja movido por outra coisa e assim sucessivamente”](#)

Como vimos, é impossível que algo seja ato e potência ao mesmo tempo, e que algo seja movente e movido ao mesmo tempo. É necessária, então, a existência de um ser Criador que seja ato puro, ou senão cairíamos em um processo infinito de eventos passados, e a potência sempre precederia o ato, jamais havendo um ato anterior à potência. É preciso que o movimento parta de um ser que seja ato puro, que não tenha sido causado, que não tenha potência. Como diz Aquino:

“Se não houvesse um primeiro movente cairíamos então em um processo indefinido ou, caso contrário, chegaríamos a algo que não seria movido... Portanto, é necessário chegar a um primeiro movente que não seja movido por nenhum outro: e este todos entendem ser Deus”

Se não existisse um primeiro ser movente, cairíamos em um processo infinito de eventos passados, o que é impossível. Essa conclusão de Tomás é reforçada pela ciência moderna, que concluiu que o Universo é finito e temporal, e que tempo-espaco são mensuráveis. Portanto, não são movimentos que se dão no infinito, mas no finito. A teoria do Big Bang e a lei da entropia comprovam que o Universo teve um começo, e que, portanto, a sequencia de movimentos não pode ser infinita, pois se dá em um Universo finito.

É necessária, portanto, a existência de um ser que seja a causa primeira, o motor que não pode ser movido, o ato puro que não tem nenhuma potência, que não é movido por nenhum anterior, que é eterno e atemporal, fora do espaco (Universo) finito e temporal em que vivemos. Este ser é Deus.

2º A Causalidade Eficiente

A segunda via de Tomás de Aquino é conhecida como a prova da causalidade eficiente, que segue as seguintes premissas:

- 1º** As coisas possuem uma ordem de causas eficientes;
- 2º** Tudo o que passa a existir tem uma causa eficiente;
- 3º** É impossível que algo seja a causa de si mesmo;
- 4º** É impossível uma cadeia causal infinita;
- 5º** Portanto, alguma causa foi a primeira causa eficiente no mundo;
- 6º** Esta causa é Deus.

Essa segunda via é baseada no fato de que toda causa é anterior a seu efeito. O resfriado é causado pela chuva, que é causado pela evaporação, que é causado pelo calor, que é causado pelo sol. Todos esses efeitos dependem de sua causa, e essa série de causas não pode ser indefinida. Se não existe uma Causa primeira, tampouco existiriam as causas intermediárias que são efeitos dela. Ou

seja: nada existiria. Isso deve indicar que existe uma Causa primeira que causou tudo e que não foi causada. Nas palavras de Tomás de Aquino:

“Encontramos nas coisas sensíveis uma ordem de causas eficientes, já que nada pode ser causa eficiente de si mesmo, pois se assim o fosse existiria antes de si mesmo, o que é impossível. Também não é possível proceder indefinidamente nas causas eficientes (...) Em todas as causas eficientes ordenadas, em primeiro lugar está a causa do que se encontra no meio, e o que se encontra no meio é causa do que está em último lugar, tanto se os intermediários forem muitos, quanto se for um só; tiradas as causas, tira-se o efeito”

E isso o leva a concluir:

“Logo é necessário admitir alguma causa eficiente primeira, à qual todos chamam de Deus”

Essa conclusão lógica pode levar alguns ateus a contestarem: por que essa causa primeira tem que ser Deus? Marx fez isso. O marxismo nega que Deus seja o criador do Universo, e se vê na obrigação de transferir à matéria a qualidade de causa primeira. Ou seja: que a matéria é a causa de si mesma, é eterna, infinita e onipotente. Para Marx, a matéria era a causa das causas não causada. Essa tese foi refutada pela ciência moderna, que comprovou que a matéria não é eterna, mas teve um início. Logo, a causa primeira não pode ser a própria matéria, mas algo fora do Universo, atemporal, que deu início a tudo o que existe e vemos.

A essa causa primeira chamamos Deus.

3º Prova da Contingência

A terceira via é a da contingência, que segue as seguintes premissas:

1º As coisas podem ser ou necessárias ou contingenciais;

2º Coisas contingenciais podem não existir;

3º Nem tudo é contingencial, pois se assim fosse, um dia no passado nada existiu;

4º Se o nada um dia existiu, hoje nada existiria, pois nada pode vir a existir do nada;

5º Logo, algum Ser necessário sempre existiu, para que as outras coisas pudessem vir a existência a partir d'Ele;

6º Esse Ser todos chamam de Deus.

Para Tomás, “encontramos dentre as coisas algumas que podem ser ou não ser... é impossível que todas as coisas existam sempre, pois o que pode não ser alguma vez não é. Se todas as coisas podem não ser, alguma vez nada existiu. Se assim fosse, na verdade, também agora nada existiria, pois o que não existe não começa a existir senão a partir de algo que existe”.

Algo é necessário quando ele não pode não existir, pois é uma condição necessária para que as outras coisas existam. Ao mesmo tempo, existem coisas contingenciais, que podem não existir sem que isso tenha alguma influência séria no Universo.

Se tudo o que há na natureza têm a possibilidade de não ser, houve um tempo em que nenhum deles existia. Mas, se nada existia antes, então nada existiria hoje, porque aquilo que não existe não pode passar a existir por si mesmo. O que existe só pode ter existido por causa de outro ente que já existia. Então, se nada existia antes, nada existiria também agora. Se em algum momento da história o nada existiu, então ele deveria sempre existir, até hoje. O que é falso, já que coisas contingentes existem. Isso levou Tomás de Aquino a dizer:

“Se, entretanto, nada existia, seria impossível que algo começasse a existir, e assim nada absolutamente existiria, o que é evidentemente falso. Portanto, nem todos os seres são possíveis (contingenciais), mas é indispensável que algum seja necessário”

Por isso é necessária a existência de um ser que sempre existiu, para que as outras coisas pudessem vir à existência:

“Logo, é necessário admitir algo que seja necessário por si, não tendo fora dele a causa de sua necessidade, antes pelo contrário, que seja ele mesmo a causa da necessidade dos outros: a este ser todos chamam de Deus”

Este ser tem a razão de sua necessidade em si mesmo, e é o causador de todos os demais entes. Ele também deve ser absolutamente necessário, tem que ter existido sempre, e é em função dele que os seres contingentes existem. A este ser necessário chamamos Deus.

4º Prova da Perfeição

O quarto argumento de Tomás de Aquino para a existência de Deus é o dos graus de perfeição dos entes, que segue o silogismo:

- 1º As coisas são classificadas em certo grau de qualidade;
- 2º Existe um máximo de qualidade (perfeição) para cada gênero;
- 3º Este máximo é a causa de todos os outros inferiores;
- 4º Logo, existe um Ser Perfeito que é causa de todos os outros menos perfeitos;
- 5º Este Ser chamamos de Deus.

Em seu livro, ele argumenta a favor dessa via da seguinte maneira:

“Encontramos, com efeito, nas coisas, algo mais ou menos bom, verdadeiro, nobre, e assim por diante. O ‘mais’ ou ‘menos’ é dito acerca dos diversos seres conforme se aproximam de forma diferente daquilo que é o máximo, como o mais quente é aquilo que se aproxima do quentíssimo (...) Existe algo que é o verdadeiríssimo, ótimo, nobilíssimo e, por conseguinte, o ser máximo, pois as coisas que são verdadeiras ao máximo são os maiores seres, como é dito no livro II da Metafísica (...) O que é o máximo em algum gênero é causa de tudo o que é daquele gênero, como o fogo, que é o máximo do quente, é a causa de todos os quentes, como é dito no mesmo livro (...) Logo, existe algo que é a causa da existência de todos os seres, e da bondade e de qualquer perfeição, e a este chamamos Deus”

Tomás de Aquino diz que nós encontramos na natureza coisas com certo grau maior ou menor em relação a um grau máximo, e, a partir daí, as classificamos como sendo mais ou menos (ou melhor e pior) do que as outras coisas. É dessa

forma que podemos dizer que o vapor é mais quente que a água, que é mais quente que o gelo. Ou que Paris é mais bela que o Iraque. Vemos três termos: Paris, Iraque e a Beleza da qual Pais participa mais ou está mais próximo. Por isso só podemos dizer que uma coisa é mais do que outra se tivermos como parâmetro certa perfeição.

Portanto, deve existir a Verdade absoluta, a Beleza absoluta, o Bem absoluto, a Nobreza absoluta, e por vai. E, desta forma, deve existir coisas que mais se aproximam do Perfeito, assim como coisas que mais se distanciam dele. Aquilo que é máximo em qualquer gênero é causa de tudo o que existe nesse gênero. O fogo, por exemplo, que tem o máximo calor, é causa de toda quentura, como diz Aristóteles. Da mesma forma, deve haver algo que seja para todas as coisas a causa de seu ser, de todas as suas perfeições. A isso chamamos Deus.

5º Prova do governo do mundo

A quinta e última via de Tomás de Aquino segue as seguintes premissas:

1º As coisas que não possuem inteligência agem sempre de uma mesma forma para atingir os objetivos para os quais existem;

2º Somente um ser que possua inteligência em si pode direcionar as coisas não inteligentes para seus objetivos;

3º Deve haver um Ser que coordene, governe e direcione todas as coisas para seus objetivos;

4º A este Ser chamamos de Deus.

Ele dá o exemplo de uma flecha, que não pode por si mesma buscar o alvo, mas ela tem que ser dirigida para o alvo por um arqueiro, pois a flecha não possui inteligência em si mesma. A mesma coisa ocorre com o governo das coisas: o que não é inteligente só atinge o alvo para o qual foi criado através de um ser que possua inteligência em si, que seja inteligente o suficiente para dirigi-la.

Quando observamos o mundo a nossa volta, vemos que ele é como uma flecha que acerta o alvo, o qual se presume que tenha vindo de um projetor inteligente. Como diz Tomás de Aquino:

“As coisas, entretanto, que não têm inteligência só podem procurar um objetivo dirigidas por alguém que conhece e é inteligente, como a flecha dirigida pelo arqueiro (...) Logo, existe algum ser inteligente que ordena todas as coisas da natureza para seu correspondente objetivo: a este ser chamamos de Deus”

Todo o Universo atesta para uma mente inteligente que governa o mundo, com princípios antrópicos sem os quais não existiria vida, com a exata e perfeita exatidão que atestam um Criador inteligente do Universo. Iremos analisar melhor este argumento a seguir, na análise do Argumento Teleológico para a existência de Deus.

• O Argumento Teleológico

Se Tomás de Aquino estivesse vivo hoje, provavelmente ele iria acrescentar à sua Suma Teológica muitos argumentos que foram e estão sendo provados pela ciência moderna. Um deles é o Argumento Teleológico, que segue as seguintes premissas:

- 1º Todo projeto tem um projetista.
- 2º O Universo possui fortes evidências de que foi projetado.
- 3º Portanto, o Universo teve um Projetista.

Quando vemos um coração na areia da praia com duas iniciais dentro não pensamos que aquilo foi obra do acaso, pois sabemos que aquilo foi *projetado* por uma mente inteligente. Quando vemos alguma escultura no formato de um ser humano (como o da foto abaixo) sabemos que aquilo não foi obra do acaso por uma incomum formação das rochas, mas foi criado por uma mente inteligente. Ou, se estivermos perdidos em uma floresta e nos depararmos com um relógio no chão, não iremos concluir que a natureza sozinha criou aquele relógio após muitos milhares ou milhões de anos: saberemos que um houve um ser projetista daquele relógio.



A mesma coisa ocorre com o Universo, mas em um nível de perfeição muito maior: todo ele atesta para a existência de um Projetista inteligente. No livro: “Não tenho fé suficiente para ser ateu”, Norman Geisler e Frank Turek expõem pelo menos dez princípios antrópicos sem os quais seria impossível existir vida na terra:

1º Se a força centrífuga do movimento planetário não equilibrasse precisamente as forças gravitacionais, nada poderia ser mantido numa órbita ao redor do Sol.

2º Se o Universo tivesse se expandido numa taxa um milionésimo mais lento do que o que aconteceu, a expansão teria parado, e o Universo desabaria sobre si mesmo antes que qualquer estrela pudesse ser formada. Se tivesse se expandido mais rapidamente, então as galáxias não teriam sido formadas.

3º Qualquer uma das leis da física pode ser descrita como uma função da velocidade da luz (agora definida em 299.792.458 m por segundo). Até mesmo uma pequena variação na velocidade da luz alteraria as outras constantes e impediria a possibilidade de vida no planeta Terra.

4º Se os níveis de vapor d'água na atmosfera fossem maiores do que são agora, um efeito estufa descontrolado faria as temperaturas subirem a níveis muito altos para a vida humana; se fossem menores, um efeito estufa insuficiente faria a Terra ficar fria demais para a existência da vida humana.

5º Se Júpiter não estivesse em sua rota atual, a Terra seria bombardeada com material espacial. O campo gravitacional de Júpiter age como um aspirador de pó cósmico, atraindo asteróides e cometas que, de outra maneira, atingiriam a Terra.

6º Se a espessura da crosta terrestre fosse maior, seria necessário transferir muito mais oxigênio para a crosta para permitir a existência de vida. Se fosse mais fina, as atividades vulcânica e tectônica tornariam a vida impossível.

7º Se a rotação da Terra durasse mais que 24 horas, as diferenças de temperatura seriam grandes demais entre a noite e o dia. Se o período de rotação fosse menor, a velocidade dos ventos atmosféricos seria grande demais.

8º A inclinação de 23º do eixo da Terra é exata. Se essa inclinação se alterasse levemente, a variação da temperatura da superfície da Terra seria muito extrema.

9º Se a taxa de descarga atmosférica (raios) fosse maior, haveria muita destruição pelo fogo; se fosse menor, haveria pouco nitrogênio se fixando no solo.

10º Se houvesse mais atividade sísmica, muito mais vidas seriam perdidas; se houvesse menos, os nutrientes do piso do oceano e do leito dos rios não seriam reciclados de volta para os continentes por meio da sublevação tectônica (sim, até mesmo os terremotos são necessários para sustentar a vida como a conhecemos!).

E eles complementam:

“O astrofísico Hugh Ross calculou a probabilidade de que essas e outras constantes – 122 ao todo pudessem existir hoje em qualquer outro planeta no Universo por acaso (i.e., sem um projeto Divino). Partindo da ideia de que existem 10 elevado a 22 planetas no Universo (um número bastante grande, ou

seja, um número 1 seguido de 22 zeros), sua resposta é chocante: uma chance em 10 elevado a 138, isto é, uma chance em 1 seguido de 138 zeros! Existem apenas 10 elevado a 70 átomos em todo Universo. Com efeito, existe uma chance zero de que qualquer planeta no Universo possa ter condições favoráveis à vida que temos, a não ser que exista um Projetista inteligente por trás de tudo!”²

No livro: “Um ateu garante: Deus existe”, Antony Flew, que foi um dos maiores filósofos do século XX e ateu durante a maior parte de sua vida, tendo deixado o ateísmo poucos anos antes de morrer, acrescenta outras três constantes antrópicas:

11º O princípio da relatividade especial – ou restrita – assegura que forças como o eletromagnetismo tenham efeito invariável, não importando se agem em ângulos retos na direção de um sistema, ou se viajam. Isso permite que códigos genéticos funcionem e que planetas se mantenham unidos enquanto giram.

12º Leis quânticas impedem que os elétrons girem para dentro do núcleo atômico.

13º O eletromagnetismo tem uma única força que permite que aconteçam múltiplos processos essenciais: permite que estrelas brilhem de modo constante por bilhões de anos; que o carbono se sintetize em estrelas; assegura que léptons não substituam quarks, o que tornaria os átomos impossíveis; é responsável por não deixar que os prótons se desintegrem depressa demais ou que se repilam mutuamente com força exagerada, o que tornaria a química impossível. Como é possível que essa mesma força única satisfaça tantos requisitos diferentes, quando parece que seria necessária uma força diferente para cada um desses processos?

Ainda há outras constantes antrópicas que poderíamos citar, como, por exemplo, o nível de oxigênio. Na Terra, ele corresponde a 21% da atmosfera. Se ele representasse 25% haveria incêndios espontâneos; se fosse de 15% nós ficaríamos sufocados. Se a atmosfera fosse menos transparente, não haveria radiação solar suficiente sobre a superfície terrena; se fosse mais transparente, seríamos bombardeados com radiação solar.

² TUREK, Frank; GEISLER, Norman. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. Editora Vida: 2006.

[illegible]

Não podemos deixar de mencionar a constante antrópica presente na própria criação do Universo, no Big Bang. Em 1989, a NASA lançou um satélite chamado COBE levando ao espaço equipamentos capazes de ver as oscilações que existiram na radiação do Big Bang, e a descoberta foi considerada por Michael Turner (astrofísico da Universidade de Chicago) o “Santo Graal da cosmologia” e por Stephen Hawking “a mais importante descoberta do século, ou de todos os tempos”. Isso porque o satélite descobriu as oscilações que procuravam e puderam ver também sua exata precisão.

Página 19

próprio Universo desmoronar sobre si mesmo. Qualquer pequena variação para um lado ou para o outro, e nenhum de nós estaria aqui para contar a história. O fato é que as oscilações são tão exatas (com uma precisão de um sobre 100 mil) que Smoot as chamou de ‘marcas mecânicas da criação do Universo’ e ‘impressões digitais do Criador’³.

Finalmente, reproduzo o argumento de Antony Flew sobre a complexidade do DNA, que excluiu as possibilidades de que tenha se formado por acaso, levando Flew a acreditar na existência de Deus:

“O material do DNA mostra, pela quase inacreditável complexidade das combinações necessárias para produzir a vida, que uma inteligência deve estar envolvida no processo de fazer com que esses extraordinariamente diversos elementos funcionem em conjunto. É extrema a complexidade do número de elementos, e enorme a sutileza com que eles funcionam juntos. A chance de essas duas partes encontrarem-se no momento certo, por puro acaso, é simplesmente insignificante. É tudo uma questão da enorme complexidade pela qual os resultados foram alcançados, o que me parece obra de uma inteligência”⁴

Ele também discorre sobre a possibilidade de a vida ter se formado por acaso, refutando uma analogia muito usada nos círculos darwinistas: a do “teorema do macaco”:

«Fiquei especialmente impressionado com a refutação minuciosa de Gerry Schroeder ao que chamo de “teorema do macaco”. Essa ideia, apresentada de formas variadas, defende a possibilidade de a vida ter surgido por acaso, usando a analogia de uma multidão de macacos batendo nas teclas de um computador e, em dado momento, acabarem por escrever um soneto digno de Shakespeare. Em primeiro lugar, Schroeder referiu-se a um experimento conduzido pelo Conselho de Artes Nacional Britânico.

Um computador foi colocado numa jaula que abrigava seis macacos. Depois de um mês martelando o teclado – e também usando-o como banheiro! –, os macacos produziram cinquenta páginas digitadas, nas quais não havia uma única palavra formada. Schroeder comentou que foi isso o que aconteceu,

³ ibid.

⁴ FLEW, Antony. **Um ateu garante: Deus existe**. São Paulo: Ediouro, 2008.

embora em inglês haja duas palavras de uma só letra, o “a” (um, uma) e o “I” (eu). O caso é que essas letras só são palavras quando isoladas de um lado e de outro por espaços.

Se levarmos em conta um teclado de trinta caracteres usados na língua inglesa – vinte e seis letras e outros símbolos –, a probabilidade de se conseguir uma palavra de uma letra, martelando as teclas a esmo, é de 30 vezes 30 vezes 30, ou seja, vinte e sete mil. Então, há uma chance em vinte e sete mil de se conseguir uma palavra de uma letra. Schroeder, então, aplicou as probabilidades à analogia do soneto. Começou perguntando qual seria a chance de se conseguir escrever um soneto digno de Shakespeare antes de continuar: todos os sonetos são do mesmo comprimento.

São, por definição, compostos de catorze versos. Escolhi aquele do qual decorei o primeiro verso, que diz: “Devo comparar-te a um dia de verão?”. contei o número de letras. Há 488 letras nesse soneto. Qual é a probabilidade de, digitando a esmo, conseguirmos todas essas letras na exata sequência em todos os versos? Conseguiremos o número 26 multiplicado por ele mesmo, 488 vezes, ou seja, 26 elevado à 488ª potência. Ou, em outras palavras, com base no 10, 10 elevado à 690ª potência. Agora, o número de partículas no Universo – não grãos de areia, estou falando de prótons, elétrons e nêutrons – é de 10 à 80ª.

Dez elevado à octagésima potência é 1 com 80 zeros à direita. Dez elevado à 690ª é 1 com 690 zeros à direita. Não há partículas suficientes no universo com que anotarmos as tentativas. Seríamos derrotados por um fator de 10 à 600ª. Se tomássemos o Universo inteiro e o convertêssemos em chips de computador – esqueçam os macacos –, cada chip pesando um milionésimo de grama e sendo capaz de processar 488 tentativas a, digamos, um milhão de vezes por segundo, produzindo letras ao acaso, o número de tentativas que conseguiríamos seria de 10 à 90ª. Mais uma vez, seríamos derrotados por um fator de 10 à 600ª. Nunca criaríamos um soneto por acaso. O Universo teria de ser maior, na proporção de 10 elevado à 600ª potência.

No entanto, o mundo acredita que um bando de macacos pode fazer isso todas as vezes. Após ouvir a apresentação de Schroeder, eu lhe disse que ele estabelecera, de maneira perfeitamente satisfatória e decisiva, que o “teorema do macaco” era uma bobagem, e que fora muito bom demonstrar isso apenas com um soneto. O teorema é, às vezes, proposto através do uso de obras de

Shakespeare, ou de uma única peça, como Hamlet. Se o teorema não funciona com um simples soneto, é simplesmente absurdo sugerir que a origem da vida, um feito muito mais elaborado, possa ter acontecido por acaso»⁵

Essas constantes antrópicas, que incluem as condições necessárias para se formar vida na Terra, não deixam dúvidas de que o Universo foi cuidadosamente *planejado* muito mais do que o coração na areia da praia, o rosto humano esculpido na pedra ou o relógio encontrado na floresta. E, assim como eles, atesta fortemente para a existência de um *Projetista inteligente* do Universo, a quem chamamos Deus.

• O Argumento Cosmológico

Outro argumento moderno para a existência de Deus é o Argumento Cosmológico Kalam, que segue princípios filosóficos de Tomás de Aquino, com a diferença de que ele é também confirmado pela ciência moderna. Há até poucos séculos atrás, cria-se que o Universo era eterno, infinito. Sendo eterno, não haveria a necessidade de um Criador, pois o Universo teria se auto-criado, seria a causa de si mesmo. O Universo seria estático e a matéria teria existido desde sempre. Desta forma, estavam usando os conhecimentos defasados da época para fortalecer o ateísmo.

Contudo, as mais recentes descobertas científicas provaram que o Universo teve um início. Que ele não é eterno, como criam os cientistas. Existem pelo menos quatro provas científicas disso. Se elas forem provadas verdadeiras e se isso for mesmo verdade, só podemos chegar à conclusão de que o Universo teve uma causa externa a ela, isto é: um agente criador eterno *fora* do Universo, que deu início a tudo aquilo que vemos hoje. Analisaremos este quatro pontos a seguir.

• **A segunda lei da termodinâmica.** A segunda lei da termodinâmica afirma que processos que agem em um sistema fechado sempre tendem a um estado de equilíbrio. O Universo nada mais é do que um enorme sistema fechado, já que é tudo o que existe fisicamente. A segunda lei indica que, dado tempo suficiente, o Universo irá se encontrar em um estado de equilíbrio termodinâmico conhecido como “morte térmica”.

⁵ ibid.

Em que isso ajuda a provar que o Universo teve um começo?

Simplesmente que, se o Universo fosse eterno, ele deveria *já agora* estar em morte térmica. Se ele ainda não está, é porque ele teve um início, assim como terá um fim um dia. Norman Geisler e Frank Turek exemplificam isso nas seguintes palavras:

“A primeira lei da termodinâmica afirma que a quantidade de energia no universo é constante. Em outras palavras, o Universo possui apenas uma quantidade finita de energia (algo muito semelhante ao fato de o seu carro ter uma quantidade finita de combustível). Se o seu carro tem uma quantidade finita de combustível (a primeira lei) e ele está consumindo combustível durante todo o tempo em que está se movimentando (a segunda lei), seu carro estaria andando agora se você tivesse ligado a ignição há um tempo infinitamente distante? Não, é claro que não. Ele estaria sem combustível agora. Da mesma maneira, o Universo estaria sem energia agora se estivesse funcionando desde toda a eternidade passada. Mas aqui estamos nós: as luzes ainda estão acesas, o que significa dizer que o Universo deve ter começado em algum tempo no passado finito, ou seja, o Universo não é eterno - teve um começo”⁶

● **O Universo em expansão.** Em 1929, o telescópio espacial Hubble fez uma descoberta que mudaria os rumos de muitos cientistas. Um desvio para o vermelho na luz de galáxias distantes mostrou que o Universo está expandindo-se. Mas de que maneira isso prova que o Universo teve um início? Se ele está se expandindo hoje, é porque ele não é eterno, ele não existe desde sempre – se assim fosse, ele seria *estático* – mas teve um começo.

Se pudéssemos traçar a expansão de volta no tempo, o Universo se tornaria cada vez mais denso até que chegasse a um ponto de densidade infinita, do qual o Universo passou a se expandir. Geisler e Turek fazem a seguinte ilustração neste ponto:

“Pense da seguinte maneira: se pudéssemos assistir a uma fita de vídeo da história do Universo ao contrário, veríamos toda matéria no Universo retomando para um único ponto. Esse ponto não teria o tamanho de uma bola de basquete, nem de uma bola de pingue-pongue, nem mesmo da cabeça de uma agulha, mas matematicamente e logicamente um ponto que é realmente nada (i.e., sem tempo, sem matéria). Em outras palavras, era uma vez um nada e,

⁶ TUREK, Frank; GEISLER, Norman. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. Editora Vida: 2006.

então, bang!, havia alguma coisa – o Universo passou a existir por meio de uma explosão! É por essa razão que conhecemos esse fenômeno como Big Bang ou ‘grande explosão’”⁷

● **Radiação do Big Bang.** Em 1965, Arno Penzias e Robert Wilson detectaram uma estranha radiação na antena do Laboratório Bell, em Holmdel, nos Estados Unidos. Por mais que eles mudassem a direção da antena, aquela radiação permanecia. Primeiramente eles acharam que aquilo era resultado de dejetos de pombos, mas aquilo permanecia mesmo depois de limpada a antena, e vinha de todas as direções. Depois de muito trabalho, eles descobriram aquilo que seria uma das maiores descobertas científicas do século XX, que chegou a ganhar o Prêmio Nobel: eles tinham descoberto o brilho vermelho da explosão da bola de fogo do Big Bang.

Geisler e Turek discorreram sobre essa descoberta nas seguintes palavras:

“Tecnicamente conhecida como radiação cósmica de fundo, esse brilho é realmente luz e calor emanados da explosão inicial. A luz não é mais visível porque o seu comprimento de onda foi esticado pela expansão do Universo para um tamanho pouco menor do que aquele que é produzido por um forno de microondas. Mas o calor ainda pode ser detectado. Voltando a 1948, três cientistas predisseram que, se o Big Bang realmente tivesse acontecido, essa radiação estaria em algum lugar. Mas, por alguma razão, ninguém havia tentado detectá-la antes de Penzias e Wilson terem tropeçado nela por acaso há cerca de 30 anos. Ao ser confirmada, essa descoberta lançou por terra qualquer sugestão de que o Universo esteja num estado eterno de passividade”⁸

● **A teoria da relatividade de Einstein.** A teoria da relatividade de Einstein implica em um início absoluto do tempo, espaço e matéria, que são correlacionados, o que significa que você nunca pode ter um sem os outros. Isso significa apenas duas coisas: ou o *nada* criou a matéria e tudo aquilo que existe hoje, ou *alguém* a criou. Como o nada não é nada e nem pode criar nada, é evidente que o Universo teve um Criador.

⁷ *ibid.*

⁸ *ibid.*

• Quem criou Deus?

Até aqui, um ateu poderia ler o livro e pensar: “Se o Universo possui uma causa externa para a sua existência, por que Deus também não precisa possuir? Se alguém tem que ter criado o Universo, então quem criou Deus”? Essa falácia, da necessidade de um ser atemporal ter sido criado, é a mais famosa nos círculos ateístas quando se deparam com as implicações do argumento cosmológico.

A verdade é que os ateus não entendem ou não *querem* entender a lei da causalidade. Essa lei, que é um princípio que permeia toda a ciência, não ensina que tudo o que existe tem uma causa, mas sim que **tudo o que passa a existir** tem uma causa. Ora, Deus nunca passou a existir – ele é eterno – e, portanto, ele não tem uma causa, mas é a causa de si mesmo, a Causa primeira.

Neste momento o ateu pode contestar: “Mas se Deus pode ser eterno (a causa de si mesmo), por que o Universo não pode”? Na verdade, ele *pode*, apenas *não é*. Todas as evidências científicas que acabamos de conferir apontam claramente que o Universo não pode ser eterno, mas teve um início. Portanto, o Universo não pode ser a causa de si mesmo (causa primeira), mas foi causado por uma Causa primeira externa a ele, que necessariamente deve ser atemporal e eterna. E é essa causa externa ao Universo, que causou (ou “criou”) tudo o que existe, que é eterna e atemporal, que chamamos **Deus**.

Essa Causa primeira, como já conferimos até aqui, é por necessidade:

- **Atemporal.** Não está limitada ao tempo e ao espaço do nosso Universo físico, é externa a ele.
- **Eterna.** Somente algo eterno pode ser “a causa das causas não causada”, isto é, a Causa primeira, a causa de si mesmo. Se não fosse, teria sido causado por *outro* ser, o que implicaria em um processo infinito onde a potência sempre precederia o ato, e consequentemente não seria a Causa primeira.
- **Auto-existente.** Uma implicação lógica do fato de ser a causa de si mesmo.
- **Imaterial.** Por ser externa ao Universo físico.

• **Onipotente.** Para criar todo o Universo a partir do nada. Se o *próprio* Universo foi criado por este “algo”, é certo de que não há nada *no* Universo que esse “algo” não possa fazer.

Ao chegarmos a este ponto, um ateu poderia protestar: “Mas isso não significa que seja Deus! Pode ser, digamos, um ‘super-computador’ que tenha todas essas características e que tenha sido o causa do Universo”! De fato, esse argumento foi proposto por Wolpert em seu debate com William Lane Craig⁹. Ele só não esperava que Craig estivesse preparado para lidar com este tipo de resposta. Wolpert alegou:

Wolpert – Mas essa causa não precisa ser Deus.

Craig – Lembre-se que eu lhe dei um argumento para sustentar que essa causa é atemporal, não-espacial, imaterial, muito poderosa e pessoal.

Wolpert – Eu acho que é um computador.

Craig – Computadores são projetados por pessoas.

Wolpert – Não, este computador se auto-projetou.

Craig – Isso é uma contradição de termos.

Wolpert – Por que é uma contradição?

Craig – Um computador para funcionar precisa de tempo.

Wolpert – Esse é um computador especial!

Craig – Certo, mas precisa ser logicamente coerente.

Wolpert – É logicamente coerente. Este computador é fantástico!

Craig – Além disso, é preciso ser um ser pessoal. O computador é um objeto físico.

⁹ Essa parte do debate pode ser conferida em vídeo no YouTube neste endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=dqutxrGIQ3Q>. Acesso em: 10/11/2013.

Wolpert – Não. Este computador não.

Craig – Veja, o que você está chamando de computador é, na verdade, Deus. Não-físico, eterno, atemporal, auto-existente, onipotente, pessoal...

Toda a plateia aplaudiu e Wolpert ficou sem respostas. A verdade é que esse *algo*, que os ateus podem chamar de qualquer coisa (até mesmo de um “super-computador!”) é exatamente aquilo que os teístas chamam de “Deus”. Mas um ateu poderia alegar: “*Como é que estes argumentos provam que Deus é um ser pessoal? Ele não poderia ser simplesmente uma ‘força superior cósmica’?*”

Os deístas pensam assim. Para eles, existe um “Deus”, isto é, uma força inteligente fora do Universo que criou tudo o que existe, pois chegam a essa conclusão através dos argumentos teleológico e cosmológico. Mas eles negam que esse Deus possa ser algo pessoal, para ser identificado com Jesus Cristo, Alá ou Mitra. Esse Deus que os deístas creem é meramente algo *impessoal*. Tal visão é um avanço em relação ao ateísmo, que não crê nem em um Deus pessoal nem em um Deus impessoal, mas ainda é falha. Isso porque o próprio argumento cosmológico indica que esse Deus seja pessoal. Craig diz:

“Se a causa fosse simplesmente um conjunto mecânico e operacional de condições suficientes e necessárias que existem desde a eternidade, então por que o efeito não existiria também desde a eternidade? Por exemplo, se a causa da água ser congelada é a temperatura abaixo de zero grau, então se a temperatura estivesse abaixo de zero grau desde a eternidade, qualquer água presente estaria congelada desde a eternidade. O único meio de se obter uma causa eterna com um efeito temporal seria se a causa fosse um agente pessoal que livremente escolhe criar um efeito no tempo. Por exemplo, um homem sentado na eternidade pode querer se levantar; portanto, um efeito temporal pode surgir de um agente eternamente existente. De fato, o agente pode criar da eternidade um efeito temporal tal que nenhuma mudança no agente necessite ser concebida. Portanto, somos trazidos não somente à primeira causa do universo, mas ao seu Criador pessoal”¹⁰

Portanto, o próprio argumento cosmológico indica que Deus é um ser pessoal, por optar em converter um estado de nulidade em um Universo tempo-espaco-matéria, e uma força impessoal não tem capacidade de tomar decisões. Mas há

¹⁰ Disponível em: <<http://apologiacrista.com/index.php?pagina=1078091413>>.

ainda um argumento mais forte para que Deus seja um ser pessoal, que é o Argumento da Moralidade, que analisaremos a seguir.

• O Argumento da Moralidade

O Argumento da Moralidade ensina que os princípios morais que o ser humano possui não foram criados pelo acaso, pela seleção natural ou por uma evolução biológica, mas por Deus. Como toda Lei tem um Autor, cremos que Deus seja o autor da Lei Moral que está implantada no coração de cada ser humano. Por que sabemos que assassinar, roubar, estuprar, enganar e torturar é errado? Por causa dessa Lei que possuímos em nosso interior. A existência desta Lei é inegável.

Por exemplo: se ouvimos no noticiário que um homem estuprou um bebê, ficamos imediatamente revoltados com ele, queremos que a justiça seja feita. O mesmo ocorre se ouvimos que o casal Nardoni lançou a menina Isabella, de cinco anos, do sexto andar de um prédio, ou que os nazistas torturaram e assassinaram mais de 6 milhões de judeus em campos de concentração, ou que os políticos corruptos roubem o dinheiro do povo e saiam sem condenação.

Por que isso ocorre? Porque essa Lei Moral *existe*. Ela está implantada em nossos corações, independentemente se nós a seguimos ou não. Isso significa que as pessoas podem *infringir* essa Lei Moral praticando atos contrários a ela mesmo sabendo que estão errados, assim como quebramos outras leis, mas a *existência* dessa Lei que nos direciona sobre o que é moralmente certo e o que é moralmente errado é inegável.

Mas em que isso prova a existência de Deus?

É simples: processos não-inteligentes não podem criar princípios morais. Por isso torna-se impossível que a moralidade seja obra de evolução das espécies, como dizem Geisler e Turek:

“O darwinismo afirma que existe apenas o material, mas o material não possui moralidade. Quanto pesa o ódio? Existe um átomo para o amor? Qual é a composição química da molécula do homicídio? Essas perguntas não fazem sentido porque partículas físicas não são responsáveis pela moralidade. Se os elementos materiais fossem os únicos responsáveis pela moralidade, então

Hitler não teve verdadeira responsabilidade moral por aquilo que fez – ele tinha apenas moléculas. Isso não faz sentido algum, e todo mundo sabe disso. Os pensamentos humanos e as leis morais transcendentais não são coisas materiais, assim como as leis da lógica e da matemática também não o são. Eles são entidades imateriais que não podem ser pesadas ou fisicamente mensuradas. Como resultado, não podem ser explicadas em termos materiais, por meio da seleção natural ou por qualquer outro meio ateuista”¹¹

Se o ateísmo fosse verdadeiro ou Deus não fosse um ser pessoal, não haveria qualquer diferença entre torturar e assassinar seis milhões de pessoas ou alimentar seis milhões de seres humanos famintos na África. Também não haveria qualquer diferença entre lançar uma criança do sexto andar de um prédio para matá-la ou salvar uma criança presa em um prédio em chamas. Nem consideraríamos mais louvável a atitude do bom samaritano da parábola que ajudou o homem que estava quase morto (Lc.10:33), em contraste aos outros dois que passaram pelo mesmo local e não prestaram qualquer tipo de ajuda.

Se tudo fosse matéria e se resumisse a composições químicas e partículas físicas, não haveria qualquer senso de moralidade pelo qual poderíamos distinguir o certo do errado nestes e em outros exemplos semelhantes. Isso nos leva a crer que existe uma Lei Moral de consciência no ser humano que o faz refletir sobre o certo e o errado e que tem sua fonte em algo externo a si mesmo, o que nos leva ao Criador do homem: Deus.

Outra forte evidência de que a moralidade humana (i.e, o *senso* de que existem coisas moralmente certas e outras moralmente erradas) não é fruto de evolução biológica nem é um mero “instinto” são os vários exemplos de altruísmo. A seleção natural, segundo os darwinistas, tende a favorecer aquele que é mais forte, mais esperto, mais inteligente e mais egoísta no sentido de preservação da própria vida e descendência. Mas, se é assim, por que há exemplos de altruísmo de pessoas que se sacrificam a si mesmas pelos mais fracos? E por que é de aceitação geral que esses sacrifícios altruísticos sejam considerados moralmente louváveis?

Por que há um senso de moralidade que diz que um negro deve ajudar um branco e um branco deve ajudar um negro, mesmo com o risco da própria vida?

¹¹ TUREK, Frank; GEISLER, Norman. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. Editora Vida: 2006.

Por que, se vemos um completo desconhecido sofrendo risco de morte em uma casa que está pegando fogo, nossa consciência nos diz que é mais correto salvá-lo dali, mesmo correndo nós mesmos sérios riscos de vida se fizermos isso? Em outras palavras: por que existe uma moralidade humana que está *acima* de qualquer instinto natural egoísta de autoconservação, que jamais poderá ser explicado pelos materialistas?

C. S. Lewis dá um exemplo bastante esclarecedor. Suponhamos que você esteja vendo alguém sendo assaltado, e seu primeiro instinto natural seja o de não se envolver, enquanto seu instinto “mais fraco” seja o de ajudar. Ele diz:

“Mas você vai encontrar dentro de você, juntamente com esses dois impulsos, uma terceira coisa que lhe diz que deve seguir o impulso de ajudar e suprimir o impulso de correr. Esta coisa que julga entre dois instintos, que decide qual deve ser encorajado, não pode ser, em si mesma, um deles. Se fosse, você também poderia dizer que uma partitura musical que, em dado momento, diz que você deve tocar uma nota no piano, e não outra nota, é em si mesma uma das notas do teclado. A Lei Moral nos diz qual melodia temos de tocar; nossos instintos são meramente as teclas”¹²

Portanto, essa Lei Moral não é um “instinto”, mas vai muito além disso. Às vezes, pode ir até mesmo *contra* os nossos instintos! Os cidadãos alemães que ajudaram a esconder judeus em sua casa para que não fossem vítimas do Holocausto fizeram isso mesmo sabendo que tal atitude poderia custar-lhes a própria vida. Sua Lei Moral (consciência) lhes dizia que era mais louvável a atitude de salvar aqueles judeus do que de seguir o instinto natural de autoconservação.

Assim, vemos que essa Lei Moral *existe*, e que ela não é fruto do materialismo ateu e nem de evolução biológica. Ela faz parte do consciente do ser humano, sobre princípios morais que não deveriam existir se Deus não existisse, isto é: se não existisse um Autor da Lei Moral. Um ateu inconformado pode questionar: “Mas eu não preciso de Deus para ser bom! Eu posso ser bom mesmo sem crer em Deus”!

De fato, é possível alguém ser bom sem *crer* em Deus, mas não seria possível *qualquer pessoa* ser boa se Deus não existisse. Isso porque essa Lei Moral é

¹² *Mere Christianity*, p. 22

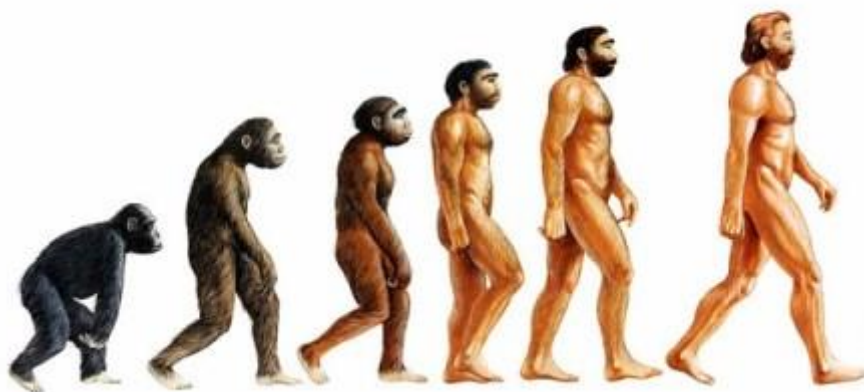
inata à consciência do ser humano, e a todos: não somente aos cristãos. Ateus, agnósticos, cristãos e não-cristãos possuem essa lei de consciência sobre aquilo que é moralmente certo e errado. Essa Lei Moral está em todas as pessoas, mesmo que muitas desejem viver a vida desobedecendo a estes princípios. Assim como o fato de existir uma lei que obriga os motoristas a pararem no sinal vermelho e há pessoas que mesmo assim furam o sinal vermelho mesmo sabendo que isso é errado, da mesma forma existe uma lei de consciência que é quebrada por muitas pessoas, mesmo sabendo que estão erradas em quebrá-la.

Então, a questão principal não é se é possível ser bom sem crer em Deus, mas sim se, *se Deus não existisse, existiria qualquer razão para ser bom*. Mais do que isso, a questão central é sobre *o que pode explicar o senso de moralidade humana*, pois já vimos que os métodos ateístas não explicam. Em outras palavras, essa Lei Moral e seu Autor (Deus) continuam existindo mesmo para aquelas pessoas que não creem nela ou nEle. É só por causa disso que elas possuem consciência daquilo que é certo e do que é errado, e só por causa disso podem optar por aquilo que é moralmente certo.

Dito em termos simples, um ateu pode ser bom *porque Deus existe e Ele decidiu implantar essa Lei Moral em nosso ser*, mesmo que um ateu não creia em Deus. Da mesma forma que a Estátua da Liberdade vai continuar existindo mesmo se eu não crer que ela existe ou nunca ter viajado a Nova York para confirmar a existência dela com meus próprios olhos, também Deus continuará existindo mesmo se os ateus não creem nele, e assim também a Lei Moral que está na consciência de cada ser humano – creia ele em Deus ou não.

O fato, portanto, é que essa Lei Moral existe, e, conseqüentemente, também deve existir o Autor dessa Lei Moral, que deve ser externo aos próprios seres humanos, algo *a mais* além da própria matéria. E a esse Autor da Lei Moral nós chamamos de Deus. Isso nos leva não apenas a crer na existência de Deus, mas também em sua pessoalidade. Afinal, uma força superior cósmica impessoal não possui qualquer senso de moralidade para implantar nos seres humanos.

E isso também nos leva ao próximo ponto: se Deus criou o ser humano e colocou nele um senso de moralidade sobre o certo e o errado, então nós não somos obra do acaso ou de mera seleção natural. Nós somos um *design inteligente* feitos por um Criador inteligente. É sobre isso que veremos no capítulo seguinte.



“Se pudesse ser demonstrada a existência de qualquer órgão complexo que não poderia ter sido formado por numerosas, sucessivas e ligeiras modificações, minha teoria estaria absolutamente acabada” (CHARLES DARWIN)

• O Design Inteligente

Em 1859, Charles Darwin disse que, se pudesse ser demonstrada a existência de qualquer órgão irredutivelmente complexo, sua teoria se desmoronaria por completo ¹³. Hoje, 150 anos depois, com o avanço da ciência, temos conhecimento de *muitos* sistemas irredutivelmente complexos, que Darwin nem sonhava em sua época, e que de fato refutam a teoria darwinista. Um cientista que aceitou o desafio de Darwin foi Michael Behe, que escreveu o livro: “A Caixa Preta de Darwin”. Ele disse:

“Com irredutivelmente complexo quero dizer um sistema único composto de várias partes compatíveis, que interagem entre si e que contribuem para sua

¹³ *The Origin of Species*. New York: Penguin, 1958, p. 171.

função básica, caso em que a remoção de uma das partes faria com que o sistema deixasse de funcionar de forma eficiente. Um sistema irreduzivelmente complexo não pode ser produzido diretamente mediante modificações leves, sucessivas de um sistema precursor de um sistema irreduzivelmente complexo ao qual falte uma parte é, por definição, não funcional. Um sistema biológico irreduzivelmente complexo, se por acaso existir tal coisa, seria um fortíssimo desafio à evolução darwiniana”¹⁴

Um dos exemplos de um sistema bioquímico irreduzivelmente complexo que atesta a existência de um design inteligente é o do flagelo bacteriano, que é um motor rotor movido por um fluxo de ácidos com uma cauda tipo chicote, que gira entre 20.000 a 100.000 vezes por minuto e cujo movimento rotatório permite que a bactéria navegue através de seu ambiente aquoso. Michelson Borges afirma:

“Behe demonstra que essa maquinaria intrincada, incluindo um rotor (o elemento que imprime a rotação), motor molecular, um estator (o elemento estacionário), juntas de vedação, buchas e um eixo-motor exigem a interação coordenada de pelo menos quarenta proteínas complexas (que formam o núcleo irreduzível do flagelo bacteriano) e que a ausência de qualquer uma delas resultaria na perda completa da função do motor. Ele argumenta que o mecanismo darwinista enfrenta graves obstáculos em tentar explicar esses sistemas irreduzivelmente complexos”¹⁵

Para Geisler e Turek, “as descobertas de Behe são fatais para o darwinismo. A complexidade irreduzível significa que uma nova vida não pode vir a existir por meio do método darwinista de pequenas e sucessivas mudanças durante um longo período de tempo”¹⁶. O próprio Behe definiu isso nas seguintes palavras:

“A ideia darwinista da evolução molecular não está baseada na ciência. Não há explicação na literatura científica – em periódicos ou em livros – que descreva a evolução molecular de qualquer sistema bioquímico real e complexo que tenha ocorrido ou que até mesmo possa vir a ocorrer. Existem afirmações de que tal evolução aconteceu, mas absolutamente nenhuma delas é apoiada por

¹⁴ BEHE, Michael. *A Caixa Preta de Darwin: o desafio da bioquímica à teoria da evolução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 48.

¹⁵ BORGES, Michelson. **Cientista que aceitou desafio de Darwin vem ao Brasil**. Disponível em: <<http://www.criacionismo.com.br/2012/10/cientista-que-aceitou-desafio-de-darwin.html>>.

¹⁶ TUREK, Frank; GEISLER, Norman. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. Editora Vida: 2006.

experimentos pertinentes ou por cálculos. Uma vez que não há autoridade na qual basear as afirmações de conhecimento, pode-se verdadeiramente dizer que a afirmação da evolução molecular darwinista é simplesmente arrogância”¹⁷

É claro que os evolucionistas iriam levantar oposição às provas científicas de Behe, mas, como ele próprio afirmou dez anos após sua publicação da “Caixa Preta de Darwin”: “uma década após minha publicação, o argumento criacionista a favor do design é mais forte do que nunca... as perspectivas futuras de êxito do design são excelentes, porque elas se apóiam não em preferências de qualquer pessoa ou de qualquer grupo, mas em dados. A ascensão da hipótese do design inteligente não é devido a nada que eu ou qualquer outro indivíduo tenha escrito ou dito, mas ao grande avanço da ciência em entender a vida. Mesmo apenas cinquenta anos atrás era bem mais fácil acreditar que a evolução darwiniana pudesse explicar a base da vida, porque tão pouco era conhecido”¹⁸.

Iremos levantar as principais objeções ateístas ao D.I (design inteligente) e analisaremos se elas são plausíveis ou não.

• A religião atrasa o progresso científico?

Em 2010, no debate que houve no México entre três teístas e três ateus (que contou com a presença de Dawkins e Craig), o ateu Richard Dawkins afirmou que “os porquês são perguntas tolas”¹⁹. Tal declaração, na verdade, é por si mesma o retrocesso do conhecimento, pois a ciência trabalha com progressos, e sem os “porquês” nada seria possível.

A ideia de recorrer a um criador no método científico nunca anulou a ciência, muito pelo contrário. Quando ouço esse tipo de frase elaborada, me vem logo à mente cientistas como Copérnico, Galileu, Kepler, Newton e muitos outros, que criam na existência de Deus²⁰. Mas suponhamos que a alegação de que “a religião atrasa o progresso científico” seja verdadeira. Será que isso torna o naturalismo uma posição superior?

¹⁷ Intelligent Design Theory as a Tool for Analyzing Biochemical Systems, in: William DEMBSKI, ed. *Mere Creation: Science, Faith, and Intelligent Design*. Downers Grove, InterVarsity Press, 1998, p. 183.

¹⁸ BEHE, Michael. *Darwin's Black Box*, 10th Anniversary Edition.

¹⁹ O debate pode ser conferido neste link: <<http://www.youtube.com/watch?v=p6tlee8FwX8>>. Acesso em: 22/01/2014.

²⁰ Veremos uma lista bem mais aprofundada de cientistas no Apêndice 1 deste livro.

Dadas as implicações naturalistas, mesmo nesta hipótese, o D.I ainda se encontra numa posição que permite o progresso científico, enquanto o naturalismo não. A inconsistência desta falácia naturalista nos leva a observar o problema, é que nenhum ateu terá como alegar um progresso científico sem o qual a racionalidade não esteja inserida no mesmo; e, já que a ciência naturalista se assume como fruto do acaso irracional, não há razão nem propósito em nada ou em qualquer ponto de vista naturalista, a não ser que eles mesmos reconheçam um desígnio na sua teoria.

Mas, fazendo isso, estariam na verdade adotando o mesmo método que é por eles repudiado, inclusive científico, pois, como costumam dizer os próprios naturalistas, ciência e irracionalidade são completamente incompatíveis. A palavra ciência literalmente significa “conhecimento”, e origina-se do verbo *latinoscio* (saber). Qual seria, então, a justificativa lógica para as suposições e consequentemente o progresso da ciência se os nossos pensamentos são meramente produtos de reações químicas do cérebro?

O próprio fato de os ateus dizerem que o design é falso pressupõe se a lógica pode ser válida ou não, e, assim, presume um padrão de lógica. Consequentemente, para que a própria ciência seja sólida, ela terá que se alicerçar na razão. E, se todo raciocínio depende de uma entidade pensante, o ateu naturalista não terá como defender nada no campo científico e filosófico atribuindo tudo o que existe a irracionalidade.

Portanto, a célebre frase:

“Darwin tornou possível ser um ateu intelectualmente satisfeito”, é totalmente incompatível com o próprio darwinismo.

A historiadora francesa Régine Pernoud, especialista em estudos medievais, desmentiu cientificamente a mentalidade errônea de que a Idade Média tenha sido um tempo de trevas, cuja responsabilidade recaia sobre a religião.

O seu livro “Luz sobre a Idade Média” lhe conferiu o prêmio “Fémina-Vacaresco” de crítica de história, e em 1978 foi publicado em português o seu livro: “A Idade Média, o que não nos ensinaram”, pela Editora Agir, SP. Régine Pernoud declara que o cultivo do Direito Romano contribuiu poderosamente

para desfazer as instituições e os costumes da Idade Média Ascendente, o renascimento do Direito Romano fundamentou o menosprezo da mulher e outros males que retornaram a partir do século XVI, e que já tinham sido superados pela cristandade.

Na verdade, os mil anos da Idade Média foi uma fase valiosa e rica da história da humanidade, onde a nossa civilização ocidental foi moldada pelo Cristianismo. A era moderna não surgiu a partir do nada, mas os seus valores foram cultivados na Idade Média, e da Idade Média ao mundo moderno.

O historiador agnóstico Will Durant (1950) afirmou:

“A causa básica da regressão cultural não foi o Cristianismo, mas o barbarismo, não a religião. O empobrecimento e ruína das cidades, mosteiros, bibliotecas, escolas, tornaram impossível a vida escolar e científica. Talvez a destruição tivesse sido pior se a Igreja não tivesse mantido alguma ordem na civilização decadente”²¹

O século XIII foi também o das grandes universidades, como a de Paris, Oxford, Bolonha, Sorbone, que, por sinal, foram todas fundadas pelos cristãos. A primeira Universidade foi a de Bolonha, na Itália, fundada em 1111, tinha dez mil estudantes italianos, lombardos, francos, normandos, provençais, espanhóis, catalães, ingleses, germanos, etc. Depois veio a Sorbone de Paris (1157), depois Oxford na Inglaterra, a mesma onde o ateu Richard Dawkins estudou e se formou, em seguida na Espanha, Compostela (1346), Valadolid, Salamanca, dentre outras.

Em 1608 contavam-se mais de cem universidades na Europa. Dessas universidades, mais de oitenta tiveram origem na Idade Média. A Idade Média ocidental também ocupa um lugar muito importante na história do desenvolvimento tecnológico, onde há registros de uma série de invenções e descobertas como as lentes de óculos, a bússola, a roda com aros, o relógio mecânico com pesos e rodas, a caravela, a imprensa, a ferradura de cavalo, os moinhos de água, de maré, de vento, etc.

Diante dos fatos, devemos fazer a seguinte pergunta aos proponentes deste tipo de tese: por que o desenvolvimento ocorreu somente em área cristã, e não

²¹ The age of faith, NY: MJF Books,1950, p.519.

fora desta? Por que, ainda hoje, entre os dez países mais desenvolvidos do mundo, nove são de tradição cristã? A resposta é simples: é que tanto em termos morais quanto científicos, sem a religião, nada seria possível.

• Onde estão os trabalhos científicos dos teóricos do Design Inteligente?

É muito comum no meio evolucionista o pensamento de que as críticas aos teóricos do D.I não foram respondidas, e que, portanto, estes adeptos tiveram que se calar porque suas alegações não têm fundamento. Nada está mais longe da verdade do que tal alegação. Um dos trabalhos mais recentes e que tomou uma proporção imensa contra a teoria darwinista foi a do bioquímico Michael Behe (A caixa preta de Darwin), e um de seus opositores, Kenneth Miller, biólogo da Brown University, fez três principais objeções ao seu trabalho.

Miller alega que o argumento de Behe é baseado no que a comunidade científica desconhece, enquanto deveria ser baseado no que sabemos. O problema é que os darwinistas desconhecem o meio naturalista de como o flagelo teria surgido, e o que se sabe até agora é que o modelo apresentado por Miller não passa de uma mera especulação.

Sua segunda objeção, e não menos falha quanto a primeira, é que Behe estaria invocando Deus para explicar aquilo que a ciência ainda desconhece, muito embora o atributo da onisciência não fosse uma qualidade aderida pela ciência. Miller quer convencer a todos que o desconhecido é na verdade uma causa puramente natural. Ele alega que se raciocina da seguinte premissa:

“Droga, ninguém descobriu como o flagelo surgiu”, a conclusão: “Puxa, um designer cósmico deve ter feito Isso”!

A inferência do design não é desconhecida, como pensa Miller. Agentes inteligentes constroem estruturas irreduzivelmente complexas o tempo todo, e quando falamos de estruturas complexas estamos nos referindo a modelos criados com os quais não seria possível sua funcionalidade sem todas as peças necessárias (navios, computadores, aviões, etc). Na verdade, toda vez que descobrimos esse tipo de estrutura e podemos remontar à sua fonte, chegamos sempre a uma inteligência (Thomas Edison, Graham Bell, Santos Dumont e outros).

O fato é que encontramos a complexidade irreduzível também em seres vivos, o que é um grande problema para os darwinistas, pois eles não têm a menor ideia de como sistemas biológicos com essas características surgiram pela primeira vez. A humanidade não possui nenhuma experiência direta de qualquer causa puramente irracional que esteja sempre produzindo um novo tipo de sistema ou dispositivo irreduzivelmente complexo.

Neste ponto, os darwinistas como Miller insistem que todos nós devemos ter fé na teoria darwinista moderna, devemos ir em frente, mesmo sabendo que não existe nenhuma resposta atribuída ao acaso. Charles Lyell, um dos fundadores da geologia moderna, disse que os cientistas históricos devem procurar explicar os eventos passados comparando-os com o que acontece no presente. Ou seja: procurar uma causa ativa no presente e com consequência no passado.

Apesar da afirmação contrária de Miller, o D.I não é um argumento da ignorância, mas do conhecimento comum. Quando se atribui design às estruturas biológicas complexas que precisam de todas as suas peças para funcionar, estamos fazendo o que fazem os cientistas históricos.

Miller insiste que o motor do flagelo bacteriano não é irreduzivelmente complexo, e o mecanismo darwinista poderia tê-lo construído, um pequeno passo de cada vez. Para ilustrar sua afirmação, ele toma a ilustração da ratoeira de Behe e vira-a de cabeça para baixo, observando que três dos componentes da ratoeira poderiam compor um clipe de gravata e dois poderiam funcionar como uma prancheta. Esta é a maneira como a evolução chegou a um sofisticado motor rotativo, afirma Miller, fazendo uso de uma série de estruturas biológicas de outros sistemas, para criar o flagelo bacteriano.

Mas Miller ilustrou o óbvio, praticamente toda máquina complexa contém peças que um bom mecânico poderia usar para outro fim, é por isso que mecânicos natos detestam jogar fora máquinas quebradas, eles nunca sabem quando vão precisar reutilizar uma peça para algum novo projeto.

Mesmo assim, observem que quem está fazendo a reciclagem e a construção não são as partes, não é a graxa, não é a garagem ou o vento que assobia na garagem, é o *mecânico* da garagem, o que nos mostra que essa ilustração de Miller funciona contra sua própria posição, pois atesta a existência de um

projetista, um *design inteligente*. Mike Gene aponta outra falha na lógica de Miller:

“O que é interessante sobre essa lógica é que nós já sabemos que a ratoeira foi concebida de maneira inteligente. Sabemos também que ela não existiu inicialmente como uma prancheta, em seguida, como um prendedor de gravata. Assim, conquanto seja logicamente possível ver a ratoeira como Miller faz, ou seja, como uma prancheta e um prendedor de gravata modificado, tais percepções não estão vinculadas à história nem à origem da ratoeira. Assim, esbarra em relatos imaginários, é um tanto sem sentido. Se conseguimos chegar a essas explicações com sucesso, quando elas são notoriamente falsas (a ratoeira), como sabemos que nossa capacidade de fazer o mesmo com realidades como o flagelo não são também inerentes falhas?”

O evolucionista Theodosius Dobzhansky disse certa vez: “*Nada em biologia faz sentido exceto à luz da evolução*”. Mas, na verdade, a teoria de Darwin não oferece uma visão sobre como o motor do flagelo bacteriano surgiu. Se os darwinistas tivessem sequer um pressentimento de como esses sistemas surgiram por meio de processos cegos, Miller não estaria a mais de uma década depois da publicação de Behe, “A caixa preta de Darwin”, ainda acenando para uma microseringa, alegando ser ela um possível ancestral evolutivo do flagelo bacteriano.

E não é dizer que os darwinistas não tenham tentado encontrar um caminho para o flagelo bacteriano, eles fizeram um longo esforço combinado para imaginar uma via evolutiva detalhada e verossímil para esse motor, mas, apesar dos esforços, as histórias evolutivas mais detalhadas permanecem irremediavelmente vagas, e as partes da história que não são vagas estão cheias de problemas.

E o flagelo não é um problema isolado para os darwinistas: a literatura científica mostra uma completa ausência de propostas concretas e detalhadas sobre como a evolução irracional poderia ter construído estruturas biológicas complexas que precisam de todas as partes para funcionar. Franklin Harold, um dos principais microbiologistas do mundo, opôs conjecturas ao D.I, mas, no entanto, admite:

“Não existe atualmente qualquer relato darwiniano detalhado da evolução de qualquer sistema bioquímico ou celular, apenas uma série de especulações fantasiosas”

Quando Miller foi desafiado com essa citação na conferência Mundial dos Céticos, ele não contestou o mérito da alegação de Harold, mas apenas asseverou que Harold estava aposentado, que estava velho demais para compreender os pensamentos da atualidade científica sobre o assunto. Mas se Harold está tão “por fora”, o que os editores científicos da Oxford University Press estavam pensando quando concordaram em publicar seu recente livro: “The Way of Cell”?

Oxford é uma das editoras acadêmicas mais respeitadas do mundo, e, se Harold fez essa afirmação por ignorância, por que Miller não aponta simplesmente um caminho evolutivo detalhado de um sistema biológico complexo para provar que Harold está errado? Miller não o fez porque não existe nenhum.

Os darwinistas gostam de alegar que não há debate sobre o darwinismo e o D.I dentro da comunidade científica, mas a realidade é completamente diferente. Não só existe o debate, como os teóricos do design têm as evidências ao seu lado. Então, para os que pensam ter destruído a “ratoeira” de Michael Behe, digo-lhes um grande não! Pois, além da complexidade irreduzível, existem ainda outros sérios problemas.

Vários teóricos estão fazendo pesquisa original que testa ambas as reivindicações, do materialismo e do design inteligente. O site ResearchID.org²² oferece três exemplos de pesquisas baseadas em identificação científica atual, onde todos poderão ver as implicações culturais maiores do darwinismo e do D.I.

- **Guillermo Gonzalez.** Professor do Grove City College, Guillermo Gonzalez publicou dezenas de artigos científicos revisados por pares e teve seu trabalho apresentado na capa da revista Scientific American. Esses artigos não comprovam o D.I, mas muitos dos dados que o autor recolheu se relacionam direta ou indiretamente ao argumento do design que ele e seu co-autor Jay W. Richards apresentam em “The Privileged Planet: How Our Place in the Cosmos is Designed for Discovery”. O argumento é passível de testes, e Gonzalez o tem

²² http://researchid.org/index.php/Main_Page

posto à prova simplesmente fazendo o que ele normalmente faz, e também encoraja os cientistas que pretendem prosseguir em linhas de pesquisas no crescente campo da astro-biologia, investigação que teria relação direta com o argumento do design do “The Privileged Planet”.

- **O Instituto biológico.** Bill Gates, fundador da Microsoft, uma vez comentou: “O DNA é como um programa de computador, mas muito, muito mais avançado do que qualquer software jamais criado”²³. Em Redmond, Washington, nas proximidades da sede da Microsoft, há um laboratório de pesquisas liderado pelo bioquímico Douglas Axe, que fez seu doutorado na Cal Tech e pós-doutorado em Cambridge. Axe pesquisou máquinas de proteínas e concebeu uma maneira de testar a que ponto as proteínas funcionais são sensíveis a minúsculas mudanças no código de software necessário para criar cada uma delas. Ele publicou suas conclusões em The Journal of Molecular Biology.

Essa pesquisa, aliada à investigação que ele e seus colegas biólogos estão realizando atualmente, está fornecendo evidências crescentes de que uma mente – em vez de um processo irracional como afirma a evolução darwinista –, escreveu o complexo código de software que tornou possível as estruturas de proteínas e células vivas. Uma parte da equipe de biólogos tem feito pesquisas de laboratório de proteínas. Os demais, auxiliados por um arquiteto de software da Microsoft, desenvolveram um modelo de dobramento e mutação de proteínas tão sofisticado e biologicamente realista que vai tornar tudo o que se obteve antes obsoleto e antiquado.

O artigo de jornal revisado por pares, descrevendo o modelo e o código aberto em que os pesquisadores podem utilizar o programa de simulação de computador em suas pesquisas, está disponível no PLoS ONE, sob o título “Stylus: A delwith Non – Arbitrary Funcional Constraints”²⁴.

- **O Laboratório de Informática Evolucionária.** Fundado por Robert Marks – reconhecido professor de engenharia elétrica e computação da Universidade de Baylor – e William Dembski, este laboratório analisa as necessidades de informação dos processos evolutivos. Estes podem ser concebidos como alvos de pesquisa. Se os alvos forem suficientemente pequenos (como o são na

²³ Bill Gates, The Road Ahead (Nova York: Viking, 1995), p. 188.

²⁴ Stylus: Um sistema para Experimentação Evolutiva Baseado em um Modelo de Proteína/Proteone com Restrições Funcionais Não Arbitrárias.

biologia, em que partes funcionais do espaço de configuração biológica são minúsculas), tais pesquisas precisam receber uma grande quantidade de informação prévia, se quiser ter sucesso.

Em computação evolutiva (por exemplo, algoritmos genéticos), essa informação em geral assume a forma de uma paisagem de aptidão cuidadosamente adaptada que determina que organismos virtuais serão naturalmente selecionados. Além de fazer modelagem computacional extensiva, em especial por meio do seu programa intitulado “Weasel Ware”, que desconstrói muitas declarações inflamadas de biólogos evolucionistas a favor do poder da evolução, o laboratório também se concentra em fundamentos matemáticos diretos da teoria da informação.

Assim, Dembski e Marks recentemente obtiveram um resultado notável, mostrando que as buscas evolutivas não podem nunca gerar mais informações do que as que foram introduzidas de início. Agora podemos compreender porquê os artigos científicos dos teóricos do design estão sendo barrados em muitos centros acadêmicos, e isso se deve unicamente pela continuidade do monopólio. Ou seja: dadas as evidências incontestáveis a favor do design, os darwinistas procuram se esconder atrás de uma mídia que está em seu favor, já que a garantia de seus empregos dependem da divulgação de “provas” a favor da teoria evolucionista, que há muito tempo se encontra em sérios apuros.

Para mais informações adicionais, uma lista de materiais disponíveis na internet irão ajudá-lo na compreensão da teoria do D.I e do fracasso da teoria darwiniana. Você pode acessar essas páginas digitando o título e o autor em serviço de busca como o Google, ou usando a URL disponível na nota de rodapé deste livro:

- **“Cinco perguntas que os evolucionistas preferem evitar” por William Dembski.**²⁵

- **“Dez questões para perguntar ao seu professor de Biologia sobre evolução”, por Jonathan Wells.**²⁶

²⁵ William Dembski, “Five Questions”. Disponível em:

<designinference.com/www.designinference.com/documents/2004.04.Five_Questions_Ev.pdf>.

²⁶ Jonathan Wells, “Ten Questions to Ask Your Biology Teacher About Evolutions”, Icons of Evolution. Disponível em: <www.iconsofevolution.com/tools/questions.php3>. Veja também: Jonathan Wells,

- **“Dez questões para perguntar ao seu professor de Biologia sobre o design”, por William Dembski.**²⁷
- **“As melhores perguntas e respostas sobre a teoria do design inteligente” pelo Instituto Discovery.**²⁸
- **“Design e darwinismo”, Wittingshire’s Bag End**²⁹. Este site contém respostas fáceis de ler por Jonathan Witt e outros, organizadas em torno de uma série de questões-chave, incluindo: “O que é design inteligente?”, “Quem vê a evidência de design?”, “Quem vê as falhas no darwinismo?” e “O design inteligente é uma conspiração cristã?”
- **“A revolução do design: respondendo as perguntas mais difíceis sobre o design inteligente”, por William Dembski.** Um livro que fornece uma análise clara sobre as várias questões e objeções que Dembski encontrou em muitas palestras e debates em que esteve envolvido em universidades de todo o mundo durante os últimos anos.
- **Um portal único para D.I está disponível em:** www.intelligentdesign.org

• O Design Inteligente não é ciência, é religião

Além de apelar para o materialismo metodológico, os críticos do D.I empregam vários outros argumentos para pintá-lo como sendo não-científico. Um dos preferidos e que muitos naturalistas não sabem é o de insistir que o D.I não se qualifica como ciência porque é a posição de uma minoria.

Para William A. Dembski e Jonathan Witt:

“Inherit the Spin”, Center for Science & Culture, 15 de janeiro de 2002. Disponível em: <www.discovery.org/a/1106>.

²⁷ William Dembski, “Ten Questions”, DesignInference.com. Disponível em: <www.designinference.com/documents/2004.01.Ten_Questions_ID.pdf>.

²⁸ “Top Questions and Answers About Intelligent Design”, Center for Science & Culture, 8 de setembro de 2005. Disponível em: <www.discovery.org/a/2348>.

²⁹ Jonathan Witt, “Design and darwinism”, Wittingshire’s Bag End. Disponível em: <<http://wittingshire-bagend.blogspot.com/2005/02/design-and-darwinism.html>>.

“Este pode ser o argumento mais ridículo”³⁰

A ciência não é decidida por maioria de votos, a maioria dos cientistas pode e tem estado errada sobre questões científicas. Em sua “Structure of Scientific Revolutions”, o historiador e filósofo da ciência Thomas Kuhn documentou numerosas reversões na ciência, em que ideias, uma vez confiantemente sustentadas pela comunidade científica, acabaram por ser descartadas e substituídas.

Há um problema fundamental para invocar o consenso para ganhar um debate científico, isso fica ainda mais claro quando cientistas qualificados representam uma opinião minoritária. Vários biólogos altamente qualificados com registros de realizações impressionantes são completamente a favor do D.I, e muitos dos físicos mais respeitados do mundo têm sugerido que consideram o design como a melhor explicação para o ajuste fino das Leis e constantes da natureza.

Uma pesquisa feita pelo Instituto Finkelstein descobriu que cerca de 60% dos médicos nos EUA consideram que o D.I teve sua importância na origem dos seres humanos. Para não dizer que os tais médicos faziam parte de uma conspiração de cristãos fundamentalistas, o link será disponibilizado na nota de rodapé deste livro.³¹

- 32% de médicos judeus rejeitam o darwinismo.
- 81% de médicos protestantes rejeitam o darwinismo.
- 78% de médicos católicos rejeitam o darwinismo.
- 72% de médicos cristãos ortodoxos rejeitam o darwinismo.
- 54% de médicos hindus rejeitam o darwinismo.
- 43% de médicos budistas rejeitam o darwinismo (em comparação com 36% que aceitam).
- 86% de médicos mulçumanos rejeitam o darwinismo.
- 2% de médicos ateus rejeitam o darwinismo.
- 48% de médicos espiritualizados, mas sem religião organizada, rejeitam o darwinismo.

O outro argumento que os darwinistas usam é a afirmação de que o D.I não é ciência porque tem implicações religiosas, filosóficas e políticas. O problema é

³⁰ Design inteligente sem censura, p.29.

³¹ <<http://web.archive.org/web/20061017043539/www.hcdi.net/polls/J5776/>>. Clique em Q7 na margem esquerda.

que, sendo assim, essa norma também desqualifica o darwinismo, pois o darwinismo literalmente transpira implicações culturais maiores, tanto que Dennett chama o darwinismo de “ácido universal”, e ele de modo algum está sozinho nesta definição.

De acordo com evolucionista Stephen Jay Gould, “a biologia tirou nosso status como modelos criados à imagem de Deus; antes de Darwin, pensávamos que um Deus benevolente nos havia criado”. Peter Singer, bioético da Universidade de Princeton, observa que precisamos “enfrentar o fato de que somos animais evoluídos e que portamos as evidências da nossa herança, não só em nossa anatomia e nosso DNA, mas também em nosso comportamento”³².

Todos estes homens estão extraindo implicações religiosas, filosóficas e políticas da teoria darwiniana. O principal defensor de Darwin, Thomas Huxley, lançou o X Club, um grupo focado em propagar a teoria da evolução, porque foram atraídos pelas implicações teológicas, filosóficas e políticas da teoria de Darwin. No primeiro manifesto humanista, logo na introdução, os autores se identificam como “humanistas religiosos”, e afirmam que estabelecer tal religião é uma grande necessidade do presente.³³

Então, deveriam os próprios naturalistas desacreditarem do seu próprio modelo científico por se enquadrar em implicações religiosas. Outro ponto muito interessante, mas que passa muito despercebido, é o fato de que muitos dos que acreditam no design não são em si religiosos nem acreditam na existência de Jeová ou de qualquer outro Deus.

O filósofo britânico Antony Flew foi considerado o ateu mais influente do mundo. Já em seus debates no C. S. Lewis’s Socratic Club da Universidade de Oxford, mais de meio século atrás, ele argumentou que simplesmente não havia provas suficientes para acreditar em um Criador. Mas, recentemente, ele investigou o argumento do design na origem da primeira célula viva, e, nesse processo, deixou o ateísmo para trás. Ele disse:

³² Peter Singer, *A Darwinianleft: politics, Evolutions, and cooperation*.

³³ P.Kurtz, org, Humanistmanifesto I e II. Org, “A secular humanista declaration”, Freeinquiry.

“Parece-me agora que os resultados de mais de cinquenta anos de pesquisa de DNA fornecem materiais para um argumento novo e extremamente poderoso para o design”³⁴

Flew rejeitava o Deus da Bíblia, rejeitava a ideia de qualquer Criador que consignaria as suas criaturas à morte ou recompensa eterna. Ele afirmava apenas aquilo que ele chamava de o deus dos filósofos de uma inteligência projetista desconhecida, e mesmo assim, não acreditava nem na vida após a morte e nem no Deus de nenhum livro sagrado. Em outras palavras, ele era um deísta, e não um teísta.

A teoria do D.I estabelece que causas inteligentes detectáveis empiricamente são necessárias para explicar as estruturas biológicas ricas em informação e a complexidade encontrada na natureza, não está preocupado com rituais religiosos e suas formas doutrinárias, mas os ateus naturalistas continuam a propagar algo que nem mesmo conhecem.

Aceitar a existência de um Criador é um ato racional de causa e efeito, isso é o método científico. Porém, dizer *quem* é o Criador é uma posição que compete à religião, e nem assim uma coisa anula a outra, já que a ciência comprova que em todo o Universo e em toda forma de vida existe as marcas de uma mente racional. Cabe ao religioso usar os mesmos fatos da ciência a favor da existência de um Ser supremo, mas que a ciência não estabelece qual.

O ateu e biólogo molecular, Dr. Michael Denton, fez a seguinte declaração referente ao D.I e a religião:

“A inferência de planejamento é uma indução puramente *a posteriori*, baseada numa aplicação inexoravelmente consistente da lógica e da analogia. A conclusão pode ter implicações religiosas, mas não depende de pressuposições religiosas”³⁵

³⁴ Antony Flew, “Interview with Gary Habermas”, *Philosophia Christi*, Winter 2004. Disponível em: <www.biola.edu/antonyflew>.

³⁵ Michael Denton, *Evolution, A Theory in Crisis*, Bethesda, MD, Adler and Adler, 1986, p. 341.

• O que dizer das pesquisas naturalistas?

Já vimos que as pesquisas dos teóricos do design são sustentadas empiricamente pelo método científico, mas será que o modelo naturalista tem sido sustentado pelo método científico? É isso o que iremos analisar a partir de agora.

a) O acaso fortuito

Alguns vêem o acaso como a ausência de qualquer causa, como Mortimer Adler afirmou, interpretando o acaso como “o que aconteceu sem nenhuma causa, o absoluto espontâneo ou fortuito”. Outros vêem o acaso como “a grande causa”, apesar de ser cega e não-inteligente. Mas a definição da palavra acaso depende de como ele é empregado, dois usos são geralmente confundidos quando falamos sobre a origem das coisas, o acaso como probabilidade matemática e o acaso como causa real.

Quando um dado é jogado, as chances são de um em seis que dará o número seis. A probabilidade é de 1 em 36 que dê seis nos dois dados e 1 em 216 que dê três seis se jogarmos três dados – essas são probabilidades matemáticas. Dentro do segundo caso, podemos observar que no primeiro “acaso como probabilidade matemática” não foi o acaso que fez com que os três dados dessem seis, mas o que inferiu foi a força, o ângulo do lançamento, a posição inicial na mão, como os dados bateram contra objetos na sua trajetória e outros resultados da inércia, o acaso não teve nenhuma influência sobre o processo.

Citando David Hume:

“O acaso, quando examinado estritamente, é apenas uma palavra negativa, e não significa qualquer poder real que tenha existência em qualquer parte. Apesar de não haver acaso no mundo, nossa ignorância da causa real de qualquer evento tem a mesma influência na compreensão, e gera uma mesma espécie de crença ou opinião”³⁶

Herbert Jaki, em “Deus e os Cosmólogos”, apresenta um capítulo intitulado “Dados Viciados”, onde se refere a Pierre Delbert, que disse: “O acaso só

³⁶ David Hume, Investigação sobre o entendimento humano, seção 6.

aparece hoje como lei, a mais geral de todas as leis”.³⁷ Isso é mágica, não ciência, pois as Leis científicas lidam com o regular, não o irregular (o acaso), e as Leis da física não causam nada, apenas *descrevem* a maneira como as coisas acontecem regularmente no mundo como resultado de causas físicas.

Da mesma forma, as Leis da matemática não causam nada, elas apenas insistem em que, se eu colocar 3 cédulas no bolso direito da minha calça, e em seguida mais 10, terei 13 cédulas no bolso, as Leis da matemática nunca colocaram cédulas no bolso de ninguém. Como podemos observar, as causas inteligentes sempre estão presentes, e nunca os resultados são por acaso. Nem mesmo as alegações naturalistas de misturas químicas “aleatórias”, sequências numéricas em sorteio de loteria, podem ser atribuídas ao acaso.

Mesmo através da visão rudimentar de uma única célula e das funções diárias dos seres vivos, ainda assim podemos perceber a enorme complexidade da vida no seu nível mais inferior. Quando nos dizem que algo aconteceu, usamos a matemática probabilística para avaliar o acontecimento. O número de átomos no Universo é de 10 elevado a 80; usando a Lei da especificidade, a probabilidade de surgir vida das forças naturais sozinhas foi considerada seriamente tanto por matemáticos como por astrônomos.

Os matemáticos, envolvidos pela natureza estatística do problema, negaram a possibilidade de mutações mínimas aleatórias produzirem complexidade e novidade biológica. Usando computadores, o matemático Marcel Schutzenberger descobriu que as possibilidades contrárias à melhoria da informação significativa por mudanças aleatórias são de 10 elevado a 1000.

Os astrônomos Fred Hoyle e Chandra Wickramasinghe calcularam a probabilidade de a vida se originar da não-vida em 10 elevado a 40000, e a probabilidade de complexidade aumentada surgir pelas mutações e pela seleção natural aproxima-se desse número.³⁸ As conclusões científicas devem basear-se na probabilidade. Nas melhor das hipóteses, as conclusões científicas dependem de um nível de probabilidade de uma certa causa produzir um determinado efeito.

³⁷ S. Jaki, God and the cosmologists.

³⁸ The natural limits to biological change, p 86.

Se somos forçados a considerar a probabilidade da vida ter surgido sem causa inteligente, seríamos forçados a nos apartar da esfera da ciência, algo que os próprios naturalistas declaram não fazer. O número de 10 elevado a 40000 é inimaginavelmente maior do que o número de átomos do universo conhecido, que é de 10 elevado a 80. Portanto, a probabilidade da vida ter surgido por acaso é muito menor que a probabilidade de encontrar um determinado átomo no universo inteiro.

Ora, se os modelos científicos devem ser construídos sobre os mais altos graus da probabilidade, e $1/10^{1000-40.000}$ de potência está na esfera da impossibilidade, então acreditar que isso é verdadeiro é ir além do escopo da ciência, pois a regra prática da física é que uma vez que, se a probabilidade de um evento desce abaixo de $1/10^{50}$, ele entrou na esfera do impossível. O biólogo ateu Michael Denton também enfatiza o problema:

“Os números da ordem de 10 elevado a 15 estão, naturalmente, totalmente além da compreensão”³⁹

O Dr. Walter L. Bradley também afirmou:

“Se você tomasse todo o carbono que existe no Universo e o colocasse na face da terra, permitisse que ele reagisse quimicamente no ritmo mais rápido possível e o deixasse ficar por um bilhão de anos, a probabilidade de se criar uma só molécula funcional de proteína seria de uma em 10 seguido de 60 zeros”⁴⁰

b) Afinidade química

Tendo sido o acaso fortuito firmemente rejeitado como explicação para a origem da vida, os cientistas se voltaram para outra teoria, a de que deve haver alguma atração inata que faria com que os aminoácidos se ligassem espontaneamente na sequência correta para criar as moléculas de proteínas de que são feitas as células vivas.

³⁹ Evolution: a theory in crisis, p 330.

⁴⁰ Lee Strobel, Em defesa da fé, p 138.

Essa ideia foi popularizada em um livro de 1969, tendo Dean Kenyon como co-autor de “Biological predestination”⁴¹, onde argumentava que o surgimento da vida poderia ter sido predestinado quimicamente por supostas preferências de ligações químicas. Porém, um programa de computador criado para analisar cada uma das duzentas e cinquenta proteínas demonstrou conclusivamente que a sequência não tinha nada a ver com preferências químicas. Consequentemente, até mesmo Dean Kenyon rejeitou sua própria teoria.⁴²

c) Semeadura vinda do espaço

Frustrados com os obstáculos intransponíveis quanto à evolução química na terra, alguns cientistas, incluindo Crick, um dos descobridores do DNA, propuseram que as estruturas básicas da vida viriam de algum outro lugar do espaço. Essa teoria foi amparada pela descoberta de aminoácidos no famoso meteorito Murchison, que caiu na Austrália em 1969, bem como em outro meteorito que mergulhou na Antártida há cerca de 3,8 bilhões de anos.

Crick e Leslie Orgel foram ainda mais longe ao sugerir que esporos de vida podem ter sido enviados intencionalmente para a terra por uma civilização avançada, e, talvez, como alguns especulam, com a intenção de fazer um zoológico ou um depósito de lixo cósmico. Isso não resolveu em nada a questão, pois Crick apenas transferiu o problema para outro lugar e os mesmos obstáculos persistem, pois a ordem das sequências dos aminoácidos independe da atmosfera. Um relatório da conferência internacional de cientistas da origem da vida realizada em Julho de 1999 disse sobre o assunto:

“Antes do final do segundo dia da conferência, os pesquisadores tiveram de concordar que a transferência extraterrestre não poderia ter fornecido todas as moléculas pré-bióticas necessárias”

O relatório prosseguia dizendo que evolucionistas como Shapiro tinham estudado o meteorito Murchison e demonstrado que reações colaterais impediriam eficazmente que quaisquer moléculas pré-bióticas existentes no meteorito jamais formariam espontaneamente moléculas de vida.⁴³

⁴¹ Dean Kenyon e G. Steinman, New York: McGraw Hill, 1969.

⁴² A statistical examination of self-ordering of amino acids in proteins, de Randall A. Kok, John A. Taylor & Walter L. Bradley, publicado em *Origins of life and Evolution of the Biosphere* 18 (1988).

⁴³ Fazale R. Rana & Hugh Ross, *Life from the heavens? Not this way*, Facts for Faith, Oct. 2000.

c) Respiradouros no oceano

Em 1977, cientistas a bordo do submarino de pesquisa Alvin, oitocentos metros abaixo da superfície do pacífico, a oeste do Equador, descobriram exóticos respiradouros termais no leito do oceano. Vermes tubulares, moluscos e bactérias, cuja fonte primária de energia são compostos de enxofre que saem dos respiradouros, abundavam nas proximidades. Desde então, dezenas de outros respiradouros têm sido encontrados em vários locais subaquáticos. Isso levou Jack Corliss, um biólogo marinho que agora trabalha no Centro de Vãos Espaciais Goddard, da NASA, a sugerir que esses respiradouros poderiam ter criado o ambiente onde teria sido produzido o início da vida.

Algumas experiências de Miller e Jeffrey Bada na Universidade da Califórnia, em San Diego, sugeriram que as elevadas temperaturas desses respiradouros superaquecidos destruiriam os compostos orgânicos complexos, ao invés de criá-los. Se você obtivesse algumas moléculas que estavam por ser tornar maiores e mais complexas, elas seriam tão frágeis que seriam destruídas pelo calor quando fossem recicladas.⁴⁴

d) Vida procedente da argila

Uma outra hipótese popularizada pela mídia nos últimos anos foi a sugestão do químico escocês A. G. Cairns Smith de que a vida de algum modo surgiu de argilas cuja estrutura cristalina tinha suficiente complexidade para, de algum modo, estimular as substâncias químicas pré-bióticas a se juntarem⁴⁵. Mas Cairns Smith reconheceu os problemas suscitados por esta ideia, e admitiu em 1991:

“Ninguém foi capaz de induzir argila a fazer qualquer coisa que se assemelhe à evolução em um laboratório e ninguém encontrou na natureza qualquer coisa que se assemelhe a um organismo baseado na argila coisa que se assemelhe a um organismo baseado na argila”⁴⁶

⁴⁴ Walter L. Bradley, Em defesa da fé, p 145.

⁴⁵ Veja: Genetic Take over and the mineral origins of Life, New York: Cambridge University press, 1982.

⁴⁶ Information and the origin of life, The creation hypothesis, Downers Grove, Illinois: Inter Varsity Press, 1994, p 194.

Como se vê, tentativas após tentativas, os cientistas da origem da vida acabam de mãos vazias quando tentam teorizar sobre como as substâncias químicas poderiam evoluir até se tornarem matéria viva.

• O registro fóssil

Os naturalistas acreditam em ancestrais comuns para todos os seres humanos. Sua teoria (macroevolução) implica na crença de que a evolução de todas as formas inferiores, por meio de mudanças de uma espécie para outra, ocorreram no decorrer de vários milhões de anos. O próprio pai da evolução moderna, Charles Darwin, reconheceu isso como sendo um problema sério quando escreveu em “A Origem das Espécies”. Mas ele esperava que, no futuro, um número bem grande desses “elos perdidos” fosse encontrado para sustentar aquilo que ele chamou de “teoria da evolução”.

Se os macroevolucionistas como Darwin e Dawkins estão corretos a respeito do gradualismo e o acúmulo de pequenas alterações durante longos períodos de tempo realmente ocorreu, então esse fato histórico deve ser verificável no registro fóssil. A paleontologia é o estudo das formas de vida existentes nos tempos pré-históricos conforme representadas pelos restos fósseis de plantas, animais e outros organismos. Com isso em mente, comecemos bem do princípio no ponto da história conhecido por período Pré-Cambriano, e vejamos o que o registro fóssil tem a nos dizer.

Na geologia, o período de tempo Pré-Cambriano é a divisão de tempo mais antiga e maior pelo qual os estratos da rocha são organizados, considera-se que essa era inclui o intervalo total de tempo que começou com a formação da crosta sólida da terra e terminou quando a vida nos mares havia começado a florescer, é o espaço de tempo que precede o período Cambriano e é caracterizado pelo aparecimento das formas primitivas de vida.

Há 543 milhões de anos atrás, no início do Cambriano, no espaço de tempo de não mais que um milhão de anos, criaturas com dentes, tentáculos, garras e mandíbulas se materializaram com aparições repentinas, numa eclosão de criatividade nunca antes vista. Durante décadas, os defensores da teoria da evolução tentaram argumentar que o aparecimento de animais multicelulares

durante o período Cambriano parecia meramente repentino, mas na verdade havia sido precedido de um longo período de evolução, cujo registro geológico estava perdido, mas esta explicação agora é insatisfatória.

Desde 1987, descobertas de importantes sítios fósseis na Groelândia, China, Sibéria, e agora na Namíbia, mostraram que o período da inovação biológica ocorreu praticamente no mesmo instante de tempo geológico em todo o mundo. Foi durante o Cambriano que a natureza inventou os projetos de corpo animal que definem os amplos grupos biológicos conhecidos como filos, que abrange tudo de classes e ordens a famílias, gêneros e espécies.

Os cientistas pensavam que a evolução dos filos havia ocorrido durante um período de 75 milhões de anos, e mesmo assim parecia impossivelmente curto. Então, um grupo de pesquisadores liderados por John Grotzinger, Samuel Bowring e Andrew Knoll (paleontologista na Universidade de Harvard), tomou esse problema que já se estendia e intensificou sua crise.

Em primeiro lugar, esse grupo acertou o relógio geológico, reduzindo o período Cambriano a cerca da metade de sua extensão anterior. Em seguida, os cientistas anunciaram que o intervalo da principal inovação evolutiva não abarcava o total de 30 milhões de anos, mas concentrava-se no primeiro terço. Michael Behe, professor adjunto de bioquímica da Lehigh University, disse:

“Pesquisas cuidadosas mostram apenas um conhecimento superficial de fósseis de criaturas pluricelulares em rochas com mais de 600 milhões de anos. Todavia, em rochas só um pouco mais jovens se vê uma profusão de animais fossilizados, com uma multidão de projetos de corpo amplamente diferentes, recentemente o tempo estimado de duração da ocorrência da explosão foi revisado de 50 milhões para 10 milhões de anos, um piscar de olhos para o tempo geológico. A redução do tempo estimado forçou os escritores de manchetes a andar Tateando em busca de novos superlativos, Jay Gould argumentou que a velocidade rápida de aparecimento de novas formas de vida exige um novo mecanismo diferente da seleção natural para sua explicação”⁴⁷

A distribuição dos fósseis na estratigrafia oferece evidência suficiente para uma conclusão plausível: não existe base científica, vinda de uma observação direta da estratigrafia, de que espécies tenham evoluído. A evidência demonstra que

⁴⁷ A caixa preta de Darwin, p 27.

houve variação, um certo grau limitado de adaptação e extinção entre as espécies. Uma evolução contínua entre as espécies é o que não é observado na estratigrafia, deixando assim lacunas no chamado registro fóssil.

O Dr. David Raup, diretor do “The Field Museum of Natural History” de Chicago, disse:

“Nós estamos agora cerca de 120 anos após Darwin, e o conhecimento do registro fóssil tem sido amplamente expandido. Nós temos agora cerca de um quarto de milhão de espécies de fósseis, mas a situação não tem mudado muito. O registro da evolução ainda permanece surpreendentemente abalado e, ironicamente, nós temos até mesmo menos exemplos de ‘transição’ evolucionária que possuíamos durante o tempo de Darwin. Eu quero dizer com isto que alguns casos clássicos de uma mudança darwiniana no registro fóssil, tal como a evolução do cavalo na América do Norte, tem sido descartada ou modificada com resultado de informação mais detalhada, aquilo que parecia ser uma simples progressão exata, quando relativamente poucos dados eram disponíveis, agora aparenta ser muito mais complexo e muito menos gradualista. Portanto, o problema de Darwin não tem sido aliviado durante estes últimos 120 anos, e nós ainda temos um registro que mostra mudança, mas que dificilmente poderia ser considerado com a consequência mais racional da seleção natural”⁴⁸

O ponto importante a se lembrar é que o problema fóssil para o darwinismo piora o tempo todo. Os paleontólogos darwinistas ficam indignados quando os criacionistas destacam isso, mas o que eles mesmos escrevem é extraordinariamente revelador. Após assistir a uma conferência geológica sobre grandes extinções, Gould escreveu um ensaio notável considerando como a evidência se voltava contra o darwinismo. Ele disse aos seus leitores que há muito estava intrigado pela falta de evidência, ao longo do tempo, de desenvolvimento progressivo nos invertebrados com os quais tinha mais familiaridade:

“Podemos contar fábulas de desenvolvimento para alguns grupos, mas em momentos honestos devemos admitir que a história da vida complexa é muito

⁴⁸ David M. Raup, *Conflicts Between Darwin and Paleontology*, Field Museum of Natural History Bulletin, Vol. 50, número 1, janeiro de 1979, p. 25.

mais uma história de grande variação de uma série de designs básicos do que uma saga de excelência acumulada”⁴⁹

Não é difícil entender como os evolucionistas estão sempre a propagar “novas fontes” como “prova” da evolução e dos elos intermediários, pois tudo não passa de fábulas, mas a verdade é que qualquer interpretação dessas formas de vida não passa nos testes empíricos da bioquímica, a qual tem sido uma forte opositora aos falsos relatos darwinistas.

A história da vida fornecida pelo registro fóssil é criticamente importante como um teste do darwinismo, porque os ancestrais comuns e os intermediários transicionais necessários estão consistentemente ausentes do mundo vivo. Nos mais altos níveis da hierarquia taxionômica, os grupos atuais são descontínuos, cada criatura pertence a um e somente um filo, classe, ordem e não há intermediários, o peixe pulmonado ainda é um peixe e o ornitorrinco com o bico tipo de pato é um mamífero.

Os classificadores pré-darwinistas citaram a ausência de intermediários como razão conclusiva para rejeitar a evolução biológica. Os darwinistas, em princípio, não negam a descontinuidade fundamental do mundo vivo, mas a explicam como sendo por causa da extinção de grandes números de intermediários que uma vez ligaram os grupos discretos aos seus ancestrais comuns remotos. Pronto! Parece que os darwinistas enfim conseguiram uma “boa” explicação para a ausência dos intermediários, a extinção de todos eles. Mas seria essa uma boa resposta para apoiar a evolução?

A resposta é um grande não!

Lembre-se, a afirmação darwinista não é simplesmente que os organismos partilham de uma base bioquímica comum, ou que suas moléculas bem como suas características visíveis podem ser classificadas como um padrão de grupos dentro de grupos, a afirmação darwinista consiste de que em algum momento estas formas de vida existiram, mas infelizmente não sobraram vestígios para reconstruir a história.

Mesmo que essa possa parecer uma resposta satisfatória, um outro fator não deve ser ignorado, o de que as formas de vidas existentes também nos leva ao

⁴⁹ Phillip E. Johnson, Darwin no banco dos réus, p. 66.

passado para avaliar se tal proposta é consistente. Os bioquímicos têm descoberto que é possível classificar as espécies e os maiores grupos pelo seu grau de semelhança no nível molecular, e uma coisa que a evidência molecular confirma é que os grupos da ordem natural são isolados uns dos outros, o que significa que não são conectados por quaisquer formas intermediárias sobreviventes.

Uma proteína chamada “ciclotromo c”, que é encontrada numa grande variedade de espécies, tem sido estudada extensamente. Uma tabela de referência padrão mostra a porcentagem da diferença sequencial entre o “citocromo c”, de uma bactéria particular e uma ampla variedade de organismos mais complexos, incluindo mamíferos, aves, répteis, anfíbios, peixes, insetos e plantas. A sequência de divergência da forma de bactérias vai de 64% (coelho, tartaruga, pinguim, carpa, larvas de mosca varejeira) a 69% (girassol). Se a restrição for limitada a animais, de insetos para o homem, o limite de variação é de 64% a 66%.

Avaliadas pelas comparações de “ciclotromo c”, o gergelim e o bicho-da-seda são tão quase diferentes das bactérias quanto são os humanos. Na verdade, cada planta e espécie de animal está aproximadamente à mesma distância molecular de quaisquer espécies de bactérias, e não há traço sobrevivente de quaisquer intermediário que possa ter preenchido o “espaço” entre as vidas unicelular e multicelular.

Se as moléculas evoluíram de modo gradual até sua presente forma, então ao longo do tempo os intermediários devem ter preenchido aquele espaço. Dessa forma, o problema dos intermediários permanece para os evolucionistas, pois a bioquímica tem comprovado, através da análise das proteínas, que não foi uma extinção que causou o “desaparecimento” desses elos, mas que, na verdade, eles nunca existiram.

Nos quase 150 anos desde que Darwin escreveu, 1,859 milhões de fósseis foram desenterrados, **mas os elos perdidos necessários para confirmar a teoria da evolução até hoje não foram encontrados**. Essa evidência contra a teoria evolucionista é tão forte que o próprio Darwin confessou em sua época que “a singularidade das formas específicas [o registro fóssil] e o fato de elas não estarem misturadas em inúmeros elos de transição é uma dificuldade óbvia”⁵⁰.

⁵⁰ *The Origin of Species*. New York: Penguin, 1958.

Até mesmo o paleontólogo e evolucionista Stephen Jay Gould reconheceu isso quando disse: “O registro fóssil causou mais preocupação do que alegria a Darwin”.⁵¹

Como foi que Darwin encarou esse problema? Para ele, a explicação estava no fato de que “apenas uma pequena porção da superfície da terra já foi geologicamente explorada”⁵². Ele esperava que, no futuro, com mais explorações, sua teoria fosse comprovada com milhares de fósseis de transição. E, de fato, os paleontólogos e evolucionistas se esforçaram muito em todo este tempo na busca do tão sonhado “elo perdido”, escavando como nunca antes.

Mas nestes 150 anos da publicação de Darwin até os nossos dias já descobriram mais de **1 milhão e 800 mil fósseis** desenterrados, e mesmo assim o tão sonhado “elo perdido” dos evolucionistas **continua perdido!** Ao invés de acharem os tais “elos de transição”, as evidências levaram o famoso ateu Richard Dawkins a dizer em pleno ano de 2009: “precisamos de mais fósseis”⁵³!

Além da evidência do registro fóssil ser esmagadora contra o evolucionismo, ainda descobriram-se que alguns fósseis historicamente considerados transicionais na verdade não eram fósseis transicionais. Os mais famosos deles são:

- **O Homem de Pitdown.** Foi uma referência nos livros de ciência durante anos como uma suposta “prova” da macroevolução, mas acabou sendo desmascarado como fraude, muitos creem que foi falsificado pelo próprio Darwin.⁵⁴

- **O Homem de Nebraska.** Era uma reconstituição a partir de um dente, que na verdade era de um porco extinto, e mesmo assim foi usado como evidência no julgamento Scopes (1925) para apoiar o ensino da evolução nas escolas públicas!⁵⁵

⁵¹ GOULD, Stephen Jay. *The Panda's Thumb*.

⁵² *The Origin of Species*. New York: Penguin, 1958.

⁵³ DAWKINS, Richard. *The Greatest Show on Earth*.

⁵⁴ Veja mais em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/ciencia/2012-12-12/fraude-do-homem-de-pitdown-continua-um-misterio-apos-100-anos.html>>. E também: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_de_Pitdown>.

⁵⁵ Veja mais em: <<http://darwinismo.wordpress.com/2009/08/07/fraudes-evolucionistas-parte-i/>>.

- **O Homem de Pequim.** Muitos questionaram sua validade, baseada em estudos anteriores ao desaparecimento dos pedaços de ossos. Um problema sério é que essa criatura foi morta com um objeto pontiagudo, uma causa de morte altamente improvável para um pré-humano.⁵⁶

- **O Homem de Neandertal.** Sua postura curvada foi atribuída a uma deformidade óssea resultante de uma deficiência de vitaminas que os habitantes das cavernas sofriam por falta de luz solar. No mais, ele era um homem tão comum quanto qualquer um de nós.⁵⁷

- **O Celacanto.** Nenhum celacanto foi encontrado com pés evoluindo nele, na verdade foram encontrados celacanto vivos no presente, e são idênticos aos do registro fóssil de alguns milhões de anos atrás.

Os evolucionistas às vezes falam da evolução do avião ou do carro, de modelos simples a mais complexos mais tarde; contudo, nem avião e nem carro evoluem por processos naturais, mas por uma interferência inteligente. Formas de vidas diferentes podem ser semelhantes externamente ou até mesmo nos componentes básicos de seus códigos genéticos, mas ainda assim são partes de sistemas completamente distintos.

Assim como é necessário inteligência para criar Hamlet a partir de palavras selecionadas de um idioma, também é necessário inteligência para selecionar e organizar informação genética a fim de produzir uma variedade de espécies que se encaixam num biosistema. Da mesma forma, transformar um peixe num réptil, ou um réptil num pássaro, envolve mudanças drásticas e simultâneas em todos os sistemas biológicos do animal, e a evolução gradual não pode explicar isso, o mesmo se aplica ao sistema do código genético muito mais complexo.

• A Seleção Natural

Segundo o darwinismo, a seleção natural nada mais é do que uma força guiadora tão poderosa que pode iniciar com uma célula bacteriana e de modo

⁵⁶ Veja mais em: <<http://equipeapologetica.blogspot.com.br/2011/01/os-erros-na-teoria-da-evolucao-do-homem.html>>. E também: <<http://www.montfort.org.br/old/cadernos/evolucionismo.html#VI-2-d>>.

⁵⁷ Veja mais em: <<http://www.montfort.org.br/old/cadernos/evolucionismo.html#VI-2-d>>. E também: <<http://www.baptistlink.com/creationists/pilt.htm>>. E também: <<http://www.criacionismo.com.br/2013/11/como-sempre-disse-aqui-neandertal-era.html>>

gradual construir seus descendentes ao longo de bilhões de anos a fim de produzir maravilhas como árvores, flores, formigas, aves e seres humanos.

Na medida em que o diferencial de sobrevivência continua, a característica por fim se espalha através da espécie, e pode se tornar a base para mais melhoras cumulativas em sucessivas gerações. Dando-se tempo suficiente, suficientes mutações do “tipo certo”, órgãos extremamente complexos e padrões de comportamento adaptativos podem assim ser produzidos em pequenas etapas cumulativas, sem qualquer assistência de uma mente inteligente.

Isto é, tudo isso poderia ocorrer se a teoria fosse verdadeira, mas como Darwin não podia apontar exemplos fortes e impressionantes da seleção natural em ação, teve de confiar excessivamente em um argumento de analogia, a seleção artificial. A seleção artificial não é de forma básica o mesmo tipo de coisa da seleção natural, mas algo fundamentalmente diferente. Os criadores humanos produzem variações entre ovelhas e pombos para propósitos ausentes na natureza, incluindo o mero prazer de ver quanta variação pode ser obtida.

O que a seleção natural mostra, na verdade, é que há limites definidos à quantidade de variação que até os mais altamente habilidosos criadores podem alcançar. O cruzamento de animais não tem produzido novas espécies, no sentido comumente aceito de novas comunidades cruzadoras que são inférteis quando cruzadas com o grupo parental.

Os darwinistas salientam com orgulho as experiências laboratoriais com as moscas-das-frutas, mas essas experiências não têm produzido nada a não ser as moscas-das-frutas! A falta de tempo poderia ser uma desculpa razoável se não houvesse outro fator conhecido limitando a mudança que pode ser produzida pela seleção, mas na verdade a mudança seletiva é limitada pela variabilidade inerente no pool genético.

Após um número de gerações, a capacidade para as variações se esgota. Pode concebivelmente ser renovado pela mutação, mas se (e quão frequente) isso ocorre, tratarei em seguida.

• As mutações e a macroevolução

As mutações têm sido apresentadas como uma prova da macroevolução, por ser ela a principal causa de aparecimento de material genético diferenciado do original. Segundo o conhecimento empírico sobre mutações que ocorrem espontaneamente na natureza, as mesmas *aparecem apenas dentro do processo de microevolução*, dentro de uma estrutura já existente. Por anos tem sido ensinado que a hemoglobina A mudou, através de várias mutações, em b-hemoglobina A. Para isto, segundo os cientistas, seriam necessárias 120 mutações pontuais. Dr. George Wald, falando sobre a sua pesquisa disse:

“Não foi preciso um grande esforço de minha parte para descobrir que a mudança conhecida de um único aminoácido, na mutação da hemoglobina, não afetasse seriamente a função daquela hemoglobina”⁵⁸

Outro exemplo que procura usar a mutação como evidência do “salto evolutivo” é a suposta evolução dos tubarões. Devido a algumas similaridades, as lampreias são consideradas a forma de vida da qual os tubarões teriam evoluído, e a ideia desta suposta evolução vem principalmente da grande quantidade de dentes que estes dois animais possuem. Mas as lampreias têm uma boca afunilada com dentes pontiagudos alinhados em círculos concêntricos, sua língua também é coberta por dentes, enquanto os tubarões possuem dentes que não estão presos nos maxilares, trocando cerca de 1.800 dentes por ano.

A distância anatômica entre os dois organismos é muito grande, e, segundo pesquisadores evolucionistas, as mudanças para que uma transformação como essa ocorresse levaria cerca de 70 milhões de anos para serem consolidadas, e não existe uma única evidência no registro fóssil de que uma transformação assim tenha ocorrido.⁵⁹

Mutações chamadas positivas também são apresentadas como evidências de um mecanismo macroevolutivo, e alguns exemplos são os peixes cegos e insetos sem asas. Estes exemplos, porém, representam a eliminação de

⁵⁸ George Wald, *Mathematical Challenges to the Darwina Interpretation of Evolution*, editores Paul S. Moorhead e Martin M. Kaplan, publicação do simpósio no Wistar Institute of Anatomy and Biology, 25 e 26 de abril de 1966, Philadelphia, The Wistar Institute Press, 1967, p. 18-19.

⁵⁹ Philip Donoghue e Mark Purnell, *Genome Duplication, Extinction and Vertebrate Evolution*, *Trends in Ecology and Evolution*, Vol. 20, Issue 6, junho de 2005, p. 312-319;

membros ou funções do corpo destes organismos, tais evidências não contribuem em nada para a validação da macroevolução, pois a “vantagem” adquirida por estes seres vivos se deve a uma perda, e não a um ganho.

Dra. Lynn Margulis, do departamento de biologia da Universidade de Massachusetts, membro da National Academy of Science dos Estados Unidos, disse:

“Não tenho encontrado nenhuma evidência de que essas transformações [evolucionistas] possam ocorrer através do acúmulo de mudanças graduais”⁶⁰

As mutações não podem ser a causa da macroevolução porque, embora elas alterem o código genético, elas não codificam novas estruturas e funções, e nem criam informação genética, mas apenas selecionam, eliminam, duplicam, trocam ou recombinaem informação genética que já existe. Além do mais, uma suposta evolução darwiniana possui uma limitação que está relacionada com as mutações.

Um estudo do aumento de resistência das bactérias demonstrou que, de 120 possíveis trajetórias de mutações, 102 não são acessíveis à seleção natural proposta por Darwin, e a maioria restante possui uma probabilidade extremamente pequena de acontecer.⁶¹ A previsão macroevolutiva de mudança lenta em períodos muito longos de tempo (gradualismo) provou-se falsa no que se refere aos primórdios da aparição da vida e novas formas de vida. Desde os tempos de Darwin, a disciplina da paleontologia não oferece nenhuma evidência observável que apoie a macroevolução.

Quando uma nova “espécie” surge, o pool genético empobrece, e este empobrecimento continua ocorrendo dentro de cada “nova espécie” ou “raça” que surge. No início haveria múltiplas divisões de uma mesma espécie, causando o empobrecimento do pool genético, que diretamente levaria a uma diminuição da variabilidade. Em outras palavras, quanto maior o grau de adaptação, menor o número de variações, e quanto menor o grau de adaptação, maior o número de variações, este resultado observado é contrário ao descrito pela teoria da evolução proposta por Darwin, pois a tendência natural da especiação é a extinção.

⁶⁰ Lee M. Spetner, *Notby chance, Shattering the Modern Theory of Evolution*, Judaica Pr, 1998.

⁶¹ Daniel M. Weinreich, Nigel F. Delaney, Marka. DePristo e Daniel L. Hartl, *Darwinian Evolution Can Follow Only Very Few Mutational Paths to Fitter Proteins*, Science, Vol. 312, número 5770, p. 111-114.

• O darwinismo de mãos dadas com a eugenia

Oliver Wendell Holmes, juiz da suprema corte dos EUA, compreendeu que o darwinismo teria “derrubado” a crença religiosa tradicional dos seres humanos serem criados à imagem e semelhança de Deus, e, desta maneira, os valores morais são normalmente reduzidos a nada, pois, sendo os seres humanos uma coleção de átomos e um conjunto de instintos sem significado ou um propósito maior, nem a responsabilidade pessoal e nem mesmo o valor intrínseco da vida humana possuem qualquer posição de destaque.

Clarence Darrow, que defendera o ensino do darwinismo nas escolas públicas no famoso julgamento do macaco de Scopes, em um caso anterior, no julgamento de Leopold e Loeb, em 1924, usou o darwinismo em sua defesa de uma dupla de assassinos de crianças. Neste julgamento, Darrow argumentou que os assassinos eram vítimas de sua herança evolutiva violenta:

“A natureza é forte e cruel. Ela trabalha à sua própria maneira misteriosa, e nós como suas vítimas. Nós mesmos não temos muito a ver com isso. A natureza toma essa incumbência nas mãos, e então desempenhamos os nossos papéis”

Se cada ser humano é vítima da natureza e se o DNA é o destino, um assassino é apenas uma peça no jogo da vida, ninguém pode ser considerado culpado e nem pode ser punido. Holmes defendeu limitar a propagação pelos indesejáveis e matar recém-nascidos que não passassem no teste, e colocou seu pensamento em prática em 1927, no caso de Buck versus Bell.

A mãe de Carrie Buck tinha sido classificada como “débil mental”, um termo aplicado às mulheres pobres e das minorias, independente de elas realmente serem deficientes mentais. Carrie foi colocada em um lar adotivo e ficou grávida de um filho ilegítimo, e sua família adotiva prontamente entregou Carrie à Colônia do Estado da Virgínia para os epiléticos e débeis mentais.

O superintendente, Dr. Albert Sidney Priddy, declarou que ela era “incorrigível”, e se enquadrava na definição legal para débeis mentais. Alegando que a mãe da menina também tinha sido sexualmente imoral e imbecil, ele argumentou que Carrie era uma ameaça genética para a sociedade, e votou em favor da esterilização obrigatória dos deficientes mentais, a fim de melhorar o pool genético das gerações futuras.

A sentença para esterilizar foi dada, mas Carrie Buck, que não era nada débil, lutou contra a decisão até chegar à Suprema Corte, mas infelizmente tanto a Corte quanto Holmes decidiram contra ela em uma votação de 8 a 1. O chefe da Justiça Holmes assinou a decisão da maioria:

“Nós já vimos mais de uma vez que o bem-estar público pode recorrer aos melhores cidadãos por suas vidas. Seria estranho se ele não pudesse apelar para aqueles que já sugaram a força do Estado para esses sacrifícios menores, muitas vezes nem sentidos como tal pelos envolvidos, a fim de evitar sermos inundados pela incompetência. É melhor para todo o mundo que, em vez de esperar para executar os descendentes degenerados por crimes, ou deixá-los morrer de fome por sua imbecilidade, que a sociedade impeça, àqueles que são manifestamente inadequados, de dar continuidade à sua espécie. O princípio que sanciona a vacinação compulsória é amplo o suficiente para cobrir com corte das trompas de Falópio... Bastam três gerações de imbecis”⁶²

Para detalhes sobre o caso Buck e mais sobre a história de esterilização e eugenia nos Estados Unidos, ver West, “Breeding Our Way out of Poverty”, em “Darwin Day in America”.

O Estado esterilizou Carrie em 19 de outubro de 1927. Carrie se casou mais tarde e viveu uma vida produtiva ajudando os outros. Ela gostava de ler, escrever cartas e era ativa em sua Igreja Metodista. No momento de sua morte, em 1980, ela não foi considerada deficiente mental. Sua filha, Vivian, que também foi esterilizada, foi para escola durante dois anos e esteve até no rol de honra em certo ponto. Ela morreu quando tinha 8 anos.

Mais tarde ficou provado que Carrie tinha ficado grávida, não porque fosse promíscua, mas porque o sobrinho de sua mãe adotiva a estuprou. Assim sendo, ela pode ter sido acusada de promiscuidade e internada num asilo simplesmente para salvar a reputação de sua família adotiva. Talvez, esse fosse um dos motivos do porquê ela ser considerada como “incorrigível” após o tratamento.

⁶² Oliver Wendell Holmes, “Buck vs. Bell”, Cornell University Law School: Supreme Court Collection. Disponível em: <www.law.cornell.edu/supct/html/historics/USSC_CR_0274_0200_ZO.html>.

O trágico caso de Carrie não foi um “incidente” isolado. Do início de 1990 até 1958, mais de sessenta mil americanos foram considerados materiais de qualidade inferior e involuntariamente esterilizados, sendo que as minorias e os pobres eram alvos especiais, e muitas das vítimas não seriam consideradas deficientes mentais atualmente. Embora isso mais se pareça com cenas de filmes escabrosos de ficção científica, para nossa profunda tristeza é a mais dura realidade, mas tudo isso ocorreu graças ao movimento eugênico, que possui suas raízes na teoria da evolução.

• Ateísmo: o mito histórico

Os ateus sempre acusam o Cristianismo como sendo mais um mito, semelhante às outras religiões, e muito se orgulham disso. Mas o que é um mito? São relatos sobre seres ou acontecimentos imaginários, ideias falsas, que distorcem a realidade ou não corresponde a ela, algo fictício, irreal, considerado uma fábula. O ateísmo afirma que tudo existe através de uma geração espontânea, e alguns atribuem e consideram a idade do Universo de 13,7 bilhões de anos, um fator positivo para tal evento, pois o tempo é primordial para que a evolução aconteça.

Qual seria um limite máximo razoável do número de moléculas que poderiam ter se formado, em qualquer lugar do Universo, durante a sua existência (assumindo a idade de 13,7 bilhões de anos)? Isto seria equivalente ao cálculo da probabilidade de ganharmos na loteria. O número total de combinações da loteria supostamente corresponde ao número de proteínas que possivelmente se formaria a partir dos pequenos blocos padronizados de construção, e o bilhete vencedor seria correspondente ao pequeno agrupamento de tais proteínas que possuem as características especiais corretas das quais um organismo vivo (como uma simples bactéria) poderia ser formado.

Começemos com o número total de átomos existentes no nosso Universo, pois vida é feita de matéria conhecida como átomos. O número aceito de átomos no Universo é da ordem de 10 elevado a 80 (o número 1 seguido de 80 zeros). Precisamos agora definir outros dois fatores: o tempo desde o início até hoje e o Universo de interações atômicas por segundo por átomo. O tempo de 13,7 bilhões de anos seria equivalente a $4,32 \times 10^{17}$ segundos. Vamos

arredondar para 10 elevado a 18, o que seria equivalente a cerca de 30 bilhões de anos, ou seja: mais que o dobro da idade atualmente aceita.

Para o número de interações atômicas por segundo por átomo, vamos assumir 10 elevado a 12, o que é um número extremamente generoso, e que inclui também a parte cinética das reações químicas. Vamos assumir também que cada interação atômica sempre produz uma molécula, portanto: 10 elevado a 80x10 elevado a 18x10 elevado a 12 nos daria o número de 10 elevado a 110 moléculas únicas que teriam se formado desde o início do universo até hoje, e isso usando a idade de 30 bilhões de anos.

Imaginemos que, para a mais simples forma de vida primitiva aparecer, fossem necessárias 1.000 proteínas, das quais 999 já teriam se formado, sendo que ainda precisaríamos achar apenas a milésima proteína com a sequência correta de aminoácidos necessários, pois esta é a quantidade encontrada nos seres vivos. Estes 20 aparecem nas formas direita e esquerda (dextrógiros e levógiros), sendo que apenas os de simetria esquerda aparecem na constituição da vida. Vamos ainda ignorar este fato também e assumir apenas 20 aminoácidos.

Ignoremos, ainda, o fato de que a reação química envolvida na formação de longas cadeias de peptídios é extremamente improvável dentro de qualquer ambiente químico não-vivo (inorgânico), portanto o nosso alvo é apenas obter uma sequência de aminoácidos que venham a produzir uma estrutura protéica tridimensional com o melhor valor possível de funcionalidade.

Vários trabalhos de origem teórica, mas baseados em fatos experimentais, indicam que cerca de 50% do agrupamento de aminoácidos deve estar especificado de forma correta, tendo uma ordem correta. Se considerarmos uma proteína de 200 aminoácidos, o número de tentativas randômicas seria de 20 elevado a 100, ou 10 elevado a 130 (1,268x10 elevado a 130). Estamos considerando que, dos 200 aminoácidos, apenas a metade, 50%, deve estar em ordem correta.

Compare este valor, 10 elevado a 130, com o número máximo de interações desde o início do Universo até hoje, 10 elevado a 110 (considerando um Universo com 30 bilhões de anos e não com 13,7 bilhões). Esta análise mostra que qualquer tentativa, por mais lógica que parecer, de explicar um mecanismo

de geração espontânea da origem da vida terá de demonstrar que o mesmo é aceitável racionalmente do ponto de vista estático.

Mesmo fazendo com que as suposições sejam as mais favoráveis ao naturalismo, a estatística mostra a impossibilidade dentro da naturalidade evolucionista. Em outras palavras, como seria possível, dentro de uma lógica científica, aceitar um evento onde uma geração espontânea tenha ocorrido? As possibilidades são contra, sendo a probabilidade de uma geração espontânea, do ponto de vista científico e estatístico, inexistente, o que torna a intervenção sobrenatural ainda mais evidente, pois se algo não pode ocorrer naturalmente é porque o sobrenatural atuou.

Portanto, o ateísmo é um mito incoerente com a própria razão científica.

CAP. 3 - JESUS REALMENTE EXISTIU?



“Esses relatos independentes comprovam que nos tempos antigos até mesmo os adversários do Cristianismo jamais duvidaram da historicidade de Jesus, a qual, pela primeira vez e em bases inadequadas, veio a ser questionada por vários autores do final do século dezoito, do século dezenove e do início do século vinte”
(ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA)

Até aqui neste livro já provamos que:

- **Deus existe. Isso é provado por:**
 - Prova do Movimento
 - A Causalidade Eficiente
 - Prova da Contingência
 - Prova da Perfeição
 - Prova do governo do mundo

- Argumento Teleológico
- Argumento Cosmológico
- Argumento da Moralidade
- O Design Inteligente

• **Deus é um ser pessoal. Isso é provado por:**

- Argumento Cosmológico
- Argumento da Moralidade
- O Design Inteligente

• **A teoria da evolução é falsa. Isso é provado por:**

- Provas do Design Inteligente
- O Registro Fóssil
- Mutações
- Origem da Vida

Mesmo assim, um ateu poderia chegar até aqui na leitura e contestar:

“Mesmo que Deus exista e seja um ser pessoal, como isso prova que o Cristianismo é a religião verdadeira? Afinal, olhe quantas milhares de religiões existem no mundo! Como posso saber qual delas é a verdadeira?”

Este é um argumento válido. Tudo o que vimos até aqui prova que Deus existe e que Ele é um ser pessoal, mas não prova que especificamente o Cristianismo é a fé verdadeira. Afinal, pode ser que tudo isso seja verdade, mas que os islâmicos estejam com a razão. Como provar que o Cristianismo é a fé verdadeira, e não qualquer uma das outras milhares de religiões que há no mundo?

Primeiramente, há de se relatar que os argumentos que foram passados até aqui provam não a existência de qualquer conceito de Deus, mas de um *teísmo*. Já vimos que Deus não é meramente uma força superior cósmica, mas um ser pessoal e criador do Universo em todos os seus detalhes, responsável pela vida a partir da não-vida e pela matéria a partir do nada.

Em outras palavras, Deus *criou* tudo; Ele não *é* tudo, como ensinam os panteístas. A grande maioria das religiões que há no mundo são panteístas (ex: budismo, hinduísmo, nova era), que é uma crença diametralmente oposta a do teísmo. Os argumentos que vimos neste livro provam que Deus não é o

Universo, mas é o *criador* do Universo, um ser pessoal atemporal que deu início a toda a matéria. Isso elimina as possibilidades de alguma religião panteísta ser a verdadeira.

O mesmo princípio vale para as religiões politeístas: não podem existir dois deuses onipotentes ao mesmo tempo, ou seriam mutuamente excludentes. Vimos que só pode existir uma única causa primeira, e não duas. O politeísmo é contrário à lógica. Como Geisler e Turek apontam, “[não pode haver mais de um Ser infinito. Para distinguir-se um ser de outro, eles devem diferir em algum aspecto. Se diferem de alguma maneira, então um tem falta de uma coisa que o outro possui. Se um ser carece de alguma coisa que o outro possui, então o ser que tem falta não é infinito, porque, por definição, um ser infinito não carece de nada. Desse modo, só é possível existir um único Ser infinito](#)”⁶³.

Quando eliminamos as religiões panteístas e politeístas por apresentarem uma visão de mundo diametralmente oposta àquilo que as evidências científicas apontam – que é o teísmo – restam-nos apenas três grandes religiões do mundo que são *teístas* e que, portanto, tem alguma possibilidade de ser a religião verdadeira. São elas: Islamismo, Judaísmo e Cristianismo. Ainda assim, o cético poderia dizer:

[“Mas como você pode provar que, destas três, é o Cristianismo a religião verdadeira? Por que não o Judaísmo ou o Islamismo, ou até mesmo todas elas ao mesmo tempo?”](#)

Primeiramente, é bom explicar que, embora essas três religiões possuam a semelhança de serem teístas, elas não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo, por serem opostas umas às outras naquilo que tange ao mais essencial da fé. No Cristianismo, por exemplo, toda a essência da fé está baseada na morte de Jesus Cristo em expiação pelos nossos pecados e na sua ressurreição dos mortos para a nossa justificação pela fé. Mas nem o Judaísmo nem o Islamismo crêem na expiação pelos pecados, na justificação pela fé ou na ressurreição de Jesus. Portanto, se o Cristianismo é verdadeiro, essas outras religiões são falsas. Em contrapartida, se Jesus não ressuscitou ou a salvação não é mediante a fé, o Cristianismo que é uma grande farsa, e os apóstolos grandes mentirosos.

⁶³ TUREK, Frank; GEISLER, Norman. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. Editora Vida: 2006.

Então, o cerne da questão e o ponto nevrálgico de tudo isso é a ressurreição de Jesus. Somente assim poderíamos provar que é o Cristianismo, e não qualquer outra religião mundial – todas elas unanimemente negam a ressurreição de Jesus – que é a verdadeira. Não são todos os caminhos não levam a Deus. Se o Cristianismo é verdadeiro, somente Jesus leva a Deus (Jo.14:6), somente ele é o mediador entre Deus e os homens (1Tm.2:5), somente a fé nele pode nos salvar (Ef.2:8) e é a ressurreição, e não a reencarnação, que nos leva a uma vida eterna (Jo.5:28,29).

Os mais ecumênicos e relativistas deste mundo podem achar esta visão de mundo “exclusivista” demais. Mas não estamos aqui para seguir uma religião por ser mais exclusivista ou mais liberal, mas por ser a verdadeira. Estamos neste mundo para correr em busca da verdade, e não para criar nossas próprias verdades, que nada mais são do que mera ilusão.

Jesus disse que, se nós conhecêssemos a verdade, a verdade nos libertaria (Jo.8:32). Pode ser que essa verdade liberte muitos de uma visão relativista, pois, se o Cristianismo é verdadeiro, o relativismo é falso. Mas, para o Cristianismo ser verdadeiro, Jesus precisa ter ressuscitado dos mortos, que é o fundamento da fé cristã (1Co.15) e o que a distingue de todas as outras religiões. Antes disso, porém, precisamos provar que este Jesus *existiu* de fato. Se ele nunca existiu, como alegam alguns ateus, é inútil tentar provar sua ressurreição. Portanto, este capítulo será dedicado exclusivamente para provar a existência histórica de Jesus Cristo.

● Provas históricas da existência de Cristo

Muitos céticos, agnósticos e ateus questionam a veracidade de Jesus à luz da história. Se Jesus realmente não existiu, não há qualquer razão para ser cristão. De fato, o Cristianismo poderia ser considerado um belo modelo de conduta moral, mas totalmente falso, pregando o amor àquele que não existe, que alguém que nunca existiu deu a vida por nós e que nunca houve sua ressurreição dos mortos. Assim sendo, tudo aquilo que envolve expiação pelos pecados, salvação e justificação pela fé seria completamente aniquilado.

Por outro lado, se Jesus realmente existiu, já temos um primeiro importante passo para a veracidade da fé cristã. Isso provaria que os apóstolos não

inventaram uma história em torno de Jesus Cristo. Que alguém realmente acreditou ser o Verbo encarnado, que se fez homem, que habitou entre nós, que morreu e que – pelo menos de acordo com esses discípulos – teria ressuscitado dos mortos. Mas os ateus têm base histórica para negar a existência de Jesus?

Não, eles não têm. Alguns citam um texto falsamente atribuído ao papa Leão X, que teria dito:

“A fábula de Cristo é de tal modo lucrativa que seria loucura advertir os ignorantes de seu erro”

Essa frase é espalhada aos montões pelos sites ateus, como se fosse verdadeira. Na verdade, ela não passa de uma falsificação descarada, que sites sem um mínimo de credibilidade repassam sem nem ao menos citarem a fonte, porque ela não existe. Os poucos que citam alguma fonte mostram como sendo da 14ª edição da Enciclopédia Britânica, volume 19, página 217. Essas páginas não só **não mencionam** a tal citação, como nem mesmo aparecem no volume do artigo do papa Leão X!

A verdade por detrás dessa falsa citação que circula nos sites ateus é que ela foi feita por John Bale, que era um dramaturgo e satírico do século XVI. Ele escreveu muitas paródias, dentre elas uma obra satírica chamada de *O Cortejo dos Papas*, que é a verdadeira fonte da citação em questão. James Patrick Holding, em seu artigo intitulado: “Será que o papa Leão X realmente disse que Cristo era uma fábula”, elaborou cinco pontos simples que nenhum ateu que cita esse texto é capaz de responder:

1º Quando é que Leão X fez esta declaração? (o ano é suficiente)

2º Para quem fez este comentário, e quem ouviu?

3º Qual era o contexto que levou Leão fazer esta afirmação?

4º Em que documentos que aqueles que o ouviram as relatou?

5º Em que obras contemporâneas tudo isso é relatado?

A verdade é que, na inexistência de declarações históricas que contestem a existência de Cristo ou que atestem alguma farsa em torno da “criação” de um “mito” chamado Jesus, eles precisam desesperadamente apelar para a falsificação de textos. Isso porque a verdade histórica é incontestável: Jesus Cristo realmente existiu. E é isso o que veremos a partir de agora, citando autores não-cristãos que viveram no primeiro século e testemunharam da existência de Jesus Cristo.

Flávio Josefo (37 – 100 d.C)

Josefo foi o mais importante historiador judeu do século I, e seus escritos são bastante utilizados nas mais diversas áreas que envolvem a história daquela época, mais especialmente à guerra entre Jerusalém e Roma em 70 d.C, narrada por Josefo com detalhes. Como judeu e historiador, ele não deixou de expor aquilo que notoriamente ocorreu na Palestina pouco antes de ele nascer: o homem chamado Jesus. Vejamos alguns trechos de seu texto mais conhecido e analisemos com outras cópias encontradas:

“Naquela época vivia Jesus, homem sábio, se é que o podemos chamar de homem. Ele realizava obras extraordinárias, ensinava aqueles que recebiam a verdade com alegria e fez-se seguir por muitos judeus e gregos. Ele era o Cristo. E quando Pilatos o condenou à cruz, por denúncia dos maiores da nossa nação, aqueles que o amaram antes continuaram a manter a afeição por ele. Assim, ao terceiro dia, ele apareceu novamente vivo para eles, conforme fora anunciado pelos divinos profetas a seu respeito, e muitas coisas maravilhosas aconteceram. Até a presente data subsiste o grupo dos cristãos, assim denominado por causa dele”⁶⁴

Alguns ateus, na inexistência de qualquer contra-argumento satisfatório a este texto, afirmam que ele foi simplesmente falsificado, e que essa descrição de Jesus não passa de mera interpolação feita por algum escriba cristão primitivo. Ocorre, contudo, que a obra de Josefo nem cristã era. Josefo era judeu, não cristão. Sua obra não estava na posse dos cristãos com exclusividade. Elas eram dirigidas à comunidade judaica da Mesopotâmia, escritas em língua aramaica, posteriormente traduzida em outros idiomas.

⁶⁴ Antiquites, VIII, III.

Como é, então, que os judeus não-cristãos da Mesopotâmia (a quem suas obras eram dirigidas) iriam falsificar a obra de Josefo colocando o nome de Jesus ali? O que é que eles ganhariam com essa falsificação, se eles não eram cristãos? Ora, como todo escrito antigo, temos diversas cópias (manuscritos) da obra de Josefo, nas mais diversas línguas. Mas em **nenhuma delas** vemos a omissão da descrição de Jesus!

Se os judeus, para quem sua obra foi endereçada, não iriam fazer cópias falsificadas de seus escritos colocando Jesus ali (já que eles não teriam nada a ganhar com isso), então onde estão as cópias dos manuscritos judaicos de Josefo que omitem a menção a Jesus? Esperaríamos encontrar muitas delas, provavelmente a maioria, mas, ao invés disso, não encontramos nada!

Além disso, eruditos como Harnack, C. Burkitt e Emery Barnes, após longos e minuciosos estudos estilísticos e filológicos da obra de Josefo, afirmaram que o texto de Josefo sobre Jesus é autêntico em sua totalidade. Até mesmo quando os escribas traduziam sua obra para outros idiomas e tinham o “pé atrás” quanto a uma citação tão explícita sobre Jesus, eles não omitiam toda a passagem, mas a simplificavam. É por isso que o texto árabe da obra de Josefo diz:

“Naquela época vivia Jesus, homem sábio, de excelente conduta e virtude reconhecida. Muitos judeus e homens de outras nações converteram-se em seus discípulos. Pilatos ordenou que fosse crucificado e morto, mas aqueles que foram seus discípulos não voltaram atrás e afirmaram que ele lhes havia aparecido três dias após sua crucificação: estava vivo. Talvez ele fosse o Messias sobre o qual os profetas anunciaram coisas maravilhosas”

Se analisarmos as diferenças, são apenas estas: um diz que ele era o Cristo, o outro diz que talvez ele fosse; um diz que ele ressuscitou e apareceu vivo, outro diz que os seus discípulos acreditavam em tal fato. De qualquer modo, a existência histórica de Jesus é incontestável. Um sábio israelita, Shlomo Peres, estudou esses diferentes manuscritos e considera ter atingido a “versão mínima” de Flávio Josefo:

“Nesse tempo vivia um sábio chamado Jesus. Comportava-se de uma maneira correta e era estimado pela sua virtude. Muito foram os que, tanto Judeus como pessoas de outras nações, se tornaram seus discípulos. Pilatos condenou-o a ser

crucificado e a morrer. Mas aqueles que se tinham tornado seus discípulos não deixaram de seguir a sua doutrina: contaram que ele lhes tinha aparecido três dias depois da sua crucifixão e que estava vivo. Provavelmente ele era o Messias sobre quem os profetas contaram tantas maravilhas”

Portanto, vemos que até mesmo quando traduzida por escribas em outros idiomas e por outros povos, **que não eram cristãos e não tinham nada a ganhar falsificando um texto para provar a existência de Jesus**, ainda assim vemos a existência histórica de Jesus Cristo sendo confirmada irrefutavelmente.

Mas essa não foi a única menção de Josefo acerca de Jesus. Ele também disse:

“Mas o jovem Anano, que, como já dissemos, assumia a função de sumo-sacerdote, era uma pessoa de grande coragem e excepcional ousadia; era seguidor do partido dos saduceus, os quais, como já demonstramos, eram rígidos no julgamento de todos os judeus. Com esse temperamento, Anano concluiu que o momento lhe oferecia uma boa oportunidade, pois Festo havia morrido, e Albino ainda estava a caminho. Assim, reuniu um conselho de juízes, perante o qual trouxe **Tiago, irmão de Jesus chamado Cristo**, junto com alguns outros, e, tendo-os acusado de infração à lei, entregou-os para serem apedrejados”⁶⁵

Temos aqui não apenas outra referência de Josefo sobre Jesus, mas também a confirmação de que tinha um irmão chamado Tiago que, obviamente, não era bem visto pelas autoridades judaicas. Não há sequer uma única pista que este outro texto possa ser forjado, tornando tais objeções dos ateus como mera tentativa de negar o óbvio que está diante dos seus olhos.

Na verdade, a Igreja Católica papal medieval não teria nenhuma razão para adulterar este texto, muito pelo contrário, pois ele diz claramente que Tiago era *irmão*, e não *primo* de Jesus, como a Igreja Católica alega. A Igreja Católica ensina o dogma da virgindade perpétua de Maria, segundo o qual os irmãos de Jesus não eram irmãos, mas primos. Portanto, que razão teria a Igreja Católica em adulterar um texto que iria contra os seus próprios dogmas? Quando muito, se tivesse falsificado algo teria obviamente dito “primo” de Jesus, e não “irmão” dele, o que vai contra os seus próprios dogmas!

⁶⁵ Antiguidades, 20.9.1.

Como os ateus respondem a mais essa evidência? Muitos afirmam que esse Tiago não é o irmão de Jesus, pois ele teria sido morto pela espada muito antes daquele acontecimento (At.12:2). Seria verdade? Pois bem, vejamos o que Paulo tem a nos dizer sobre isso:

“Depois, passados três anos, fui a Jerusalém para ver a Pedro, e fiquei com ele quinze dias. E não vi a nenhum outro dos apóstolos, senão a Tiago, irmão do Senhor” (Gálatas 1:18,19)

Na narração citada em Atos, Paulo ainda não era convertido ao Cristianismo, e ele não chegou a conhecer Tiago, que foi o primeiro apóstolo mártir da Igreja. Mas como esse Tiago poderia ser o irmão de Jesus, se depois de sua conversão Paulo se encontrou com ele? Na verdade, eles tentam aplicar esse fato a outro Tiago, que é irmão de João, e não o irmão de Jesus. Mas, como vimos, o Tiago que Flavio Josefo se refere é mesmo o irmão de Jesus. Portanto, vimos aqui mais uma das provas dentro da história narrado por um judeu não-cristão, um historiador respeitado no mundo todo até hoje, e que vai totalmente de acordo com as narrativas dos evangelhos e das epístolas paulinas.

Norman Geisler e Frank Turek complementam:

“Por que Josefo não fez mais referências a Jesus? Podemos conjecturar que, como historiador do imperador, Josefo tinha de escolher os temas e as palavras com muito cuidado. De modo mais patente, Domiciano suspeitava de tudo o que pudesse ser associado a sedição. Esta nova seita chamada cristianismo poderia ter sido considerada sediciosa porque os cristãos tinham esse novo e estranho sistema de crenças e recusavam-se a adorar César e os deuses romanos. Como resultado disso, Josefo certamente não queria alarmar ou irritar seu chefe ao escrever um grande número de comentários favoráveis sobre o cristianismo”⁶⁶

Todavia, essas duas referências confirmam a existência de Jesus e de Tiago e corrobora os relatos do Novo Testamento. Ademais, temos também várias menções de Josefo a outro personagem bíblico importante nas narrativas bíblicas, aquele que “abriu o caminho” para o ministério de Jesus Cristo na terra. Trata-se de João Batista, outro que é considerado um mito para os ateus.

⁶⁶ TUREK, Frank; GEISLER, Norman. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. Editora Vida: 2006.

Primeiro há uma referência indireta a ele, podendo, com toda a probabilidade, tratar-se de João Batista:

“Vivia tão austeramente no deserto que só se vestia da casca das árvores e só se alimentava com o que a mesma terra produz; para se conservar casto banhava-se várias vezes por dia e de noite, na água fria; resolvi imitá-lo!”⁶⁷

O texto em pauta faz irresistivelmente pensar em João Batista. A semelhança com João, o Batista, da Bíblia Sagrada, é notável:

“Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia [...] Usava João vestes de pêlos de camelo e cintos de couro; a sua alimentação eram gafanhotos e mel silvestre” (Mateus 3:1,4)

Mas não para por aqui. Josefo também faz uma **referência direta a João Batista**, quando diz:

“Vários julgaram que aquela derrota do exército de Herodes era um castigo de Deus, **por causa de João, cognominado Batista**. Era um homem de grande piedade, que exortava os judeus a abraçar a virtude, a praticar a justiça **e a receber o batismo**, depois de se terem tornado agradáveis a Deus, não se contentando em só não cometer pecados, mas unindo a pureza do corpo à pureza da alma. Assim como uma grande multidão de povo o seguia para ouvir a sua doutrina, Herodes, temendo que o poder que ele tinha sobre eles viesse a suscitar alguma rebelião, porque eles estavam sempre prontos a fazer o que ele lhes ordenasse, julgou dever prevenir o mal para não ter motivo de se arrepender por ter esperado muito para remediá-lo. Por esse motivo mandou prendê-lo numa fortaleza de Maquera, de que acabamos de falar, e os judeus atribuíram essa derrota de seu exército a um castigo de Deus por um ato tão injusto”⁶⁸

Qual seria a razão para João Batista ser um personagem real e exatamente conforme o relato bíblico diz sobre ele: um homem no deserto que só se vestia da casca das árvores e só se alimentava com o que a mesma terra produz, que exortava os judeus ao arrependimento e que os batizava, se Jesus é um mito? Se a Bíblia é falsa e Jesus é um mito criado por charlatões, obviamente João

⁶⁷ História dos Hebreus, p. 476.

⁶⁸ Antiguidades Judaicas. Livro XVIII. Capítulo VII. Parágrafo 781.

Batista, que preparou o caminho para Cristo e que é um personagem fatídico e crucial para a existência dele também seria um mito. Mas, se ele realmente existiu, temos todas as evidências para crer que aquele que é o personagem central da história de João Batista também existiu: Jesus Cristo.

Tácito (55 – 120 d.C)

Públio Cornélio Tácito foi governador da Ásia, pretor, cônsul, questor, historiador romano e orador. Em seus “Anais da Roma Imperial” mencionou Cristo e os cristãos de seus dias. No ano de 64 d.C, o imperador Nero mandou incendiar Roma e colocou a culpa em cima dos cristãos. Isso culminou na primeira grande perseguição aos cristãos, que levou ao martírio milhares deles, incluindo Paulo e Pedro.

Durante os três séculos seguintes, vários imperadores promoveram perseguições, inclusive com os espetáculos de circo, onde os cristãos eram atirados para serem devorados pelas feras. Porém, quanto mais eram perseguidos e martirizados, mais aumentavam em número, como bem destacou Tertuliano (séc.II): *sanguis martyrum est sêmen christianorum* – “o sangue dos mártires é semente para fazer novos cristãos”.

Tácito narra a perseguição aos cristãos no primeiro século nas seguintes palavras:

“Para destruir o boato (que o acusava do incêndio de Roma), Nero supôs culpados e infringiu tormentos requintadíssimos àqueles cujas abominações os faziam detestar, e a quem a multidão chamava cristãos. **Este nome lhes vem de Cristo, que, sob o principado de Tibério, o procurador Pôncio Pilatos entregara ao suplício.** Reprimida incontinenti, essa detestável superstição repontava de novo, não mais somente na Judeia, onde nascera o mal, mas anda em Roma, pra onde tudo quanto há de horroroso e de vergonhoso no mundo aflui e acha numerosa clientela”⁶⁹

Tácito não era cristão. Ele considerava o Cristianismo uma “detestável superstição”, como muitos o consideram hoje. **Mas ele admitia sua existência**

⁶⁹ Tácito, Anais , XV, 44 trad. 1 pg. 311; 3.

histórica já naqueles dias. Em seus Anais, ele descreve o martírio desses cristãos nas seguintes palavras:

“Uma grande multidão foi condenada não apenas pelo crime de incêndio, mas por ódio contra a raça humana. E, em suas mortes, eles foram feitos objetos de esporte, pois foram amarrados nos esconderijos de bestas selvagens e feitos em pedaços por cães, ou cravados em cruzes, ou incendiados, e, ao fim do dia, eram queimados para servirem de luz noturna”⁷⁰

Em todo este quadro, vemos como é incontestável a existência histórica de Jesus e dos cristãos, bem como da perseguição a estes, ainda no primeiro século da era cristã. A importância deste último livro de Tácito (Anais) e a sua autoridade são hoje reconhecidas no mundo inteiro. No 15º livro dos Anais, a partir do parágrafo XXXVIII, Tácito começa a narrar o terrível incêndio que quase destruiu totalmente Roma no ano 64 d.C. A seguir a citação integral do relato de Tácito:

“Mas nem todos os socorros humanos, nem as liberalidades do imperador, nem as orações e sacrifícios aos deuses podiam diminuir o boato infamatório de que o incêndio não fora obra do acaso. **Assim Nero, para desviar de si as suspeitas, procurou achar culpados, e castigou com as penas mais horrorosas a certos homens que, já dantes odiados por seus crimes, o vulgo chamava cristãos. O autor desse seu nome foi Cristo, que no governo de Tibério foi condenado ao último suplício pelo procurador Pôncio Pilatos.** A sua perniciosa superstição, que até ali tinha estado reprimida, já tornava a alastrar-se não só por toda Judeia, origem deste mal, mas até dentro de Roma, aonde todas as atrocidades do Universo, e tudo quanto há de mais vergonhoso vem enfim acumular-se, e sempre acham acolhimento. Em primeiro lugar se prenderam os que confessavam ser cristãos, e depois, pelas denúncias destes, uma multidão inumerável, os quais, além de terem sido acusados como responsáveis pelo incêndio, foram apresentados como inimigos do gênero humano. O suplício destes miseráveis foi ainda acompanhado de insultos, porque ou os cobriram com peles de animais ferozes para serem devorados pelos cães, ou foram crucificados, ou os queimaram de noite para servirem como archotes e tochas ao público. Nero ofereceu os seus jardins para este espetáculo, e ao mesmo tempo dava-se os jogos do Circo, misturado com o povo em trajes de cocheiro, ou guiando carroças. Desta forma, ainda que

⁷⁰ Tácito, Anais, XV.44.

culpados e dignos dos últimos suplícios, mereceram a compaixão universal por se ver que não eram imolados à utilidade pública, mas aos passatempos atroz de um bárbaro”⁷¹

À luz de mais essa confirmação do Jesus histórico, o grande historiador inglês Edward Gibbon (1737-1794) confessou:

“A crítica mais cética deve respeitar a verdade desse fato extraordinário e a integridade desse tão famoso texto de Tácito”⁷²

Afirmar que todas essas citações de Tácito sobre Cristo e os cristãos ainda em pleno século I foram falsificadas é não apenas argumentar no vazio, sem nenhum fundamento para tanto, mas também desprezar todo o contexto. As citações aos cristãos permeiam todo o contexto, não são interpolações acrescentadas posteriormente, o que obviamente quebraria a sequência lógica de ideias.

Tácito deixou também em seu livro outro importante registro relacionado ao Cristianismo quando falou do julgamento de uma mulher pertencente à alta sociedade romana, chamada Pompônia Grecina. Essa mulher foi acusada de ter passado a fazer parte do número de pessoas que praticavam “uma superstição importada”:

“Pompônia Grecina, dama da alta sociedade (esposa de Aulo Plácio, que fez jus, como já mencionado, à vocação com sua campanha contra a Grã-Bretanha), foi acusada de aderir a uma **superstição importada**; o próprio marido a entregou; segundo precedentes antigos, apresentou aos membros da família o caso que envolvia a condição legal e dignidade da esposa. Esta foi declarada inocente. Pompônia, porém, passou a transcorrer sua longa vida em constante melancolia; morta Júlia, filha de Druso, viveu ainda quarenta anos trajando luto e fartando-se de tristeza. Sua absolvição, ocorrida em dias de Cláudio (Nero), veio a ser-lhe motivo de glória”⁷³

Tácito, neste texto, não fala explicitamente que essa religião era a cristã, mas ele se refere a ela como sendo uma “superstição importada”, que foi **exatamente a mesma palavra que ele usou naquele mesmo livro para se referir aos**

⁷¹ Tácito. Anais. Tradução de J.L. Freire de Carvalho. W.M. Jackson Inc. Rio de Janeiro. 1950. pp 405-409.

⁷² Dialogus de Oratoribus.

⁷³ Anais. Livro XIII. Parágrafo XXXII.

cristãos, quando disse que o Cristianismo era uma “superstição” que começou na Judeia e na sua época já havia se espalhado pelo mundo, por isso o termo “superstição importada” (i.e, que veio de fora).

Prova ainda mais forte que a sua conversão de Pompônia Grecina (de que trata o texto) foi realmente a fé cristã é o fato de que a arqueologia comprova que ela realmente se converteu ao Cristianismo. Foram descobertas nas Catacumbas de Roma inscrições datadas do século III, fazendo referência à família Pompônia (*gens pomponia*) com vários de seus membros convertidos ao Cristianismo, o que nos revela que esta referência indireta da parte de Tácito trata-se de mais uma menção da existência dos seguidores de Jesus já no primeiro século da era cristã.

Luciano de Samosata (125 – 181 d.C)

Luciano de Samosata foi um satirista grego, que costumava satirizar e criticar duramente os costumes e a sociedade da época. Em uma de suas obras, conhecida como *A Passagem do Peregrino*, ele zomba de Cristo e dos cristãos:

“Foi então que ele [Proteus] conheceu a maravilhosa **doutrina dos cristãos**, associando-se a seus sacerdotes e escribas na Palestina. (...) E o consideraram como protetor e o tiveram como legislador, logo abaixo do outro [legislador], aquele que eles ainda adoram, o homem que **foi crucificado na Palestina** por dar origem a este culto (...) Os pobres infelizes estão totalmente convencidos que eles serão imortais e terão a vida eterna, desta forma eles desprezam a morte e voluntariamente se dão ao aprisionamento; a maior parte deles. Além disso, seu primeiro legislador os convenceu de que eram todos irmãos, uma vez que eles haviam transgredido, negando os deuses gregos, e **adoram o sofista crucificado vivendo sob suas leis**”⁷⁴

Luciano diz que Peregrino (100 – 165 d.C), após ter fugido de sua cidade natal por causa de uma acusação de assassinato, se uniu aos cristãos e logo se tornou um profeta, presbítero e chefe de sinagoga. Na Palestina, ele é preso e lá recebe o cuidado de seus amigos cristãos, que, de acordo com Luciano, “**tudo fizeram**

⁷⁴ Passagem do Peregrino, 11 e 13.

para livrá-lo, mas como isso não foi possível, dispensaram assistência constante para com ele”⁷⁵.

Luciano também afirma em “A Morte do Peregrino”:

“Os cristãos, vocês sabem, adoram um homem neste dia – a distinta personagem que lhes apresentou suas cerimônias, e foi crucificado por esta razão”⁷⁶

Isso indica que, naquela época, já era bem conhecido o fato de que os cristãos cultuavam ao “homem crucificado”, o que nos mostra que já existia culto cristão em andamento já no primeiro e segundo século, fato este confirmado por fontes históricas cristãs e não-cristãs, sendo, portanto, inócuo crer que Jesus seja um “mito”, uma vez que não se cria um “mito” em tão pouco tempo.

Os ateus em sua incredulidade alegam (sem inteiramente prova nenhuma) que o “mito” Jesus nasceu no quarto século, contrariando todas as provas históricas cristãs e não-cristãs que provam não somente a existência de Cristo por pessoas do primeiro e segundo século, como também do próprio culto cristão primitivo já em vigor neste período.

Luciano de Samosata também fala de um certo “profeta” de Asclepius, no Ponto, fazendo uso de uma cobra domesticada. Quando os rumores estavam por desmascarar sua fraude, ele diz de forma sarcástica:

“Ele promulgou um edito com o objetivo de assustá-los, dizendo que o Ponto estava cheio de ateus e cristãos que tinham a audácia de pronunciar os mais vis perjúrios sobre ele; a estes, ele os expulsaria com pedras, se quisessem ter seu deus gracioso”⁷⁷

A existência dos cristãos, seguidores de Jesus Cristo, ainda no segundo século, é uma prova irrefutável contra aqueles que pregam que Jesus é um mito histórico. Isso porque, se Cristo fosse um mito, precisaria de muito mais tempo para ser desenvolvido. Os céticos ateus que questionam a existência do Jesus histórico apelam que Cristo é uma invenção do terceiro ou quarto século e, portanto, não

⁷⁵ Passagem do Peregrino, 12.

⁷⁶ A Morte do Peregrino, 11-13.

⁷⁷ Luciano de Samosata, Alexandre, o monge-oráculo, pp. 223-224.

poderiam existir cristãos (seguidores de Cristo) já no início do segundo século. Sendo assim, mesmo entre aqueles que zombavam de Cristo e de seus seguidores, a *existência* destes era indiscutível.

Plínio, o Jovem (61 – 114 d.C)

Caio Plínio Cecílio Segundo, mais conhecido simplesmente como “Plínio, o Jovem”, foi um orador, jurídico e governador imperial na Bitínia. Em suas cartas ele confessa que já tinha matado muitos homens, mulheres e crianças, e, em função dessa grande carnificina, tinha dúvidas se deveria continuar matando. E aqui entra o detalhe que é a razão de todo o nosso foco: essas pessoas estavam sendo mortas por se dizerem cristãos.

Seu único erro, de acordo com Plínio, era terem o costume de se reunirem antes do amanhecer num certo dia determinado, cantando hinos a Cristo, tratando-o como Deus, e prometendo solenemente uns aos outros a não cometerem maldade alguma, não defraudarem, não roubarem, não adulterarem, não mentirem e não negarem a Cristo. Os cristãos estavam sendo incitados a amaldiçoarem a Cristo e a se prostrarem diante das imagens do imperador romano Trajano:

“Os fez amaldiçoarem a Cristo, o que não se consegue obrigar um cristão verdadeiro a fazer”⁷⁸

Em suas 122 cartas trocadas com este imperador, ele aborda várias vezes o assunto sobre como lidar com a fé dos cristãos, e diz:

“É meu costume, meu senhor, referir a ti tudo aquilo acerca do qual tenho dúvidas... Nunca presenciei a julgamento contra os cristãos... Eles admitem que toda sua culpa ou erro consiste nisso: que se reúnem num dia marcado antes da alvorada, para cantar hino a Cristo como Deus... Parecia-me um caso sobre o qual devo te consultar, sobretudo pelo número dos acusados... De fato, muitos de toda idade, condição e sexo, são chamados em juízo e o serão. O contágio desta superstição invadiu não somente as cidades, mas também o interior; parece-me que ainda se possa fazer alguma coisa para parar e corrigir”⁷⁹

⁷⁸ Epístolas X, 96.

⁷⁹ Epístola X, 97.

Vale lembrar que naquela região em que Plínio governava estavam os “[eleitos que são forasteiros da dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia](#)” (1Pe.1:1), a quem Pedro destinou sua primeira epístola. Este décimo volume de Plínio, em que ele fala sobre os cristãos e o Cristianismo, pode ser conferido em sua totalidade nas linhas que se seguem:

[“Adotei, senhor, como regra inviolável recorrer às vossas luzes em todas as minhas dúvidas; pois quem mais apto a remover os meus escrúpulos ou a guiar-me nas minhas incertezas do que vossa pessoa? Nunca tendo assistido aos julgamentos de cristãos, ignoro o método e os limites a serem observados no processo e punição deles: se, por exemplo, alguma diferença deva ser feita com respeito à idade ou, ao contrário, nenhuma distinção se observe entre o jovem e o adulto; se o arrependimento admite perdão; se a um indivíduo que foi cristão aproveita retratar-se; se é punível a mera confissão de pertencer ao Cristianismo, ainda que sem nenhum ato criminoso, ou se só é punível o crime a ele associado. Em todos esses pontos tenho grandes dúvidas. Por enquanto, o método por mim observado para com aqueles que me foram denunciados como cristãos tem sido o seguinte: pergunto-lhes se são cristãos; se confessam, repito duas vezes a pergunta, acrescentando uma ameaça de punição capital; se perseveram, mando executá-los; pois estou convencido de que, qualquer que seja a natureza do seu credo, uma obstinação contumaz e inflexível certamente merece castigo. Outros fanáticos dessa espécie me têm sido trazidos que, por serem cidadãos romanos, remeto para Roma. Essas acusações, pelo simples fato de estar sendo o assunto investigado, começaram a estender-se, e várias formas do mal vieram à luz. Afixaram um cartaz sem assinatura, denunciando pelo nome grande número de pessoas. Aqueles que negaram ser ou ter sido cristãos, que repetiram comigo uma invocação aos deuses e praticaram os ritos religiosos com vinho e incenso perante a vossa estátua \(a qual para este propósito mandei buscar juntamente com as dos deuses\), e finalmente amaldiçoaram o nome de Cristo \(o que não se pode arrancar de nenhum verdadeiro cristão\), julguei acertado absorver. Outros que foram denunciados pelo informante confessaram-se a princípio cristãos, depois o negaram; de fato, haviam sido cristãos, mas abandonaram a crença \(uns faz três anos, outros há muito mais tempo, sendo que alguns há cerca de vinte e cinco anos\). Todos prestaram culto à vossa estátua e às imagens dos deuses, e amaldiçoaram o nome de Cristo. Afirmaram, contudo, que todo o seu crime ou erro se reduzia a terem se encontrado em determinado dia antes do nascer do sol, cantando](#)

então uma antífona (pequeno versículo cantado, antes ou depois de um salmo) como a um Deus, ligando-se também por solene juramento de não cometer más ações, e de nunca mentir e de nunca trair a confiança neles depositada; depois do que, era costume se separarem, e então se reunirem novamente para tomarem em comum algum alimento – alimento de natureza inocente (inofensiva). Todavia, até esta última prática haviam abandonado após a publicação do meu edito, pelo qual, de acordo com as vossas ordens, proibira eu as reuniões políticas. Julguei necessário empregar a tortura para ver se arrancava toda a verdade de duas escravas chamadas diaconisas. Nada, porém, descobri, senão excessiva superstição. Julguei por isso de bom aviso adiar qualquer resolução nesta matéria, a fim de pedir o vosso conselho. Porque o assunto merece a vossa atenção, especialmente se levar em conta o número de pessoas em risco: indivíduos de todas as condições e idades, e dos dois sexos, estão e serão envolvidos no processo. Pois esta contagiosa superstição não se confina nas cidades somente, mas espalha-se pelas aldeias e pelos campos. Todavia parece-me ainda possível detê-la e curá-la. Os templos, pelo menos, que andavam quase desertos, recomeçaram agora a ser frequentados, e as solenidades sagradas, após uma longa interrupção, são de novo revividas; e há geral procura de animais para os sacrifícios, para os quais até bem pouco tempo poucos compradores apareciam. Por aí é fácil imaginar a quantidade de pessoas que se poderão salvar do erro, se deixarmos a porta aberta ao arrependimento”

Esta carta de Plínio a Trajano prova não apenas a existência dos cristãos no primeiro século d.C, como também nos fala a respeito de seu culto e retrata fielmente a perseguição que eles já sofriam desde aquela época, sendo tratados como ateus por não aceitarem o culto ao imperador romano.

Imperador Trajano (53 – 117 d.C)

O mais interessante nesta carta de Plínio é que ela não ficou sem resposta. Em resposta à carta de Plínio, o imperador romano Trajano deu as seguintes orientações sobre como punir os cristãos:

“Nenhuma pesquisa deve ser feita por essas pessoas, quando são denunciados e culpados devem ser punidos, com a restrição, porém, que quando o partido nega-se a ser um cristão, e deve dar provas de que ele não é (que é adorando

nossos deuses), ele será absolvido no chão de arrependimento, embora ele possa ter anteriormente efetuadas suspeitas”⁸⁰

Essa correspondência também nos mostra a antiga perseguição aos cristãos, que escapariam da punição somente “quando se nega a ser um cristão” e dava provas de que ele adorava os deuses romanos. Como tal condição era completamente contrária à prática cristã, muitos deles eram mortos e perseguidos por causa de sua fé, já no primeiro século.

Todos esses documentos apresentados até agora são mais do que suficientes para fazer silenciar todas as insinuações de que Jesus Cristo nunca existiu. Que mito, que fantasma, que figura lendária seria capaz de levar milhares de pessoas a morrerem por não negarem o seu nome? Os judeus daquela época teriam criado uma lenda, a fim de morrerem por ela? De modo algum!

Outras partes da resposta do imperador romano à carta de Plínio podem ser lidas nas linhas abaixo:

“No exame de denúncias contra feitos cristãos, querido Plínio, tomaste o caminho acertado. Não cabe formular regra dura e inflexível, de aplicação universal. Não se pesquise. Mas se surgirem outras denúncias que procedam, aplique-se o castigo, com essa ressalva de que se alguém negar ser cristão e, mediante a adoração dos deuses, demonstrar não o ser atualmente, deve ser perdoado em recompensa de sua emenda, por muito que o acusem suspeitas relativas ao passado. Não merecem atenção panfletos anônimos em causa alguma; além do dever de evitarem-se antecedentes iníquos, panfletos anônimos não condizem absolutamente com os nossos tempos”⁸¹

Se Cristo não tivesse sido uma pessoa real, histórica, estas duas cartas não existiriam hoje, pois não haveria cristãos no mundo para motivá-las!

Suetônio (69 – 141 d.C)

Caio Suetônio Tranquilo, ou simplesmente Suetônio, foi um grande escritor latino que nasceu em 69 da era cristã, em Roma. Suetônio era o historiador

⁸⁰ Plínio, o Jovem, L, 10:97.

⁸¹ “Documentos da Igreja Cristã” (p.30).

romano oficial da corte de Adriano, escritor dos anais da Casa Imperial. Ele também faz referência a Cristo e aos seus seguidores. Na *Vida dos Doze Césares*, publicada nos anos 119-122, diz que o imperador Cláudio expulsou os judeus de Roma por causa de um certo Cresto [Cristo]:

“Judacos, impulsore Cresto, assidue tumultuantes Roma expulsi”. Quer dizer: “O Imperador Cláudio expulsou de Roma os Judeus que viviam em contínuas desavenças por causa de um certo Cresto”.

“Cresto” é uma variante de “Cristo”, e também era um erro ortográfico comum naqueles dias. Também em outro texto, Suetônio cita a perseguição aos cristãos de sua época, que eram destinados ao suplício:

“Os cristãos, espécie de gente dada a uma superstição nova e perigosa, foram destinados ao suplício”⁸²

E escreve novamente naquela mesma obra:

“Nero infligiu castigo aos cristãos, um grupo de pessoas dadas a uma superstição nova e maléfica”⁸³

Tal ocasião se deu exatamente no reinado do imperador romano Nero, que sucedeu a Cláudio. Suetônio era outro que já mencionava a perseguição aos seguidores de Cristo em sua época, isto é, no primeiro século. Isso confirma os escritos bíblicos sobre a perseguição sofrida pelos cristãos já no primeiro século, e mostra-nos uma surpreendente semelhança com os relatos bíblicos sobre tais fatos:

Em Suetônio (escritor não-cristão)	Na Bíblia
“O imperador Cláudio expulsou de Roma os judeus que viviam em contínuas desavenças por causa de um certo Cresto (Cristo)”	“E, achando um certo judeu por nome Áquila, natural do Ponto, que havia pouco tinha vindo da Itália, e Priscila, sua mulher (pois Cláudio tinha mandado que todos os judeus saíssem de Roma), ajuntou-se com eles” (Atos 18:2)

⁸² Suetônio, *Vida dos doze Césares*, n. 25, p. 256-257.

⁸³ *ibid.*

“Os cristãos, espécie de gente dada a uma superstição nova e perigosa, foram destinados ao suplício”	“Então eles os entregarão para serem perseguidos e condenados à morte, e vocês serão odiados por todas as nações por minha causa” (Mateus 24:9)
---	--

Talo (55 d.C)

Talo foi um antigo historicista samaritano que escreveu entre os anos de 50 e 55 d.C, sendo um dos primeiros escritores não-cristãos a mencionar Cristo. Isso é reconhecido por Julio Africano⁸⁴, Lactâncio⁸⁵, Teófilo⁸⁶, Tertuliano⁸⁷ e Justino⁸⁸. Talo também é citado pelo judeu Flávio Josefo⁸⁹. No entanto, seus escritos se perderam, e deles temos conhecimento somente através de pequenas citações feitas por outros escritores. Um desses autores que faz menção aos escritos de Talo é Julio Africano, quando fala da escuridão que cobriu a terra durante a crucificação de Cristo:

“Talo, no terceiro dos seus livros que escreveu sobre a história, explica essa escuridão como um eclipse do sol – o que me parece ilógico”⁹⁰

Como vemos, os não-cristãos da época de Cristo procuravam oferecer explicações naturalmente razoáveis para as trevas que ocorreram sobre a terra na morte de Jesus. Ao invés de simplesmente dizerem que esse Cristo que era adorado pelos cristãos “nunca existiu”, eles *sabiam* da existência histórica de Jesus e daquilo que aconteceu na cruz.

De acordo com o relato bíblico, “já era quase a hora sexta e, escurecendo-se o sol, houve trevas sobre toda a terra até a hora nona” (Lc.23:44; Mt.27:45; Mc.15:33). Esse fenômeno que causou a escuridão como um dos fatos intrigantes da morte de Cristo é aludida até por aqueles que não eram cristãos. Paul Maier fala sobre esse período de trevas que cobriram a terra durante aquelas três horas:

⁸⁴ Fragments, XII.

⁸⁵ Divine Institutes, XIII.

⁸⁶ To Autolyous, III, XXIX.

⁸⁷ Apology, X.

⁸⁸ Horatory to address to the greeks, IX.

⁸⁹ História dos Judeus – CPAD, 2000, pp.424.

⁹⁰ MACDOWELL, Josh, Evidências que exigem um veredito, Cadeia, 1992, pp.107.

“Esse fenômeno, evidentemente, foi visível em Roma, Atenas e outras cidades do Mediterrâneo. Segundo Tertuliano foi um evento cósmico ou mundial. Flêgão, um outro grego da Cária, escreveu uma cronologia pouco depois de 137 dC em que narra como no quarto ano das Olimpíadas de 202 (ou sejam 33dC), houve um grande eclipse solar, e que anoiteceu na sexta hora do dia, de tal forma que até as estrelas apareceram no céu. Houve um grande terremoto na Bitínia, e muitas coisas saíram fora de lugar em Niceia”⁹¹

Flêgão (Século I)

Outro historiador do primeiro século que teve suas crônicas perdidas com o tempo e que teve partes de suas obras preservadas em citações de outros autores foi Flêgão, um escritor romano nascido em 80 d.C. Ele, assim como Talo, confirmou a escuridão que tomou conta da terra durante três horas no dia da crucificação de Cristo. Ao comentar sobre a ilógica da escuridão, Julio Africano cita Flêgão:

“Durante o tempo de Tibério César, ocorreu um eclipse do sol durante a lua cheia”

“E sobre essas trevas... Flêgão menciona-as em Olimpiadas (o título do livro que escreveu)”⁹²

“Flêgão mencionou o eclipse que aconteceu durante a crucificação do Senhor Jesus Cristo e não algum outro eclipse; está claro que ele não tinha conhecimento, a partir de suas fontes, de qualquer eclipse (semelhante) que tivesse anteriormente ocorrido... e isso se vê nos próprios relatos históricos sobre Tibério César”

Assim, vemos que o relato dos evangelhos acerca das trevas que se abateram sobre a terra por ocasião da crucificação de Cristo era bem conhecido, e exigia uma explicação naturalista por parte dos descrentes que haviam testemunhado o acontecimento. Vários autores não-cristãos fizeram menção a este acontecimento. Além de Talo e Flêgão, temos também Phlegon de Lydia, que

⁹¹ MAIER, Paul, Pontius Pilate, p.366; IN: STROBEL, Lee, Em defesa de Cristo, Vida, 1998, 111.

⁹² De opif.mund.II 21.

observou na época de Tibério um eclipse do sol que ocorreu durante a lua cheia.

Todas essas provas históricas nos mostram que, no dia da morte de Cristo, houve um evento cósmico que foi conhecido em várias partes do mundo antigo, exatamente como no relato bíblico, que os escritores não-cristãos sabiam da crucificação de Cristo e que tentavam oferecer explicações razoáveis e naturalistas para não inferir em alguma alegação de veracidade à fé cristã, e nenhum deles argumentou que era impossível que isso fizesse menção a Cristo porque Cristo “não existe”: eles sabiam da existência dele, razão pela qual eram obrigados a oferecerem diferentes explicações para explicar aquele fenômeno.

Outra citação de Flêgão sobre Cristo está em suas *Crônicas*, onde ele diz:

“Jesus, enquanto vivo, não foi de qualquer ajuda para si mesmo, mas, quando ressuscitou depois da morte, exibiu as marcas de sua punição, e mostrou de que maneira suas mãos foram perfuradas pelos pregos”

Tais citações de modo algum fariam sentido caso Jesus não tivesse sido uma pessoa real, comprovada historicamente. A existência de Jesus e as suas aparições depois de morto eram verdadeiras e exigiam uma resposta à altura das autoridades romanas, que, no caso, inventaram que os discípulos roubaram o corpo (Mt.28:13-15).

Mara Bar-Serapião (73 d.C)

Mara Bar-Serapião foi um escritor sírio e filósofo estoico, que se tornou conhecido por uma carta que escreveu a seu filho, onde fornece uma das primeiras referências não-judaicas e não-cristãs sobre Jesus. No Museu Britânico está preservado um de seus manuscritos, sobre o qual F. F. Bruce assinala:

“No museu britânico um interessante manuscrito que preserva o texto de uma carta escrita um pouco depois de 73 A.D., embora não possamos precisar a data. Esta carta foi enviada por um sírio de nome Mara Bar-Serapião a seu filho Serapião. Na época Mara Bar-Serapião estava preso, mas escreveu para incentivar o filho na busca de sabedoria, tendo ressaltado que os que

perseguiram homens sábios foram alcançados pela desgraça. Ele dá o exemplo de Sócrates, Pitágoras e Cristo”⁹³

Na carta, ele compara Jesus Cristo aos filósofos Sócrates e Pitágoras. Ele escreveu para incentivar o filho na busca da sabedoria, tendo ressaltado que os que perseguiram homens sábios foram alcançados pela desgraça:

“Que vantagens os atenienses obtiveram em condenar Sócrates à morte? Fome e peste lhes sobrevieram como castigo pelo crime que cometeram”

“Que vantagem os habitantes de Samos obtiveram ao pôr fogo em Pitágoras? Logo depois sua terra ficou coberta de areia”

“Que vantagem os judeus obtiveram com a execução de seu sábio Rei? Foi logo após esse acontecimento que o reino dos judeus foi aniquilado”

E ele continua, dizendo:

«Com justiça Deus vingou a morte desses três sábios:

- Os atenienses morreram de fome;
- Os habitantes de Samos foram surpreendidos pelo mar;
- Os judeus, arruinados e expulsos de sua terra, vivem completamente dispersos.

Mas...

- Sócrates não está morto; ele sobrevive nos ensinamentos de Platão.
- Pitágoras não está morto; ele sobrevive na estátua de Hera.
- Nem o sábio Rei está morto; Ele sobrevive nos ensinamentos que deixou.»

Essa relíquia de 73 d.C é outra prova da existência histórica de Jesus Cristo, e negá-la seria o mesmo que negar a existência histórica dos outros dois mestres citados por ele: Sócrates e Pitágoras. Uma vez que os ateus aceitam a existência destes últimos dois, por que deveriam negar a de Jesus, que é citado naquele mesmo contexto?

⁹³ BRUCE, F.F., Merece Confiança o Novo Testamento, Vida Nova, 1965, pp.148.

Alguns ateus dizem que este “Sábio Rei” poderia se tratar de outro que não fosse Jesus. Porém, qual a possibilidade de que até aquela época (73 d.C) tivesse surgido um outro homem que também:

- Foi executado.
- Era sábio.
- Morreu pouco antes da destruição de Jerusalém.
- Morreu antes da dispersão dos judeus.
- Teve os judeus como responsáveis pela sua morte.
- Ainda sobrevive por meio dos ensinamentos que deixou.
- Foi referido como rei.

Os ateus podem pesquisar à vontade a biografia de qualquer outro ser humano que se auto-proclamava “Messias” naqueles dias que não encontrará nenhum que preencha perfeitamente todos esses requisitos, como Jesus faz. A alusão de que os judeus foram destruídos “logo depois” da morte do Sábio Rei se encaixa perfeitamente dentro da descrição bíblica da morte de Jesus no primeiro século e na destruição de Jerusalém ainda dentro daquela geração.

Por isso, as propostas de que o Rei Sábio citado por Mara Bar-Serapião se trate de outro que não fosse Jesus, tais como Onias III e o essênio Judas, não possuem qualquer respaldo histórico. Se Onias fosse a referência, a dispersão dos judeus e a destruição de Jerusalém teria ocorrido 240 anos depois de quando realmente ocorreu (70 d.C), e se fosse o essênio Judas seria 170 depois. Portanto, a conclusão mais razoável é aquela que Habermas sugere:

“Dessa passagem aprendemos: (1) que Jesus era considerado um homem virtuoso; (2) Ele é apresentado duas vezes como um Rei Judeu, possivelmente em referência aos próprios ensinamentos de Cristo sobre si mesmo, ao qual os seguidores mencionavam, ou ainda da frase escrita sobre sua cabeça na crucificação; (3) Jesus foi executado injustamente pelos judeus que pagaram por seus atos errados sofrendo brevemente o julgamento posteriormente, provavelmente uma referência a queda de Jerusalém para o exército romano; (4) Jesus vive nos ensinamentos dos cristãos primitivos, que é um indicativo de que Mara Bar Serapião não era cristão”⁹⁴

⁹⁴ HABERMAS, Gary. **Historical Jesus**, College Press, 1996; pp.208.

Talmude

O Talmude é outra fonte de origem judaica que confirma a existência histórica de Jesus. Ele é uma coleção de doutrinas e comentários sobre a lei dos judeus, que começou a ser escrita a partir do primeiro século d.C, por rabinos que decidiram colocar por escrito as tradições que eram pregadas oralmente pelos anciãos. Apesar de os judeus tratarem Jesus com mentiras e hostilidades, eles não negavam sua existência histórica. Uma dessas citações sobre Jesus (Yeshua) diz que ele foi pendurado na cruz na véspera da páscoa:

“Na véspera da páscoa, eles penduraram Yeshua (de Nazaré), sendo que o arauto esteve diante dele por quarenta dias anunciando (Yeshua de Nazaré) vai ser apedrejado por ter praticado feitiçaria e iludido e desencaminhado o povo de Israel. Todos os que sabiam alguma coisa em sua defesa vieram e suplicaram por ele. Mas nada encontraram em sua defesa e ele foi pendurado à véspera da páscoa”⁹⁵

Para que esse Yeshua do Talmude seja outro Jesus que não o que conhecemos, teria que:

- Também ter vivido na mesma época de Jesus Cristo.
- Ter sido conhecido como “Yeshua de Nazaré” (Jesus de Nazaré).
- Ter praticado “feitiçaria” (que era como os judeus consideravam os milagres de Cristo).
- Ter sido condenado pelos romanos.
- Ter sido pendurado (na cruz) na véspera da páscoa.

É evidente que o Jesus de Nazaré que o texto trata é o mesmo Jesus de Nazaré que conhecemos. O Talmude não iria se referir a Jesus como sendo “Cristo”, pois tais judeus não criam que o Messias era Jesus. Mas a descrição de “Jesus de Nazaré” e todos os acontecimentos que o rodeiam já é mais que o suficiente para identificarmos Jesus Cristo no Talmude.

O Talmude Babilônico se refere a Jesus como “Ben Pandera” e “Jesus ben Pandera”, o que muitos estudiosos afirmam que é um jogo de palavras, pois “pandera” vem da palavra grega “panthenos”, que significa “virgem”. Em outras palavras: estaria chamando Jesus de “o filho da virgem”. O judeu Joseph Klauser afirmou que o nascimento ilegítimo de Jesus era uma ideia corrente

⁹⁵ Sinédrio da Babilônia, 43ª.

entre os judeus. Ademais, o diálogo entre dois judeus registrado no Talmude também fala da existência de Jesus:

“Mestre, tu deves ter ouvido uma palavra de *minuth* (heresia); essa palavra deu-te prazer, e foi por isso que foste preso. Ele (Eliezer) respondeu: Akiba, tu fizeste-me recordar o que se passou. Um dia que eu percorria o mercado de Séforis, encontrei lá um dos discípulos de Jesus de Nazaré; Tiago de Kefar Sehanya era o seu nome. Ele disse-me: está escrito na vossa lei (Deuteronômio 23.18): Não trarás salário de prostituição nem preço de sodomita à casa do Senhor teu Deus por qualquer voto. Que fazer dele? Será permitido usá-lo para construir uma latrina para o Sumo Sacerdote? E eu não respondi nada. Disse-me ele: Jesus de Nazaré ensinou-me isto: o que vem de uma prostituta, volte à prostituta; o que vem de um lugar de imundícies, volte ao lugar de imundícies. Esta palavra agradou-me, e foi por tê-la elogiado que fui preso como *Minuth* (herege)”

Sobre o texto acima, Klausner comenta:

“Não resta dúvida de que as palavras ‘um dos discípulos de Jesus de Nazaré’ e ‘assim Jesus de Nazaré me ensinou’ são, nesta passagem, de uma data bem antiga e também são fundamentais no contexto da história relatada”

Estas referências no Talmude, assim como outras (como o Sanhedrim 43^a que menciona os discípulos de Jesus), mostram que nem mesmo os judeus que não eram cristãos questionavam a existência histórica de Cristo. Eles sabiam que ele era conhecido por “Jesus de Nazaré”. Eles sabiam que Jesus operava milagres, embora atribuísem tais atos a “magia” ou “feitiçaria”. Eles sabiam que Jesus foi pendurado numa cruz na véspera da páscoa. Eles sabiam que ele tinha um discípulo chamado Tiago. E eles sabiam que qualquer um que o seguisse seria preso ou morto pelas mesmas razões que Yeshua de Nazaré foi.

Rei Abgar V

Abgar V ou Abgarus V de Edessa reinou entre 4 a.C a 50 d.C no reino de Osroene, tendo por capital Edessa, na Mesopotâmia. Durante escavações de arqueólogos no sul da Turquia foi encontrada uma biblioteca do início da era cristã e fragmentos da carta de Anan, secretário do rei Abgar, a Jesus Cristo de

Jerusalém. Pastro fala sobre essa importante descoberta arqueológica nas seguintes palavras:

“No século XIX, arqueólogos ingleses e franceses descobriram uma biblioteca no sul da Turquia datada dos primeiros anos da era cristã. Entre muitos textos, foram encontrados fragmentos de cartas do escrivo Labubna relatando viagens de Anan, secretário do rei Abgar V, que reinou do ano 13 ao 50 d.C. na cidade de Edessa, atual Urfa, na Turquia”⁹⁶

Tal documento diz:

“Abgar, toparca da cidade de Edessa, a Jesus Cristo, o excelente médico que surgiu em Jerusalém, salve! Ouvi falar de ti e das curas que realizas sem remédios. Contam efetivamente que fazes os cegos ver, os coxos andar, que purificas os leprosos, expulsas os demônios e os espíritos imundos, curas os oprimidos por longas doenças e ressuscitas os mortos. Tendo ouvido falar de ti tudo isso, veio-me a convicção de duas coisas: ou que és Filho daquele Deus que realiza estas coisas, ou que és o próprio Deus. Por isso escrevi-te pedindo que venhas a mim e me cures da doença que me aflige e venhas morar junto a mim. Com efeito, ouvi dizer que os judeus murmuram contra ti e te querem fazer mal. Minha cidade é muito pequena, é verdade, mas honrada e bastará aos dois para nela vivermos em paz”⁹⁷

O historiador eclesiástico do século IV, Eusébio de Cesareia, também registrou em sua *História Eclesiástica* (325 d.C) a correspondência trocada entre Abgar de Edessa e Jesus. Eusébio estava convicto que as cartas originais, escritas em síriaco, estavam arquivadas em Edessa, e inclui na sua obra o texto das duas cartas. Eusébio também afirma que Jesus enviou a Abgar um dos setenta e dois discípulos, conhecido por Tadeu de Edessa, em 29 d.C, e que Abgar teria se convertido à fé cristã.

O ossuário do irmão de Jesus

Essa foi a primeira descoberta arqueológica referente a Jesus e Sua família. O ossuário de Tiago, irmão de Jesus, data do século I e traz a inscrição em aramaico: “Tiago, filho de José, irmão de Jesus” (*Ya'akov bar Yosef achui*

⁹⁶ PASTRO, Arte Sacra, p.182.

⁹⁷ GHARIB, Os Ícones de Cristo, p.43.

d'Yeshua). O ossuário foi comprado há muito tempo por um colecionador judeu que nem suspeitava da importância daquele artefato. Mas quando, em Abril de 2002, o renomado estudioso francês André Lemaire o viu em uma urna, escrito na língua falada por Jesus, logo descobriu a sua importância.

Esse valioso achado arqueológico foi logo desacreditado pelos ateus, que alegaram falsificação. Por isso, ele foi submetido a testes pelo Geological Survey of State of Israel e, depois de muita investigação, foi **declarado autêntico**. De acordo com o The New York Times, [“essa descoberta pode muito bem ser o mais antigo artefato relacionado à existência de Jesus”](#). Submetido a análises de datação histórica, foi constatado que ele remetia a aproximadamente 63 d.C, que, curiosamente, é exatamente a época em que o irmão de Jesus foi martirizado, de acordo com a tradição cristã!

O julgamento definitivo, que foi feito em 2012, provou a **autenticidade** do ossuário do irmão de Jesus. A matéria da revista norte-americana Biblical Archeological Review abordou o caso nas seguintes palavras:

[«Depois de um julgamento de mais de cinco anos com 138 testemunhas, mais de 400 exposições e uma transcrição do julgamento de 12.000 páginas, o Juiz Aharon Farkash do Tribunal Distrital de Jerusalém inocentou os réus de todas as acusações de falsificação. Sua opinião no caso, proferido em 14 de Março, tem 474 páginas. Os acusados Oded Golan e Robert Deutsch foram inocentados de todas as acusações de falsificação.](#)

[Dos cinco réus indiciados originalmente em 2004, apenas dois permaneceram no caso: Oded Golan, um colecionador de antiguidades com uma das coleções mais importantes em Israel \(ele foi considerado culpado da acusação menor de negociação de antiguidades sem licença\); e Robert Deutsch, o mais proeminente negociante de antiguidades, em Israel, que também ensinou na Universidade de Haifa, serviu como supervisor em escavação arqueológica de Megiddo e é autor de livros acadêmicos, sozinho e com outros estudiosos de renome internacional.](#)

[O mais famoso dos objetos acusados de serem falsificações é uma inscrição em um Ossuário ou caixa de ossos em que se lê: “Tiago, filho de José, irmão de Jesus”. Ele recebeu sua primeira publicação na revista Biblical Archeological Review \(Revista de Arqueologia Bíblica\) em 21 de outubro de 2002. No dia](#)

seguinte, ele estava na primeira página de quase todos os jornais do mundo, incluindo o New York Times e Washington Post.

Análises Paleográficas e a existência de antiga pátina sugeriram que a inscrição é autêntica. A primeira parada em qualquer investigação sobre esta questão seria na porta dos paleógrafos – estudiosos que podem datar e autenticar as inscrições de certos períodos históricos específicos com base no estilo e na posição das letras. Neste caso, a inscrição foi autenticada por duas das maiores autoridades mundiais em Paleografia da atualidade, Andre Lemaire da Sorbonne e Ada Yardeni da Universidade Hebraica de Jerusalém.

O que é ainda mais significativo é que nenhum paleógrafo de qualquer reputação mesmo sugeriu que esta inscrição pode ser uma falsificação. Não há nenhum “outro lado da questão”, falando em termos de Paleografia.

Há outras razões, mais simples, para se crer que a inscrição não é uma falsificação. Oded Golan possuía o Ossuário de Tiago desde a década de 1970. Ele provou isso com fotografias antigas autenticadas por um ex-agente do FBI nas quais é usado um tipo de papel que não é mais usado em uma data posterior. E Golan nunca tentou vender o ossuário ou divulgar a inscrição. Ele afirma veementemente que nem sabia que o Novo Testamento menciona Tiago como o irmão de Jesus, ou como ele disse, “eu nunca soube que Deus poderia ter um irmão”. Ainda mais compreensivelmente, ele não tinha ideia que o nome Ya’acov (como está escrito no ossuário) e Jacob (para qualquer israelita) foi traduzido como “James” no Novo Testamento em Inglês.

A imprensa mundial não deu atenção ao veredicto deste caso. Desde o dia 14 de março último, quase nada foi noticiado pelos canais de televisão internacionais ou nacionais, ou nos jornais ou revistas (com exceção da BAR)»

A razão pela qual praticamente toda a grande mídia silenciou completamente com essa grandiosíssima descoberta da autenticidade do ossuário de Tiago, o irmão de Jesus, mesmo diante de todas as alegações contrárias e de um tribunal constituído por 138 testemunhas, mais de 400 exposições e uma transcrição do julgamento de 12.000 páginas, é muito simples: **suas implicações.**

Não há qualquer vantagem em uma mídia predominantemente ateuista e católica divulgar a autenticidade de um ossuário que prova que Jesus teve um irmão de sangue (o que contraria o dogma católico da virgindade perpétua de

Maria) e que ele realmente existiu (o que contraria as pretensões da parte secular e anticristã da mídia). Para a mídia, faz muito mais sentido fazer o maior alarde com um pedaço de dente que pessoas com uma imaginação muito fértil dizem ter sido de um ancestral humano para “provar” a teoria da evolução (ainda que esse achado seja contestado e refutado posteriormente pelos próprios cientistas!).

A verdade, contudo, não depende da divulgação da grande mídia secular, depende das provas históricas, científicas e arqueológicas, que em tudo corroboram com as crenças cristãs, inclusive, é lógico, com a existência histórica de Jesus Cristo: que só não é incontestável para quem tem medo das ***implicações*** óbvias que esse fato nos leva.

Constantino e o Concílio de Niceia

A despeito de todas as provas históricas apresentadas aqui de autores não-cristãos atestando a existência histórica de Cristo e de seus seguidores já no primeiro século da era cristã, os conspiracionistas não desistem. Eles gostam muito de citar Constantino e o Concílio de Niceia em todas as suas teorias conspiratórias.

Se você acha que Jesus é um mito, mas não tem qualquer prova ou evidência disso, é muito simples: diga que foi inventado no Concílio de Niceia. Se você acha que alguém começou a inventar o “mito de Jesus”, mas não sabe quem foi nem tem a mínima ideia de quem possa ter feito isso, não desista tão rápido de sua teoria conspiratória para enganar os incautos e os ignorantes: é muito mais simples citar o nome de Constantino.

E já que essas pessoas a quem você (conspiracionista) se dirige são tão ou mais ignorantes quanto você mesmo, e tão ou mais preguiçosas de irem averiguar a verdade quanto você, obviamente elas não vão nem ao menos se darem ao trabalho de no mínimo lerem os cânones de Niceia. Aceitam passivamente qualquer teoria da conspiração por mais ridícula que seja, tamanha a vontade delas em refutarem a fé cristã. E infelizmente tais teorias conspiracionistas tem tido bastante sucesso em nosso meio, porque as pessoas geralmente não se preocupam em se informar, mas creem cegamente em tudo o que lhes é dito – contanto que seja algo contra a fé cristã.

Quando estava no segundo ano da faculdade, a professora passou na sala o filme de Zeitgeist (um documentário famoso que tenta provar que Jesus Cristo é um mito que nunca existiu e que é um plágio de mitos pagãos), e alguns alunos começaram a omitir opiniões sobre o vídeo. Impressionou-me o número de comentários dizendo que “Constantino criou a Bíblia”, “o Concílio de Niceia inventou Jesus”, dentre tantos outros comentários semelhantes. Eu pensei: “Meu Deus, esse pessoal nunca deve ter lido um único cânon de Niceia sequer”!

E estava certo.

Quando tomei a palavra, primeiro questionei se alguém dali já tinha lido algum cânon de Niceia. Nenhuma resposta afirmativa. Apenas tinham lido teorias da conspiração sobre Niceia. Não Niceia.

Depois, passei a expor-lhes rapidamente como que autores cristãos citaram a Bíblia e Jesus muito antes de Niceia. Clemente, Justino, Tertuliano, Inácio, Policarpo, Atenágoras, Orígenes, dentre muitos outros. Como também que autores não-cristãos citaram Jesus e os cristãos muito antes de Niceia e ainda no século I ou início do II, como Josefo, Tacito, Flêgão, Suetônio, Mara Bar-Serapião, Talo, Luciano de Samosota, Plínio, o Talmude e tantos outros. E, por fim, como que pelo menos cinco mil manuscritos gregos antigos do Novo Testamento já existiam antes de Niceia, de data bem antiga. Por alguma razão misteriosa, a professora mudou de assunto e continuou a aula.

A verdade é que tais conspiracionistas nunca leram uma única linha de história antiga, nem um único cânon de qualquer concílio da Igreja, seja o de Niceia ou qualquer outro. Inferir que Jesus foi uma criação de Constantino no Concílio de Niceia é completamente ridículo. De onde eles encontraram 318 bispos para se reunirem em Niceia se não existiam cristãos naquela época? E os outros concílios que existiram antes de Niceia, como o Concílio de Cartago (257)? E os escritores cristãos que existiram muitos séculos antes de Niceia, e escreveram centenas de obras antigas de enorme valor histórico?

Apenas para citar alguns do século I e II:

Policarpo (69 - 155). Foi bispo de Esmirna e foi discipulado pelo apóstolo João. Foi martirizado em 155 d.C e escreveu uma epístola aos Filipenses.⁹⁸

Clemente de Roma (35 - 97). Foi bispo de Roma e escreveu pelo menos uma carta aos coríntios ainda no final do primeiro século.⁹⁹

Inácio de Antioquia (35 - 107). Foi bispo de Antioquia e nasceu ainda na primeira era apostólica, conviveu com vários apóstolos e escreveu sete epístolas a várias igrejas da época, ainda no primeiro século. Foi martirizado pelos romanos no início do segundo século.¹⁰⁰

Justino de Roma (100 - 165). Foi um filósofo convertido ao Cristianismo que escreveu várias obras e tratados sobre a fé cristã, dentre elas duas Apologias e um Diálogo com Trifão sobre o judaísmo. Viveu em meados do segundo século.¹⁰¹

Hermas (Séc.I). Escreveu o livro do Pastor de Hermas ainda no final do primeiro século, que em algumas comunidades fez parte do cânon bíblico junto ao Apocalipse.¹⁰²

Aristides de Atenas (Séc.II). Autor cristão grego do século II que escreveu a Apologia de Aristides em favor dos cristãos.¹⁰³

Atenágoras de Atenas (133 – 190). Apologista cristão do segundo século. Escreveu a Petição em Favor dos Cristãos e uma obra Sobre a Ressurreição dos Mortos.¹⁰⁴

⁹⁸ Sua obra pode ser conferida no seguinte endereço:

<<http://arminianismo.com/index.php/categorias/obras/patristica/147-policarpo-de-esmirna/209-policarpo-de-esmirna-carta-aos-filipenses>>.

⁹⁹ Sua obra pode ser conferida no seguinte endereço:

<<http://arminianismo.com/index.php/categorias/obras/patristica/150-clemente-romano/382-clemente-romano-primeira-carta-de-clemente-aos-corintios>>.

¹⁰⁰ Suas obras podem ser conferidas no seguinte endereço:

<<http://arminianismo.com/index.php/categorias/obras/patristica/149-inacio-de-antioquia>>.

¹⁰¹ Suas obras podem ser conferidas no seguinte endereço: <<http://www.newadvent.org/fathers/>>.

¹⁰² Sua obra pode ser conferida no seguinte endereço:

<<http://arminianismo.com/index.php/categorias/obras/patristica/151-hermas/384-hermas-pastor-de-hermas>>.

¹⁰³ Sua obra pode ser conferida no seguinte endereço:

<<http://arminianismo.com/index.php/categorias/obras/patristica/152-aristides-de-atenas/387-aristides-de-atenas-apologia>>.

¹⁰⁴ Suas obras podem ser conferidas no seguinte endereço:

<<http://arminianismo.com/index.php/categorias/obras/patristica/154-atenagoras-de-atenas>>.

Papias de Hierápolis (70 – 155). Bispo de Hierápolis e escritor eclesiástico, discípulo do apóstolo João e companheiro de Policarpo, foi martirizado junto a este.¹⁰⁵

Irineu de Lyon (130 – 202). Bispo, teólogo e escritor cristão que ficou famoso por sua obra *Contra as Heresias*, onde refuta as teses gnósticas.¹⁰⁶

Teófilo de Antioquia (120 - 186). Outro filósofo cristão, foi bispo de Antioquia e escreveu três cartas a Autólico ainda no século II.¹⁰⁷

Existem muitos outros exemplos de muitos outros cristãos famosos no primeiro e no segundo século, que escreveram várias obras cristãs, tratados filosóficos, teológicos e exortações às diversas comunidades cristãs da época. Nada disso faria sentido se tivesse sido somente em Niceia, ou seja, no quarto século depois de Cristo, que surgiram os primeiros cristãos. Tal conspiracionista é, no mínimo, um completo ignorante de história antiga. Para ele, toda a História foi corrompida, a única coisa que não foi corrompida é a mente de alguém que imagina que centenas de escritores cristãos e seculares escreveram sobre Jesus e os cristãos muito antes de Niceia sendo que eles ainda não existiam!

Considerações Finais

Apenas com aquilo que possuímos de documentação histórica de autores **não-cristãos**, podemos seguramente afirmar que Jesus:

(1) Foi morto e crucificado, mas os discípulos estavam realmente certos de que ele havia ressuscitado ([Josefo](#))

(2) Tinha um irmão chamado Tiago ([Josefo](#))

¹⁰⁵ Os fragmentos de suas obras podem ser conferidos no seguinte endereço:

<<http://arminianismo.com/index.php/categorias/obras/patristica/148-papias-de-hierapolis/210-papias-de-hierapolis-fragmentos-de-papias>>.

¹⁰⁶ Essa obra pode ser conferida no seguinte endereço:

<<http://www.newadvent.org/fathers/0103.htm>>.

¹⁰⁷ Sua obra pode ser conferida no seguinte endereço:

<<http://arminianismo.com/index.php/categorias/obras/patristica/155-teofilo-de-antioquia/959-teofilo-de-antioquia-primeiro-livro-a-autolico>>.

- (3) Os seguidores foram feitos objetos de esporte, foram amarrados nos esconderijos de bestas selvagens e feitos em pedaços por cães, ou cravados em cruzes, ou incendiados, e, ao fim do dia, eram queimados para servirem de luz noturna ([Tácito](#))
- (4) Os cristãos (seus seguidores) foram destinados ao suplício ([Suetônio](#))
- (5) Os judeus foram expulsos de Roma por causa de Cristo ([Suetônio](#))
- (6) Introduziu uma nova seita no mundo ([Luciano de Samosata](#))
- (7) Seus seguidores continuam se reunindo regularmente para lhe prestar culto como a Deus ([Plínio](#))
- (8) Seus discípulos se recusavam a prestar culto aos deuses romanos ([Luciano de Samosata](#))
- (9) Seus seguidores se recusavam a amaldiçoá-lo, mesmo sob tortura ([Plínio](#))
- (10) Eram castigados em caso de não se arrependerem e comesçassem a adorar os deuses pagãos ([Imperador Trajano](#))
- (11) Na sua morte ocorreu um eclipse do sol durante a lua cheia ([Flêgão](#))
- (12) É comparado a Sócrates e Pitágoras pela sua sabedoria ([Mara Bar-Serapião](#))
- (13) Morreu crucificado ([Josefo](#))
- (14) Pregava em Nazaré ([Talmude](#))
- (15) Ressuscita os mortos e cura os enfermos ([Rei Abgar V](#))
- (16) Foi crucificado na véspera da páscoa ([Talmude](#))
- (17) Pouco depois de sua morte, os judeus foram dispersos e destruídos ([Mara Bar-Serapião](#))

- (18) Era adorado pelos seus seguidores ([Luciano de Samosata](#))
- (19) Foi crucificado na Palestina ([Luciano de Samosata](#))
- (20) Tinha um irmão chamado Tiago e um pai chamado José ([Ossuário do Irmão de Jesus](#))
- (21) Fazia os cegos verem, os coxos andarem, purificava os leprosos, expulsava os demônios e os espíritos imundos, curava os oprimidos por longas doenças e ressuscitava os mortos ([Rei Abgar V](#))
- (22) Foi chamado de “Cristo” ([Josefo](#))
- (23) Praticou “magia”, conduzindo Israel a novos ensinamentos ([Talmude](#))
- (24) Afirmou ser Deus e que retornaria ([Eliezer](#))
- (25) Morreu na época da lua cheia da Páscoa ([Talo](#))
- (26) Foi condenado por Pôncio Pilatos no governo de Tibério César ([Tácito](#))
- (27) Trevas e um terremoto aconteceram quando ele morreu ([Talo](#))
- (28) Seus discípulos estavam dispostos a morrer por sua crença ([Plínio](#))
- (29) Foi pendurado a véspera da Páscoa ([Sinédrio da Babilônia](#))
- (30) Era considerado o “Filho de Deus” ([Rei Abgar V](#))

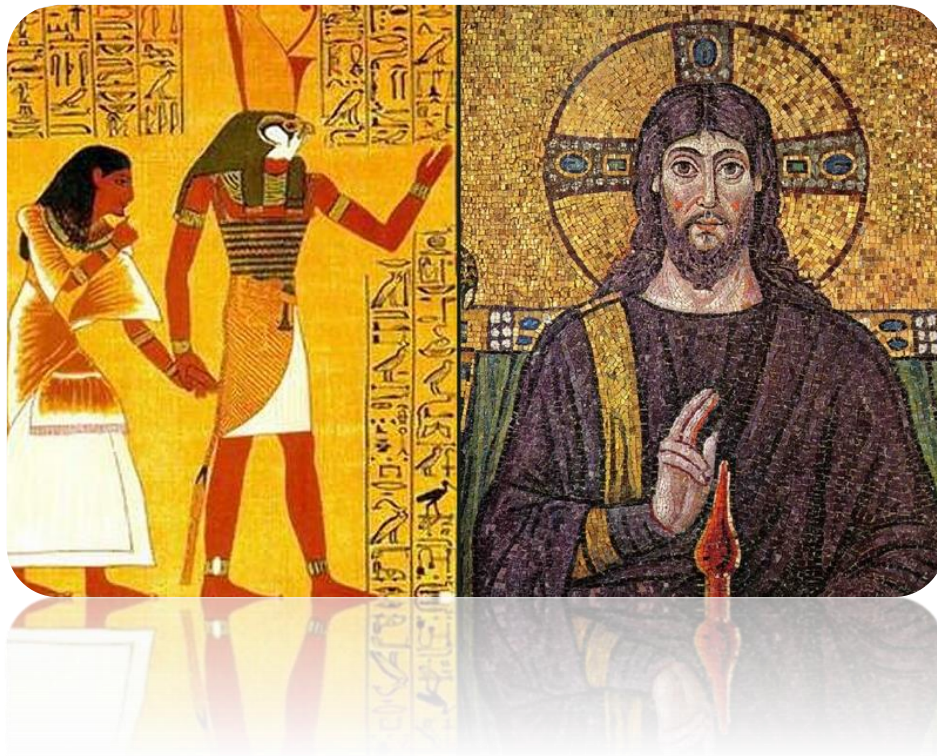
As evidências para a existência histórica de Cristo são tão esmagadoras que para alguém negar honestamente a existência de Jesus teria que fazer o mesmo com **toda a história antiga**, já que ele é citado muito mais vezes do que a grande maioria dos outros nomes que conhecemos hoje. Nomes como Sócrates, Pitágoras, Platão, Aristóteles, Alexandre o Grande e Tibério César possuem **muito menos documentação histórica da época do que Jesus**, e mesmo assim os mais céticos e ateus costumam crer na existência histórica destes personagens.

Com Alexandre o Grande, por exemplo, que conquistou grande parte do mundo de sua época e se tornou famoso e mundialmente reconhecido (não só pelos gregos, mas por todas as nações), **não temos uma única fonte histórica da época em que ele vivia ou pouco após a sua morte**. Ao contrário: temos apenas fragmentos de duas obras escritas mais de cem anos depois de sua morte. A maioria dos registros sobre os feitos de Alexandre são de 300 a 500 anos depois de sua época, mas os ateus não questionam Alexandre, questionam Jesus, que possui muito mais evidência histórica.

Outro exemplo: o imperador romano da época do próprio Jesus, Tibério César. Enquanto temos no mínimo 15 fontes não-cristãs de conhecidos escritores mencionando Jesus em um período de até 150 anos depois de sua morte, para Tibério temos apenas nove fontes não-cristãs que abrangem essa mesma época! Então, mesmo se nem levássemos em conta os escritos cristãos, os que mencionaram Jesus superam aqueles que mencionaram Tibério. E, se contássemos as fontes cristãs desta mesma época, os que mencionam Jesus superam de goleada os que mencionam Tibério, em uma proporção de 43 para 10!

Por tudo isso, para alguém *suspeitar* da historicidade de Cristo teria que, no mínimo, *duvidar* de **toda** a história antiga. Teria que abandonar todo o conhecimento histórico que aprendeu na escola, no colégio e na faculdade, teria que jogar no lixo todos os livros de História e duvidar de todos os grandes nomes do passado. Isso, obviamente, nenhum ateu faz, porque só são incrédulos em relação a Jesus, e extremamente crédulos em todo o resto da história antiga – mesmo que isso seja um tremendo de um contra-senso.

CAP. 4 - JESUS É UM PLÁGIO DE MITOS PAGÃOS?



No capítulo anterior provamos historicamente a existência de Jesus por diferentes autores não-cristãos que conviveram na época de Cristo ou pouco depois, e da existência dos cristãos ainda no primeiro e no segundo século, o que aniquila a tese de que Cristo tenha sido uma invenção elaborada por charlatões que buscavam engrandecer seus próprios nomes e tomar vantagem dos outros. Os ateus não têm qualquer coisa para refutarem decentemente as provas históricas da existência de Jesus, mas ainda possuem uma última carta na manga: Zeitgeist.

Zeitgeist trata-se de um filme sensacionalista baseado puramente em teorias da conspiração, envolvendo não apenas a pessoa de Jesus Cristo, mas também os atentados de 11 de Setembro e o Banco Central dos Estados Unidos. Em qualquer lugar onde as pessoas tivessem um mínimo de senso crítico, inteligência e raciocínio próprio, ninguém daria o menor crédito a este falso documentário que já foi desmentido milhares de vezes por especialistas e estudiosos da área, mas em um país onde a principal atração é o Big Brother Brasil e uma das principais “manifestações culturais” é o funk, já se podia esperar que milhares de incautos fossem iludidos sem a menor dificuldade, engolindo qualquer informação mentirosa que lhes é passada.

Mais de 80% das fontes de Zeitgeist **não são fontes primárias**, mas são tiradas de outros livros (também igualmente sensacionalistas e conspiracionistas). Ou seja: só pelas fontes já seria suficiente para qualquer estudioso sério perder qualquer consideração e respeito por esse documentário. Se eu digo que Leonardo da Vinci foi um sumo sacerdote do satanismo, que tinha pacto com o diabo e que as suas pinturas não eram dele, mas roubadas ou plagiadas de algum Fulano de Tal, ou tenho que provar essas acusações sérias com alguns (ou muitos) documentos históricos daquela época que provem isso. Mas se 80% de todas as minhas “provas” são livrinhos escritos por amiguinhos meus que também são loucos por alguma teoria conspiratória, isso não me daria qualquer crédito.

Infelizmente, é isso o que Zeitgeist faz do início ao fim: um verdadeiro show de desinformação e desconhecimento histórico, deixando claro que foi feito por alguém que estava desesperado em reunir o maior número de “provas” contra o Cristianismo, mesmo que para isso tivesse que lançar mão de fontes nada confiáveis, ou de fatos que já se provaram o contrário. Porque o propósito, como já foi dito, nunca foi de provar nada, mas de apenas passar mais uma teoria de conspiração.

O Dr. Chris Forbes, professor da Universidade de Macquarie (Sydney), doutor em história do Novo Testamento e membro do Sínodo da diocese de Sydney refutou as mentiras ditas em Zeitgeist em uma entrevista de sete minutos, mostrando inúmeras farsas naquilo que foi exposto¹⁰⁸. Em meu site “Apologia Cristã” também mostro um documentário de uma hora e meia de duração, com vários depoimentos de estudiosos que refutaram parte por parte dos embustes elaborados pelos conspiracionistas, que também estará na nota de rodapé deste livro.¹⁰⁹

Basicamente, o que o filme pretende mostrar é que Jesus Cristo foi um mito inventado pelos cristãos, que eram tão burros que copiaram igualzinho os outros mitos daquela época, nem fizeram questão de disfarçar, e que eles deram as suas vidas em martírio por esse mito inventado por eles. Primeiramente vejamos o que foi alegado:

¹⁰⁸ Essa entrevista pode ser vista em meu site “Apologia Cristã”, no link: <http://apologiacrista.com/index.php?pagina=1078461763>.

¹⁰⁹ *ibid.*

Mitra (persa – romano) 1200 a.C

- Nasceu dia 25 de Dezembro;
- Nasceu de uma virgem;
- Teve 12 discípulos;
- Praticou milagres;
- Morreu crucificado;
- Ressuscitou no 3º dia;
- Era chamado de “A Verdade”, “A Luz”;
- Veio para lavar os pecados da humanidade;
- Foi batizado;
- Como deus, tinha um “filho”, chamado Zoroastro.

Attis (Frígia – Roma) 1200 a.C.

- Nasceu dia 25 de dezembro;
- Nasceu de uma virgem;
- Foi crucificado, morreu e foi enterrado;
- Ressuscitou no 3º dia;

Krishna (hindu – Índia) 900 a.C

- Nasceu dia 25 de Dezembro;
- Nasceu de uma virgem;
- Uma estrela avisou a sua chegada;
- Fez milagres;
- Após morrer, ressuscitou.

Dionísio (Grego) 500 a.C

- Nasceu de uma virgem;
- Foi peregrino (viajante);
- Transformou água em vinho;
- Chamado de Rei dos reis, Alpha e ômega;
- Após a morte, ressuscitou;
- Era chamado de “Filho pródigo de Deus”.

Mesmo se tudo isso fosse mesmo verdade (o que veremos mais adiante que não é), o que é que isso provaria? Dado o incontável número de deuses existentes no paganismo e as inumeráveis histórias e fatos que os envolvem, poderia não ser mais que coincidência que alguns deles se cruzassem em alguns aspectos. Afirmar que por conta disso Jesus seria um plágio desses mitos

pagãos seria tão inteligente quanto alegar que John Kennedy foi um plágio de Abraham Lincoln e que por isso ele é um mito que não existiu realmente, dadas as seguintes coincidências:

- Abraham Lincoln foi eleito para o Congresso em 1846.
- John F. Kennedy foi eleito para o Congresso em 1946.
- Abraham Lincoln foi eleito presidente em 1860.
- John F. Kennedy foi eleito presidente em 1960.
- Os nomes Lincoln e Kennedy têm sete letras.
- Ambos estavam comprometidos na defesa dos direitos civis.
- As esposas de ambos perderam filhos enquanto viviam na Casa Branca.
- Ambos os presidentes estavam preocupados com os problemas dos negros norte-americanos.
- Ambos os presidentes foram baleados numa sexta-feira.
- Ambos os presidentes foram assassinados com um disparo na cabeça.
- Ambos os presidentes foram assassinados na presença da esposa.
- A secretária de Lincoln chamava-se Kennedy e lhe disse para não ir ao teatro.
- A secretária de Kennedy chamava-se Lincoln e ela avisou a ele para não ir a Dallas.
- Ambos os presidentes foram assassinados por sulistas.
- Ambos os presidentes foram sucedidos por sulistas.
- Ambos os sucessores chamavam-se Johnson.
- Andrew Johnson, que sucedeu a Lincoln, nasceu em 1808.
- Lyndon Johnson, que sucedeu a Kennedy, nasceu em 1908.
- Ambos os assassinos eram conhecidos pelos seus três nomes.
- Os nomes de ambos os assassinos têm quinze letras.
- Booth saiu correndo de um teatro e foi apanhado num depósito.
- Oswald saiu correndo de um depósito e foi apanhado num teatro.
- Booth e Oswald foram assassinados antes de seu julgamento.
- O assassinato de Kennedy foi filmado por um homem chamado Abraham.
- O teatro de Ford era propriedade de um homem chamado John.
- Lincoln foi morto no Teatro Ford.
- Kennedy foi morto num carro Ford, modelo Lincoln...
- Antes de ser morto, Lincoln esteve em Monroe, Maryland.
- Antes de ser morto, Kennedy esteve com Marilyn Monroe.

Se tamanhas semelhanças entre Lincoln e Kennedy não significa que um é um plágio do outro, por que algumas semelhanças entre Cristo e algum deus

mitológico deveriam servir de “prova” para um suposto plágio do Cristianismo? Mas para não deixar as fraudes ateístas sem respostas, examinaremos ponto a ponto para vermos se essas informações procedem.

1º Nascimento no dia 25 de Dezembro

Em momento nenhum a Bíblia diz que Jesus nasceu no dia 25 de Dezembro, ou ao menos indica isso. Ao contrário, as evidências bíblicas apontam que Jesus nasceu em Agosto. Ele nasceu pouco antes da morte de Herodes, quando José foi a Belém com sua família para participar do recenseamento. Esse recenseamento historicamente ocorreu quatro anos antes da morte de Herodes, que ocorreu em 4 a.C. Consequentemente, isso nos leva ao ano 8 a.C. Mas os judeus dificultaram a tentativa dos romanos em contarem todo o povo, razão pela qual, historicamente, nas terras judaicas esse recenseamento ocorreu um ano depois das outras terras dominadas pelo império romano. Ou seja: ocorreu em 7 a.C.

Esse recenseamento em Belém ocorreu no oitavo mês, ou seja, em Agosto. Daí se conclui que Jesus nasceu em Agosto de 7 a.C. Outro fato que corrobora com essa data é de que, de acordo com os registros locais, Jesus foi apresentado no templo em um sábado do mês de Setembro daquele ano. Em 7 a.C houve quatro sábados: 4, 11, 18 e 25. Como os censos em Belém ocorreram entre 10 e 24 de Agosto, o sábado de apresentação foi o de 11 de Setembro, pois a purificação das mulheres teria que ocorrer até os vinte e um dias após o parto.

Portanto, Jesus nasceu poucos dias depois de 21 de Agosto de 7 a.C, e não em 25 de Dezembro. Se os escritores bíblicos plagiaram os mitos pagãos para formarem Jesus, teriam dito que ele nasceu em 25 de Dezembro, o que sabemos historicamente à luz da Bíblia que não aconteceu. Ao contrário: nenhum deles falou de 25 de Dezembro em parte nenhuma.

A fixação da data de 25 de Dezembro se deu apenas no quarto século d.C de forma comemorativa, pela Igreja Católica. O objetivo com isso era de âmbito político: devido ao ecumenismo praticado pela Igreja da época criou-se essa data comemorativa do nascimento de Jesus como sendo em 25 de Dezembro, para a fácil aceitação dos pagãos que tiveram que se converter ao Cristianismo após este se tornar a religião oficial do império romano. Visando a conversão e

aceitação deles, fixou-se essa data. Mas nada na Bíblia, nem nos primeiros três séculos de Cristianismo, aponta para 25 de Dezembro como uma data do nascimento de Jesus, o que deita por terra as teses de que os autores bíblicos fizeram uso de mitos pagãos para “criarem” Jesus Cristo.

2º Três reis magos

É alegado pelos conspiracionistas que em alguns mitos pagãos os deuses foram recebidos por três reis magos, que seguiam a estrela Sirius. Nada mais falso do que isso. Na verdade, o relato bíblico **não fala de reis, não fala de “três” e não fala de Sirius!** O que o texto bíblico simplesmente diz é isso:

“Depois que Jesus nasceu em Belém da Judeia, nos dias do rei Herodes, magos vindos do oriente chegaram a Jerusalém” (Mateus 2:1)

Em momento nenhum a Bíblia afirma que eram reis, mas que eram magos. Se esses magos também eram reis ou não, é algo que a Escritura simplesmente silencia. A afirmação de que eram “três” também é falsa. Em lugar nenhum o relato diz que eram três, o que talvez alguns erroneamente deduziram do número de presentes: ouro, incenso e mirra. Mas podem ter sido muitos magos trazendo (cada um deles) esses três presentes, ou então um número menor trazendo mais presentes. O número de presentes não determina o número de magos!

A ideia de que eram três reis magos provém do século VII d.C, já muito tempo depois de Jesus, quando a Igreja Católica decidiu aceitar a sugestão de São Beda (673-735), que disse que os magos eram reis e que eram três. Mais uma vez, é preciso reafirmar: trata-se de uma tradição *católica*, e não *cristã*. Não está registrada na Bíblia, mas na tradição deles. Nenhum apóstolo, evangelista ou escritor bíblico se baseou nessa interpretação ao escrever a Bíblia.

A hipótese de que a estrela que os magos seguiram era Sirius é refutada em Mateus 2:7, que afirma que essa estrela era nova, ela tinha “aparecido” há pouco tempo. Não podia ser Sirius, que já ela era muito bem conhecida pelos astrólogos daquela época e até cultuada em muitos povos pagãos. Portanto, não há nada em Mateus 2:1 que faça qualquer alusão a qualquer mito pagão que seja.

Por fim, é interessante notarmos a figura dos pastores que foram visitar Jesus quando este ainda era recém-nascido (Lc.2:8-18). Nos mitos pagãos, os deuses sempre estavam associados apenas a riquezas, a glória, a honra. Jesus aparece sendo visitado por pessoas pobres no seu nascimento, diferente dos deuses que eram cercados apenas de outros deuses ricos e poderosos. A descrição bíblica do Deus encarnado nascendo em uma simples e humilde manjedoura, vivendo entre os pobres, não tendo sequer onde repousar a cabeça (Mt.8:20) e morrendo entre dois condenados desassocia completamente Jesus dos mitos pagãos, onde o que sempre ocorria era o inverso.

3º O nascimento virginal

De todas as alegações dos conspiracionistas essa é certamente a mais ridícula. Em primeiro lugar, tudo o que se sabe sobre tais deuses pagãos é através de desenhos. Seus seguidores não escreveram nada. Como iriam então desenhar uma mulher virgem? A única diferença entre a virgem e a não-virgem é interna. Teriam seus seguidores desenhado as genitálias femininas com o hímen intacto? É claro que não. Então quem foi que deu a ideia de que tais deuses eram fruto de um nascimento virginal?

Em segundo lugar, é mentira que os desenhos não retrataram histórias que incluíam um relacionamento físico para gerar esses deuses. Hórus não foi concebido milagrosamente por uma virgem, mas por relação sexual da deusa Isis com o deus Osíris.

Em suma, não é apenas ridícula a afirmação de que tais deuses eram fruto de nascimento virginal: é uma afirmação mentirosa. Simplesmente não existem registros de algum mito pagão onde um deus tenha sido gerado milagrosamente pela operação do Espírito Santo, sem qualquer fecundação resultando do casal sagrado (entre um casal de deuses) ou do ato sexual entre um deus disfarçado de ser humano e uma mulher mortal.

Tome como exemplo uma das histórias de Dionísio. Segundo essa versão, Zeus foi a Perséfone disfarçado de serpente e a engravidou. Portanto, tirou sua virgindade. Em outra versão, ele se aproximou de Semele disfarçado de homem mortal e ela engravidou. Então, a rainha de Zeus, Hera, tomara de ciúmes, foi

até a casa de Semele disfarçada de uma mulher idosa, sugerindo que a história que Zeus era o rei dos deuses poderia ser mentira e que ele era um simples mortal querendo se aproveitar da inocência dela.

Quando Zeus voltou a visitá-la, ela pediu, sob juramento, que ele aparecesse a ela como aparecia a Hera. Zeus, cumprindo o juramento, apareceu com toda a sua glória, o que reduziu Semele às cinzas. Hermes salvou o feto e o conduziu a Zeus, que o costurou à sua coxa e, depois de três meses, deu à luz a Dionísio. Diante de tudo isso, fica a pergunta: qual ser humano pensante nesse planeta terra iria achar que a história bíblica do nascimento virginal de Jesus tem algum paralelo ou “plágio” com a história do nascimento de Dionísio ou dos outros deuses pagãos? Só um oportunista ou um ignorante.

Nos outros mitos a coisa piora ainda mais. Em Hórus, por exemplo, de acordo com a The Encyclopedia of Mythica, depois de seu pai Osíris ser assassinado e ter seu corpo mutilado em quatorze pedaços por seu irmão Set, Íris (esposa de Osíris) recuperou e remontou o corpo, e em conexão pegou o papel da deusa da morte e dos funerais. Então, ela se engravidou pelo corpo de Osíris e deu à luz a Hórus nos rios de Khemnis. Esse relato de concepção necrofílica nada tem a ver com o relato bíblico, chega a ser patético alguém ver isso e ainda comparar com o nascimento virginal de Jesus, que é totalmente diferente na narrativa bíblica.

Em conclusão, os historiadores e eruditos Raymond Brown e R. E. Brown comentam:

“Em suma, não há nenhum exemplo claro de concepção virginal no mundo ou nas religiões pagãs que plausivelmente poderia ter dado aos judeus cristãos do primeiro século a ideia da concepção virginal de Jesus”¹¹⁰

“Paralelos não judaicos têm sido encontrados nas religiões mundiais (O nascimento de Buda, de Krishna e do filho de Zoroastro), na mitologia greco-romana, nos nascimentos dos faraós (com o deus Amon-Rá agindo através do seu pai) e nos nascimentos sensacionais dos imperadores e filósofos (Augusto, Platão etc...). Mas esses ‘paralelos’ sempre envolvem um tipo de hierogamia em que um macho divino, em forma humana ou outra, insemina uma mulher, seja através do ato sexual normal, seja por meio de uma forma substituta de

¹¹⁰ Raymond E. Brown, *The Birth of the Messiah*, Anchor Bible (1999), p. 523.

penetração. Eles não são realmente semelhantes à concepção virginal não-sexual que está no âmago das narrativas da infância de Jesus, concepção esta em que nenhum elemento ou deidade macho insemina Maria... Portanto, nenhuma busca por paralelos nos tem dado explicação verdadeiramente satisfatória de como os primitivos cristãos chegaram à idéia de uma concepção virginal – a menos, é claro, que ela realmente tenha acontecido historicamente”¹¹¹

Esse é um clássico exemplo de como os conspiracionistas agem para enganar os mais desprevenidos. Usam uma informação falsa, em cima de uma história completamente diferente do relato bíblico, que pela mera descrição do suposto “nascimento virginal” dos deuses pagãos leva muitos a crerem que o que ocorreu ali foi algo próximo do relato bíblico de Maria dando à luz a Jesus por um ato milagroso do Espírito Santo, quando, na verdade, é absurdamente antagônico.

4º Jesus e seus doze anos

É alegado que alguns deuses de mistério, como Hórus, efetuavam grandes milagres e maravilhas quando tinham 12 anos, assim como Jesus. Essa informação é falsa. Não há um único registro de qualquer milagre que Jesus tenha feito enquanto criança ou jovem. Os evangelhos de Mateus, Marcos e João nada falam sobre a adolescência de Jesus, e Lucas, o único que conta alguma coisa, cita apenas a obediência do menino Jesus aos seus pais (Lc.2:51) e ele conversando com os mestres da lei no templo (Lc.2:46). Sem retoques, sem milagres, sem grandes exposições ou maravilhas.

Já com os mitos pagãos, a coisa era totalmente diferente. Já garotos eles faziam coisas sobrenaturais, mágicas, prodígios e todos os temiam. Totalmente diferente da infância de Jesus! Se os evangelistas tivessem plagiado alguma coisa dos mitos pagãos, teriam obviamente retratado a infância de Jesus com muita ênfase e repleto de detalhes sobrenaturais, o que nunca fizeram. Apenas um dos quatro evangelistas escreveu *alguma coisa* sobre a infância de Jesus, e mesmo ele não deu qualquer destaque a algum milagre ou façanha sobrenatural que ele possa ter feito.

¹¹¹ Revista Defesa da Fé, Nº 41.

5º A ressurreição

Outra afirmação comum dos conspiracionistas é que a ressurreição de Jesus foi um plágio dos mitos pagãos. Se isso é verdade, esperaríamos encontrar muitos relatos de deuses morrendo e ressuscitando fisicamente para o mundo dos vivos ao terceiro dia. Mas isso nunca ocorre com nenhum deles. Nunca. Examinaremos caso por caso:

- **Adonis.** Não há sequer uma única evidência nem nos textos antigos nem nas representações pictográficas de que Adonis tenha ressuscitado, como afirmam alguns.

- **Áttis.** Somente depois de 150 d.C houve a sugestão de que ele teria sido um deus ressurreto. Como os cristãos do século I teriam plagiado uma história mitológica que ainda não existia? Além disso, não há nada que se pareça com o uma ressurreição corpórea no mito de Áttis. Em uma das versões, ele teria voltado à vida de forma vegetativa, apenas os pêlos do seu corpo continuavam a crescer e ele movia apenas um dos dedos, de forma involuntária. Em outra versão, Áttis volta à vida na forma de uma árvore. Nenhuma dessas versões tem qualquer ligação com a ressurreição física, corporal e gloriosa de Jesus Cristo.

- **Osíris.** A versão do mito de sua morte e “ressurreição” é encontrada em Plutarco, que escreveu no segundo século d.C. Novamente, mais de um século depois da época de Jesus e dos primeiros cristãos. E mesmo essa versão difere radicalmente da ressurreição de Jesus. Osíris teria sido assassinado por seu irmão que o afundou em um caixão no Nilo. Ísis descobriu o corpo e o conduziu novamente ao Egito, mas seu cunhado ganha o acesso ao corpo e o mutila em quatorze pedaços, atirando-os para longe. Ísis procura e encontra cada um desses quatorze pedaços, restaura o corpo de Osíris e este passa a ser um deus no mundo dos mortos.

Essa visão é completamente oposta à noção cristã da ressurreição de Jesus. Em primeiro lugar, porque Jesus não teve nenhum de seus ossos quebrado (Jo.19:36), enquanto Osíris foi mutilado em quatorze pedaços. Segundo, porque a ressurreição de Jesus foi para esta vida (mundo dos vivos), enquanto que a “ressurreição” de Osíris, se é que podemos chamar de ressurreição, foi para habitar no mundo dos mortos. Em outras palavras, ele não ressuscitou tecnicamente: ele apenas morreu e foi para o mundo dos mortos, jamais

voltando à terra dos vivos, como ocorreu com Jesus. Como disse Roland de Vaux:

“O que significa Osíris ter ‘levantado para a vida’? Simplesmente que, graças à ministração de Ísis, ele pôde levar uma vida além da tumba que é quase uma perfeita réplica da existência terrestre. Mas ele nunca mais voltará a habitar entre os vivos e reinará apenas sobre os mortos... Esse deus revivido é, na realidade, um deus ‘múmia’”¹¹²

• **Krishna.** Ele foi morto por um caçador que, sem intenção, atirou em seu calcanhar, e, em seguida, ascendeu aos céus. Não houve qualquer ressurreição aqui, e ninguém o viu ascender. Krishna jamais voltou à vida terrena. Além disso, como nos conta Benjamim Walker, “[não pode haver qualquer dúvida de que os hindus pegaram emprestado os contos \[do Cristianismo\], mas não o nome](#)”¹¹³. Isso porque o Bhagavata Purana é datado entre o sexto e o décimo primeiro século d.C, e o Harivamsa foi composto entre o quarto e o sexto século.

Portanto, não há nenhum paralelo entre a ressurreição de Jesus e a ressurreição dos deuses mitológicos de mistério. Nos mitos pagãos, os deuses simplesmente desaparecem ou morrem. Os que desaparecem retornam porque não haviam morrido, e os que morrem não retornam. **A ressurreição de Jesus é o único caso na história antiga de um Deus encarnado morrendo em forma humana e retornado à vida terrena.** Como diz Mettinger:

“Desde a década de 1930... um consenso tem se desenvolvido de que os ‘deuses que morrem e ressuscitam’ morreram, mas não retornaram ou se levantaram para viver novamente... Aqueles que pensam diferente são vistos como membros residuais de espécies quase extintas”¹¹⁴

Na concepção judaica, nenhum dos mitos pagãos ressuscitou realmente dos mortos, e não é senão a partir do terceiro século d.C que encontramos material mais sólido sobre as religiões de mistério que permitem uma reconstrução de seu conteúdo. Como mostrou Pierre Lambrechts, os textos que se referem à ressurreição dos deuses são muito tardios, do segundo ao quarto século d.C, e

¹¹² Roland de Vaux, *The Bible and the Ancient Near East*, Doubleday (1971), p. 236.

¹¹³ Benjamin Walker, *The Hindu World: an Encyclopedic Survey of Hinduism*, v. 1 (New York: Praeger, 1983), p. 240, 241.

¹¹⁴ Tryggve N. D. Mettinger, *The Riddle of Resurrection: “Dying and Rising Gods” in the Ancient Near East* (Stockholm, Sweden: Almqvist & Wiksell International, 2001), p. 4, 7.

mesmo nestes casos não há um único que seja pelo menos *parecido* com a ressurreição de Jesus.

6º Adjetivos dos deuses mitológicos

Os ateus afirmam que os nomes bíblicos para Jesus, como “Luz do Mundo”, “Alfa e Ômega”, e “Cordeiro de Deus” (dentre outros) foram copiados dos mitos pagãos. Será mesmo? Examinaremos isso agora.

- **Luz do mundo.** Os deuses pagãos eram chamados de “luz do mundo” por sua associação com o sol, que é a luz do mundo. O sol era adorado em muitos povos pagãos. O Novo Testamento, porém, em momento nenhum ensina a adoração ao sol, e mesmo quando chama Jesus de luz o faz em um contexto totalmente diferente dos mitos pagãos, pois fala de uma luz espiritual e não literal (Lc.8:12). A “luz” dos deuses pagãos era uma luz literal que é emitida pelo sol para salvar a vida na terra, já a “luz” de Cristo diz respeito à salvação do pecado e da morte espiritual. Portanto, uma coisa nada tem a ver com a outra.

Além disso, vale destacar que Jesus disse que **nós também somos a luz do mundo** (Mt.5:14), algo que um deus pagão jamais faria, pois esse título seria exclusividade dos deuses em função do poder exercido por eles sobre os humanos. Sendo assim, a “luz” no contexto cristão nada tem a ver com a “luz” do contexto pagão, e o título que no paganismo é atribuído somente aos deuses é no Novo Testamento dado a todos os cristãos (o que era absurdo e inadmissível no paganismo), o que mostra diferenças marcantes entre um e outro.

- **Salvador.** Se os deuses pagãos alguma vez foram considerados “salvadores”, o foram em função do sol, que salva a vida existente na terra. Mas será que isso foi um “plágio” dos escritores bíblicos? Se fosse um plágio, Jesus seria considerado salvador no *mesmo sentido* que os deuses pagãos eram considerados salvadores. Mas **nunca vemos esses deuses salvando alguém do pecado**, ao contrário: o conceito de “pecado” é judaico-cristão, nem existia no paganismo. A “salvação”, ao invés de ser de uma morte física, trata-se da morte espiritual, isto é, do pecado. Um conceito totalmente antagônico em relação aos deuses de mistério.

Attis, por exemplo, em momento nenhum agiu como um “redentor”, nem sua religião oferecia a “salvação em Attis”. Krishna era um “salvador” guerreiro e terreno que lutou para libertar seu povo do tirânico reinado de Kamsa. Nada tem a ver com a salvação de Jesus Cristo, que não era de ordem temporal. Ao contrário: ele disse seu Reino não era deste mundo (Jo.18:36).

- **Filho de Deus.** Qualquer deus que fosse filho de um outro deus era considerado “filho de Deus”, portanto obviamente muitos deuses pagãos tinham esse título. A pergunta que fica é: se Jesus é o Filho de Deus, teria sido esse título tirado dos mitos pagãos? Se isso fosse verdade, a Bíblia jamais diria que **nós** também somos filhos de Deus, como afirma claramente (Jo.1:12). Isso **nunca** aconteceu em **nenhum** mito do paganismo, pois “filho de Deus” era um título exclusivo dos deuses, nunca dos seres humanos mortais. Se o Novo Testamento nos chama de filhos de Deus, é óbvio que ele não foi influenciado pelos mitos pagãos que diziam o contrário.

- **Alfa a Ômega.** Não há qualquer registro de um deus pagão com esse título. Alguns afirmam que Dionísio tinha esse título, mas não há qualquer registro histórico ou arqueológico que confirme tal tese. Jesus é o Alfa e o ômega porque ele não tem Princípio e nem Fim, ou seja: porque ele é eterno. Já os deuses pagãos eram criados, eram filhos naturais por relações de outros deuses, portanto não podiam ser “Alfa e Ômega”.

- **Cordeiro de Deus.** Outro título que jamais foi aplicado a qualquer deus mitológico. A expressão “cordeiro de Deus” não provém do paganismo, mas do judaísmo, que costumava sacrificar cordeiros como sacrifício pelo pecado. Jesus, portanto, é tratado como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo.1:29), como sendo o sacrifício completo, final e definitivo. Esse termo não pode ter sido tomado do paganismo pela simples razão de que os pagãos não sacrificavam cordeiros. No mitraísmo, por exemplo, eram sacrificados touros. Se os apóstolos tivessem plagiado as ideias pagãs, teria dito que Jesus era o “Touro de Deus” (mitraísmo), e não o “Cordeiro de Deus” (judaísmo).

- **A Verdade.** Não existe nada, nenhum texto ou desenho que afirme que tais deuses se diziam ser “A Verdade”. Pelo contrário: era comum os deuses errarem e muito. Eram egoístas, orgulhosos, caíam em tentações dos mais diversos tipos, tinham personalidade instável, por vezes matavam outros deuses e faziam o mal ao próximo. Nenhum deles era considerado a “verdade” personificada, e

nem poderia ser, pois o próprio caráter deles desmentiria isso. Nem mesmo Theos, o maior dos deuses, era chamado de tal, muito menos os outros deuses de escala inferior. Jesus foi o único que disse que era o caminho, a verdade e a vida (Jo.14:6) para quem lhe seguisse.

- **Rei dos reis.** Rei dos reis é uma descrição comum em divindade e facilmente aplicável a qualquer Deus, ou ser poderoso, a diferença é que Jesus reina sobre todos os reis do mundo, ao passo que os deuses mitológicos reinavam apenas regionalmente. Zeus no Céu, Hades no mundo dos mortos, e assim por diante. Nunca vemos algum que era considerado o Deus supremo sobre tudo e sobre todos.

7º Morte por crucificação

É alegado que Attos foi crucificado em uma árvore numa Sexta-Feira negra. Isso é totalmente falso. Attis morreu embaixo de uma árvore, mas não crucificado nela. E nada indica que isso tenha acontecido em uma Sexta-Feira. Como resultado disso, Attis sangrou e daí surgiu o brotamento de flores. Como disse J. P. Holding, [“se você quiser chamar isso de ‘redenção’ da terra, talvez algum fazendeiro esteja fazendo a mesma coisa plantando batatas”](#).

Hórus também não morreu por crucificação. Há vários relatos da morte de Hórus, mas **nenhum** deles envolvendo crucificação. Osíris também não morreu crucificado, mas morreu após ser enganado por Set. Ele foi preso em um baú e lançado ao Nilo. Krishna também não morreu por crucificação. Ele morreu depois de acidentalmente ser atingido por uma flecha de caçador.

Tammuz, que é outro que alegam que morreu crucificado, na verdade foi morto por demônios enviados por Ishtar. Dionísio foi comido vivo pelos Titãs em sua infância, não morreu crucificado. Mitra não experimentou a morte, mas foi carregado para o Céu em uma carruagem de fogo. Em suma, **todas** as alegações dos conspiracionistas sobre a morte por crucificação são falsas. Qualquer um que estude ou pesquise um *mínimo* sobre esses deuses consegue desmascarar tais mentiras, que podem no máximo enganar um ignorante, mas não tem qualquer efeito em um debate inteligente.

8º Semelhanças depois de Cristo

Como já vimos até aqui, é comum os conspiracionistas enganarem os incautos alegando uma suposta ligação entre um deus pagão e Jesus Cristo com características posteriores a Cristo. Isso porque embora a maioria desses deuses tenham sido criados há aproximadamente um milênio antes de Cristo, suas histórias não nasceram prontas, em definitivo, da noite para o dia. Suas crenças foram se desenvolvendo com o passar dos séculos, e muitas vezes em sincretismo com outras religiões. Por isso podemos dividir em duas partes as acusações dos ateus:

- **Mentiras.** Afirmações simplesmente mentirosas que não provém de qualquer fonte primária e que não condizem com a realidade, como já desmascaramos várias até aqui.
- **Verdades depois de Cristo.** Trata-se de acontecimentos verdadeiros, mas que só vieram a fazer parte da tradição desses deuses séculos depois de Cristo.

Nesse segundo grupo podemos incluir, por exemplo, as alegações de que Hórus tenha sido batizado com 30 anos e iniciado o seu ministério. Embora parte dessa alegação seja claramente falsa (pois Hórus nunca teve um “ministério” como Jesus, que é o ato de se dispor a ser servo e ensinar os outros, e Hórus sempre foi rei, nunca servo), outra parte é verdadeira, mas somente veio a fazer parte das tradições deste deus séculos depois da época de Cristo. Não existia batismo nos tempos de Hórus. Essa tradição existiu séculos depois de Cristo. Portanto, não é um caso dos cristãos plagiando algo do paganismo, mas o paganismo plagiando algo dos cristãos.

Na versão original de Hórus, não há qualquer “batismo” deste. Na verdade, o único relato deste deus que envolve água é em uma história onde ele é despedaçado e Ísis pede ao deus crocodilo que o pesque da água onde havia sido colocado.

O mesmo ocorre com Mitra. As informações de que esse deus tenha nascido de uma virgem, perdoado pecados, morrido crucificado e ressuscitado dias depois só são encontradas **três séculos depois de Cristo**, não há uma única linha ou indício anterior a Cristo de alguém ensinando que Mitra era tudo isso. Por que a arqueologia nunca encontrou detalhes de deuses pagãos semelhantes a Cristo

antes de Cristo? Porque, obviamente, foram os pagãos que copiaram os cristãos (e eles tinham esse costume, basta ver a semelhança entre os deuses deles mesmos), e não o contrário.

Ou tome como exemplo também o caso de Dionísio, que dizem ter transformado água em vinho. Na verdade, o que realmente aconteceu foi que existia um escoadouro em um templo de Dionísio, que jorrava vinho ao invés de água, mas isso é totalmente diferente de *transformar* água em vinho. Além disso, essa história é posterior à época da escrita do Novo Testamento.

9º Cristianismo e Mitraísmo

Muitos afirmam que o Cristianismo é um plágio do mitraísmo. Já vimos que as semelhanças entre um e o outro à luz da época em que elas começaram a aparecer nos mostra claramente que foi o mitraísmo que copiou detalhes do Cristianismo, e não o contrário. Alguns tentam associar a trindade cristã com a “trindade” do mitraísmo, que seria formada por Mitra, Ormuzd e Ahriman. Porém, a exemplo de todas as outras religiões pagãs, elas eram politeístas e panteóostas, mas os trinitários são monoteístas.

Há uma enorme diferença entre trindade e triteísmo. Os triteístas creem em três deuses separados, como seria no mitraísmo, mas os cristãos são monoteístas: creem em um único Deus manifesto em três pessoas distintas. Assim sendo, o fato de juntar três deuses (ou mais, ou menos) em nada implica em algum “plágio”, a menos que houvesse alguma religião pagã na história que cresse em um único Deus (monoteísta) revelado em três pessoas, **o que não existe em absolutamente nenhuma religião pagã!**

Portanto, ao invés de a trindade ser uma “prova” de um sincretismo cristão com o paganismo, ela é uma prova do contrário: da singularidade do Cristianismo, que não vê nada igual nos contos pagãos. E, mesmo se fosse plágio, o plágio seria do mitraísmo, e não do Cristianismo, visto que, como vimos, as crenças do mitraísmo não nasceram da noite para o dia, elas foram fruto de desenvolvimento histórico com o sincretismo com outras religiões, inclusive com a cristã, crença de onde eles posteriormente adaptaram para si algumas de suas crenças.

A trindade de Mitra, portanto, é um plágio mal feito do mitraísmo em cima do Cristianismo, pois nenhum cristão crê em três deuses, mas em um só. Isso era difícil para um pagão da época assimilar, razão pela qual o plágio foi com três deuses separados, como um politeísmo. Se formos para as primeiras crenças básicas do mitraísmo (quando o Cristianismo ainda não existia) não vemos uma única semelhança entre as duas crenças. Ronald Nash fala o seguinte sobre o nascimento de Mitra:

“O que sabemos com certeza é que o mitraísmo, tal como seus competidores entre as religiões de mistérios, tinha um mito básico. Mitra supostamente nasceu quando emergiu de uma rocha; estava carregando uma faca e uma tocha e usando um chapéu frígio. Lutou primeiro contra o Sol e depois contra um touro primevo, considerado o primeiro ato da criação. Mitra matou o touro, que então se tornou a base da vida para a raça humana”¹¹⁵

Jesus emergiu de uma rocha? Não. Jesus carregava uma faca e uma tocha? Não. Jesus usava um chapéu frígio? Não. Jesus lutou contra o sol e contra um touro? Não. Jesus matou um touro? Não. A base da vida para a raça humana, na visão cristã, é o touro? Não. Então que tipo de plágio é esse onde as crenças básicas do Cristianismo são totalmente diferentes do mitraísmo?

Ademais, a crença básica e fundamental para o Cristianismo é a ressurreição dos mortos. Para os cristãos, a ressurreição é o único modo pelo qual o cristão obtém uma vida póstuma, por meio da qual ele pode entrar na vida eterna, o que fica claro em textos como 1ª Coríntios 15:18-19¹¹⁶. Portanto, é da maior e mais fundamental importância, razão pela qual era considerada a esperança dos cristãos (Rm.8:23,24; At.26:6-8; At.24:15; At.23:6). **Mas os adoradores de Mitra não creem em ressurreição física.**

Nash observa:

“Alegações da dependência cristã primitiva do mitraísmo foram rejeitadas por várias razões. O mitraísmo não tem conceito da morte e ressurreição de seu deus nem lugar para qualquer conceito de renascimento – pelo menos durante seus primeiros estágios (...) Durante os primeiros estágios da seita, a ideia de renascimento seria estranha à sua visão básica (...) Além disso, o mitraísmo era

¹¹⁵ Nash, p.144.

¹¹⁶ Eu abordo mais sobre isso em meu livro sobre o tema: “A Lenda da Imortalidade da Alma”.

basicamente uma seita militar. Portanto é preciso ser cético com relação à sugestões de que tenha atraído civis como primeiros cristãos”¹¹⁷

Além disso, os que afirmam que Mitra nasceu de uma virgem fazem isso por ignorância ou desonestidade, pois ele teria nascido de uma rocha. Então, a não ser que a rocha possa ser considerada “virgem”, ele não nasceu de uma virgem! A crença de que em seu nascimento havia a presença de pastores é do quarto século d.C, e é falsa a afirmação de que Mitra tinha 12 discípulos. Essa afirmação é baseada em um quadro onde Mitra aparece matando um touro, emoldurado em duas colunas verticais, cada uma com seis quadros, que em momento nenhum alude a “discípulos” dele, mas os signos do zodíaco.

Mitra também não teve nenhuma ressurreição corporal. Primeiro, porque o mitraísmo não crê em ressurreição, como creem os cristãos. Segundo, porque Mitra jamais morreu para que pudesse ressuscitar. Como disse um especialista que estudou sobre Mitra a fundo: “[não há morte de Mitras](#)” - e, conseqüentemente, nenhuma ressurreição posterior. E, em terceiro, porque depois que Mitra concluiu sua missão terra foi logo conduzida ao Paraíso em uma carruagem, **vivo** e muito bem. Jesus morreu e ressuscitou. Mitra não morreu, muito menos ressuscitou.

Por fim, a última acusação dos conspiracionistas em torno do mitraísmo é a da Santa Ceia, em que Mitra teria dito que “[aquele que não comer do meu corpo ou beber do meu sangue, de forma a se tornar um comigo, não será salvo](#)”. Essa se trata provavelmente da maior de todas as mentiras e adulterações, pois não foi dito por Mitra, mas por Zaratrusta, **em plena Idade Média**, sendo adicionada séculos depois de Cristo, e nem mesmo era uma referência a Mitra!

A coisa mais próxima a uma “Ceia” celebrada por mitra foi um jantar onde seus seguidores comeram pão, carne, água e vinho. Essa refeição em nada tinha a ver com a Ceia cristã, que é formada apenas de pão e vinho. A refeição de Mitra não era a Ceia cristã, mas uma refeição muito praticada em todas as partes do império romano, com toda a naturalidade do mundo.

¹¹⁷ *ibid.*

Considerações Finais

Os adeptos da teoria da conspiração em torno de Jesus Cristo têm argumentos fracos, frágeis, superficiais, e muitas vezes mentirosos, irreais, fraudulentos. Não resistem em nenhum debate de ideias com qualquer estudioso sério do assunto, tem poder apenas para enganar indoutos desinformados. Como conta o famoso filósofo cristão, Dr. William Lane Craig:

“Se eles chegarem a citar um trecho de uma fonte, eu acho que você ficará surpreso com o que verá. Por exemplo, no meu debate sobre a ressurreição com Robert Prince, ele dizia que as curas que Jesus fez vieram dos relatos mitológicos de curas, como as de Esculápio. Eu insisti que ele lesse a todos uma passagem das fontes originais mostrando a suposta similaridade. Quando ele leu, o que alegava não tinha nada a ver com as histórias dos Evangelhos sobre as curas de Jesus! Essa foi a melhor prova que a origem das histórias não estava relacionada”

Uma análise superficial por pessoas incapazes ou preguiçosas de descobrirem a verdade dos fatos pode levar muita gente a acreditar fielmente em cada uma das mentiras e falsidades que foram expostas em *Zeitgeist* e que é repetido à exaustão pelos ateus, mas uma pesquisa mais profunda e um estudo mais sério são mais que o suficiente para deitar por terra todas as inverdades propagadas pelos conspiracionistas.

Não há qualquer ligação profunda, ou sequer superficial, entre os mitos pagãos e a pessoa de Jesus Cristo à luz dos evangelhos. É completamente irracional e impensável acreditar que os escritores bíblicos plagiaram Jesus daqueles deuses mitológicos que acabamos de conferir. Se eles tivessem plagiado a ideia, teriam retratado um Jesus poderoso na terra, que era rico, ambicioso, imponente, ativo e impetuoso, igualzinho os deuses pagãos.

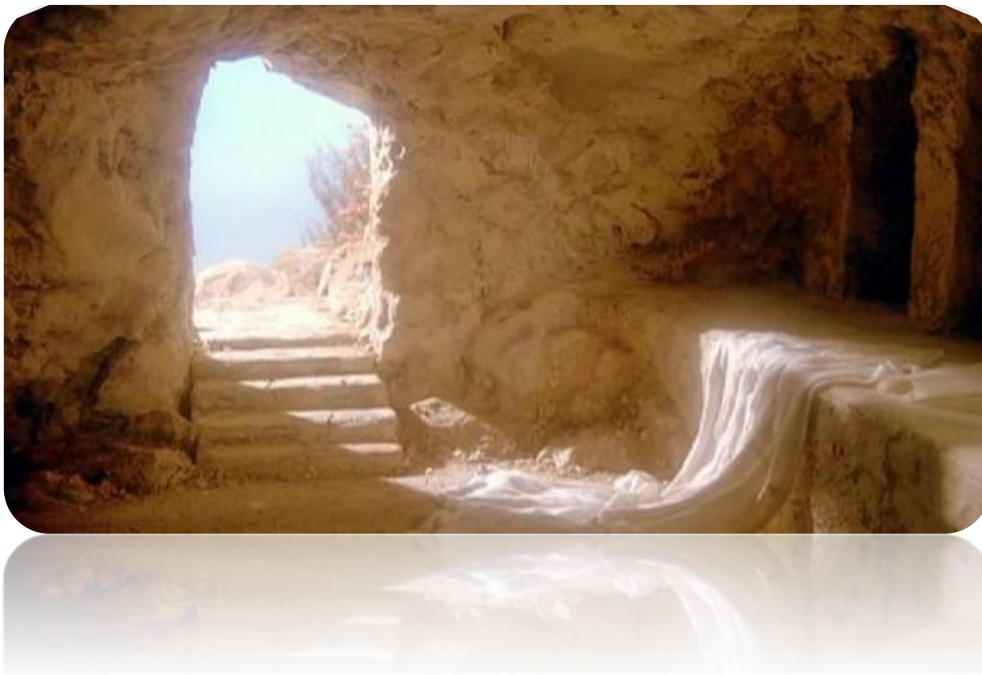
Não teriam relatado um Cristo que se fez pobre por amor a nós (2Co.8:9), que não tinha onde reclinar a cabeça (Lc.9:58), que tinha a humilde profissão de carpinteiro (Mc.6:3), que morreu crucificado ao lado de dois condenados (Lc.23:33), que foi açoitado pelos romanos, zombado pelos judeus, desprezado pelo mundo, que morreu como uma ovelha no matadouro.

Nada disso se vê nos poderosos deuses mitológicos, que ainda apresentavam traços de caráter por vezes desvairados, que exaltavam a si mesmos, que lutavam pelo bem de si próprios, nem que para isso fosse necessário matar outro deus ou armar as mais insanas estratégias de denegrir o próximo. Jamais se ofereceriam para **lavar os pés de seus discípulos** (Jo.13:12), nunca diriam que não vieram para serem servidos, mas “[para servir e dar a vida em resgate de muitos](#)” (Mt.10:45).

Os deuses mitológicos morriam por compulsão, não por escolha. Tomados pelo orgulho ou pelo desespero, tiravam a vida uns dos outros, se vingavam uns dos outros, enganavam e eram enganados. Jesus, porém, morreu voluntariamente, em um amor sacrificial. Sua morte não foi uma derrota, mas uma vitória. Nunca nenhum deus de mistério morreu vicariamente por outra pessoa, ou “[para tirar o pecado do mundo](#)” (Jo.1:29). Jamais algum deus mitológico chegou ao ponto de esvaziar a si mesmo, tomar a forma de servo, se fazer semelhante aos homens, humilhar a si mesmo e ser obediente até a morte, e morte de cruz (Fp.2:7,8).

Não, Jesus Cristo não é um mito, nem um plágio, nem uma invenção de mentes velhacas. Jesus Cristo é um personagem único e singular na história das religiões. Sem igual, sem precedentes, sem similares. É tão real e verdadeiro que milhares de cristãos deram a vida em martírio nessa certeza, como testemunhas oculares daquele que um dia esteve entre nós. À luz de todas as evidências históricas, acreditamos que o mais lógico e coerente é crer em Cristo exatamente como a Bíblia o descreve: “[Senhor meu e Deus meu](#)” (Jo.20:28).

CAP. 5 - JESUS REALMENTE RESSUSCITOU?



Até aqui provamos que Jesus realmente existiu historicamente e que ele não foi um plágio de deuses mitológicos. Em outras palavras, os apóstolos e evangelistas não inventaram nada: eles simplesmente relataram aquilo que viram. Mas será que o mesmo princípio deve se aplicar à ressurreição de Jesus? Os evangelhos e as epístolas neotestamentárias descrevem três coisas de fundamental importância:

1º O túmulo vazio.

2º As aparições do Cristo ressurreto.

3º Sua ascensão ao Céu.

Se os evangelistas não inventaram uma história em torno de Jesus, então esses fatos devem ser verdadeiros. E isso explicaria o porquê que os primeiros cristãos, testemunhas oculares que foram de tudo isso, deram seu sangue em martírio e prosseguiram firmes na fé mesmo com toda a perseguição, tortura e morte, pois o Cristianismo era uma religião abominável aos olhos do império romano. Mesmo assim, os cristãos aceitavam o martírio, a morte, a crucificação, as prisões, as perseguições, tudo por aquele mesmo homem que eles viram ressurreto e diziam ter sido assunto aos céus.

E, se Jesus realmente ressuscitou, isso nos leva à conclusão lógica de que o Cristianismo é a única religião verdadeira, e não uma farsa ou um conto de fadas. As outras religiões que existem no mundo não ensinam a ressurreição física de Jesus Cristo. Aliás, elas nem sequer creem em *qualquer* ressurreição. Muitas delas (como a grande maioria das religiões panteístas, o hinduísmo, o budismo, o espiritismo, entre outras) creem em reencarnação, que é diametralmente oposto a ressurreição. Elas não creem em ressurreição física e literal da carne. E, para elas, Jesus nunca ressuscitou dos mortos.

Outras várias religiões creem em imortalidade da alma, mas não em ressurreição. Tal era a crença dos gregos da época de Jesus. E outras creem em ressurreição, mas não na *ressurreição de Jesus*, especificamente. Os judeus criam (e creem) em ressurreição, mas não creem que Jesus era o Messias que realmente ressuscitou dos mortos. O islamismo crê em ressurreição, mas não crê que Jesus morreu e ressuscitou, e sim que Judas foi crucificado em seu lugar¹¹⁸.

Dito em termos simples, a **única** de religião no mundo que crê em ressurreição e também na ressurreição de Cristo é a cristã. Então, se Jesus realmente ressuscitou dos mortos, estaria provada a existência da ressurreição da carne, e, mais do que isso, estaria autenticando a veracidade da fé cristã (a única que ensina a ressurreição de Jesus) e consequentemente que todas as outras religiões que há no mundo são falsas, pois creem no contrário (não creem em ressurreição ou não creem na ressurreição de Cristo).

Mas será que os discípulos não inventaram essa história de que Jesus ressuscitou dos mortos?

Temos boas razões para crermos que os discípulos não inventaram uma história sobre o túmulo vazio e a ressurreição de Cristo. Se eles tivessem inventado uma história falsa, teriam facilmente negado a Cristo diante de toda a perseguição do império romano. Não teriam mantido a fé naquilo que eles sabiam que era uma mentira, uma grande farsa inventada por eles. Pedro teria preservado a sua vida e voltado a ser um pescador, ao invés de aceitar morrer crucificado de cabeça para baixo por causa da pregação do evangelho.

¹¹⁸ Surata, 4.157,158.

A história nos mostra que todos os doze apóstolos, excetuando Judas e João, morreram martirizados. Mateus morreu na Etiópia como mártir. André foi crucificado em uma cruz em forma de xis para que o seu sofrimento se prolongasse. Filipe foi enforcado de encontro a um pilar em Hierápolis. Bartolomeu foi morto a chicotadas e seu corpo foi colocado num saco e jogado ao mar. Simão morreu crucificado junto aos zelotes em 70 d.C. Tiago foi martirizado em 62 d.C por ordem do sumo sacerdote Ananias, apedrejado até a morte por se recusar a denunciar os cristãos.

Judas Tadeu foi martirizado na Pérsia junto a Simão Zelote. Pedro pediu para ser crucificado de cabeça para baixo por julgar-se indigno de morrer na mesma posição que seu Mestre. O outro Tiago foi decapitado em Jerusalém por Herodes Agripa em 44 d.C. João chegou a ser lançado em um caldeirão de azeite a ferver. Tomé morreu a flechadas enquanto orava, por ordem do rei de Milapura, em 53 d.C. Paulo morreu decapitado no mesmo ano que Pedro. Lucas foi enforcado em uma oliveira na Grécia. Matias foi martirizado na Etiópia.

Todos eles, sem exceção, tinham a opção de preservar suas vidas simplesmente fazendo isso: negando a Cristo. Se Jesus fosse uma fábula inventada por eles, teria sido muito mais fácil para eles negá-lo diante da morte, e preservarem suas vidas. Se eles tinham mentido sobre as aparições do Jesus ressurreto, teriam abandonado essa farsa quando comessem a ver toda a perseguição do império romano contra eles. Se eles inventaram a história de que viram o Cristo ressurreto ascendendo aos céus sob uma nuvem, algum deles já teria desmentido isso ao ser preso ou torturado pelos judeus ou pelos romanos.

A conclusão óbvia diante dos fatos é que **os discípulos não inventaram nenhuma história**. Eles realmente estiveram com Jesus. O túmulo realmente estava vazio. Eles realmente viram Jesus ressurreto e tocaram nele. Eles de fato viram Cristo subindo ao Céu depois de quarenta dias. Eles não estavam inventando histórias para enganar alguém. Se estivessem inventando uma história, o que foi que eles ganharam? Riquezas? Não. Pedro e João não tinham ouro nem prata (At.3:6). Paulo viveu em pobreza, sem ter moradia certa (1Co.4:11-13). Os cristãos que viram Cristo em Jerusalém viviam em “[extrema pobreza](#)” (Rm.15:26), e os que estavam na Macedônia também (2Co.2:8).

O que os teria levado a inventarem uma história? Uma vida mais tranquila, cheia de paz e conforto? Isso certamente eles não tiveram. Por todos os cantos eram

atribulados (2Co.4:8), perseguidos (2Co.4:9), cada vez mais cristãos eram presos e mortos. E isso não é atestado apenas pela Bíblia ou pelas fontes cristãs. Como vimos nos outros capítulos, até mesmo os não-cristãos daquela época contemplavam isso e ficavam atônitos. Tácito disse que “eles foram feitos objetos de esporte, pois foram amarrados nos esconderijos de bestas selvagens e feitos em pedaços por cães, ou cravados em cruzes, ou incendiados, e, ao fim do dia, eram queimados para servirem de luz noturna”¹¹⁹.

Suetônio disse que “os cristãos, espécie de gente dada a uma superstição nova e perigosa, foram destinados ao suplício”¹²⁰. Josefo descreveu o martírio de Tiago, irmão de Jesus, dizendo que foi apedrejado¹²¹. Plínio também narrou várias formas de interrogamento, tortura e morte dos que se diziam cristãos¹²². Se os próprios escritores não-cristãos que viveram na época dos discípulos de Jesus confirmam os relatos cristãos dos martírios e da perseguição que os seguidores de Cristo sofriam, o que é que eles ganhariam inventando uma história? Tudo o que ganharam foi perseguição, pobreza e tribulações durante a vida, e o martírio ao fim dela.

Além disso, os evangelhos nos mostram que as primeiras testemunhas da ressurreição de Cristo foram as mulheres (Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago, e Salomé), cujo testemunho não possuía nenhum valor naquela cultura judaica. Como expõe Jefferson Peixoto:

“A presença das mulheres no sepulcro é uma forte evidência de que o registro bíblico é verdade. As mulheres não tinham praticamente nenhuma credibilidade no primeiro século da cultura judaica, e seu depoimento em um tribunal de lei era considerado de nenhum valor. Por exemplo, se um homem era acusado de um crime que só tinha sido testemunhado por mulheres, ele não podia ser condenado com base na declaração delas”¹²³

Geisler e Turek completam:

“Maria Madalena, uma mulher que fora possuída por demônios (Lc 8.2), não seria inventada como a primeira testemunha do túmulo vazio. O fato é que as

¹¹⁹ Tácito, Annales, XV.44.

¹²⁰ Suetônio, Vida dos doze Césares, n. 25, p. 256-257.

¹²¹ Antiguidades, 20.9.1.

¹²² Epístola X, 97.

¹²³ PEIXOTO, Jefferson. **A Ressurreição de Cristo**. Disponível em:

<<http://segredodedavi.blogspot.com.br/2011/05/ressurreicao-de-cristo.html>>. Acesso em: 23/10/2013.

mulheres em geral não seriam apresentadas como testemunhas numa história inventada”¹²⁴

Se os discípulos tivessem inventado uma história, obviamente não iriam dizer que as primeiras pessoas que testemunharam o Jesus ressurreto foram as mulheres, cujo testemunho naquela sociedade em que eles viviam tinha valor igual a zero. Eles certamente teriam dito que foram *eles mesmos*, e que as mulheres que ficaram acovardadas. O que ocorreu, contudo, foi exatamente o inverso, porque os evangelistas estavam simplesmente retratando a verdade, e não embelezando estórias.

Tudo isso tem levado muitos ateus e não-cristãos a inventarem outras teses para competir com a ressurreição de Jesus, porque a tese de que os discípulos inventaram uma história ou roubaram o corpo de Cristo é absurdamente antilógica¹²⁵, pois ninguém morre por algo que *sabe* que é uma mentira. Por isso, algumas teorias foram levantadas para dizer que os discípulos simplesmente “estavam enganados”. Ou seja: eles não inventaram uma história para morrer por ela, simplesmente foram enganados por alguma outra circunstância, como, por exemplo:

- **Jesus não morreu, apenas “desfaleceu”, e por isso reapareceu aos discípulos que pensaram que ele tivesse ressuscitado.**

Não gostou dessa? Então tem essa:

- **Jesus não apareceu aos discípulos, eles na verdade sofreram alucinações e pensaram estar vendo Cristo.**

Ainda não é boa? Talvez sirva essa:

- **Jesus tinha um irmão gêmeo, e este irmão que apareceu aos discípulos, que pensaram que era Jesus (só que não).**

¹²⁴ TUREK, Frank; GEISLER, Norman. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. Editora Vida: 2006.

¹²⁵ Ainda há outras razões pelas quais se torna absurda a tese de que os discípulos roubaram o corpo de Jesus. Por exemplo: se eles realmente roubaram o corpo, como é que eles conseguiram passar pelos guardas que guardavam vigia no túmulo, que tinham que guardá-lo com o risco de perder suas próprias vidas? Será que nenhum deles perceberia os discípulos movendo a grande pedra que estava no túmulo? E como os guardas souberam que os discípulos roubaram o corpo, se eles estavam dormindo?

Por mais que os céticos levantem essas e outras teorias, todas elas têm sido sistematicamente derrubadas e refutadas pelos eruditos e estudiosos, e por essa mesma razão muitos não-cristãos tem se convertido ao Cristianismo ao analisarem as evidências da ressurreição de Jesus. Começaremos analisando a teoria do desfalecimento.

1º Teoria do desfalecimento refutada

A teoria de que Jesus não morreu realmente, mas apenas “desmaiou” ou “desfaleceu” na cruz, e posteriormente “acordou”, saiu do túmulo e apareceu aos discípulos é provavelmente a mais absurda de todas as teorias alternativas elaboradas pelos anti-cristãos. Em primeiro lugar, porque é ilógico crer que Jesus de fato não tenha morrido. Como Norman Geisler e Frank Turek apontam no best-seller “Não tenho fé suficiente para ser ateu”:

“Os romanos, que eram executores profissionais, chicotearam e bateram em Jesus de maneira brutal. Então, depois disso, pregaram cravos rústicos em seus punhos e em seus pés e enfiaram uma lança em seu lado. Eles não quebraram as pernas para apressar sua morte porque sabiam que já estava morto (as vítimas de crucificação freqüentemente morriam por asfixia porque não podiam erguer o corpo para poder respirar. Quebrar as pernas, portanto, apressaria a morte). Além do mais, Pilatos foi verificar para certificar-se de que Jesus estava morto, e a morte de Jesus foi a razão de os discípulos terem perdido toda a esperança”¹²⁶

Como pode alguém que foi surrado pelos romanos, tendo sido duramente açoitado, sendo obrigado a carregar uma cruz pesada com uma coroa de espinhos na cabeça aprofundando ainda mais a dor, sendo pregado em uma cruz com pregos fixados em seus pulsos e em seus pés, e, para completar, com o seu lado perfurado por uma lança de um soldado romano para confirmar ainda mais a sua morte (pois já sabiam que ele estava morto, diferente dos demais crucificados), ainda ter conseguido sobreviver, e, sem nenhum apoio médico, ter se levantado do túmulo após três dias, se desfeito do pano que o cobria com 34 quilos de especiarias, removido a grande pedra que guardava o túmulo, vencido os guardas romanos armados para impedir o acesso a ele e aparecer aos discípulos?

¹²⁶ TUREK, Frank; GEISLER, Norman. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. Editora Vida: 2006.

E como José de Arimateia e Nicodemos teriam embalsamado Jesus sem perceberem que este ainda estava vivo? E como que um homem “múmia”, praticamente morto, gravissimamente ferido e sangrando completamente ainda estaria vivo depois de três dias em um túmulo, sem nenhum cuidado médico? A não ser que os ateus acreditem em *milagre*, seria impossível que tudo isso acontecesse a não ser que Cristo tenha realmente ressuscitado dos mortos.

Como dizem Geisler e Turek:

“Se ele tivesse sobrevivido ao túmulo frio, úmido e escuro, de que maneira poderia tirar as bandagens, empurrar a pedra para cima e para fora (uma vez que estava dentro do túmulo), passar pelos guardas romanos (que seriam mortos por permitir uma brecha na segurança) e, então, convencer os covardes assustados, fugitivos e céticos de que ele havia triunfado sobre a morte? Mesmo que pudesse sair do túmulo e passar pelos guardas romanos, Jesus seria apenas uma massa mole alquebrada e ensangüentada de homem, da qual os discípulos teriam pena, e não alguém a quem eles adorariam. Eles diriam: ‘Você pode estar vivo, mas certamente não ressuscitou. Vamos levá-lo já para um médico!’”¹²⁷

A teoria do desfalecimento também não explica como Jesus apareceria “do nada” no meio da casa onde os discípulos estavam, a portas trancadas, com medo dos judeus (Jo.20:19). Quando muito, ele teria batido na porta, esperado um bom tempo que alguém abrisse e o reconhecesse, e só então entrado na casa. Isso também não explica seu aparecimento aos dois homens no caminho de Emaús (Lc.24:13), conversando com eles e desaparecendo imediatamente após partir o pão (Lc.24:31). Será que os dois homens de Emaús estavam vendo uma múmia ou um zumbi praticamente morto, sangrando dos pés à cabeça, embalsamado em um manto? Se fosse assim, eles não teriam conversado naturalmente com Jesus, mas teriam prestado socorro àquele pobre homem à beira da morte.

Por fim, essa tese não explica a ascensão de Jesus, que foi um evento contemplado por todos os discípulos e por mais de quinhentas pessoas de uma só vez (1Co.15:6). Como um Cristo desfalecido e quase morto iria enganar os

¹²⁷ *ibid.*

discípulos na frente deles e fraudar sua ascensão aos céus? Por tudo isso e muito mais, a teoria do desfalecimento é inaceitável.

2º Teoria da alucinação refutada

Essa segunda tese é provavelmente a mais popular entre os céticos e ateus, mas ela, na verdade, não resolve nada, apenas acentua os problemas. Primeiro, ela não explica o túmulo vazio. Os discípulos poderiam alucinar à vontade, mas como alucinações poderiam abrir a pedra de um túmulo, passar pelos guardas romanos que guardavam vigia, e depois deixar o túmulo vazio?

Se os discípulos tivessem tido apenas alucinações, o sepulcro permaneceria com Cristo lá dentro, confirmando que tudo aquilo não passara de mera alucinação, algo irreal, ilusório. Talvez seja por isso que Pedro e João não se conformaram meramente em ouvir que Jesus tinha ressuscitado: eles foram correndo até o sepulcro (Jo.20:3). O fato de o sepulcro ter sido achado vazio prova que não ocorreu alucinação alguma, mas que Jesus realmente se levantou dos mortos. Geisler e Turek discorrem sobre isso, dizendo:

“Se mais de 500 testemunhas oculares tiveram a experiência sem precedentes de ter a mesma alucinação em 12 ocasiões diferentes, então por que as autoridades judaicas ou romanas simplesmente não exibiram o corpo de Jesus pela cidade? Isso teria desferido um golpe fatal no Cristianismo de uma vez por todas. As autoridades adorariam ter feito isso, mas, aparentemente, não puderam fazê-lo porque o túmulo estava realmente vazio”¹²⁸

Ademais, se os discípulos não roubaram o corpo e nem inventaram uma história, o que explicaria o sepulcro vazio? Talvez algum outro grupo de pessoas tivesse roubado o corpo. Mas quem? Os únicos que estavam do lado de Cristo eram os cristãos. Todos os outros gritaram: “**crucifica-o!**” (Lc.23:21). E mesmo os cristãos não fizeram qualquer coisa por Cristo na hora em que ele mais precisava. Todos os discípulos fugiram (Mc.14:27), Pedro o negou (Jo.18:27), Judas o traiu (Mt.26:48). Depois, ficaram amedrontados, trancados a portas fechadas, com medo (Jo.20:19). Ao invés de irem pregar o evangelho, voltaram a ser meros pescadores (Jo.21:3).

¹²⁸ *ibid.*

Se os próprios discípulos ficaram apáticos, medrosos, fracos e impotentes diante de tudo o que aconteceu com Cristo, como é que alguém que nem era discípulo de Jesus iria se arriscar ao ponto de lutar contra os guardas romanos, remover a pedra do sepulcro e retirar o corpo de Cristo?

E o que ele ganharia com um simples cadáver? Se fosse hoje até entenderíamos. Jesus, o personagem mais famoso da história da humanidade, provavelmente alguém ganharia muito com isso. Mas naquela época ele era considerado só mais um condenado, como os outros dois ladrões. Alguém que se dizia o Messias, assim como tantos outros que também se diziam isso e não acabaram em nada. Alguém que aparentemente não pôde salvar a si mesmo. Alguém que os poucos que colocaram confiança nele estavam acovardados. Diante de tudo isso, nem um louco se arriscaria tanto para ganhar literalmente... nada.

Portanto, a única coisa que explica satisfatoriamente o túmulo vazio é a ressurreição. Então tudo começa a fazer sentido. Mas a teoria da alucinação não explica nada sobre o túmulo vazio. Além disso, alucinações, quando acontecem (e raramente acontecem), não ocorrem em *grupo*, mas *individualmente*. Jesus, porém, não foi visto ressurreto apenas por uma pessoa, mas por várias, ao mesmo tempo. Geisler e Turek falam apropriadamente sobre isso nas seguintes palavras:

“As alucinações não são experimentadas por grupos, mas apenas por indivíduos. Nesse aspecto, são muito parecidas com sonhos. É por isso que, se um amigo lhe diz pela manhã: ‘Uau! Esse foi um grande sonho que *nós* tivemos, não é?’, você não diz: ‘Sim, foi fabuloso! Vamos continuar hoje à noite?’. Não, você acha que seu amigo ficou louco ou que está simplesmente fazendo uma brincadeira. Você não o leva a sério porque sonhos não são experiências coletivas. Quem tem sonhos é o indivíduo, não grupos. As alucinações funcionam da mesma maneira. Se existirem raras condições psicológicas, um indivíduo pode ter uma alucinação, mas seus amigos não a terão. Mesmo que a tiverem, não terão a mesma alucinação”¹²⁹

Jesus não apareceu somente uma única vez para uma única pessoa, mas várias vezes para várias pessoas. Em uma delas ele apareceu diante de todos os discípulos, à exceção de Tomé (Jo.20:19). Como que dez pessoas teriam tido exatamente a mesma alucinação e exatamente no mesmo momento?

¹²⁹ *ibid.*

Impossível. Mas a incredulidade de Tomé era tanta que ele pensou nisso. Foi preciso que o próprio Senhor Jesus aparecesse de novo diante dele (Jo.20:26). E aqui entra um ponto ainda mais importante que desmente de uma vez a teoria da alucinação: Tomé **tocou** em Jesus (Jo.20:27), e os discípulos **comeram** com ele (Jo.21:13).

Se Tomé tocou em Jesus, então obviamente este estava presente em forma física, e o fato de ele ter comido com os discípulos prova que eles não estavam tendo uma “alucinação coletiva”, que sequer existe. E o que dizer de quando Jesus ressurreto apareceu aos discípulos na beira da praia, quando Pedro e os demais conversam e comem com ele (Jo.21:4-14)?

Ainda mais absurda é a teoria da alucinação à luz do fato de que Cristo apareceu para **quinhentas pessoas** de uma só vez, antes de sua ascensão ao Céu (1Co.15:6). Como seria possível quinhentas pessoas terem tido exatamente a mesma alucinação com a mesma pessoa, no mesmo evento, na mesma hora e no mesmo lugar? É preciso ter muito mais fé nos absurdos e impossibilidades da teoria da alucinação do que no fato de Jesus Cristo ter realmente ressuscitado dos mortos.

3º Teoria do irmão gêmeo refutada

À luz do fracasso das outras teorias, Barth Ehrman propôs algo mais interessante em seu debate sobre a ressurreição de Jesus que ele travou com William Lane Craig: Jesus teria um irmão gêmeo, e depois que ele morreu foi esse irmão gêmeo que apareceu aos discípulos.

Gênio! Só que não.

Em primeiro lugar, se Cristo tivesse mesmo um irmão gêmeo isso seria da maior importância e não deixaria de ser registrado na Bíblia ou em alguma outra fonte cristã ou secular. Contudo, em momento algum vemos Maria dando a luz a gêmeos, mas somente a Jesus, que a Bíblia chama de primogênito (Lc.2:7). Como acreditar em uma teoria que diz que Jesus tinha um irmão gêmeo, se não existe sequer uma única linha de evidência histórica cristã ou secular sobre isso? É preciso ter muita fé (ou imaginação fértil) para se crer nisso.

Em segundo lugar, se Jesus tivesse mesmo um irmão gêmeo isso seria muito bem conhecido pelos discípulos. Esse irmão gêmeo poderia ser Tiago, José, Judas ou Simão (que eram os quatro irmãos de Jesus – Mc.6:3), que frequentemente apareciam diante dos discípulos nos evangelhos (Mc.3:17-35). Como seria possível esconder a existência de um irmão gêmeo por tanto tempo? Se os discípulos sabiam desse suposto “irmão gêmeo”, é claro que eles não seriam enganados tão facilmente. A propósito, eles saberiam que o que morreu foi Jesus, e que o que estava vivo era o tal irmão gêmeo. Não haveria nenhuma novidade nisso. Nenhuma “ressurreição” a ser celebrada.

Em terceiro lugar, não é apenas pelo rosto que se reconhece alguém. Se Jesus tinha um irmão gêmeo, ele certamente teria características e personalidade que o distinguiriam do verdadeiro. Não é fácil parecer ser Jesus Cristo: alguém sem pecado, que só praticava o bem, que tinha os mais altos e elevados valores morais que era possível. Antes de Jesus subir aos céus, ele esteve quarenta dias com os discípulos (At.1:3). Será que nesses quarenta dias nem um único discípulo iria perceber a mínima diferença de personalidade entre o verdadeiro e o falso?

Em quarto lugar, a teoria do irmão gêmeo não explica como que o Jesus ressurreto apareceu aos discípulos repentinamente, “do nada”, no meio da casa (Jo.20:19). Ele não podia ter pulado a janela ou entrado pela porta, pois eles estavam a portas fechadas e vigiando, com medo de serem pegos pelas autoridades romanas. Basta ver como Pedro reagiu quando suspeitavam que ele fosse um discípulo de Jesus (Jo.18:25-27). Se essa aparição se deu de modo sobrenatural, cremos que isso só seria possível com o corpo glorioso e ressurreto do verdadeiro Senhor Jesus, e não com um “sósia” dele.

Em quinto lugar, a teoria do irmão gêmeo pode explicar o fato deste Jesus ter comido com eles, mas não explica o buraco aberto nos pés e nos punhos (Jo.20:27). Teria esse irmão gêmeo de Jesus mutilado a si mesmo, pregando seus próprios pés e seus próprios pulsos, se auto-flagelando apenas para aparecer aos discípulos? E o que ele ganharia com isso? Depois de quarenta dias nem voltou a aparecer. Teria se mutilado para nada. Apenas para ter o prazer de sofrer.

Em sexto, essa teoria não explica a ascensão. Se esse Jesus não era o verdadeiro, mas um *fake*, como ele pôde ter subido ao Céu diante de uma multidão de mais

de quinhentas pessoas? Nem com todos os truques de mágica ele conseguiria isso. E o túmulo vazio? É mais uma teoria que não explica nada. Se os discípulos tivessem ido ao túmulo errado, é lógico que as autoridades romanas teriam ido ao túmulo certo, mostrado o corpo real de Jesus e fim de discussão. Isso não ocorreu simplesmente porque o verdadeiro túmulo estava realmente vazio. E por isso eles precisaram dar a desculpa de que os discípulos roubaram o corpo enquanto os guardas dormiam – porque já não havia ninguém no túmulo verdadeiro.

Uma teoria semelhante a essa é a de que Judas foi crucificado no lugar de Jesus, e que o verdadeiro Jesus sumiu. O Alcorão, por exemplo, ensina que Judas foi crucificado no lugar de Cristo e que este foi assunto ao Céu ainda em vida. Por que essa teoria não pode ser verdadeira? Primeiro, porque ela é datada de 600 anos depois de Cristo. Será que é mais inteligente acreditar naquilo que as *testemunhas oculares* disseram (Novo Testamento) ou naquilo que pessoas que escreveram mais de meio milênio mais tarde fizeram, tentando reescrever a história?

Ademais, como nos mostra Geisler e Turek, é ridículo crer que todos tenham sido enganados quanto à verdadeira identidade daquele que morreu crucificado:

“Devemos acreditar que a multidão de testemunhas que presenciou algum aspecto da morte de Jesus – os discípulos, os guardas romanos, Pilatos, os judeus, a família e os amigos de Jesus – estava toda errada sobre quem fora morto? De que maneira tantas pessoas poderiam estar erradas quanto a uma simples identificação? Isso é o mesmo que dizer que Abraham Lincoln não foi a pessoa assassinada ao lado de sua esposa numa noite de abril de 1865 no Teatro Ford. Estaria Mary Lincoln errada sobre o homem que estava sentado ao seu lado? O guarda-costas de Lincoln estava errado sobre quem ele estava guardando? Todas as outras pessoas estavam erradas sobre a identidade do presidente também? Não se pode acreditar nisso”¹³⁰

Será que nem os guardas romanos, nem Pilatos, nem Herodes, nem o povo judeu, nem os discípulos, nem a própria família de Cristo, nem absolutamente ninguém foi capaz de perceber que aquele homem que foi julgado, açoitado, pregado numa cruz e morto não era o verdadeiro Jesus? Impossível. E essa

¹³⁰ *ibid.*

teoria deixa muitas lacunas: como Jesus apareceu aos seus discípulos com os buracos nos punhos e nos pés, com as marcas dos pregos? Se fosse outro que tivesse sido crucificado no lugar de Cristo, este estaria em perfeitas condições.

E como explicar o túmulo vazio, por essa teoria? Será que o verdadeiro homem que morreu na cruz (que, segundo eles, não foi Jesus) ressuscitou dos mortos? O túmulo vazio, as aparições após ressurreto e a ascensão são coisas que não passam nem perto de serem refutadas por essa tese. A única coisa que ela nos mostra, se estiver certa, é que todas as pessoas do século I estavam erradas sobre tudo. Que ninguém sabia quem era Jesus. Mas explica alguma coisa? Não. Nada.

• Mas e os mártires muçulmanos?

Ao se depararem com todas as evidências que nos mostram de modo claro que: **(1)** os discípulos não inventaram uma história; e: **(2)** os discípulos não foram enganados; os céticos são rápidos em responderem: “Mas e os mártires muçulmanos? Eles também morrem pela fé deles! Será que isso prova que o islamismo também é verdadeiro”? Várias considerações devem ser feitas aqui.

Em primeiro lugar, em momento nenhum foi alegado que toda religião que tem mártires é uma religião verdadeira. Nem tampouco foi alegado que alguém não pode morrer por algo que é uma mentira. O que foi alegado é que ninguém morre por algo que sabe que é uma mentira. Como Geisler e Turek disseram, “pessoas mal orientadas podem morrer por uma mentira que elas consideram ser verdade, mas não vão morrer por uma mentira que *sabem* que é uma mentira. Os autores do NT estavam em posição de saber a verdade real sobre a ressurreição”¹³¹.

Podemos crer que a ressurreição de Jesus é um fato histórico porque ninguém morre por algo que sabe que é uma mentira (i.e, os discípulos não inventaram uma farsa para morrerem por ela), porque os discípulos se diziam testemunhas oculares da morte, ressurreição e ascensão de Cristo e porque, como vimos, as teorias que dizem que eles estavam simplesmente enganados falham miseravelmente.

¹³¹ *ibid.*

Mas por que a mesma lógica não deveria valer para os mártires muçulmanos?

Simples: porque eles nunca presenciaram algum milagre de Maomé para morrerem por essa causa. Todas as vezes em que Maomé foi desafiado a realizar algum milagre ele recusou (Surata 3.181-184; 4.153; 6.8,9; 17.88-96), pois se dizia um simples homem (Surata 19.93). Os ditos “milagres” de Maomé não foram testemunhados por testemunhas oculares da época de Maomé, mas acrescentados séculos mais tarde no *hadith*, que é uma coleção posterior de dizeres e feitos de Maomé. O próprio Maomé jamais realizou milagre algum e na própria crença muçulmana ele morreu e foi sepultado. Nunca ressuscitou.

Os seguidores de Maomé nunca o viram realizando um milagre sobrenatural que confirmasse a veracidade de sua fé para que eles morressem por isso. Eles também jamais alegaram que Maomé ressuscitou e apareceu a eles, para depois morrerem por essa verdade mesmo diante de toda perseguição e tortura que pudessem sofrer.

Na verdade, o que ocorreu foi exatamente o inverso: enquanto os primeiros cristãos eram duramente perseguidos, os primeiros seguidores de Maomé se espalharam pela força militar. Já em 630 d.C Maomé havia cercado Meca e alguns anos mais tarde seus seguidores tomaram a terra santa à força. Eles fizeram o mesmo com Constantinopla e só não conseguiram tomar a Europa por causa da heróica resistência de Carlos Martel, prefeito de Tours, na França. Dito em termos simples, “[nos primeiros dias do Cristianismo, uma pessoa poderia ser morta por se tornar cristã; nos primeiros dias do crescimento do islã, uma pessoa poderia ser morta por não se tornar um muçulmano](#)”!¹³²

Portanto, o fato de ambas as religiões possuírem mártires não significa que ambas possuem testemunhas oculares de milagres, para que pudessem comprovar a veracidade dos tais e morrer por essa causa. Os cristãos eram testemunhas oculares do Cristo ressurreto e morreram por isso; os muçulmanos, contudo, nunca foram testemunhas oculares de algum milagre de Maomé e nunca alegaram tê-lo visto ressurreto, pois este se encontra no túmulo até hoje. Os mártires muçulmanos morrem simplesmente por fé, enquanto os mártires cristãos morriam porque *viram* os milagres com seus próprios olhos e *sabiam* que estiveram com o Cristo ressurreto.

¹³² *ibid.*

Como disseram Geisler e Turek:

“Quer se fale sobre cristãos, sobre muçulmanos ou sobre pilotos camicases seguidores de seitas suicidas, todos concordam que os mártires acreditam sinceramente em sua causa. Mas a diferença crítica é que os mártires cristãos do NT tinham mais do que sinceridade – eles tinham evidências de que a ressurreição de Jesus era verdadeira. Por quê? Porque *os mártires do NT foram testemunhas oculares do Cristo ressurreto*. Sabiam que a ressurreição era verdadeira, e não uma mentira, porque a verificaram com seus próprios sentidos. Eles viram, tocaram e até mesmo comeram com o Jesus ressurreto em diversas ocasiões. Viram-no realizar mais de 30 milagres”¹³³

Portanto, o fato de haver mártires em outras religiões de modo algum invalida ou anula o argumento da ressurreição de Cristo, a não ser que se prove que há alguma outra religião onde as testemunhas oculares de seu principal expoente o viram realizando diversos milagres somente explicáveis de modo sobrenatural (ex: andar sobre as águas, ressuscitar os mortos, multiplicar pães e peixes, curar leprosos, etc), ressuscitando dos mortos e aparecendo fisicamente diante delas, que decidiram manter a fé até sob prisão, tortura e morte.

Isso, porém, não ocorre nem no islamismo nem em qualquer outra religião que não seja a cristã. Mártires existem em todos os lugares, mas as *razões* que os levam a isso é o cerne da questão. Morrer por uma fé cega em herdar um Paraíso carnal onde há sete virgens para cada homem é uma coisa totalmente diferente de morrer por alguém que se *sabe* que realmente ressuscitou pois apareceu vivo depois de morto e por quarenta dias, tendo sido testemunhas oculares de sua ressurreição e ascensão ao Céu.

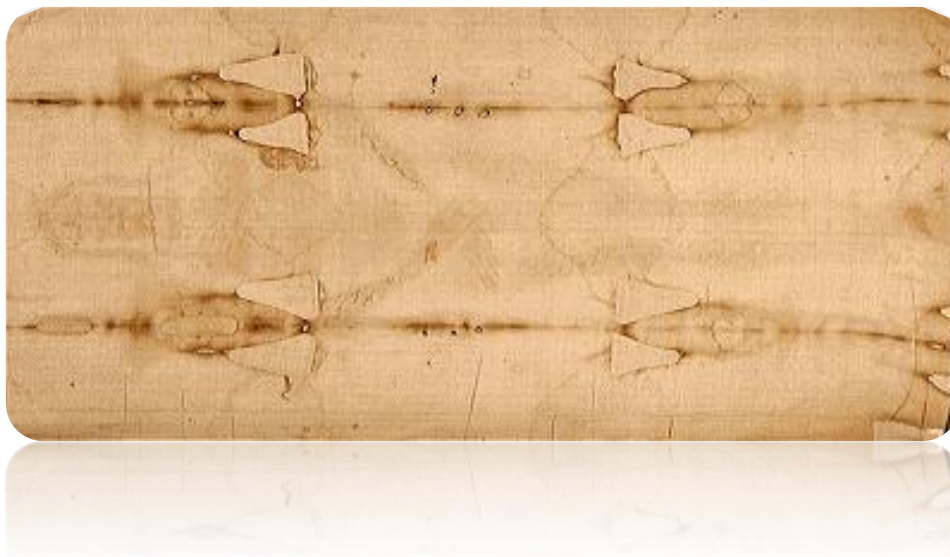
A conclusão mais lógica e coerente à luz de todas as evidências apresentadas, que relaciona perfeitamente a existência do túmulo vazio, as aparições do Cristo ressurreto, sua ascensão ao Céu diante de muitas testemunhas, o fato de que os discípulos não inventaram uma história e nem foram enganados, nos leva irremediavelmente a crer que Jesus, realmente, ressuscitou dos mortos. Apenas isso ligaria perfeitamente todas as peças do quebra-cabeça. Somente assim tudo começaria a fazer sentido. Unicamente desta forma haveria sentido em pessoas antes tão amedontradas e acovardadas se tornarem repentinamente os

¹³³ *ibid.*

maiores missionários que esse mundo jamais conheceu, e a não negarem seu Mestre nem sob tortura e pena de morte.

Sim, ele ressuscitou. O Hades não pôde deter o autor da vida. A morte não foi capaz de derrotá-lo. A história não pôde apagá-lo. Os guardas romanos não puderam impedi-lo. O sepulcro não pôde segurá-lo. Os agulhões da morte não puderam vencê-lo. Porque dele, por ele e para ele são todas as coisas. Porque ele vive.

CAP. 6 - O SUDÁRIO DE TURIM



Mesmo com todas as evidências da ressurreição de Jesus, muitos ateus permanecem descrendo, não por terem algum bom argumento para se contrapor a ela (o que já vimos que eles não tem), mas por pura *incredulidade* em admitirem o óbvio diante dos fatos apresentados. Eles não querem provas lógicas ou racionais: eles querem uma prova mais palpável, mais tangível, mas material da ressurreição de Cristo. Ironia ou não, para satisfazer esse desejo dos ateus nós temos o sudário de Turim, também conhecido como “santo sudário”.

O sudário de Turim é um lençol de linho de 4,36 x 1,10 metros, que era a medida de leçol para se envolver cadáveres em Israel na época de Cristo e ainda é empregado em rituais judaicos. Nós temos fortes evidências para crer que ele foi o manto que encobriu Jesus, o que é uma prova científica não apenas da existência de Jesus, mas, como veremos mais adiante, até mesmo da própria ressurreição.

Muitos cristãos evangélicos são contrários a autenticidade do sudário por acreditarem que se trata de uma relíquia católica, como várias outras que já foram comprovadas que se tratam de farsa da própria Igreja medieval. Contudo, observaremos que é impossível assemelhar o sudário a outras relíquias da época. O sudário possui perfeição e detalhes que seriam impossíveis para uma pessoa da Idade Média reproduzir.

E é errado tratá-lo como uma relíquia católica por estar hoje no Vaticano, pois ao longo de história ela já passou pelas mãos de todo o tipo de gente, inclusive por reis, imperadores, cruzados e outros. Ela não é uma relíquia católica, mas uma relíquia cristã que *atualmente* se encontra no Vaticano.

É necessário que os evangélicos analisem as evidências do sudário sem um viés teológico de que se trate de algo próprio de outra religião. E é igualmente preciso que os ateus analisem as evidências sem um viés de que não se pode tratar de Jesus Cristo *a priori*. Se algo tem que ser provado ou refutado, que o seja nas *evidências apresentadas*. Iremos analisar se essas evidências corroboram ou não para a veracidade do sudário seguindo as seguintes premissas:

1º O sudário de Turim é realmente um lençol do primeiro século que encobriu um homem morto, e não uma pintura falsificada da Idade Média.

2º Este homem trata-se de Jesus Cristo.

3º Este homem ressuscitou.

4º Logo, Jesus Cristo ressuscitou dos mortos.

É evidente que para chegarmos a essa conclusão precisamos seguir todas as premissas. Se as premissas forem comprovadas verdadeiras, então a conclusão lógica é que Jesus ressuscitou. Mas, para isso, é necessário que cada uma das premissas se comprove verdadeira. E é isso que passaremos a analisar a partir de agora. O estudo a seguir é uma síntese de vários documentários e artigos impressos e digitais sobre o tema, cujos sites e livros estarão na nota de rodapé deste livro, nos quais eu busquei reunir o maior número de evidências da autenticidade do sudário e de refutações às contra-argumentações mais comuns.¹³⁴

¹³⁴ As referências principais são:

-Livro: "Santo Sudário: A impossibilidade de falsificação", de Mario Moroni e Francesco Barbesino.

- Documentário do Discovery Channel sobre a autenticidade do sudário, disponível em:

<<http://apologiacruzista.com/index.php?pagina=1078523488>>

-Sites: ACI Digital:

<<http://www.acidigital.com/sudario/cronologia.htm>>

Associação Cultural Montfort:

<<http://www.montfort.org.br/old/index.php?secao=cadernos&subsecao=ciencia&artigo=sudario&lang=bra>>

Sem Fronteiras para o Sagrado:

Premissa 1 – Não é uma falsificação medieval

(Prova 1) – Existência histórica do sudário antes do século 14

“Saiu então Pedro, e aquele outro discípulo, e foram ao sepulcro. Ora, eles corriam ambos juntos, mas aquele outro discípulo correu mais do que Pedro, e levando-lhe a dianteira, chegou primeiro ao sepulcro. E tendo-se abaixado, viu os lençóis postos no chão, mas todavia não entrou. Chegou pois Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro, e viu postos no chão os lençóis, e o lenço, que estivera sobre a cabeça de Jesus, o qual não estava com os lençóis, mas estava dobrado num lugar à parte. Então pois entrou também aquele discípulo, que havia chegado primeiro ao sepulcro: e viu, e creu” (João 20:3-8)

O que, no relato do evangelista, viu o apóstolo, que o fez crer? O lençol que estivera sobre o corpo de Jesus. Convenhamos: você entra em um sepulcro, e vê que o Senhor já não se encontra mais por lá, e a única prova visível que você tem deste fato (que, aliás, foi exatamente o que lhes fez ver e crer) é o lençol que o envolveu enquanto se achava morto.

Ora, quem é que não apresentaria esta prova tão incontestável para os demais discípulos? Ainda mais sabendo que até os próprios apóstolos estavam bem incrédulos quanto a apenas testemunhos oculares (Mc.16:11-14), seria obviamente presumível que, desta vez, eles evidentemente apresentariam tal evidência da ressurreição de Jesus a todos os discípulos.

A pergunta que fica agora é: será que Deus iria preservar esta prova da ressurreição de Cristo ou será que permitiria a sua destruição? Será que algum descuido ou até mesmo incêndios poderiam destruí-lo? De fato, já tentaram queimá-lo mais de uma vez, mas ele permanece até os dias de hoje, como a maior relíquia que a humanidade já viu.

Como nos relata o historiador Wilson:

<<http://semfronteirasparaosagrado.blogspot.com.br/2009/09/santo-sudario.html>>

A Arte das Artes:

<<http://artedartes.blogspot.com.br/2009/04/o-santo-sudario-conclusao.html>>

Dr. Jackson de Souza Brandão:

<http://www.jackbran.pro.br/Santo%20Sudario/santo_sudario_de_turim.htm>

“Seja qual for à maneira como se formou a imagem, temos direito a nos maravilhar antes esses 4.97 metros de tecido, que é o Sudário de Turim (...) Porque se nossa reconstrução (histórica) é exata, essa mortalha sobreviveu à perseguição contra os cristãos do primeiro século, às inundações e ao terremoto de Edessa, a iconoclastia bizantina, à destruição da Ordem dos Cavaleiros do Templo, sem contar com um primeiro ataque do fogo que a perfurou com triplos buracos; depois, do incêndio de 1532; e outra grave tentativa de destruição, também pelo fogo, em 1972. Ó, ironia da história! Cada um dos edifícios nos quais quis proteger este Sudário antes do século XV, desapareceram há tempo, miserável pelas transformações dos tempos. Em troca, esta frágil peça de tecido superou todos os perigos para chegar até nós quase intacta!”

Embora em toda a história tenham sido feitas muitas tentativas de destruí-lo, ele continua de Pedro e João até os nossos dias, passando ao longo dos séculos pelos olhos dos observadores, provando que ele já existia muito antes do décimo quarto século.¹³⁵

[Ano 30]

- Os evangelhos relatam que o manto que envolveu Jesus se encontrava dobrado. O manto teria sido recolhido e custodiado pelos cristãos. O apóstolo Judas Tadeu leva o sudário (Mandyllion) para a cidade de Edessa.

[Ano 57]

- O sudário é escondido num riacho devido à perseguição aos cristãos em Edessa.

[Século II]

- Existem registros de que em Edessa (atual Urfa - Turquia) existia uma imagem de tecido com o rosto de Jesus.

¹³⁵ Os dados cronológicos do Sudário de Turim que são apresentados a seguir são extraídos do site ACI Digital: <<http://www.acidigital.com/sudario/cronologia.htm>> e da Associação Cultural Montfort: <<http://www.montfort.org.br/old/index.php?secao=cadernos&subsecao=ciencia&artigo=sudario&lang=bra>>.

[Anos 306 – 337]

- Durante as perseguições dos primeiros séculos, as comunidades cristãs guardavam cuidadosamente as relíquias dos mártires. Segundo Nino (306 a 337), a mulher de Pilatos teria entregado o sudário a Lucas (evangelista) e esse a Pedro (apóstolo), que o guardou.

[Ano 525]

- Durante a restauração da Igreja da Santa Sofia, de Edessa se registra o descobrimento de uma imagem de Jesus chamada acheropita (não feita por mão humana) chamada Mandyllion (lenço). Numerosos testemunhos a relacionam com o sudário, sobre tudo porque os pontos de coincidência entre os traços das cópias de Mandyllion – que foi profusamente reproduzido – e o Lençol superam os 100.

[Ano 544]

- Evagrio, em sua História Eclesiástica, nos conta que em 544 os edessenos venceram uma batalha contra as tropas persas que cercavam a cidade, depois de uma procissão do Mandyllion pelas muralhas, quando o fogo tomou conta das armas inimigas e os persas tiveram de fugir.

[Século VI]

- A partir dessa época (séc VI), a arte sacra começa a copiar a sagrada face em numerosos detalhes. Dois quadros hoje guardados no ocidente, em Sancta Sanctorum (Roma) e na Igreja de São Bartolomeu, em Genova, e ainda o Rosto Sagrado em Pescara, entre outros, já apresentam as mais fortes características de cópia do Mandyllion (sudário).

[Ano 789]

- No segundo Concílio Ecumênico de Nicéia, em 789, Teodoro Estudita recorre textualmente ao sudário como argumento contra os iconoclastas. Além dele, outras testemunhas daquela época são: João Damasceno, André de Creta, Gregório II, o patriarca Nicéforo, João de Jerusalém, e outros.

[Século VII]

- Do seu período na Turquia (Edessa), temos um interessante documento: o Codex Vossianus Latinus Q 69, conservado na biblioteca de Rijksuniversiteit de Leida (Países Baixos), um manuscrito do séc X, que contém uma narrativa do séc. VIII, proveniente da área siríaca, onde se lê que Jesus deixou a marca de todo o seu corpo num pano guardado na Igreja Grande de Edessa: “[Quem o contempla via o Senhor como quem o tenha visto na terra](#)”.

[Século VII – VIII]

- O bispo francês Aroulf e João Damasceno falam de um sudário de linho em Constantinopla, pelos séculos VII e VIII.

[Ano 912 – 919]

- Uma homilia atribuída ao imperador de Constantinopla, Constantino VII Porfirogênito (912-959), e o Narratio de Imagine Edessena (séc. X), dão a entender que não se tratava de pintura, e quando mostrado ao povo de Edessa era dobrado em oito camadas, de modo tal que aparecesse “[o rosto sem o corpo](#)”.

[Ano 944]

- Os exércitos bizantinos, no curso de uma campanha contra o sultão árabe de Edessa, apoderam-se do Mandyllion e o levam solenemente a Constantinopla em 16 de Agosto. O Mandyllion era em realidade o sudário dobrado oito vezes de modo que se visse só o rosto. Existe também a descrição de Gregório, o Referendário, sobre a chegada do Mandyllion a Constantinopla, como uma imagem impressa por gotas de suor e na qual se vê também o sangue que saiu do lado. Ou seja, o Mandyllion é o santo sudário.

[Ano 1080]

- Aleixo I Comneno pede ajuda ao Imperador Henrique IV e a Roberto de Flandres para defender as relíquias reunidas em Constantinopla, especialmente o sudário.

[Ano 1147]

- O rei Luis VII da França, durante sua visita a Constantinopla, visitou o sudário em Constantinopla.

[Ano 1150]

- Diversas referências incertas sugerem a existência de um tecido em Constantinopla, nos séculos XII e XIII. Viajando, um inglês afirmou que viu tal pano de linho entre os tesouros imperiais em 1150. Cinco anos mais tarde o abade Benedicto Soermudarson testificou sua presença na catedral de Santa Sofia. Mais uma referência definida vem de Guillermo de Tiro, quem afirma que o Imperador Manuel Comnenus mostrou ao rei Amalrico I de Jerusalém o sudário de Jesus, conservado no tesouro imperial. Outro visitante, Nicholas Mesarítes, mencionou ter visto em o tecido.

[Ano 1171]

- Manuel I Comnemo mostra a Almarico, rei dos Latinos de Jerusalém, as relíquias da paixão de Nosso Senhor, entre as quais, o sudário.

[Ano 1202]

- Um inventário de relíquias bizantinas refere-se claramente ao Mandylion.

[Ano 1204]

- Robert de Clary, cronista da IV Cruzada, escreve que: “*Todas as Sextas-feiras a Síndone é exposta em Constantinopla (...) Ninguém jamais soube, nem grego nem francês, o que foi feito do sudário quando a cidade foi tomada*”. O lençol desaparece de Constantinopla e é provável que o temor às excomunhões que pesavam sobre os ladrões de relíquias tenha animado sua ocultação. Diversos historiadores supõem que a relíquia foi levada a Europa e conservada durante um século e meio pelos Templários. Após os cruzados saquearem Constantinopla, o sudário é furtado pela Ordem dos Cavaleiros Templários.

[Ano 1206]

- O sudário foi premiado como despojos de Constantinopla a Otto de La Roche, comandante das tropas do Marquês de Monteferrat. O capitão enviou o tecido a seu pai, que em 1206 o deu ao Bispo Amadeus de Besangon, que fez questão de exibir o Sudário na sua catedral todos os domingos, até 1349, quando um fogo destruiu o templo.

[Ano 1306]

- Jacques de Molay, grão mestre da ordem, leva o sudário para a França.

[Ano 1307]

- Templários são condenados como heréticos, dentre outras razões, devido ao culto secreto de uma “Sagrada Face”, que parece ser uma reprodução do sudário.

[Ano 1314]

- Os Templários, uma ordem cavaleiresca de Cruzados, são condenados e dissolvidos. Foram acusados de realizar cultos secretos não cristãos. Um dos líderes templários era Geoffroy de Charny.

[Ano 1356]

- Geoffroy de Charny, um cruzado homônimo do anterior, entrega o Sudário aos cônegos de Lirey, perto de Troyes, na França. Geoffroy explicou que possuía a relíquia durante três anos.

[Ano 1357]

- Primeira exposição do Sudário na França.

Essas datas nos mostram claramente que o Sudário (ou “Mandylion”) não é uma falsificação da Idade Média a partir do décimo quarto século em diante, pois, doutra forma, não teríamos nenhuma menção histórica a ele antes desta

data. Tais dados nos revelam que o sudário é de origem muito mais antiga do que a Idade Média e, portanto, não pode tratar-se de uma falsificação medieval.

(Prova 2) – Imagem em negativo

Em 1888, um famoso fotógrafo italiano, chamado Secondo Pia, conseguiu a permissão do rei da Itália para tirar aquilo que seria a primeira fotografia do sudário de Turim. Mas quando foi exposto para uma demonstração em público, veio a decepção: Pia descobriu que a imagem parecia ser extremamente tênue. Foi quando ele descobriu aquilo que viria a ser uma das provas mais fortes da veracidade do sudário: ao revelar as duas primeiras chapas em vidro, descobriu que a imagem do pano estava **totalmente em negativo!**

Ele se assombrou, pois essa foi a primeira inversão negativo-positivo de uma fotografia na história. Ou seja: ao ver a imagem em negativo, na verdade se está vendo o “positivo fotográfico” da imagem. Em negativo, as partes mais escuras ficaram claras e as claras escuras, assim como em um negativo de uma fotografia. Mas na Idade Média a fotografia era completamente desconhecida.

O sudário está em negativo, o que faz com que claros e escuros estejam invertidos em relação àquilo que normalmente veríamos. Isso significa que, se o sudário foi uma falsificação manufaturada em pleno século XIV – como dizem os céticos – o autor precisaria ter **imaginado o conceito de fotografia 700 anos antes dela ter sido inventada!**

Por isso, é simplesmente impossível que o sudário seja uma fraude. Como bem destacou o Dr. Donald Lynn:

“Uma falsificação o santo sudário? Isso seria um super milagre!”¹³⁶

Portanto, não se trata de pintura, e as características identificáveis de um ser humano só podem ser visualizadas a três metros de distância, como se fosse o negativo de um filme. A fotografia só foi inventada no século XIX.

¹³⁶ Nasa, Jet Propulsion Lab. Julho de 1980.

(Prova 3) – Fibras extremamente complexas

Kevin Moran, Engenheiro óptico da NASA, que analisou cuidadosamente o sudário, acrescenta que a imagem do Sudário é feita de fibras extremamente minúsculas, um décimo do tamanho de um fio de cabelo, e os elementos da figura são distribuídos aleatoriamente, como os pontos de uma foto de jornal ou revista. Para isso, seria necessário um **laser atômico incrivelmente preciso**, e esta tecnologia era inexistente em pleno século 14 d.C.

As manchas do tecido são incrivelmente sutis e complexas. A análise microscópica das fibras mostra que a imagem está contida apenas na camada de carbo-hidratos. Uma fibra estava manchada enquanto outra, bem ao lado, não. No entanto, cada fibra tem um décimo do diâmetro do cabelo humano, e em alguns momentos a imagem só penetrava a cerca de 50 micrômetros da fibra!

Um método para aplicação de tintura, com tão pouca profundidade assim, é completamente desconhecido. Quanto mais na era medieval! Ora, não existe técnica de pintura, disponível nos séculos XIII e XIV, que permita uma precisão de aplicação de tintas à escala no nanômetro. Isso nos leva a conclusão óbvia de que **o sudário de Turim não é uma falsificação medieval**.

(Prova 4) – Imagem Tridimensional

John Jackson e Eric Humper, que eram dois oficiais da Força Aérea dos Estados Unidos, analisaram o sudário e perceberam um detalhe impressionante: a figura ali impressa era tridimensional, de forma que era possível conhecer a distância entre o tecido e as diversas partes do corpo. Para a reconstituição da tridimensionalidade, foi utilizado um aparelho VP-8, tomando uma fotografia do sudário e a colocando no aparelho. E eles se espantaram com o fato de que se formou uma imagem tridimensional, que parecia emergir gradativamente do pano como na ressurreição.

Em relação ao efeito tridimensional da figura do corpo, só capaz de ser identificado em equipamentos ultramodernos, os céticos de plantão apenas são capazes de dizer que os falsificadores da Idade Média eram homens super astutos e que pensaram em todas as possibilidades para que não fossem pegos

em sua fraude. Mas se esquecem de dizer que os falsificadores eram também homens com dons proféticos, pois certamente sabiam que no ano de 1978 haveria uma máquina capaz de identificar a forma tridimensional da figura estampada no linho.

O tratamento da imagem do computador produziu uma forma tridimensional proporcionada e sem distorções, o que jamais ocorre em caso de pintura e fotografia. A imagem não poderia ter sido formada por um processo tridimensional que ainda era desconhecido na Idade Média. Ela não exibe qualquer evidência de que tenha sido feita por mãos humanas, e é simplesmente impossível que tenha sido uma pintura.

Digno de nota é que os céticos fizeram o mesmo com uma inifidade de imagens de pinturas dos mais diversos gêneros e dos maiores gênios expressionistas, repetindo-os à exaustão para encontrar algum exemplo similar e nular essa prova conclusiva a favor da autenticidade do sudário. O que foi constatado, porém, serviu mais uma vez para refutar suas teorias de conspiração em cima do sudário, pois **em nenhum caso o efeito obtido com a imagem do sudário pôde ser repetido!**

Ao associarmos as partes claras uma distancia menor e as partes escuras uma distancia maior é possível ver o relevo de um corpo humano de forma perfeita. Nunca alguma outra imagem apresentou isso. A própria equipe do STURP que analisou o Sudário admitiu confessou: [“A definição da imagem por computador e as análises pelo analisador de imagem VP-8 revelaram que a imagem tem codificada, em si, informação tridimensional, uma característica sem paralelo em nenhum outro artefato submetido a análise científica até o dia de hoje”](#).

(Prova 5) – Grãos de pólen da Palestina

Em 1973, o sudário foi trazido para um breve exame nos Estados Unidos para ser examinado por um grupo de cientistas europeus. Entre os cientistas que o examinaram estava Max Frei, um criminologista suíço, que foi durante 25 anos diretor do serviço científico da Polícia de Zurique, além de botânico, e, por fé, cristão evangélico, um dos mais respeitados especialistas do mundo em análise de pó e pólen. Dr. Frei encontrou no Sudário grãos de pólen que vieram da Palestina ou arredores no Oriente Médio.

Se o sudário fosse manufaturado na França, no tempo da Idade Média, como dizem os cééticos, então é claro que só deveríamos encontrar pó e polens franceses e italianos no tecido. Como naquela época não havia como averiguar a procedência dos pólenes com a tecnologia que somente temos hoje, não seria preciso importar pólenes, bastaria usar qualquer lenço daquela época que seria suficiente para “enganar” os cristãos. Mas o que o Dr. Max Frei encontrou foi um verdadeiro golpe de morte na teoria conspiracionista: ele encontrou 58 polens específicos, sete dos quais eram originários da Europa, e o restante, da Palestina e do sul da Turquia, da localidade de Edessa.

Ele identificou esporos de bactérias e plantas que não tem flores (como musgos e fungos), partículas minerais, fibras de plantas, fragmentos de cabelos e grãos do pólen de plantas floridas. E compreendeu que:

- Identificando os polens, identifica as plantas;
- Identificando as plantas, identifica os lugares e as épocas.

Sua pesquisa demonstrou que o pólen mais frequente no sudário é o mesmo pólen fóssil abundante nos sedimentos do lago de Genesaré e do mar Morto, depositados há dois mil anos. Das 58 espécies de pólen no sudário, temos:

- 38 da Palestina, muitas delas de Jerusalém e arredores, das quais 13 são halófilos exclusivos do Negueb e da região do Mar Morto.
- 2 exclusivas de Urfa (Edessa).
- 1 exclusiva de Istambul (Constantinopla).
- 17 da França e Itália.

Isto confirma claramente o roteiro e as datas do sudário (ver prova 1).

Alan Whanger, professor da Duke University Medical Center de Durham, nos Estados Unidos, identificou 28 flores que florescem entre Março e Abril na Palestina, com uma técnica de sobreposição de luz polarizada. Frei encontrou polens de vinco e cinco delas. O detalhe interessante é que o Dr. Max Frei iniciou suas investigações no sudário com ceticismo. Ele não é católico e nem cria que o sudário fosse autêntico. O examinou apenas cientificamente. Mas, depois que concluiu sua análise, em 8 de Março de 1976, admitiu:

“A presença de polens pertencentes a não menos de seis espécies de plantas palestinas, uma da Turquia e oito espécies Mediterrâneas, nos autoriza, desde já, mesmo antes de chegarmos à identificação completa de todos os fósseis e microfósseis, a chegar a conclusão definitiva de que o santo sudário não é uma falsificação”

Segundo Frei, ainda se pode concluir:

- Que podemos ter certeza que o Sudário foi exposto ao ar livre na Palestina e na Turquia.
- Que a abundância de pólen provenientes da zona do rosto, pode indicar uma exposição maior dessa área, o que nos leva ao Mandylion de Edessa.

O interessante é que os polens encontrados no sudário são **exatamente dos mesmos lugares por onde ele passou historicamente**, como vimos na prova 1. Se o sudário fosse uma falsificação medieval não encontraríamos nada disso. Isso prova efetivamente que o sudário ou Mandylion que atravessou os séculos em todo o curso que vimos anteriormente, desde o século I, é precisamente o mesmo que temos hoje – não é uma fraude da Idade Média.

(Prova 6) – Algodão inexistente na Europa

Gilbert Raes, professor do Instituto Ghent de Tecnologia Têxtil da Bélgica, examinou fios retirados do sudário com um grupo de cientistas italianos em 1973. Ele concluiu que:

- O tecido do Sudário é composto de fios de linho com traços de fibra de algodão do tipo *Gossypium herbaceum* que muito cultivado no I século no oriente médio não existe na Europa.
- Havia vestígios de algodão entre as fibras de linho, de onde se conclui que o pano foi tecido num tear também usado para algodão. O algodão cresce em terras do Oriente Médio, mas não na Europa.
- A textura do linho era de um tipo comum no Oriente Médio no primeiro século da nossa era.

Silvio Curto, professor Adjunto de Egiptologia da Universidade de Turim e membro daquela mesma comissão de cientistas que examinaram o sudário naquela ocasião teve a mesma constatação e concluiu: “[A fabricação do sudário pode remontar ao tempo de Cristo](#)”. Kenneth Stevens, engenheiro relator do STURP, completou:

“[Se o sudário fosse uma fraude, o falsificador europeu teria de enfrentar a enorme dificuldade de procurar um tecido fabricado no Oriente Médio, e esse tecido contivesse vestígios microscópicos de algodão na textura, e células de polens provenientes de plantas não europeias](#)”

Mechthild Flury-Lemberg, especialista suíça em restauro de tecidos, estudou o sudário e afirmou que a trama dele é similar à encontrada em tecidos de 40 a 70 d.C, recuperados em Madasa, que sucumbiu na guerra entre Jerusaém e Roma em 70 d.C.

(Prova 7) – Sangue verdadeiro

Os responsáveis pelos estudos de sangue no sudário são John Heller e Baima Bollone, que comprovaram a presença de hemoglobina, ferro, proteínas, porfirina, albumina e sangue tipo AB, fator RH positivo na trama do linho. Esta comprovação anula a hipótese de que a imagem possa ter sido feita por um artista, pois nem mesmo o mais perfeccionista dos pintores plásticos seria capaz de utilizar pelo menos 5 litros de sangue humano e, à pinceladas, constituir a imagem que é vista no sudário.

Além disso, o linho possui diversas camadas, e o estudo do sangue existente nas fibras comprova ter sido este absorvido pelo contato, pois nem todas as camadas estão impregnadas. Isto seria impossível de conseguir se fosse uma fraude.

No sudário são muito evidentes algumas zonas com manchas de sangue. Em 1978 foram tiradas amostras dessas zonas, com fitas adesivas, pelo Dr. Pierre Luigi Baima-Bollone e Raymond Rogers, do grupo norte-americano da STURP. Rogers deu algumas dessas fitas a Walter McCrone e à equipe formada pelo Dr.

John H. Heller e Alan Adler, de Connecticut. Os resultados divergiram. Na Itália, o Dr. Bollone informou que o sangue era humano do tipo AB.

Nos Estados Unidos, McCrone informou que as manchas não eram de sangue, e sim de pigmentos terrosos ocre-avermelhados, concluindo que as manchas no pano eram pigmentos feitos por um artista. McCrone publicou essas conclusões no *Microscope Journal*, em 1981, depois publicou um livro, e até hoje mantém um site na web para atacar o sudário.

No entanto, ainda nos Estados Unidos, os Drs Adler e Heller concluíram que as manchas eram de sangue verdadeiro, de tal modo que o judeu Adler declarou: [“É tão certo que existe sangue no sudário como em nossas veias”](#). Assim como seu colega italiano Bollone, Adler constatou ainda que as manchas são de cor vermelho vivo, aparentemente estranha para amostras de sangue antigo, mas explicado pela grande quantidade de bilirrubina, sinal de que a pessoa da qual o sangue provém esteve fortemente traumatizada pouco antes da morte.

O Dr. Leoncio Garza-Valdes, em posse das amostras de sangue da região occipital da imagem dorsal do sudário, extraídas por Riggi em 1988, na mesma ocasião das amostras dos testes radiocarbono, não só constatou o sangue humano, identificando-o como do sexo masculino do tipo AB, como também fez uma análise de DNA, clonando-o. O estranho é que as conclusões errôneas de McCrone sejam ainda amplamente divulgadas.

O sudário de Turim apresenta sangue que corresponde ao grupo AB, que é o mais frequente entre os hebreus. Este “falsificador”, além de ser um fraudulento, ainda era um gênio, pois adivinhou exatamente o sangue corrente entre os hebreus do primeiro século como, talvez, uma maneira de enganar os cientistas do século XX!

Ademais, segundo legistas, todas as feridas visíveis no sudário foram produzidas **em vida**, com exceção da lançada no flanco direito, que chegou a aurícula direita do coração. E sobre uma entrevista ao Fantástico, em que um “cientista” diz que o sudário de Turim é uma “farsa”, o Dr. Humberto Rezende, presidente do Centro Sindonológico do Brasil, comenta nas seguintes palavras:

[“Sobre a reportagem do Fantástico devemos informar que aquele indivíduo não está autorizado a falar sobre o sudário nem representa o Centro Sindonológico](#)

de Turim nem o de Roma nem o do Brasil e que, sobre a afirmação de que o sudário foi pintado no ano 300 por um artista que utilizou tinta misturada com sangue humano é um absurdo. Isso demonstra que o dito cientista nunca foi pintor e nem é médico. Se fosse pintor saberia que tinta não tem albumina e que sangue logo depois de retirado do corpo coagula e se misturarmos sangue com tinta a pintura fica com grumos e não fica linear e simétrica como encontramos no sudário. E, também, que podemos encontrar ferro no sangue humano e até oxido de ferro em tinta, mas que a proporção é completamente diferente. Se este pintor pintou o sudário com todas as marcas que estava nos evangelhos com perfeição anatômica com física e química corretas e com as características de Jesus de Nazaré, por que usaria um ato macabro para executar a obra? E se ele tinha tanto conhecimento e era tão famoso porque não sabemos o seu nome?”

A hipótese de alguém fazer uma pintura usando sangue humano também foi descartada, pois o exame de espectrometria de frequência da imagem digitalizada do sudário revelou a total ausência dos picos que seriam causados por uma produção humana. E mais: o linho possui diversas camadas de fibras, e o estudo do sangue existente nessas fibras comprova ter sido este absorvido por contato, pois apenas as camadas mais superficiais estão impregnadas, algo que não ocorreria em caso de fraude.

A equipe do STURP descobriu que a imagem só existia na superfície dos fios de linho. Quando qualquer líquido, como o sangue ou tinta, é aplicado ao tecido, ele sempre penetra nas fibras. É o processo conhecido como “ação capilar”. Como a imagem só abrange as fibras superiores, os cientistas concluíram que ela foi queimada no tecido. O sudário impressionantemente não é fruto de fraude, pintura ou sangue inserido por algum falsificador medieval.

Uma lista dos testes que confirmaram a presença de sangue integral no santo sudário é dada a seguir:

- Ferro elevado nas áreas de sangue, confirmado pelo Raio X com fluorescência.
- Espectros de reflexos indicativos.
- Espectros de transmissão microespectrofotométrica indicativos.
- Reação química característica de fluorescência da porfirina.
- Testes hemocromogênicos positivos.
- Testes de cianometemoglobina positivo.

- Detecção positiva de pigmentos de bile.
- Demonstração positiva de proteína.
- Indicação positiva de albumina.
- Teste de protease sem deixar resíduos.
- Teste imunológico positivo para albumina humana.
- Aparecimento microscópico quando comparado com controles adequados.
- Análises forense de evidência de vários ferimentos e marcas de sangue.

Como já mencionado, o sangue é do tipo AB, o mais corrente entre os judeus do primeiro século.

(Prova 8) – Sangue venenoso e sangue artificial

Além da confirmação do sangue no sudário, as marcas de sangue estão em perfeita correspondência com a anatomia, isto é, sangue arterial e sangue venoso nos seus respectivos lugares. Como se sabe, a medicina só descobriu a diferença dos dois fluxos sangüíneos no final de 1500. É impossível separar artificialmente, com um pincel, por exemplo, o sangue de uma fase mais densa de uma mais líquida, como está no sudário.

Pelos fenômenos de coagulação que se observa em numerosos filetes de sangue no sudário, o médico americano Gilbert Lavoie deduziu que até pouco antes da morte escorria sangue das feridas, e que o corpo foi envolvido no lençol até duas horas e meia depois da morte. Não se nota também nenhum sinal de putrefação do corpo envolvido pelo sudário. A conclusão lógica é de que a imagem não foi pintada no tecido por qualquer método convencional.

(Prova 9) – Poeira mineral

Em 1978, Giovani Riggi, especialista em aparelhos biológicos, aspirou pó do sudário e constatou que a constituição elementar do material colhido era análoga à que se encontra em tecidos funerários egípcios. Nas fotografias ampliadas tiradas em 1978, notava-se um aspecto sujo na região dos calcanhares. Se deduz que o homem do sudário provavelmente caminhou descalço pela rua. O cristalógrafo da Hercules Aerospace Division, Joseph

Kohlbeck, identificou essas partículas minerais como aragonita com pequenas quantidades de estrôncio e ferro, que é uma composição rara.

Confrontou-se com amostras de carbonato de cálcio tiradas de um túmulo de Jerusalém. Além de se descobrir que se trata do mesmo tipo de aragonita, uma análise química feita na Universidade de Chicago, feita por Ricardo Levisetti, detectou que as duas amostras tem as suas características extraordinariamente semelhantes, o que torna altamente provável que a aragonita do Sudário seja proveniente de Jerusalém.

(Prova 10) – Moedas

Ao se analisar a figura tridimensional do sudário, se notou um inchaço circular nas regiões oculares. Três cientistas da NASA, com poderosos amplificadores microscópicos, puderam detectar a presença de duas pequenas moedas, uma sobre a pálpebra do crucificado e outra mais abaixo. Um costume romano do primeiro século era manter os olhos dos mortos fechados com moedas.

Com um estudo aprofundado e o auxílio da mais alta tecnologia, pode-se afirmar serem as moedas dos anos de 26 a 36, cunhadas por Poncius Pilatos em homenagem à sua mãe. Este fato comprova a história de Cristo e ajuda profundamente a situar o santo sudário na época correta. Estudos realizados por Mario Moroni confirmam a existência destas moedas no tempo de Pilatos. As moedas são:

- Dileptus lituus, que tem impressa a figura de um cajado curvado na parte superior, que Pilatos mandou cunhar no ano 29 d.C.
- Simpulum, do mesmo ano que anterior. Essa moeda se encontra no olho direito, mais propriamente sobre a pálpebra, e se vê claramente as letras Y CAI, do grego TIBEPIOY KAICAROC, Tibério César, que nas moedas também se encontra escrito com C ou X no lugar do K.

Elas também confirmam as datas dos evangelhos: [“Era o ano décimo quinto do reinado do Imperador Tibério César, Pôncio Pilatos era governador da Judeia”](#) (Lc.3:1). Como um falsificador iria conseguir encontrar moedas da época de Pilatos nenhum cético responde. Aliás, ele nem ao menos *saberia* que os

romanos tinham esse costume, visto que essa é uma descoberta arqueológica recente. E, mesmo que soubesse, seria totalmente desnecessário tais moedas se ele quisesse enganar os incautos com uma simples pintura que só seria capaz de demonstrar a existência das moedas com poderosos amplificadores da tecnologia moderna. É simplesmente ridículo pensar que o sudário seja obra de um falsificador!

(Prova 11) – Presença de soro humano

A análise feita através de fotografias com luz ultravioleta fluorescente revelou que ao redor das manchas de sangue presentes no sudário há uma forte presença do soro que é formado pelo corpo humano em casos de tortura, como a que foi submetido Jesus nos evangelhos. Como sabemos, o apóstolo João disse que da ferida de Jesus saiu sangue e água (Jo.19:34). A equipe do PPST (Projeto de Pesquisa do Sudário de Turim), após analisar cuidadosamente o manto, concluiu:

“Assim, a resposta para a pergunta de como a imagem foi produzida ou o que produziu a imagem permanece um mistério. Podemos concluir, por ora, que a imagem do sudário é a real forma humana de um homem açoitado e crucificado. Não é o produto de um artista. As manchas de sangue são compostas de hemoglobina e também foram positivadas em teste para albumina de soro”

O fato de haver soro (invisível a olho nu) ao redor das manchas de sangue no sudário, por exemplo, era algo que não poderia ter sido produzido por nenhum falsificador. Ocorre que, sob tortura, as paredes dos glóbulos vermelhos do sangue se rompem, liberando bilirrubina, presente nessas áreas do tecido. Como explicar isso? Assim como concluiu o Dr. Barriem Schwartz, membro da equipe PPST, seria um absurdo imaginar que um falsificador da Idade Média esconderia manchas invisíveis no tecido para que os cientistas, 700 anos depois, a encontrassem utilizando equipamentos que ele nunca poderia sonhar existirem.

Nas palavras do Dr. Barriem Schwartz:

“Nenhum artista medieval poderia ter previsto a invenção da fotografia com fluorescência ultra-violeta e pensado: ‘Bom, eu vou esconder as manchas de soro, e daqui a 700 anos eles vão encontrar’... Ora, me poupe!”

(Prova 12) – Nenhum vestígio de pintura

A imagem do sudário, comprovadamente e acima de dúvidas, não é uma pintura. Não há vestígios de pigmentos ou tintura de nenhuma espécie nele, além de a imagem não apresentar sentidos de direção. A equipe do “Projeto de Pesquisa do Sudário de Turim”, o PPST, num esforço para avaliar o sudário sistematicamente e segundo a metodologia científica avançada, tiraram as seguintes conclusões:

“Não foram encontradas pinturas, tinturas ou manchas nas fibras. Radiografia, fluorescência e microquímica aplicadas às fibras excluíram a possibilidade de pintura como método de criação da imagem. Avaliação por raios ultravioleta e infravermelhos confirmaram estes estudos”

Em seu livro: “A Verdade sobre o Sudário”, Kenneth Stevenson, relator da STURP, afirma:

“As análises microquímicas revelaram a não-existência de corantes, manchas, pós, tintas, ou instrumentos de pintura no Sudário. Foram realizados vários testes, inclusive o de fotoreflectância e o da fluorescência ultravioleta, todos eles chegando a resultados unânimes de que não havia nenhuma possibilidade de falsificação ou fraude. De modo particular, a fluorescência por raio-X foi considerado o melhor teste para detectar qualquer tipo de fraude, e não revelou a presença de nenhum elemento estranho que pudesse ter contribuído para a formação da figura”

Ademais, uma análise do espectro de frequências da figura digitalizada do sudário **não mostra a existência de picos que demonstrariam a ação de um pintor**. Outro fator importante é o que concluiu o Dr. Barriem Schwartz:

“Quando se olha de frente para o sudário, tanto a imagem quanto o sangue são vistos claramente; mas, quando os raios de luz vem por trás do sudário, o sangue fica visível, mas a imagem, não! Isso significa que a imagem não pode

ser uma pintura, pois, se assim fosse, haveria então uma densidade de tinta no sudário que apareceria na foto com a luz focalizada”

Por tudo isso, é ignorância crer que o sudário de Turim é fruto de falsificação medieval.

(Prova 13) – Crucificação pelos pulsos

Na minha particular opinião, **essa é a maior prova de que o sudário não é uma falsificação medieval**. Na figura do sudário, são bem visíveis os antebraços e as mãos, cruzadas sobre o abdômem, esquerda sobre a direita. No pulso mais visível, o esquerdo, há uma grande mancha de sangue causada por uma ferida grave. Embora a mão direita esteja parcialmente oculta pela outra, o fio de sangue que escorre pelo antebraço indica que também este pulso tem uma ferida semelhante: ferimentos esses que se encaixam perfeitamente com as lesões que seriam provocadas por grandes cravos.

Os dedos, bem visíveis, estão alongados. Nota-se que os polegares não aparecem na imagem, o que é particularmente interessante, já que a lesão do nervo mediano, provocada por cravos atravessando os pulsos na altura do espaço de Destot obrigaria os polegares a se contraírem e se oporem às palmas das mãos.

Aqui vemos duas coisas bem interessantes. A primeira, é que os ferimentos nos pulsos, atribuídos à crucificação, são consistentes com o que se sabe sobre este procedimento de execução. No entanto, **em toda a iconografia religiosa da Idade Média, Cristo aparece sempre pregado pelas palmas das mãos, o que era a ideia aceita na altura**. Ora, se o sudário fosse uma falsificação medieval, seria esta a disposição das feridas, uma vez que os detalhes corretos da crucificação eram desconhecidos então.

Os pregos não foram fixados no meio das mãos, como se pensa, mas numa parte do pulso conhecida pelos anatomistas como “espaço de Destot”. Se o traspasse tivesse ocorrido no meio das mãos, estas teriam se rasgado com o peso do corpo. No pulso localiza-se o espaço de Destot que, atravessado pelo prego e amparado nos ossos que o rodeiam, pode sustentar o peso do corpo e permitir-lhe os movimentos necessários para a frente e para trás.

No “espaço de Destot”, a introdução dos pregos assegurava uma fixação firme à cruz. O espaço de Destot **só foi descrito anatomicamente no século XIX**. Como poderia um pintor ou um eventual falsificador saber das conseqüências que um prego nele cravado provocaria no polegar, de modo a reproduzi-las na mortalha? Na Idade Média ninguém imaginava que os pulsos, e não as mãos dos crucificados, é que eram pregados. O mito que se formou em torno disso (das mãos) na idade medieval é tão grande que até hoje a grande maioria do povo comum pensa que Jesus foi crucificado pelas palmas das mãos.

O evangelho, contudo, não diz que Jesus foi crucificado pela palma das mãos. Quando Jesus se dirige a Tomé e lhe diz que olhe as suas mãos, não quer dizer que exclua os punhos, os quais, como se sabe, fazem parte das mãos (carpo). Por outro lado, a palavra hebraica *yad*, usada na profecia messiânica – trespassaram-lhe as mãos e os pés (Sl.22:16) – era usada com grande variedade de aplicações, chegando a designar o antebraço e até mesmo o cotovelo.

Na Idade Média, devido a problemas de origem linguística no evangelho, acreditava-se que Cristo tivesse sido crucificado pelas palmas das mãos. Sabe-se hoje pela anatomia que as pessoas eram crucificadas com o prego passando pelo espaço de Destot e quando isso ocorre o polegar encolhe, exatamente conforme está no sudário. Esse conhecimento de anatomia não existia na Idade Média. Tais características são mais evidências em favor da autenticidade, pois **um falsificador jamais iria contrariar algum detalhe popularmente aceito como certo**. Nas imagens de Jesus, ele era sempre retratado como ferido nas mãos, e não nos pulsos!

Em segundo lugar, a possibilidade de uma ferida perióssea dolorosa foi grande, bem como a lesão de vasos arteriais tributários da artéria radial ou cubital. O cravo penetrado destruía o nervo sensorial motor, ou comprometia o nervo médio, radial ou o nervo cubital. A afecção de qualquer destes nervos produziu tremendas descargas de dor em ambos os braços. O empalamento de vários ligamentos provocou fortes contrações nas mãos. Na figura do sudário, estes estão dobrados para o interior das mãos.

Nas mãos dos sudário percebe-se claramente a marca do cravo no pulso, e as duas direções do fluxo de sangue nos braços devidas às diferentes posições do corpo na cruz. Os polegares não aparecem, pois estão encolhidos. Durante

muito tempo, uma observação atenta do lençol teria levado à conclusão de que o homem do sudário tinha apenas quatro dedos: não se descobriam sinais do polegar.

Foi um cirurgião de Paris, o Dr. Barbet, quem achou a explicação: um prego introduzido no espaço de Destot secciona ou prejudica necessariamente o nervo mediano, o nervo que flexiona os polegares, fazendo-os encolher-se para o interior da mão. Pesquisas recentes, feitas por computador, obtiveram imagens em que se observa que os polegares do homem do sudário estão presentes na figura, mas dobrados bem junto da palma da mão.

Essas são evidências incontestáveis em favor da autenticidade do sudário de Turim, pois um falsificador iria retratar Jesus crucificado pelas mãos, como era bem difundido em sua época, e não nos pulsos tais como a ciência moderna tratou de provar. A não ser que o “falsificador” tivesse dons proféticos, é inconcebível que retratasse Cristo desta forma e mais inconcebível ainda saber exatamente o que acontece como resultado disso, isto é, as contrações nas mãos.

Tais conhecimentos não existiam na Idade Média e nem mesmo o maior gênio medieval seria capaz de navegar em uma “máquina do tempo”, voltar e retratar a crucificação exatamente como ela realmente ocorreu, contrariando todos os conhecimentos da época medieval, e tudo isso enganar os cientistas do século XXI!

(Prova 14) – Provas lógicas e outras evidências

1º O Homem do Sudário foi coroado com uma espécie de chapéu completo feito de espinhos. Todas as imagens da Idade Média retratavam a coroa de espinhos em forma de aro. Se o sudário de Turim fosse uma falsificação medieval, certamente seria representado conforme o conhecimento daquela época, e não algo que vai na direção oposta.

2º As feridas do homem do sudário são perfeitamente condizentes com as que seriam provocadas pelo flagelum romano no primeiro século. Outros detalhes que o sudário revela (que veremos mais adiante) ninguém, nem mesmo o maior de todos os gênios poderia conceber, na Idade Média.

3º Além disso, as marcas de pregos estão localizadas nos pulsos e não nas palmas das mãos, como nas imagens clássicas.

4º A crueldade mostrada no sudário excede em muito as versões artísticas da Paixão de Cristo. Por que um falsificador mostraria mais do que as pessoas esperavam ver? Por que contrariaria totalmente a visão clássica de sua própria época?

5º Como resultado da crucificação pelo pulso, acontece o fenômeno da contração nas mãos, algo natural em tais circunstâncias. Tal conhecimento não existia em pleno século XIV, mas foi descoberto com a utilização da ciência moderna. Se o linho fosse uma fraude, isso não ocorreria com o homem do sudário.

6º No primeiros séculos Jesus Cristo era representado em imagens de várias formas. Havia duas predominantes, uma com cabelo curto e sem barba, e outra com cabelos longos e barba. A partir do século VI aconteceu algo que fez com que somente a imagem de Jesus com barba continuasse sendo usada. Isso seria exatamente logo após a descoberta do sudário em Edessa, que influenciou as imagens.

7º Dois quadros hoje guardados no ocidente, em Sancta Sanctorum (Roma) e na Igreja de São Bartolomeu, em Genova e ainda o Rosto Sagrado em Pescara, entre outros, já apresentam as mais fortes características de cópia do sudário:

- 3 mexas de cabelo na testa
- um dos supercílios mais alto que o outro
- um "V" acima do nariz
- barba bipartida
- cabelo longe da face
- face inchada
- uma risca transversal na testa
- uma sobrancelha direita erguida
- narina esquerda inflamada
- uma linha saliente entre o nariz e o lábio superior
- uma linha grossa sob o lábio inferior
- uma linha transversal na garganta

Tais fatos que conferem exatamente com o sudário de Turim nos mostram que ele já existia pelo menos desde o século VI e VII, e, portanto, não é uma fraude criada no século XIV.

8º A imagem não apresenta contornos nítidos nem linhas que seguem direções, como ocorre com todo desenho, pintura ou frontagem.

9º Apesar de o linho ser fino a imagem é superficial e não aparece do outro lado do pano, ao contrario do que aconteceria com uma pintura, compressão ou frontagem.

10º A imagem não apresenta deformações que seriam inevitáveis se o lençol tivesse sido comprimido sobre um cadáver (nesse caso, devido à tridimensionalidade do corpo, partes como o nariz, por exemplo produziram uma impressão bem mais larga que o normal).

11º A imagem dorsal não é mais intensa nem mais profunda do que a frontal, o que seria de se esperar no caso de uma impressão por contato; ambas têm características idênticas, como se, no instante da formação da figura, o corpo, deitado, apresentasse peso zero.

12º O tratamento da imagem por computador produziu uma forma tridimensional proporcionada e sem distorções, o que jamais ocorre em casos de pintura ou fotografia.

13º Conforme divulgaram os cientistas do STURP, a imagem do sudário foi formada através de um tipo de radiação luminosa, com uma dosagem na medida exata para ser registrada de forma tridimensional no tecido, tanto de um lado como do outro, como o negativo de uma foto. Se essa radiação fosse um pouco maior, a imagem seria queimada, impedindo a identificação de qualquer detalhe; se fosse menor, a imagem não apareceria. O mesmo ocorreria se o tempo de exposição do tecido à radiação variasse em milésimos de segundo!

14º Um falsificador teria antes que saber o que era o negativo de uma fotografia e tantos pormenores circunstanciais que nenhum falsificador precisaria criar para convencer toda a gente da sua autenticidade, de forma

alguma, tanto mais quando só recentemente se poderia averiguar tal autenticidade. Nenhum falsário precisaria esconder o soro para ser descoberto 700 anos depois por radiação ultra-violeta, bem como não teria a mínima necessidade de criar (de alguma maneira que não se sabe como) a imagem de forma de futuramente aparecesse em efeito tridimensional, e tudo isso para enganar as pessoas da Idade Média que não teriam como averiguar nada disso!

15º Ele também de forma alguma precisaria “importar” grãos de pólen da Palestina e de Edessa direto para a França, esperando parecer legítima ao povo de sua época, que de forma nenhuma poderia de qualquer maneira descobrir se os grãos eram da França ou da Palestina. As pessoas nem mesmo conseguiriam ver os algodões, quanto mais descobrirem de onde que ele era! Muito menos ele precisaria colocar moedas nas pálpebras para enganar o povo que nem ao menos sonharia em descobrir isso um dia por poderosos amplificadores microscópicos!

16º No sudário, um sulco de sangue parte do pé direito e do calcanhar esquerdo, demonstrando que **um único prego perfurou os dois pés, cruzados um sobre o outro**. Isso contraria a visão clássica de que Jesus foi teve um prego em cada pé, como era aceito na Idade Média. Desde o terceiro e quarto século d.C já era relatado que Jesus teria sido crucificado com um prego em cada pé. Cipriano, por exemplo, fala em plural dos pregos que transpassavam os pés.

Ambrósio, Agostinho e outros mencionam expressamente os quatro pregos que se empregaram para crucificar Jesus. **Se o sudário fosse obra de um falsário, ele jamais teria contrariado todos os conhecimentos da sua época e a própria tradição que acreditava que Jesus tivesse sido crucificado com um prego em cada pé**. Tal fato nos mostra claramente que o Sudário de Turim logicamente não foi uma falsificação medieval.

(Prova 14) – Conclusões do STURP

A equipe americana do STURP (Shoud of Turin Research Project), após três anos e cerca de cem mil horas de pesquisa, apontou as seguintes conclusões:

- Havia sangue humano no sudário;
- As gotículas de tinta ocre seriam resultado de contaminação;
- A habilidade e equipamentos necessários para gerar uma falsificação daquela natureza seriam incompatíveis com o período da Idade Média, época em que o sudário apareceu e foi guardado;
- As marcas do sudário são um duplo negativo fotográfico do corpo inteiro de um homem. Existe a imagem de frente e de dorso;
- A figura do sudário, ao contrário de outras figuras bidimensionais testadas até então, contém dados tridimensionais;
- Não existe ainda explicação científica de como as imagens do sudário foram feitas;
- O sudário apresenta marcas compatíveis com a descrição da crucificação nos evangelhos.

Tais conclusões tiradas pelo STURP são muito mais favoráveis a legitimidade do Sudário do que da falsidade deste.

(Prova 15) – Perfeição do sudário

De acordo com este mesmo grupo que analisou o manto, “nenhum método químico ou físico conhecido pode responder pela totalidade da imagem, nem o pode qualquer combinação de circunstâncias físicas, químicas, biológicas ou médicas adequadamente”. Isso torna altamente improvável que algum falsificador medieval falsificasse a imagem, seja de que método for. Uma avaliação subsequente das imagens em 1902 DC por Yves Delage, professor de anatomia comparativa na Sorbonne, avaliou a imagem do corpo e posição das feridas tão anatomicamente precisas, que seria virtualmente impossível a um artista criá-las.

O fato é que ninguém pode reproduzir a imagem do chamado sudário de Turim. A produção daquela imagem seria algo absolutamente impossível para qualquer falsificador ou artista da Idade Média. Recentemente, porém, Luigi Garlaschelli, um professor de Química (patrocinado por um grupo de ateus), tentou fazer uma “cópia” do sudário e a sua “criação” foi exposta na internet em todos os sites ateístas a fim de caracterizar o sudário como uma “fraude”.

Contudo, mesmo em pleno conhecimento do século XXI, nem assim a sua obra ficou digna de qualquer crédito, passando muito, muito longe do original. Diversos cientistas altamente qualificados desmontaram com um peteleco a burlesca obra. Por exemplo, o presidente do Centro Mexicano de Sindonologia, Adolfo Orozco, especializado no Sudário de Turim, qualificou a ação de “[truque para atacar o sudário](#)” e mostrou furos técnicos que desqualificam o experimento.

O Dr. Orozco explicou que no sudário “[o sangue ficou impresso no pano em primeiro lugar, e só depois ficou gravada a imagem e não o contrario como fez o suposto ‘reprodutor’](#)”. Além do mais, acrescentou o Dr. Orozco, como foi largamente comprovado pela comunidade científica, “[a imagem do sudário não se formou por contato. Há partes do tecido que tem imagem e nunca estiveram em contato com o corpo](#)”. Entretanto, a primitiva tentativa trabalhou esfregando um pano sobre um corpo.

Acresce que as análises médicas, segundo o Dr. Orozco, “[demonstraram que os coágulos não foram semeados, mas são clinica e patologicamente corretos com detalhes desconhecidos no século XIV](#)”. O especialista sublinhou o lado ridículo dos imitadores pretendendo reproduzir as queimaduras do incêndio de 1532 e as marcas deixadas pela água que nada têm a ver com a imagem original. Ainda constata-se que as “imagens” agora fabricadas “[não têm as propriedades tridimensionais típicas do sudário](#)”. Esta ausência desqualifica inteiramente qualquer tentativa de reprodução.

Para o Dr. de la Piedra, a recente imitação “[é melhor que a cópia que fez McCrone ou que a horrorosa tentativa de Joe Nickell; ou a de Picknett-Prince e sua suposta fotografia medieval de Leonardo Da Vinci; ou que a fantasiosa foto-experimental do sul-africano Nicholas Allen](#)”. Contudo, ainda assim a tentativa de reprodução de Garlaschelli é parecida apenas no aspecto visível, exterior. No mais, em todos os outros aspectos que fazem do sudário uma relíquia incomparável, nem mesmo a ciência chega perto dos “detalhes”.

Para o especialista, “[uma amostra parecida com a de Garlaschelli não resiste às conclusões multidisciplinares tiradas ao longo de mais de 100 anos por cientistas de todos os credos e especialidades](#)”. À luz desta tentativa falha, De la Piedra conclui que “[podemos afirmar com alto grau de certeza, que o sudário de Turim continua sendo um objeto único, irreproduzível e inimitável. Esta é a](#)

verdade interna do sudário”. O especialista estadunidense John Jackson do Turin Shroud Center de Colorado também observou:

“As propriedades tridimensionais da imagem (...) a presença de sangue humano com índices altíssimos de bilirrubina, o pólen de mais de 77 plantas que marcam o percurso histórico do sudário até quase o século I de nossa era e, entre outros, o mecanismo de transferência da imagem de um crucificado com todas as feridas descritas nos evangelhos a um pano”

Infelizmente, o nosso pseudo-imitador não chegou nem perto de nada disso.

O Dr. Jackson criticou a falta de técnica de Garlaschelli e explicou que o sangue do sudário não é sangue inteiro, mas já separado do soro, proveniente de verdadeiras feridas. Além do mais, o sangue que há neles é próprio de um fluxo *post mortem*, e não de sangramentos em vida como é no caso do sudário de Turim. Tal fato é tão impossível para reprodução de um falsário que nem mesmo o nosso professor Garlaschelli tentou imitar!

Jackson observou que do ponto de vista da tridimensionalidade, “a imagem agora feita aparece bastante grotesca. As mãos estão incrustadas no corpo e as pernas estão em posição pouco natural”. Jackson também observou que segundo a prática científica séria os resultados de Garlaschelli deveriam ter sido compulsados por outros cientistas antes da publicação. É o que se chama “peer-review” ou “revisão do trabalho por pares”.

Porém, Garlaschelli parece ter temido a crítica e fugiu dela. O autor recebeu 2.500 euros da União de Ateus Agnósticos Racionalistas para semelhante serviço. A cifra por si só fala contra a hipótese de um trabalho científico de vulto e muito mais parece uma gorjeta em pago de uma zombaria anticristã. Essa totalmente vergonhosa e deplorável tentativa frustrada de imitar o verdadeiro sudário de Turim serve ainda mais para reforçar o caráter irreproduzível e inimitável da relíquia, que nem mesmo nos dias de hoje é capaz de ser reproduzida, quanto menos em plena era medieval com o limitado conhecimento da época!

O especialista peruano Rafael de la Piedra, sublinhou que as manobras frustrantes dos italianos reforçam ainda mais a idéia de que a relíquia “continua sendo um objeto único, irreproduzível e inimitável”, de acordo com a

ACIPrensa. A própria imagem do sudário está visível em negativo, e pergunta-se por que alguém na Idade Média iria fazer uma reprodução que somente poderia ser avaliada em importância com a invenção da fotografia. Quem teria esse conhecimento técnico? Por que outras obras com o mesmo conhecimento não apareceram?

A coisa é tão complicada para os “céticos” de plantão que, a partir daí, as mais estapafúrdias hipóteses passaram a ser levantadas: surgiu inclusive a teoria de que algum coitado teria sido capturado e torturado, submetido aos mesmos sofrimentos de Jesus, espancado, flagelado, coroado com espinhos, crucificado e morto, depois perfurado com uma lança, tudo para depois ser envolvido num tecido e assim produzir uma relíquia falsa, há 700 anos.

O fato é que se o sudário fosse uma falsificação medieval, teria que ter sido produzida por um grande gênio, daí alguns palpiteiros sensacionalistas terem levantado a fantástica hipótese de a mortalha ter sido produzida por ninguém menos que Leonardo da Vinci. Mas isso equivale a acusar o mestre renascentista de ser um assassino cruel e sádico.

Além disso, o único motivo para se produzir tal falsificação seria o lucro, e sabemos que Da Vinci foi um homem rico e prestigiado, um gênio internacionalmente reconhecido, e também um homem profundamente religioso, inclusive com fortes tendências místicas. Seria um absurdo completo imaginar que tal homem seria capaz de aceitar a captura e tortura de um inocente, das maneiras mais horríveis, até a morte, somente para produzir uma falsa relíquia. Isso é acusação caluniosa e sem provas.

Por fim, as particularidades da relíquia em questão nos fazem desacreditar inteiramente que algum falsário medieval possa ter criado o sudário de Turim. Como, por exemplo, a perfeita conformidade entre o tamanho da lança que perfurou o flanco do crucificado e as que eram usadas pelos soldados romanos na época de Jesus. Ou as feridas perfeitamente condizentes com as que seriam provocadas pelo flagelum romano no mesmo período histórico. Ou inúmeros outros detalhes que o sudário revela (que veremos mais adiante), e que ninguém, nem mesmo o maior de todos os gênios, poderia conceber, na Idade Média.

• Mas e o teste do carbono 14?

Em Outubro de 1988, um pedaço de 7 por 1,2 centímetros foi recortado do sudário, dividido ao meio e uma das metades novamente dividida em três. O objetivo era submetê-las ao teste do carbono 14. Como é sabido, esse teste é um moderno sistema de datação de artefatos muito antigos. Se o sudário era a mortalha de Jesus Cristo, ele teria que ter, no mínimo, aproximadamente dois mil anos de idade. O carbono, sendo a base de toda matéria orgânica da terra, é chamado de “traçador radioativo”, pois o acompanhamento da sua degradação pode ser utilizado para medir a idade de qualquer matéria orgânica, como o linho do sudário.

O teste foi aplicado aos três pedaços por equipes independentes: Universidade de Oxford, Inglaterra; duas equipes da Universidade de Tucson, Arizona (EUA) e Instituto de Tecnologia de Zurique, Suíça. O Museu Britânico de Londres supervisionou, analisou os três pareceres e elaborou o relatório final e definitivo, que enfim determinou: “Idade não superior a 723 anos. Data entre 1260 e 1390. Século XIII”.

No mundo inteiro parecia se ouvir um desapontamento. Seria a vitória definitiva dos céticos? Estava batido o martelo, desfeito o sonho? Para milhares de entusiastas ao redor do mundo, que viam na imagem do sudário a melhor e mais concreta prova possível, não só da história de Jesus como também (e principalmente) da sua ressurreição, representava esse resultado um triste e definitivo ponto final.

Mas havia um problema. Muitas coisas não se encaixavam na história toda. Não era possível que esse resultado não provocasse, no mínimo, espanto, não só na comunidade religiosa como também na científica. Acontece que esse único resultado contrariava todos os resultados de todas as muitas análises e exaustivos estudos científicos até então realizados. Como explicar? Como descartar tantas evidências em prol da autenticidade em razão de uma única evidência que apontava para uma fraude? Não demorou para que pesquisadores e cientistas retomassem o estudo da famosa relíquia.

Em 2000, um casal de leigos sem nenhuma formação científica fez a descoberta de algo que até então nenhum dos muitos doutores e homens da ciência envolvidos nos projetos de estudo do sudário havia percebido. Joseph Marino e

Susan Benford, através de simples exame visual em imagens do sudário disponibilizadas pelo PPST na internet notaram que havia uma espécie de “remendo invisível” exatamente na parte do sudário recortada pelos cientistas para análise. Aprofundaram-se então na pesquisa e descobriram que esse tipo de remendo era muito utilizado na Idade Média para reforçar tecidos de valor, e era conhecido como “retecelagem francesa”.

Maravilhados, perceberam que estavam diante de uma grandiosa descoberta: a análise por C-14 poderia ter sido feita numa parte remendada do tecido, o que teria sem dúvida introduzido uma grande margem de erro na datação! Procuraram então o Beta Analytic, o maior laboratório de datação por Carbono-14 do mundo, que sustentou que, sim, uma mistura próxima a 60% de remendos do ano de 1500 ou posterior, com cerca de 40% de tecido do século I, causaria uma falsa datação do século XIII – exatamente os resultados obtidos pelo PPST! Mais ainda: o casal de pesquisadores sabia que o período entre 1500 e 1600 foi a época em que mais comumente se usou a técnica da retecelagem.

Tudo se encaixava. Joseph Marino e Sue Benford mal podiam acreditar em sua incrível descoberta. Resolveram então procurar ajuda direta dos membros do PPST, mas foram prontamente rechaçados e até ridicularizados por cientistas céticos como o respeitadíssimo paleontólogo Dr. Ray Rogers, citado acima. Como dois leigos sem formação acadêmica poderiam contestar os resultados obtidos por uma equipe científica tão abalizada?

Depois de muita insistência, porém, e depois de apresentarem diversas e fortes evidências em favor de sua teoria, conseguiram a preciosa colaboração de um outro membro do PPST: o Dr. Barriem Schwartz em pessoa. O próximo passo foi submeter reproduções ampliadas das fotografias das amostras do sudário que haviam sido datadas pelo C-14 à apreciação de diversos especialistas em tecidos antigos, sem revelar que se tratava da trama do tecido do sudário. O resultado foi a opinião unânime de que aquela amostra parecia mesmo ter sido retecida!

Tais evidências levaram o Dr. Barriem Schwartz a reexaminar as imagens das amostras microscopicamente, e foi assim que ele comprovou que ali, diferente de todo o tecido do sudário, havia sinais de algodão com pigmentação e resina. Além disso, as fotografias com ultrafluorescência que ele havia tirado décadas antes mostravam que naquela área específica havia um contraste

completamente diferente de todo o restante do material, o que demonstrava uma clara adulteração.

Dr. Barriem começava mais uma vez a se empolgar com a incrível e real possibilidade de o sudário ser mesmo a mortalha que envolveu o corpo de Jesus Cristo. Tal fato, independente de questões religiosas, seria a mais inacreditável descoberta arqueológica de todos os tempos! Resolveu então, pessoalmente, pedir ajuda ao seu irascível colega, que ainda tinha em seu poder alguns preciosos fios do material coletado do sudário: ninguém menos que o cético convicto Dr. Raymond Rogers.

O Dr. Rogers, conhecido pela truculência e ironia com que costumava receber as contestações aos resultados obtidos pelo C-14, mal pode acreditar no que lhe pedia o colega cientista. Segundo o Dr. Barriem, Dr. Rogers assim reagiu ao seu telefonema: *“Ora, isso é mais uma tolice dos crédulos que não aceitam a simples verdade dos fatos. Eu não acredito que você esteja me perturbando com essa história. Me dê quinze minutos e eu lhe provo que essa história não passa de mais baboseira”*. Ainda segundo o seu relato, o Dr. Barriem apenas respondeu: *“Fique à vontade, Ray”*.

Muito a contragosto, o Dr. Ray Rogers localizou os pequenos fragmentos de fios que tinha guardado da amostra do sudário de Turim, para examiná-los sob o potente microscópico do seu laboratório particular. E o que descobriu o deixou pasmo. Esse breve exame fez com que ele mudasse completamente a sua atitude cética e se tornasse um dos maiores defensores da necessidade de um novo teste de datação. O que o Dr. Rogers viu, sob a poderosa lente de aumento, naquele fio do chamado santo Sudário, foi a presença inequívoca de microfragmentos de algodão juntamente com vestígios de pigmentação e resinas!

Elementos que não existem em nenhuma outra parte do sudário, como visto feito de puro linho! Uma prova incontestável de que, sim, a parte do tecido retirada para datação devia estar contaminada por material não original. Em outras palavras, ele acabava de comprovar por si mesmo que a tese da retecelagem era não só perfeitamente plausível como evidente! Levando-se em conta a hipótese da retecelagem, todas as lacunas encontradas no estudo do sudário passariam a ser perfeitamente preenchidas, como, por exemplo, a margem de erro de praticamente 200 anos entre um resultado e outro.

A saber, os resultados da datação foram os seguintes:

- Universidade do Arizona teste 1: datou a amostra como sendo do ano de 1238;
- Universidade de Oxford: datou a amostra como sendo do ano de 1246;
- Instituto Tecnológico de Zurich: datou a amostra como sendo do ano de 1376;
- Universidade do Arizona teste 2: datou a amostra como sendo do ano de 1430.

Os resultados obtidos por C-14 costumam ser específicos (a margem de erro aceitável é de 30 anos para mais ou para menos), mas, nesse caso em particular, estranhamente, há uma variação de 192 anos(!) entre um resultado e outro. Anomalia esta perfeitamente explicada pela tese da retecelagem, pois em diferentes partes da amostra retirada haveria maior ou menor quantidade do tecido de remendo misturado ao tecido original do sudário, pela própria maneira como a técnica é empregada.

Tudo que envolve a história do sudário de Turim é envolto por fatos marcantes e emblemáticos, como os estranhos incêndios que ocorrem nos lugares onde ele é guardado. Além do incêndio na Catedral de Chappelle (Chambery, França) em 4 de Dezembro de 1532, no dia 11 de Abril de 1997 também a Catedral de Turim, onde a relíquia estava guardada, pegou fogo: o sudário foi salvo espetacularmente por um bombeiro devoto e muito corajoso; fato este que, por si só, está cercado de particulares mistérios: na ocasião do incêndio, o sudário estava protegido por um fortíssimo vidro à prova de balas e ataques, mas o valente oficial conseguiu quebrá-lo sem dificuldades, salvando o manto do perigo, levando-o nas costas até o exterior do templo.

Outro fato marcante é que o Dr. Rogers, que agora havia voltado a acreditar, nessa época lutava contra a morte, acometido por um câncer fatal, e cada novo dia de vida era para ele uma batalha. A essa altura, ele desejava muito vir a conhecer a possibilidade da autenticidade do sudário, antes de morrer. Logo após a sua incrível descoberta de materiais estranhos na amostra coletada para datação, enviou seus fragmentos de fios ao seu colega microscopista Dr. Robert

Villarreal, que tinha acesso a equipamentos muito mais avançados para análise do material.

Mas quando o resultado das análises saiu, o Dr. Rogers já havia falecido, vencido pelo câncer. Assim como Moisés, que conduziu o povo hebreu à Terra Prometida mas não pode entrar nela. Ele nunca soube que as amostras do fiapo demonstraram que ele era constituído, na verdade, por duas fibras de materiais diferentes entrelaçadas, coladas e tingidas para tornar o remendo invisível. Estavam definitivamente derrubados, afinal, os polêmicos resultados da datação de 1988. Posteriormente, a Discovery Channel produziu um documentário no qual mostra evidências a favor da autenticidade do Sudário de Turim e esclarece sobre o que realmente aconteceu no tangente ao caso do C-14.¹³⁷

• Nova datação prova: o sudário é verdadeiro!

Uma nova pesquisa realizada na Universidade de Pádua, na Itália, em colaboração com as universidades de Módena e Bolonha, revelou que a data do sudário remonta ao primeiro século depois de Cristo. Ou seja, o pano que muitos acreditam ser o que envolveu o corpo de Jesus após sua morte está cada vez mais distante dos rumores de que era apenas uma farsa medieval e mais próximo da crença cristã.

Segundo o jornal britânico The Telegraph, os cientistas utilizaram um fragmento do tecido de linho com uma série de amostras de tecidos antigos. Descobriu-se, assim, a possibilidade de o material ter sido fabricado na época em que Jesus viveu. Foram feitas três análises diferentes: uma mecânica e duas químicas. As análises envolveram exames com luz infravermelha, espectroscopia Raman – que mede a radiação – e testes com a tensão das fibras da mortalha. Ao final dos testes, os pesquisadores **chegaram à conclusão de que a possibilidade de o sudário ser do tempo de Jesus é de 95%.**

Os resultados da pesquisa foram publicados no livro “Il Mistero della Sindone” (O Mistério do Sudário, em português), de autoria do coordenador da pesquisa Giulio Fanti e do jornalista Saverio Gaeta. Fanti afirmou que os resultados dessa

¹³⁷ Este documentário do Discovery Channel sobre a autenticidade do sudário está disponível em: <http://apologiacrista.com/index.php?pagina=1078523488>

atual investigação foram fruto de mais de quinze anos de pesquisa, sendo concluídas em Abril de 2013.

Portanto, é inegável a autenticidade do sudário. Como disse o Dr. Jackson, “[não conheço absolutamente nenhuma objeção válida contra a autenticidade do sudário. Como afetou a minha crença? Pessoalmente me reforçou na fé](#)”. E o Dr. D’Muhalia, presidente do Nuclear Technologies Corp., em Amston, nos USA, e um dos cinco diretores do STURP, resumiu a questão nas seguintes palavras:

[“Todos os cientistas com quem falei, não só estão seguros da autenticidade do sudário, mas também acreditam que ele seja uma carta de amor e uma ferramenta que Ele nos deixou para toda mente analítica... como resultado destes estudos, um cientista judeu de nossa equipe nos tem feito cristão”](#).

Premissa 2 – Este homem trata-se de Jesus Cristo

Nessa primeira parte confirmamos a premissa número 1, que nos mostra claramente que o sudário de Turim não é fruto da arte ou da inteligência humana, por pintura ou por falsificação medieval, conforme todas as evidências científicas a nossa volta nos mostram claramente. O nosso próximo passo, agora, será provar que também a segunda premissa está certa – **que este homem trata-se de Jesus Cristo** – e não de alguma outra pessoa que poderia ter sido envolvida por este pano.

As investigações levadas a cabo a partir da primeira fotografia tirada do lençol projetaram luzes novas e surpreendentes que apoiam essa crença como a explicação mais plausível. Ora, temos um documento histórico, os testemunhos evangélicos, que nos relatam, com base em fatos observados por testemunhas presenciais, não apenas a crucificação de Cristo, mas o itinerário da sua paixão até à morte e à sepultura: Jesus é o Servo sofredor, seviciado, flagelado, crucificado, desfigurado pelas brutalidades a que o submeteram, imolado como cordeiro pascal. Até que ponto o sudário recolhe essas circunstâncias históricas? O Dr. Jaime Espinosa fez um brilhante trabalho sobre isso, que analisaremos a seguir.

• Um corpo barbaramente flagelado

Mateus, Marcos e João relatam que Pilatos, tentando agradar a multidão, que exigia a crucifixão de Cristo, manda os soldados romanos açoitarem Jesus (Jo.19:1; Mt.27:26; Mc.15:16). Os romanos não flagelavam os condenados à crucifixão, a não ser moderadamente e enquanto estes transportavam a cruz até o lugar de execução. Ora, o sudário revela traços de feridas que mostram ter o homem de Turim sido brutalmente flagelado por todo o corpo, à exceção da cabeça, pés e antebraços.

As feridas são numerosas, entre 110 e 120, e tanto pelo tamanho como pela forma são idênticas às produzidas pelo flagrum taxillatum romano, o “horível flagelo” – um açoite de correias com pedaços de chumbo ou ossos de arestas cortantes nas pontas. Além das marcas das feridas, os cientistas puderam descobrir dentro delas os vestígios de perfurações na carne. Os golpes eram tão bárbaros que a lei romana proibia castigar com o flagrum os que fossem cidadãos romanos. Tanto pelo número de chicotadas – os judeus estavam proibidos pela lei de ultrapassar os 40 açoites (Dt.25:3) – como pelo flagelo empregado, vê-se que há coincidência com os dados do evangelho: o castigo foi aplicado por soldados romanos.

Pelo ângulo das chicotadas, pode-se inferir que eram dois os algozes – um de cada lado – pois os golpes convergem para dois pontos focais com uma extraordinária precisão geométrica. Esta comprovação exclui que a flagelação tivesse ocorrido enquanto o condenado transportava a cruz, já que neste caso os golpes teriam sido geometricamente desordenados. Outra coincidência com o evangelho. Mas a coincidência mais importante com o relato evangélico é a que explica a crueldade excepcional da flagelação que, como vimos, não era usual aplicar previamente a um condenado à crucifixão. Relatam os evangelhos que, inicialmente, Pilatos afastou a ideia da crucifixão reclamada pelo povo, pois sabia que Jesus era inocente (Jo.18:38).

Para contemporizar, manda açoitar Jesus, pensando que desse modo abrandaria o coração dos judeus. Mas a vista de Jesus desfeito pelos azorragues deixou o povo ainda mais raivoso: “**Fora com ele! Crucifica-o!**”, clamavam. Depois de uma nova tentativa, Pilatos, acovardado, cede: “**Então entregou-o a eles para que o crucificassem**” (Jo 19, 15-16). A mudança de opinião de Pilatos é o que explica, pois, a sucessão dos dois suplícios que Jesus sofreu, à diferença do

comum dos condenados. Uma última particularidade: os antebraços de Jesus não foram atingidos pelos flagelos, e isto indica que foi açoitado antes de carregar a cruz, pois os braços estavam atados à coluna, e portanto fora do alcance dos açoites.

• A coroação de espinhos

As pessoas condenadas a morrer numa cruz costumavam ser salteadores, escravos que tinham praticado algum crime especialmente grave, ou agitadores que tivessem cometido um delito contra o Estado romano. Evidentemente, essas pessoas não eram coroadas como reis antes de serem crucificadas. Nenhum documento antigo nos fala disso.

Chegamos aqui a um testemunho absolutamente capital para se identificar o homem do sudário: por que esse homem teve a cabeça ensanguentada por uma coroa de espinhos, quando ainda estava vivo? Os evangelhos explicam-nos porquê. Os soldados romanos tinham ouvido os chefes judeus acusarem Jesus de blasfemar porque se dizia Deus; e sabiam que, à pergunta de Pilatos: “*És tu o rei dos judeus?*”, Jesus respondera: *Tu o dizes, eu sou rei. Para isto nasci e para isto vim ao mundo, para dar testemunho da verdade*” (Jo 18, 37).

Depois de flagelarem Jesus, resolvem, pois, entreter-se fazendo-o rei de palhaçada, e colocam-lhe por manto real um pano vermelho, por cetro uma cana entre as mãos, e por coroa de ouro e pedras um capacete de espinhos:

“Então os soldados do procurador, conduzindo Jesus ao Pretório, reuniram ao redor dele toda a coorte. E despojando-o das vestes, lançaram-lhe em cima um manto escarlata. E, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça, e na mão direita uma cana; e dobrando o joelho diante dele, diziam escarnecendo: ‘Salve, rei dos judeus’. Cuspiam-lhe no rosto e, tomando da cana, davam-lhe golpes na cabeça” (Mateus 27:27-30).

Esta modalidade insólita de maus tratos é documentada de modo insuspeito pelo sudário: toda a calota craneana apresenta feridas resultantes de objetos perfurantes finos, que coincidem com os espinhos de uma possível coroa em forma de capacete, capazes de dilacerar a golpe de pancadas o couro cabeludo; distinguem-se perfeitamente na mortalha os ferimentos da testa e sobretudo os

da nuca. É de se notar a excepcional documentação morfológica do sangue, com as características de ter manado em vida, e que impregna profusamente, misturado com o suor, toda a massa dos cabelos.

• A crucificação

Em 1968, em três sepulcros de Jerusalém, encontraram-se os ossos de 35 pessoas. O esqueleto de uma delas mostrava que havia sido crucificada: os ossos dos pés estavam trespassados por pregos, e os das pernas quebrados. No sudário, um sulco de sangue parte do pé direito e do calcanhar esquerdo: um único prego perfurou os dois pés, cruzados um sobre o outro.

Aparece também claramente uma chaga profunda na altura do pulso esquerdo. O pulso direito está encoberto pela mão esquerda, pois cruzaram as mãos diante do corpo antes de sepultar o cadáver; mas também aparece, em duas direções, o sangue que correu abundantemente do pulso esquerdo ao longo do antebraço. Não contradiz este dado a tradição cristã e os artistas, que sempre representaram Jesus crucificado pela palma das mãos?

Os crucificados não eram pregados na cruz atravessando-lhes a palma da mão, pois desse modo as mãos se rasgariam e o corpo certamente se desprenderia da cruz. No pulso localiza-se o espaço de Destot que, atravessado pelo prego e amparado nos ossos que o rodeiam, pode sustentar o peso do corpo e permitir-lhe os movimentos necessários para a frente e para trás. Exatamente como está no sudário.

• A morte

O homem do sudário morreu por crucifixão, isto é, em consequência da asfixia que dela resultou. A posição de um crucificado, com os braços presos no alto e o corpo pendurado dos mesmos, acaba por dificultar os movimentos da caixa torácica, iniciando um processo de asfixia. Para respirar, o condenado precisa erguer o corpo, flexionando os braços e apoiando-se tanto quanto possível nas pernas, esticando-as ao máximo para que o corpo suba.

O sudário indica tanto a posição normal como a posição erguida: esta, resultante do esforço para respirar, aquela indicando a posição caída, determinada pelo cansaço. Dois fluxos de sangue, com uma divergência aproximada de 10 graus, se percebem imediatamente nos antebraços, especialmente no braço esquerdo, indicando as duas posições do corpo. Mas esse movimento para cima e para baixo tem um limite determinado pelo esgotamento muscular e pela dor das feridas abertas pelos pregos.

O esforço muscular contínuo faz surgir câibras, contrações tetânicas dos músculos peitorais e intercostais que, pela acumulação de ácido láctico, vão-se tornando rígidos: o condenado vai tendo cada vez maior dificuldade em respirar, sobretudo em expirar, e ainda que consiga reerguer-se para aliviar a pressão que sente nos músculos do peito, recai logo na posição baixa e a asfixia começa novamente.

A isto deve acrescentar-se que a posição do corpo favorece a concentração de sangue nas pernas e na cavidade abdominal, com o que diminui o volume sanguíneo que chega aos pulmões. O homem de Turim conserva os traços dessa morte por asfixia, principalmente o peito dilatado por não poder soltar o ar e o ventre inchado pelo acúmulo de sangue. Uma coincidência importante entre a linguagem do sudário e o relato evangélico é que o homem do sudário não teve as pernas quebradas. Diz João:

“Como era dia da Preparação (da Páscoa), para que os corpos não ficassem na cruz em dia de sábado, por ser grande dia aquele sábado, os judeus rogaram a Pilatos que lhes quebrassem as pernas e os tirassem. Vieram, pois, os soldados e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele estava crucificado. Chegando a Jesus, como o viram já morto, não lhe quebraram as pernas” (João 19:31-34)

É sabido que os crucificados podiam sobreviver por muitas horas e mesmo dias, e que, para apressar-lhes a morte, era frequente quebrarem-lhes as pernas pelo tornozelo: a morte sobrevinha então rapidamente, não só pela hemorragia, mas principalmente porque deixavam de poder apoiar-se nos pés para conseguirem erguer-se e respirar.

Mas Jesus – como o homem de Turim – é levantado sobre a cruz num estado de fraqueza extrema pela violência da flagelação a que foi submetido. Os maus

tratos, as pancadas e socos, e sobretudo a flagelação – uma flagelação selvagem – provocaram não só hemorragias externas, mas internas, e provavelmente o líquido hemorrágico foi comprimindo os pulmões e acelerou a morte por asfixia, em consequência do derrame pleural.

O certo é que Jesus morreu antes do que a maioria dos crucificados e antes do que os outros dois que foram supliciados juntamente com Ele. Conta o evangelista Marcos que, quando José de Arimatéia se dirigiu à presença de Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus, Pilatos admirou-se de que ele tivesse morrido tão depressa, ao ponto de ter chamado o centurião para que lhe confirmasse a notícia (Mc. 15:43-45).

• Uma lança abriu-lhe o lado

Uma das comprovações mais comoventes do sudário é a marca de uma ferida no peito causada por uma lança. O quarto evangelista, João, que foi testemunha ocular, relata que, depois de Jesus ter morrido, um soldado romano lhe atravessou o peito com uma lança para certificar-se de que já estava morto e não era preciso apressar-lhe a morte:

“Chegando a Jesus, como o viram já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados atravessou-lhe o lado com uma lança e imediatamente saiu sangue e água. E o Apóstolo acrescenta solenemente: Aquele que o viu dá testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro; ele sabe que diz a verdade, para que todos vós creiais” (João 19: 33-35)

O sudário mostra uma ferida no flanco direito, causada por uma lança do tipo usado pelos soldados romanos no século I da nossa era: sem ganchos que alargassem a ferida e sem nervuras de reforço, tal como as que se utilizavam em motins para ferir depressa e mortalmente, de modo a retirar a arma e visar imediatamente outro adversário.

O golpe foi dado no lado direito, exatamente como os soldados romanos eram treinados a fazer para atingir os adversários, que protegiam o lado esquerdo, o do coração, com um escudo. A ferida tem 4 cms – largura máxima das lanças romanas – e atingiu o hemitórax entre a 5ª e a 6ª costelas, a 13 cm do esterno. Percebe-se claramente que a lançada foi desferida depois da morte, porque a

ferida ficou aberta, o que não sucederia se fosse feita em pessoa viva. Ademais, há indícios de que o sangue saiu sem força, o que dá a entender que o coração já estava parado.

Sobre o tecido, vê-se uma dupla mancha: uma de sangue e outra, quase incolor, que se tornou bem visível quando se usaram raios ultravioletas na observação. Os dois líquidos correram abundantemente até formarem uma espécie de círculo em torno dos rins. Como vimos, o quarto evangelista afirma que da ferida saiu imediatamente sangue e água. O sangue procedia do coração e talvez de hematomas causados pelas hemorragias internas a que antes nos referimos.

Quanto ao que João chama água e que corresponderia à mancha incolor observada no pano, é muito provavelmente uma mistura de soro sanguíneo – resultante dos hematomas – e de líquido pericárdico, situado dentro do saco pericárdico que envolve o coração. Este líquido é tanto mais abundante quanto maior e mais abundante for o sofrimento da pessoa; constitui até uma prova usada em medicina legal para saber se a vítima foi seviciada antes de morrer. A constatação de João, de uma precisão extraordinária, mostra que Cristo sofreu muitíssimo durante a sua paixão.

• Outras coincidências

O sudário revela ainda que o homem nele amortalhado deve ter recebido pancadas violentas no rosto, pois se percebe um inchaço notável em torno do olho direito, além de várias escoriações. Ocorre espontaneamente pensar no que relata Mateus: [“Cuspiram-lhe então na face, bateram-lhe com os punhos e deram-lhe tapas dizendo: Adivinha, ó Cristo: quem te bateu?”](#) (Mt.26:67-68).

No nariz, nota-se uma dupla ferida, assim como uma deformação da borda, ocasionada provavelmente por uma ruptura ou deslocamento da parte cartilaginosa. Os joelhos, por sua vez, revelam cortes e escoriações. O esquerdo apresenta uma ferida maior. É muito provável que uma queda de braços tenha provocado essas lesões. Imaginemos as condições em que o homem do sudário foi levado ao local do suplício: com as mãos atadas ao travessão horizontal da cruz; extremamente debilitado em consequência da flagelação, dos socos e

pontapés, etc; vestido com uma túnica em que era fácil ter pisado, na posição inclinada que o peso da cruz o obrigava a adotar.

A própria alusão do evangelho de Marcos a um certo Simão de Cirene que, passando por ali, foi requisitado para levar a cruz (Mc.15:20-21), parece depor no sentido da extrema fraqueza e possíveis quedas de Cristo na subida até o local da execução. E também de mencionar, por se tratar de uma exceção, que o homem do sudário transportou a cruz vestido. Não era comum os condenados irem vestidos à crucifixão.

Tanto Marcos como Mateus dizem que Jesus foi ao Calvário com as próprias vestes e João refere que os soldados as dividiram em quatro partes, uma para cada soldado, e lançaram sortes sobre a túnica, que era inconsútil, para ver a quem cabia (Mt.27:31; Mc.15:20; Jo.19:23). Ora, o sudário revela que as lesões provocadas nos ombros pela flagelação foram relativamente pequenas. Sem dúvida teriam sido maiores se a cruz tivesse sido transportada sobre os ombros nus, sem nada que amortecesse o atrito da madeira. Outra coincidência significativa com o relato evangélico.

• O sepultamento

Como já vimos, os romanos reservavam a crucifixão aos que tivessem cometido um crime grave ou um delito contra o Estado romano. Normalmente, o corpo dos executados não era reclamado por ninguém, sendo jogado na vala comum. Sem lençol. Ora Jesus, crucificado como um escravo, foi condenado por Pilatos sob a acusação de ter conspirado contra o Estado romano. E, no entanto, escapou à vala comum.

Seu corpo foi reclamado por um homem influente, José de Arimatéia, um discípulo secreto, que o envolveu num lençol novo, limpo, e o enterrou num túmulo que tinha comprado para si, próximo do lugar da crucifixão. Estes os dados precisos que nos chegaram através do evangelho de João. O homem do sudário também foi enterrado num lençol fino que, segundo se calcula, teria custado inúmeras horas de trabalho.

E um detalhe que faz pensar efetivamente em José de Arimatéia, que sepultou Jesus e era um homem rico. Mas há ainda um outro aspecto que parece quadrar

com o que nos dizem os evangelhos: a abundância de vestígios de sangue, a indicar claramente que o corpo não foi lavado antes de ser amortalhado, ao contrário do que era costume entre os judeus (At.9:37).

O corpo de Jesus recebeu sinais claros de respeito e distinção, como ser envolvido num lençol de linho e colocado num sepulcro novo, não em vala comum. No entanto, omitiram algo elementar entre os judeus: lavar o corpo antes de sepultá-lo. O relato de João permite-nos compreender por que isso aconteceu:

“Tomaram, pois, o corpo de Jesus e envolveram-no em faixas de linho com os aromas, conforme é costume sepultar entre os judeus. Havia perto do lugar onde foi crucificado um horto, e no horto um sepulcro novo, no qual ainda ninguém fora depositado. Ali, pois, depuseram Jesus, por causa do dia da Preparação dos judeus” (João 19: 40-42).

Vê-se assim a causa da omissão. Estava prestes a começar o grande Sábado pascal em que, como aliás em qualquer sábado, que é o dia santo dos judeus, se proibiam rigorosamente os trabalhos manuais. Por isso era preciso enterrar Jesus antes do pôr do sol, e por isso não puderam lavar o corpo do Senhor: não havia tempo. Isto explica também que, no primeiro dia útil, as santas mulheres tivessem ido ao sepulcro, levando os aromas que haviam preparado, a fim de completar o trabalho.

● **Resumo**

Vale a pena enumerar sucintamente as coincidências existentes entre o homem do sudário e Jesus de Nazaré:

1º A partir do séc. VII, passa-se a adotar na arte religiosa um único modelo para representar Jesus, no qual se distinguem pelo menos 15 detalhes que se encontram na figura do sudário.

2º A figura estampada no lençol representa um semita com barba e cabelo comprido e entrançado, como se usava na Palestina no tempo de Cristo.

3º A brutal flagelação, insólita em condenados à crucifixão, executada com o flagrum romano; este castigo não era aplicado aos cidadãos romanos.

4º A coroação de espinhos, circunstância igualmente insólita.

5º O homem do sudário não foi despido até o lugar da execução, o que também não era usual.

6º As pernas não foram quebradas, ao contrário do que se fazia nos casos de crucifixão, para apressar a morte do condenado.

7º Uma lança de forma igual à que usavam os soldados romanos atravessa o lado direito, após a morte.

8º O crucificado não foi enterrado na vala comum, mas sepultado individualmente e com uma peça de linho cara.

9º Foi sepultado cuidadosamente, mas não lhe lavaram o corpo.

10º O cadáver abandonou o lençol fúnebre antes de entrar em decomposição.

• Probabilidades

Diversos especialistas de renome aplicaram a estes dados o cálculo de probabilidades, para saber qual a chance de que o homem do sudário não fosse Jesus Cristo. Para uns, é de um para um octilhão, isto é, de 1 para 10^{27} (a unidade seguida de vinte e sete zeros). Para os mais prudentes, é de um para 262 bilhões. Pode-se dizer que a probabilidade é tão insignificante que, na prática, é como se não existisse. Se juntássemos todas as pessoas que já existiriam no mundo até hoje, não chegaríamos nem perto deste número!

A conclusão que se impõe é a de que, à vista dos fatos, a explicação mais plausível, a única satisfatória, é que o homem do sudário é Jesus de Nazaré, e que o lençol de Turim é o lençol fúnebre com que José de Arimatéia e Nicodemos envolveram o corpo de Cristo. O paralelismo entre o tecido e os testemunhos evangélicos é perfeito: nada a mais, nada a menos.

Yves Delage, professor de Anatomia na Sorbonne, membro da Academia Francesa e agnóstico confesso, concluiu já em 1902 que o sudário era o lençol de Jesus. Severamente criticado, teve a seguinte observação:

“Injetou-se desnecessariamente um problema religioso num assunto que, em si, é puramente científico, e o resultado foi que os sentimentos se excitaram e a razão foi posta de parte. Se, em vez de Cristo, se tratasse de outra pessoa, como um Sargão, um Aquiles ou um dos Faraós, ninguém teria pensado em fazer a mínima objeção”

Premissa 3 – Este homem ressuscitou

Primeiramente, vale ressaltarmos aquilo que já comprovamos aqui, que:

- O sudário de Turim não é uma falsificação;
- O sudário de Turim é o lençol que envolveu Jesus Cristo.

Tais premissas, porém, só teriam verdadeiras validades a fim de provar a ressurreição em caso que este homem ali descrito no sudário tenha, realmente, ressuscitado dos mortos. Para isso, novamente vamos para as provas lógicas e científicas, a fim de provar que esse homem [Jesus] ressuscitou dos mortos.

• A Ressurreição

O evangelista continua: ao amanhecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena encontra o túmulo aberto, corre a avisar os discípulos, e Pedro e João correm em direção ao túmulo. Ambos observam que o lençol se encontra “vazio”, manifestamente sem conter o volume de um corpo. Depois, o próprio Cristo aparece a Maria Madalena, que ficara chorando ao pé do sepulcro, e por fim a todos os apóstolos. Será que o sudário de Turim, que lança tanta luz sobre a paixão e morte de Cristo, numa sucessão espantosa de coincidências, terá também algo a dizer-nos sobre a sua ressurreição? É isso o que analisaremos agora.

- **O corpo não se decompôs**

O corpo envolvido no Sudário achava-se em estado absoluto de enrijecimento causado pela morte (rigor mortis), e os patologistas estão em condições de afirmar que estava sem vida. Ora, o corpo humano, ao cabo de cerca de trinta horas, começa a deixar sobre os panos que o envolvem uma espécie de pequenos cristais resultantes dos fenômenos que ocorrem no cadáver depois desse tempo, especialmente pela decomposição cadavérica. Mas os especialistas que estudaram o sudário não encontraram o menor indício desses cristais entre as fibras do tecido. Isto indica que o lençol fúnebre não esteve muitos dias em contato com o corpo sepultado.

- **O corpo não foi retirado por meios humanos normais**

Mas o corpo poderia ter sido retirado da mortalha pelos próprios discípulos, como aliás se tentou propalar na ocasião (Mt.28:13). Os cientistas fizeram uma análise minuciosa do lençol e concluíram que por nenhum meio humano normal se teria conseguido separar uma ferida e o pano unido a ela, depois que o sangue secou, sem arrancar pequenas partículas do corpo, sem desfazer a correção anatômica da figura e a integridade estrutural das manchas de sangue e dos coágulos sanguíneos: as manchas ter-se-iam desfeito e espalhado. Todavia, encontram-se intactas.

A separação natural deixaria no tecido sinais de fibras de linho que, grudadas à ferida e ao sangue, teriam sido repuxadas ao separar-se o cadáver da mortalha que o envolvera. A observação microscópica não captou nenhum desses indícios: depois de aumentados 32 vezes, o centro e as bordas das manchas de sangue não revelaram nenhum sinal de repuxamento das fibras.

Portanto, se o cadáver não ficou no túmulo muito tempo – e nem pode ter saído de lá por meios humanos naturais – segue-se logicamente que a ressurreição é a única conclusão lógica e satisfatória para como se deu tal fato. O cadáver não foi retirado e nem saiu do lençol por repuxação, mas desapareceu de lá pelo milagre da ressurreição. Isso também confirma o fato bíblico: **“Porque tu não me abandonarás no sepulcro, nem permitirás que o teu Santo sofra decomposição”** (At.2:27).

• A origem da figura

É sabido que os cientistas não conseguiram desvendar o mistério relativo ao processo técnico que teria originado a formação da figura do sudário. As conclusões científicas apenas nos dizem como é que esta não foi gravada no tecido: não foi pintada, não foi formada por contato direto nem mediante vapores ou qualquer outro processo conhecido no nosso século e muito menos no século XIV.

Segundo vimos, a teoria mais plausível de todas é a da chamuscadura ocasionada por calor ou por uma luz intensa. Mas o que teria causado essa chamuscadura? Como é que o corpo de um cadáver pode produzir calor ou luz? Não resta outra hipótese senão a de que, ao ressuscitar, o corpo de Cristo irradiasse esse calor ou essa luz. O sudário aponta para esse fato histórico como a única explicação plausível para a formação da figura impressa no lençol.

Como disse o Dr. Thomas F. D'Muhala:

“Todos nossos achados devem corroborar o evangelho em cada um de seus detalhes. Se confirmar o estalo de uma radiação, muito bem poderia isso estar relacionado com a ressurreição”

Conclusão – Jesus Cristo ressuscitou dos mortos

À luz de todas as evidências lógicas e científicas apresentadas, percebemos claramente que os três pontos mencionados são, de todo, plenamente verdadeiros.

1º O sudário de Turim é realmente um lençol do primeiro século que encobriu um homem morto, e não uma pintura falsificada da Idade Média.

2º Este homem trata-se de Jesus Cristo.

3º Este homem ressuscitou.

4º Logo, Jesus ressuscitou dos mortos.

A despeito de todas essas provas, a maioria dos céticos e ateus continuará desacreditando na ressurreição de Cristo, dizendo que é mera questão de fé sem a menor evidência histórica ou científica. Como vimos nestes capítulos, a ressurreição de Jesus é provada tanto histórica como cientificamente, por argumentos lógicos e racionais. O *irracional*, à vista de tudo o que foi apresentado, é crer no contrário: que alguma outra coisa (que não a ressurreição) aconteceu e que explicaria a fé dos discípulos e a imagem do sudário.

Neste caso, não é a fé que é cega, mas a *descrença*. A fé é corroborada por todas as linhas de evidências, e todas elas apontam para a ressurreição de Cristo. A descrença, contudo, oferece argumentos fracos, superficiais, facilmente refutáveis e não poucas vezes absurdos, para não admitirem e confessarem o óbvio: que Jesus realmente ressuscitou. Pois isso, para eles, é rejeitado *a priori*. Jesus não pôde ter ressuscitado porque não pôde, e não por alguma boa evidência contrária aos argumentos favoráveis à ressurreição.

E negar a possibilidade de ressurreição, além de se chocar com todas as provas favoráveis, é negar também que estamos em um Universo teísta, onde Deus existe e os milagres são possíveis. E se esse Deus já fez algum milagre alguma vez, com certeza a ressurreição de Jesus é a mais pautada pelas evidências. E, se Jesus ressuscitou, temos fortes razões para crer que o Cristianismo é a religião verdadeira. Afinal, é a única que ensina a ressurreição de Cristo. E, ainda, se Jesus ressuscitou temos fortes razões para crer naquilo que é dito na Bíblia, pois ela não teria sido fruto da invenção de mentes perturbadas ou enganadoras, mas da revelação de Deus através do Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

A ressurreição de Jesus não é apenas o ponto central do Cristianismo, mas é o que dá validade à fé cristã. Sem ressurreição de Jesus, não há Cristianismo. Mas se Deus ressuscitou Jesus Cristo dos mortos, ele está autenticando a veracidade da fé daquela religião dos cristãos, a única que ensina que ele venceu a morte e ressuscitou. Então, se cremos na ressurreição de Jesus, devemos crer naquilo que a Bíblia diz, pois ela é a verdade. Mas seria mesmo confiável crer no que a Bíblia diz? Afinal, ela não teria sido corrompida com o passar dos séculos, como dizem os ateus? É isso o que passaremos a investigar no capítulo seguinte.

CAP. 7 - A AUTENTICIDADE DO NOVO TESTAMENTO



Muitos céticos, ateus, agnósticos e pasme: até mesmo alguns que se dizem “cristãos” creem que a Bíblia foi corrompida pela Igreja cristã, sendo adulterada e tendo passado por muitas alterações, acréscimos e modificações com o passar dos séculos. Tais acusações gratuitas vem de pessoas que nunca estudaram um mínimo de história antiga ou não conhecem nem um pouco sobre Crítica Textual, pois, se estudassem, saberiam que **não existe obra antiga mais confiável do que o Novo Testamento.**

Primeiramente, temos que ressaltar que, ao tratarmos de Crítica Textual em textos antigos, como os livros do Novo Testamento, que datam há milênios atrás, não possuímos em mãos o manuscrito original, mas *cópias* dele, por pessoas que copiaram tais escritos mais tarde. O fato de não possuímos o original em mãos não significa que as cópias não sejam autênticas, ou, senão, teríamos que dizer que nenhum documento da história antiga é autêntico, pois todos eles sobrevivem através de manuscritos posteriores – sem qualquer exceção!

Norman Geisler e Frank Turek abordam isso nas seguintes palavras:

“Os cétricos podem perguntar: ‘Bem, se o NT é realmente a palavra de Deus, então por que Deus não preservou o original?’. Só podemos especular aqui, mas uma possibilidade é porque sua palavra pode ser melhor protegida por meio de cópias do que por meio de documentos originais. Como assim? Porque, se o original estivesse de posse de alguma pessoa, essa pessoa poderia alterá-lo. Mas, se houvesse cópias espalhadas por todo o mundo antigo, não haveria maneira de um escriba ou sacerdote alterar a palavra de Deus. Como vimos, o processo de reconstrução permite que variantes e alterações nas cópias sejam identificadas e corrigidas de maneira bastante simples. Desse modo, ironicamente, o fato de não existirem originais pode preservar a palavra de Deus de uma maneira melhor do que se eles existissem”¹³⁸

Para conseguirmos remontar o texto original com total confiança, são necessárias basicamente duas coisas:

- **Possuirmos cópias bem antigas, próximas do original.**
- **Possuirmos uma quantidade significativa dessas cópias.**

Se as cópias preservadas de um original são datadas de tempo bem posterior a ele, alguém pode alegar que nesse meio-tempo houve alterações no escrito original. Portanto, é importante possuirmos cópias que são próximas à época em que o original foi feito. Da mesma forma, quanto maior é a quantidade de cópias existentes também é maior a chance do original não ter sido corrompido, pois, desta forma, um falsário teria que adulterar *milhares* de manuscritos por todas as partes do mundo da época e nas mais diversas línguas se quisesse se sair bem sucedido.

Assim sendo, a Crítica Textual trabalha dentro desses dois critérios para determinar se o original de qualquer obra (não somente do Novo Testamento) foi bem preservado ou não. A pergunta que fica é: possuímos cópias antigas do Novo Testamento? E *quantas* dessas cópias possuímos? É isso o que passaremos a investigar a partir de agora.

¹³⁸ TUREK, Frank; GEISLER, Norman. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. Editora Vida: 2006.

• Quantidade de cópias antigas do Novo Testamento

Nenhuma obra da história antiga possui cópias tão próximas ao original quanto o Novo Testamento. Isso mesmo: nenhum! O Novo Testamento ganha **disparado** do segundo colocado e de textos que os próprios céticos creem que foram bem preservados. Sobre isso, Geisler e Turek discorrem:

“O NT não apenas desfruta de um amplo apoio dos manuscritos, como também possui manuscritos que foram escritos logo depois dos originais. O mais antigo e incontestável manuscrito é um segmento de João 18.31-33,37,38, conhecido como fragmento John Rylands (porque está na Biblioteca John Rylands, em Manchester, Inglaterra). Os estudiosos datam esse documento como tendo sido escrito entre 117 e 138 d.C, mas alguns dizem que ele é ainda mais antigo. O fragmento foi encontrado no Egito próximo ao mar Mediterrâneo, e seu provável local de composição foi a Ásia Menor – demonstrando que o evangelho de João foi copiado e levado a lugares distantes logo no início do século 11”¹³⁹

Quantas cópias antigas do Novo Testamento em grego nós possuímos? A resposta é nada a menos que 5.664! Esse número é assustadoramente grande ao se tratar de história antiga. Para se ter uma noção e usar como parâmetro, de todas as obras antigas aquela que aparece em segundo lugar é a *Ilíada* de Homero, com apenas 643 manuscritos que sobreviveram até hoje. Ou seja: só de textos *em grego*, nós possuímos **nove vezes mais cópias do Novo Testamento do que a segunda obra antiga mais bem colocada** em *qualquer* idioma.

Mas não para por aqui. O Novo Testamento também foi copiado nos primeiros séculos em muitos outros idiomas. Existem pelo menos 9.300 antigas versões em outras línguas, e mais 10.000 manuscritos antigos da Vulgata Latina de Jerônimo. No total (juntando o número de cópias antigas do Novo Testamento nos mais diversos idiomas) nós possuímos aproximadamente **25.000** manuscritos de livros *inteiros* do Novo Testamento, isso sem contar outras 24.000 cópias de *porções* (trechos) desses livros. Isso significa **39 vezes mais do que a *Ilíada* de Homero**, que é a segunda colocada em número de cópias em todos os documentos antigos já criados pelo homem!

¹³⁹ *ibid.*

A tabela a seguir detalha o número de manuscritos do Novo Testamento:

Gregos Unciais	306
Minúsculas	2.764
Lecionários	2.143
Papiros	88
Achados recentes	47
Vulgata Latina	Mais de 10.000
Etiópico	Mais de 2.000
Eslavônico	4.101
Armênio	2.587
Versão Siríaca (Peshita)	Mais de 350
Copta	100
Árabe	75
Versão Velha Latina	50
Anglo-Saxônico	7
Gótico	6
Sogdiano	3
Siríaco Antigo	2
Medo-Persa	2
Frâncico	1

A conclusão é óbvia: o Novo Testamento é **o documento antigo mais bem preservado da história da humanidade**. Discorrer contra isso é lutar contra os fatos, movido pura e simplesmente pelo preconceito de se aceitar algo histórico se está ligado à religião, como fazem os céticos e ateus. Esses números são tão impressionantes quando postos em comparação com os outros documentos da antiguidade que John Warwick Montgomery declarou:

“Ter uma atitude cética quanto ao texto disponível dos livros do Novo Testamento é permitir que toda a antigüidade clássica se torne desconhecida, pois nenhum documento da história antiga é tão bem confirmado bibliograficamente como o Novo Testamento”¹⁴⁰

A evidência para a autenticidade do Novo Testamento é tão esmagadora que seria necessário juntar as dez melhores e mais bem preservadas obras da

¹⁴⁰ MONTGOMERY, **History and Christianity** (A História e o Cristianismo). Downers Grove: Inter-Varsity, 1971.

literatura antiga se quiséssemos chegar a algo próximo daquilo que o Novo Testamento nos oferece:

“Embora os documentos originais do NT não tenham sobrevivido ou ainda não tenham sido encontrados, temos muitas cópias precisas dos documentos originais – muito mais do que as dez melhores peças da literatura antiga combinadas”¹⁴¹

Esse enorme número de cópias do Novo Testamento também nos ajuda a refutar aqueles que pensam que a Bíblia foi adulterada. Muitos afirmam que os escribas poderiam errar por desatenção, incluindo uma coisa aqui ou ali que não estava no original, errando uma ou outra palavra ou deixando de escrever uma ou outra coisa. Isso ocorre em todas as cópias, é algo comum.

E é aí que entra em cena a importância de se ter muitos manuscritos. Porque se tivéssemos apenas um único e esse escriba tivesse errado em alguns pontos, teríamos uma Bíblia incompleta e adulterada em mãos. Mas, se temos *muitos* escribas e *muitos* manuscritos, essa possibilidade cai exponencialmente. Imagine, por exemplo, uma sala de aula com 100 alunos. A professora enche o quadro negro de matéria. Os alunos têm que copiar palavra por palavra, linha por linha de tudo aquilo que foi escrito. Os 100 alunos copiam tudo o que a professora escreveu. Mas Joãozinho chega tarde, perde a primeira aula e a professora já apagou o que tinha escrito no quadro negro.

Então, ele se vê na obrigação de consultar seus colegas que copiaram tudo o que foi escrito. Se Joãozinho copiasse de apenas um único colega em somente uma única fonte, ele pode incorrer nos mesmos erros ocasionais que esse colega pode ter errado na cópia. Mas se Joãozinho consultar *todos* os seus 100 colegas que copiaram o que foi escrito, certamente esse problema seria resolvido sem maiores dúvidas. Para o exemplo ficar mais prático, suponhamos que Joãozinho esteja copiando um texto de um aluno onde diz:

“Porque Deus o mundo de tal maneira que deu unigênito para que todo aquele que não pereça, mas tenha a vida eterna”

Joãozinho lê esse verso da cópia de um único aluno e percebe que nele está faltando alguma coisa. O texto não está fazendo sentido. “Deus o mundo”,

¹⁴¹ TUREK, Frank; GEISLER, Norman. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. Editora Vida: 2006.

“deu unigênito”, “para que todo aquele que não pereça”... alguma coisa está errada. Talvez esse aluno estivesse com sono quando copiou, estivesse com muita pressa ou muito desatento. Para confirmar a tradução correta, Joãozinho consulta um outro aluno ao seu lado, que copiou da seguinte forma:

“Porque Deus *amou* o mundo de tal maneira que deu *seu Filho* unigênito para que todo aquele que *nele crê* não pereça, mas tenha a vida eterna”

Agora as coisas começam a fazer sentido. O que um aluno errou na transcrição, o outro acertou. Mas, para confirmar, ele consulta todos os seus outros 99 colegas (Joãozinho era faminto por uma boa tradução!), e todos os 99 confirmam a seguinte transcrição:

“Porque Deus *amou* o mundo de tal maneira que deu *seu Filho* unigênito para que todo aquele que *nele crê* não pereça, mas tenha a vida eterna”

Qual seria a conclusão de Joãozinho? Que o texto original perdeu-se e já não se pode saber o conteúdo primordial, pois foi tudo adulterado? É claro que não. Ele concluirá facilmente que aquele “copista” que ele viu anteriormente havia vertido o texto erroneamente por desatenção, mas o que ele errou foi concertado por muitos outros que transcreveram certo. Então, como é praticamente impossível que 99 alunos tenham reproduzido errado e só um tenha copiado certo, é lógico que a tradução correta é a que foi traduzida pelos 99 alunos.

O mesmo ocorre com o conteúdo do Novo Testamento, com a diferença de que não possuímos apenas 100 copistas ou 100 cópias para comparar as traduções, mas **25 mil cópias**, o que obviamente abaixa para virtualmente zero as possibilidades de que todos tenham copiado errado um mesmo texto. É por isso que a Crítica Textual não trabalha dentro de apenas um único manuscrito, por mais valioso que seja, mas pela comparação entre *vários* manuscritos. Então, por mais que um ou outro copista se equivoque na tradução ou transcrição de um ou outro verso, a comparação com os mais diversos manuscritos bíblicos antigos nos leva inevitavelmente ao original, com precisão.

Geisler e Turek resumem a questão da seguinte maneira:

“Uma reconstrução praticamente perfeita dos originais pode ser realizada ao comparar-se as milhares de cópias manuscritas que sobreviveram. Descobrimos fragmentos de manuscritos tão antigos quanto o material da segunda metade do século I. *Não existem* obras do mundo antigo que sequer cheguem perto do NT em termos de apoio de manuscritos (...) De fato, os documentos do NT possuem mais manuscritos, manuscritos mais antigos e manuscritos mais abundantemente apoiados do que as dez melhores peças da literatura clássica combinadas”¹⁴²

• Tempo entre a cópia e o original

O outro quesito em que o Novo Testamento se destaca em comparação a qualquer outra obra escrita de toda a história antiga é no tempo entre o original e a cópia mais próxima. Frederic G. Kenyon, que foi diretor do Museu Britânico e é reconhecido como uma das maiores autoridades em manuscritos, disse:

“Além da quantidade, os manuscritos do Novo Testamento diferem das obras dos autores clássicos em outro aspecto, e mais uma vez a diferença é bem clara. Os livros do Novo Testamento foram escritos na última parte do século primeiro; com exceção de fragmentos muitos pequenos, os manuscritos mais antigos existentes são do quarto século – cerca de 250 a 300 anos depois”¹⁴³

E ele prossegue, dizendo:

“Isso pode parecer um intervalo considerável, mas não é nada em comparação com o tempo transcorrido entre os grandes escritores clássicos e seus mais antigos manuscritos. cremos que, em todos os pontos essenciais, temos um texto bastante fiel das sete peças remanescentes de Sófocles; no entanto, o manuscrito mais antigo e substancial de Sófocles foi copiado mais de 1400 anos depois de sua morte”¹⁴⁴

Em seu livro “A Bíblia e a Arqueologia”, Kenyon acrescenta:

¹⁴² *ibid.*

¹⁴³ KENYON, Frederic G. - **Our Bible and the Ancient Manuscripts** (Nossa Bíblia e os manuscritos Antigos). Nova Iorque: Harper & Brothers, 1941.

¹⁴⁴ *ibid.*

“De modo que o intervalo entre as datas da composição do original e os mais antigos manuscritos existentes se torna tão pequeno a ponto de, na prática, ser insignificante. Assim, já não há base para qualquer dúvida de que as Escrituras tenham chegado até nós tal como foram escritas. Pode-se considerar que finalmente estão comprovadas tanto a autenticidade como a integridade geral dos livros do Novo Testamento”¹⁴⁵

Geisler e Turek acrescentam que possuímos manuscritos de livros completos do Novo Testamento que datam do século III d.C:

“Qual é a idade do mais antigo manuscrito de um livro completo do NT? Manuscritos que formam livros inteiros do NT sobreviveram a partir do ano 200 d.C. E quanto aos mais antigos manuscritos do NT completo? A maioria dos manuscritos do NT, incluindo os quatro evangelhos, sobrevive desde o ano 250, e um manuscrito do NT (incluindo um Antigo Testamento em grego), chamado Códice Vaticano, sobrevive desde o ano 325. Vários outros manuscritos completos sobrevivem desde aquele século. Esses manuscritos possuem ortografia e pontuação características que sugerem ser parte de uma família de manuscritos que pode ter sua origem entre 100 e 150 d.C”¹⁴⁶

Para F. J. A. Hort, “na variedade e multiplicidade de provas sobre as quais repousa, o texto do Novo Testamento destaca-se de um modo absoluto e inigualável entre os textos em prosa da antigüidade”¹⁴⁷. J. Harold Greenlee segue essa mesma linha e afirma que “os mais antigos manuscritos existentes do Novo Testamento foram escritos numa data muito mais próxima da composição do texto original do que no caso de qualquer outro texto da literatura antiga”¹⁴⁸. Para termos uma noção, elaboramos uma tabela onde o Novo Testamento é comparado às demais obras antigas:

Autor	Data do Original	Cópia mais Antiga	Intervalo em Anos	Número de Cópias
César	100-44 a.C	900 d.C	1000	10

¹⁴⁵ KENYON, Frederic G. **The Bible and Archaeology** (A Bíblia e a Arqueologia) Nova Iorque: Harper & Row, 1940.

¹⁴⁶ TUREK, Frank; GEISLER, Norman. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. Editora Vida: 2006.

¹⁴⁷ HORT, Fenton John Anthony & WESTCOTT, Brooke Foss. **The New Testament in the Original Greek** (O Novo Testamento no Original Grego). Nova Iorque: McMillan, 1881. vol. 1.

¹⁴⁸ GREENLEE, J. Harold. **Introduction to New Testament Textual Criticism** (Introdução à Crítica Textual do Novo Testamento) Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1964.

Platão (Tetralogias)	427-347 a.C	900 d.C	1200	7
Tácito (Anais)	60-100 d.C	900 d.C	800	1
Plínio, o Jovem	61-113 d.C	850 d.C	750	7
Tucídides	460-400 a.C	900 d.C	1300	8
Suetônio	75-100 d.C	950 d.C	800	8
Heródoto	480-425 a.C	900 d.C	1300	8
Sófocles	496-406 a.C	1000 d.C	1400	193
Lucrécio	75-160 d.C	1200 d.C	1100	2
Cátulo	54 a.C	1550 d.C	1600	3
Eurípides	480-406 a.C	1100 d.C	1300	200
Desmóstoles	383-322 a.C	1100 d.C	1300	200
Aristóteles	384-322 a.C	1100 d.C	1400	49
Aristófanes	450-385 a.C	900 d.C	1200	10

Compare todos esses autores antigos, que tem *milênios* de distância entre a obra original e a cópia mais antiga preservada, com os livros do Novo Testamento escritos por Mateus, Marcos, Lucas, João, Paulo, Tiago, Pedro e Judas, em que temos 25 mil cópias antigas com uma diferença mínima inferior a 200 anos entre a cópia *completa* mais bem preservada e o original, e *décadas* entre o original e o fragmento mais antigo.

O erudito F. F. Bruce expôs esse mesmo quadro comparativo entre as obras seculares antigas e os documentos do Novo Testamento e chegou à conclusão:

“Talvez possamos avaliar melhor quão rico é o Novo Testamento em matéria de evidência manuscrita, se compararmos o material textual subsistente com outras obras históricas da antigüidade... Os manuscritos remanescentes das obras menores de Tácito provêm todos de um códice do século décimo. Conhecemos a história de Tucídides (cerca de 460-400 a.C.) a partir de oito manuscritos, dos quais o mais antigo data de 900 d.C, e de uns poucos fragmentos de papiros, escritos aproximadamente no início da era cristã. O mesmo se dá com a História de Heródoto (cerca de 480-425 a.C.). No entanto, nenhum conhecedor profundo dos clássicos daria ouvidos à tese de que a autenticidade de Heródoto ou Tucídides é questionável porque os mais antigos

manuscritos de suas obras foram escritos mais de 1300 anos depois dos originais”¹⁴⁹

Se os críticos não consideram corrompidas as obras de Heródoto, Platão, Aristóteles ou Homero, mesmo tendo apenas *alguns* manuscritos sobreviventes de *muitos* séculos posterior ao original, então o que os levaria a pensar que o Novo Testamento, que possui mais cópias antigas do que qualquer outra obra antiga que já existiu, e com muito mais proximidade ao original, deveria ser questionado? Como diz Greenlee:

“Os mais antigos e conhecidos dos manuscritos da maioria dos autores gregos clássicos foram escritos pelo menos mil anos depois da morte do seu autor... Todavia, no caso NT, dois dos mais importantes manuscritos foram escritos em prazo não superior a 300 anos após o NT estar completo, e manuscritos virtualmente completos, de alguns livros do NT, bem como manuscritos incompletos, mas longos, de muitas partes do NT, foram copiados em datas tão remotas quanto um século após serem originalmente escritos”¹⁵⁰

E ele conclui:

“Uma vez que os estudiosos aceitam que os escritos dos antigos clássicos são em geral fidedignos, muito embora os mais antigos manuscritos tenham sido escritos tanto tempo depois da redação original e o número de manuscritos remanescentes seja, em muitos casos, tão pequeno, está claro que, da mesma forma, fica assegurada a credibilidade no texto do Novo Testamento”¹⁵¹

Bruce Metzger, em seu livro: “The Text of the New Testament”, acentua a forma como as obras dos autores antigos eram preservadas, e compara com o Novo Testamento:

“As obras de inúmeros autores antigos foram preservadas pela mais tênue linha de transmissão possível. Por exemplo, o compêndio de história de Roma, por Veléio Patérculo, sobreviveu até a era moderna através de um único e incompleto manuscrito, a partir do qual se preparou a primeira edição impressa – e perdeu-se esse manuscrito solitário após ser copiado pelo beato Rhenanus

¹⁴⁹ BRUCE, F.F. **Merece Confiança o Novo Testamento?** São Paulo: Vida Nova, 1965.

¹⁵⁰ GREENLEE, J. Harold. **Introduction to New Testament Textual Criticism** (Introdução à Crítica Textual do Novo Testamento) Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1964.

¹⁵¹ *ibid.*

em Amerbach. Mesmo em relação aos Anais do famoso historiador Tácito, no que diz respeito aos seis primeiros livros dessa obra, ela só sobreviveu devido a um único manuscrito, do século nono. Em 1870 o único manuscrito conhecido da Epístola a Diogneto, um texto cristão bem antigo que os compiladores geralmente incluem entre os escritos dos Pais Apostólicos, perdeu-se num incêndio na biblioteca municipal de Estrasburgo. Em contraste com esses dados estatísticos, o crítico textual do Novo Testamento fica perplexo diante da riqueza de material disponível”¹⁵²

A única conclusão a que se pode chegar, após a análise minuciosa dos fatos, é aquela que F. F. Bruce expõe:

“No mundo não há qualquer corpo de literatura antiga que, à semelhança do Novo Testamento, desfrute uma tão grande riqueza de confirmação textual”¹⁵³

• Os Pais da Igreja

Além de possuir muito mais cópias antigas do que qualquer outra obra antiga da história da humanidade e o menor espaço entre o original e a cópia mais antiga preservada, outro dado que nos ajuda a concluir pela autenticidade do Novo Testamento é a patrística, que consiste no estudo dos Pais da Igreja. Esses Pais da Igreja foram bispos, teólogos, clérigos e doutores cristãos que existiram nos primeiros séculos da Igreja. Existiram *dezenas* de Pais da Igreja que escreveram, ao todo, *milhares* de obras cristãs primitivas. E desde aquela época era costume dos Pais citarem as Escrituras abundantemente.

Cada um desses Pais da Igreja nos deixou um enorme legado não apenas de ensinamentos morais e doutrinários, mas *da própria Escritura*, pois eles costumavam frequentemente citar passagens bíblicas. O resultado disso é que, se juntássemos todas as passagens bíblicas que os Pais da Igreja escreveram nos primeiros séculos, teríamos o Novo Testamento praticamente *completo*, excetuando apenas onze versos que não foram citados nenhuma vez! Norman Geisler e Frank Turek também discorrem sobre isso, dizendo:

¹⁵² METZGER, Bruce. **The Text of the New Testament** (O Texto do Novo Testamento). Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1968.

¹⁵³ BRUCE, F.F. **The Books and the Parchments** (Os Livros e os Pergaminhos). Edição revista. Westwood: Fleming H. Revê 11, 1963.

“Os Pais da Igreja primitiva – homens dos séculos 11 e 111 como Justino Mártir, Ireneu, Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertuliano e outros – fizeram tantas citações do NT (36.289 vezes, para ser exato) que todos os versículos do NT, com exceção de apenas 11, poderiam ser reconstituídos simplesmente de suas citações. Em outras palavras, você poderia ir até a biblioteca pública, analisar as obras dos Pais da Igreja primitiva e ler praticamente todo o NT simplesmente com base nas citações que eles fizeram! Desse modo, nós não apenas temos milhares de manuscritos, mas milhares de citações desses manuscritos. Isso torna a reconstrução do texto original praticamente precisa”¹⁵⁴

O detalhe é que todas essas 36.289 citações bíblicas feitas pelos Pais da Igreja computadas por Geisler são de *antes* do Concílio de Niceia. Em outras palavras, a Bíblia já era citada tão frequentemente que mesmo antes da existência de Constantino e de Niceia poderíamos remontá-la inteiramente apenas com as citações dos Pais que viveram antes do século IV d.C! Norman Geisler e William Nix discorrem sobre esse número no livro: “Introdução Bíblica”, e dizem:

“A esta altura, um rápido apanhado estatístico mostrará a existência de umas 32.000 citações do Novo Testamento feitas até a época do Concilio de Niceia (325 d.C). Essas 32.000 são apenas um número parcial, e nem mesmo incluem os escritores do século quarto. Apenas acrescentando-se as citações feitas por um outro escritor, Eusébio, que escreveu prolificamente num período que vai até o Concilio de Niceia, teremos o total de citações do Novo Testamento aumentado para mais de 36.000”¹⁵⁵

Até mesmo os Pais da Igreja do primeiro século citavam as Escrituras e *reconheciam* como sendo Sagrada Escritura. Policarpo (69-155 d.C), por exemplo, escreveu aos filipenses citando um trecho da epístola de Paulo aos efésios (Ef.4:26) e o chama de “Escrituras” e “Sagradas Letras”:

“Creio que sois bem versados nas **Sagradas Letras** e que não ignorais nada; o que, porém, não me foi concedido. Nessas **Escrituras** está dito: ‘Encolerizai-vos e não pequeis, e que o sol não se ponha sobre vossa cólera’. Feliz quem se lembrar disso. Acredito que é assim convosco”¹⁵⁶

¹⁵⁴ TUREK, Frank; GEISLER, Norman. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. Editora Vida: 2006.

¹⁵⁵ GEISLER, Norman. NIX, William. **Introdução Bíblica**. Editora Vida: 1997.

¹⁵⁶ Policarpo aos Filipenses, 12:1.

Clemente de Roma (35-97 d.C) escreveu em 95 d.C uma carta aos coríntios e fez menção às palavras de Jesus ditas em Mateus 21:23 e em Marcos 10:6 e o chama de “Escritura”:

“Portanto, irmãos, se fazemos a vontade de Deus, nosso Pai, pertenceremos à primeira Igreja, que é espiritual, que foi criada antes do sol e da lua; porém, se não fazemos a vontade do Senhor, seremos como a **Escritura, que diz: ‘Minha casa se transformou em covil de ladrões’**. Logo, prefiramos ser a Igreja da vida, para que sejamos salvos. E não creio que ignoreis que a Igreja viva ‘é o corpo de Cristo’, porque **a Escritura diz: ‘Deus fez o homem, varão e mulher’**. O varão é Cristo; a mulher é a Igreja. E os livros e os apóstolos declaram de modo inequívoco que a Igreja não apenas existe agora, pela primeira vez, como assim desde o princípio, porque era espiritual, como nosso Jesus também era espiritual; porém, foi manifestada nos últimos dias para que Ele possa nos salvar”¹⁵⁷

Em outro momento, ele cita as palavras de Cristo registradas em Mateus 9:13 como fazendo parte da Sagrada Escritura:

“Novamente diz a Escritura em outro lugar: eu não vim chamar os justos, mas os pecadores”¹⁵⁸

A tabela a seguir mostra três Pais da Igreja que escreveram ainda no primeiro século e fizeram menção a vários livros do Novo Testamento:

DOCUMENTOS DO NOVO TESTAMENTO CITADOS POR:		
Clemente de Roma (35-97 d.C)	Inácio de Antioquia (35-107 d.C)	Policarpo (69-155 d.C)
Mateus Marcos Lucas Romanos 1ª Coríntios Efésios 1ª Timóteo Tito	Mateus Marcos Lucas João Atos Romanos 1ª Coríntios 2ª Coríntios	Mateus Marcos Lucas João Atos Romanos 1ª Coríntios 2ª Coríntios

¹⁵⁷ 2ª Clemente, 14:2.

¹⁵⁸ 2ª Clemente, 2:4.

Hebreus Tiago 1ª Pedro	Gálatas Efésios Filipenses Colossenses 1ª Tessalonicenses 1ª Timóteo 2ª Timóteo Tito Filemom Hebreus Tiago 1ª Pedro 2ª Pedro 1ª João 3ª João Apocalipse	Gálatas Efésios Filipenses Colossenses 2ª Tessalonicenses 1ª Timóteo 2ª Timóteo Hebreus 1ª Pedro 1ª João
------------------------------	--	---

O mesmo é feito por outros vários autores do primeiro século e início do segundo, como Teófilo, Justino, Hermas, Aristides, Atenágoras, Papias e muitos outros. Isso nos mostra que desde o primeiro século os cristãos já conheciam o Novo Testamento e o *reconheciam* como sendo a Palavra de Deus, como sendo Escritura Sagrada, antes que qualquer Concílio (como o de Niceia, Cartago, Hipona, Trento ou qualquer outro) anunciasse quais livros eram oficialmente “canônicos”. E, por esses mesmos Pais da Igreja, podemos reconstruir o Novo Testamento praticamente em sua totalidade.

A tabela a seguir mostra como que sete Pais da Igreja – sozinhos – citaram passagens bíblicas mais de 32 mil vezes, antes do Concílio de Niceia. Isso sem considerar o testemunho de mais *dezenas* de Pais da Igreja que também citaram as Escrituras antes e depois de Niceia.

Escritor	Evangelhos	Atos	Epístolas Paulinas	Epístolas Gerais	Apocalipse	Total
Justino	268	10	43	6	3	330
Irineu	1038	194	499	23	65	1819
Clemente ¹⁵⁹	1017	44	1127	207	11	2406
Orígenes	9231	349	7778	399	165	17992
Tertuliano	3822	502	2609	120	205	7258
Hipólito	734	42	387	27	188	1378

¹⁵⁹ Clemente de Alexandria. Não confundir com o outro Clemente, o romano.

Eusébio	3258	211	1592	88	27	5176
Totais	19368	1352	14035	870	664	36289

Como afirma a Enciclopédia Britânica, esse testemunho patrístico não pode ser desconsiderado:

“Após ter examinado os manuscritos e versões, o crítico textual ainda assim não esgotou o estudo das provas em favor do texto do Novo Testamento. Frequentemente os escritos dos primeiros Pais da Igreja refletem uma forma de texto diferente da de um ou outro manuscrito... os testemunhos que dão do texto, especialmente quando corroboram leituras oriundas de outras fontes, são algo que o crítico textual deve consultar antes de formar juízo a respeito”

Esse número de 36 mil citações bíblicas pelos Pais da Igreja antes de Niceia oferecem um forte testemunho acerca da autenticidade do texto neotestamentário, mas a força desse testemunho cresce ainda mais quando consideramos também os Pais que escreveram *após* Niceia, ou seja, *todos* os Pais da Igreja cristã primitiva. O número de citações do Novo Testamento pelos Pais da Igreja consiste em 16 espessos volumes que se encontram no Museu Britânico, contendo **86.489** citações!

Todas essas mais de 86 mil citações, que unidas perfazem praticamente *todo* o Novo Testamento, se juntam aos mais de 25 mil manuscritos antigos neotestamentários de livros completos do Novo Testamento e a outros 24 mil fragmentos de livros. Um total para cético nenhum botar defeito. De fato, após uma prolongada investigação, Darlymple admitiu:

“Veja aqueles livros. Você se lembra da pergunta que me fez sobre o Novo Testamento e os Pais? Aquela pergunta despertou a minha curiosidade, e, como eu conhecia todas as obras existentes dos Pais do segundo e terceiro séculos, comecei a pesquisar e, até agora, já encontrei todo o Novo Testamento, com exceção de onze versículos”

Mas o cético poderia perguntar: e os evangelhos apócrifos? Estude história. Tais evangelhos foram escritos a partir do século II d.C – não foram escritos pelos verdadeiros discípulos de Cristo que foram testemunhas oculares de tudo o que ocorreu – e por um grupo anticristão conhecido por “gnósticos”, que tinham uma fé completamente oposta à cristã, mas queriam ser chamados por este

nome. Mas havia um problema: o Novo Testamento era completamente oposto às crenças deles, que incluía a doutrina da reencarnação e o ensino de que Jesus não veio em carne, que ele não ressuscitou dos mortos, que não existe ressurreição física nem justificação pela fé, e que o corpo é uma prisão da alma e é mal em si mesmo.

Então, qual foi a solução encontrada por eles, para fazerem com que as suas crenças heréticas fossem bem aceitas? Simples: eles decidiram por si mesmos escreverem pseudo-evangelhos falsamente atribuídos a Pedro, a Paulo, a João, a Judas, a Tomé, e por aí vai, onde esses ensinamentos não-bíblicos eram claramente ensinados, para concorrer com o Novo Testamento. Isso ocorreu a partir do século II d.C, e pode ser conferido em obras da época, como o livro “Contra as Heresias”, de Irineu de Lyon.

A Igreja, porém, **nunca** aceitou esses apócrifos como inspirados. Desde os primórdios ela soube reconhecer aquilo que tinha origem antiga e que remetia aos apóstolos e aquilo que era plágio e falsificação posterior. Além disso, nós possuímos pouco ou nada de evidências concretas e conclusivas sobre esses livros. A grande maioria deles possuem pouquíssimas cópias que sobreviveram, de modo que é impossível resgatar o original com precisão. Sua autenticidade é diametralmente oposta a do Novo Testamento.

Marcelo Berti expôs a tática tendenciosa de críticos como Bart Ehrman, que tentam fazer os leigos crerem que tais evangelhos apócrifos são confiáveis:

“Há alguns anos atrás nos tínhamos um pedaço do Evangelho de Pedro que não sabíamos bem o que significava. Era um fragmento do tamanho de um cartão de crédito. No século passado foi descoberta uma cópia maior, com páginas do texto. Eles compararam aquilo que tinha naquele evangelho com aquilo que foi encontrado recentemente, e Ehrman diz em seu livro: ‘ficou claro que o Evangelho de Pedro foi bem preservado’. Isso com duas cópias, uma do tamanho de um cartão de crédito e outra com algumas páginas. Ou seja: para Ehrman, o Evangelho de Pedro foi bem preservado – com poucas evidências – mas o Novo Testamento, repleto de evidências (mais de 5 mil), foi ‘mal guardado!’”¹⁶⁰

¹⁶⁰ BERTI, Marcelo. **O que Ehrman disse? O que Ehrman não disse?** Disponível em: <<http://vimeo.com/9831765>>. Acesso em: 04/11/2013.

• Respondendo aos Céticos

Tudo o que já foi apresentado até aqui já deveria ser mais que o suficiente para convencer as pessoas mais sinceras e honestas de que a Bíblia não foi adulterada e que podemos confiar na autenticidade do Novo Testamento, ou seja: no evangelho cristão. Mas não para os críticos agnósticos e ateus. Enquanto Deus não descer dos céus com uma poderosa legião de anjos ao seu redor e com uma Bíblia gigante de ouro na mão dizendo que o Cristianismo é verdadeiro, eles não vão se convencer. Na verdade, duvidamos que mesmo se isso ocorresse eles iriam se dar por vencidos.

Não importa a multidão de argumentos: se se trata de religião, eles descartam *a priori* qualquer evidência, para colocarem no lugar qualquer argumento supérfluo, fraco e superficial oferecido pelos céticos. E dentre eles se destaca um nome: Bart Ehrman. Ele se tornou muito famoso nos Estados Unidos por defender aquilo que os céticos e anticristãos deste mundo mais desejam: a corrupção da Bíblia e o fim do Cristianismo.

Foi várias vezes convidado para depoimentos em documentários na NBC, CNN, History Channel e muitos outros canais que quase nunca dão espaço a cristãos (não importando os argumentos), mas se um agnóstico nega tudo o que o Cristianismo ensina e escreve um livro sobre isso vira *popstar* da noite para o dia e seus livros verdadeiros *best-sellers*. Em seus livros, ele ataca a veracidade do Novo Testamento com argumentos fracassados já há muito conhecidos e não poucas vezes refutados, mas vale a pena refutar mais uma vez para quem ainda não os reconhece.

Para Ehrman e outros críticos como ele, os manuscritos do Novo Testamento possuem 400 mil “erros”, divergindo entre si. Qualquer leigo no assunto, que não entende absolutamente nada de Crítica Textual (e é exatamente para tais pessoas que Ehrman escreve), logo irá pensar que essa é a maior e mais extraordinariamente fantástica prova irrefutável de que a Bíblia é uma farsa e que o Novo Testamento foi corrompido. Mas tais argumentos não têm qualquer valor em um debate inteligente, entre eruditos que entendem de Crítica Textual.

Mas o que teria de errado esse argumento dos críticos?

Simplesmente que não se trata de *erros* nos manuscritos, mas de *variantes*. Por exemplo, suponhamos que um manuscrito traga o texto de 1ª Coríntios 15:19 da seguinte forma:

“Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens”

E que outro manuscrito transcreva assim:

“Se esperamos em Jesus apenas nesta vida, nós somos os mais miseráveis de todos os homens”

Para qualquer pessoa minimamente inteligente e honesta, não há qualquer “erro” ou adulteração entre uma passagem e outra. A diferença é mínima e o sentido é exatamente o mesmo. Um traz “Cristo”, o outro traz “Jesus”. Um traduz por “só”, o outro por “apenas”. Um coloca o pronome “nós” no texto, o outro deixa o pronome implícito. Para os eruditos bíblicos sérios, essas são apenas *variantes* textuais. Mas para Ehrman e companhia, são três “erros bíblicos” que provam que a Bíblia foi adulterada!

Geisler e Turek também abordam isso, nas seguintes palavras:

“Alguns já chegaram a estimar que existam cerca de 200 mil erros nos manuscritos do NT. Primeiro de tudo, eles não são ‘erros’, mas leituras variantes, a maioria das quais de natureza estritamente gramatical (i.e., pontuação e ortografia). Segundo, essas leituras estão espalhadas por cerca de 5.700 manuscritos, de modo que a variação na ortografia de *uma* letra de *uma* palavra em *um* versículo em 2 mil manuscritos é considerada 2 mil ‘erros’”¹⁶¹

Isso por si só já é suficiente para demonstrar o quão desonestos são os críticos do Novo Testamento em formularem argumentos que apenas tem a força de enganar leigos, mas que nunca convenceram qualquer erudito ou exegeta. Mas Daniel Wallace foi além. Ele pegou uma frase simples no grego: “Jesus ama Paulo”. Depois, mostrou 16 variantes diferentes que esse único verso simples poderia ser transcrito no grego, sem alterar nada do significado textual:

¹⁶¹ TUREK, Frank; GEISLER, Norman. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. Editora Vida: 2006.

1. Ἰησοῦς ἀγαπᾷ Παῦλον
2. Ἰησοῦς ἀγαπᾷ τὸν Παῦλον
3. ὁ Ἰησοῦς ἀγαπᾷ Παῦλον
4. ὁ Ἰησοῦς ἀγαπᾷ τὸν Παῦλον
5. Παῦλον Ἰησοῦς ἀγαπᾷ
6. τὸν Παῦλον Ἰησοῦς ἀγαπᾷ
7. Παῦλον ὁ Ἰησοῦς ἀγαπᾷ
8. τὸν Παῦλον ὁ Ἰησοῦς ἀγαπᾷ
9. ἀγαπᾷ Ἰησοῦς Παῦλον
10. ἀγαπᾷ Ἰησοῦς τὸν Παῦλον
11. ἀγαπᾷ ὁ Ἰησοῦς Παῦλον
12. ἀγαπᾷ ὁ Ἰησοῦς τὸν Παῦλον
13. ἀγαπᾷ Παῦλον Ἰησοῦς
14. ἀγαπᾷ τὸν Παῦλον Ἰησοῦς
15. ἀγαπᾷ Παῦλον ὁ Ἰησοῦς
16. ἀγαπᾷ τὸν Παῦλον ὁ Ἰησοῦς

E ele adiciona:

“Estas variações representam apenas uma pequena fração das possibilidades. Se a sentença usar φιλεῖ ao invés de ἀγαπᾷ, por exemplo, ou se ela começar com uma conjunção tal qual δὲν, καὶν, ou μέν, as potenciais variações crescerão exponencialmente. Fatore em sinônimos (tais quais κύριος por Ἰησοῦς), diferenças de escrita, e palavras adicionais (tais quais Χριστός, ou ἅγιος com Παῦλος) e a lista de potenciais variantes que não afetam a essência da declaração cresce às centenas. Se uma simples sentença como ‘Jesus ama Paulo’ pode ter tantas variações insignificantes, meros 400.000 variantes entre os manuscritos do Novo Testamento parece quase uma quantidade insignificante”¹⁶²

Marcelo Berti trabalhou em cima desse mesmo exemplo de Daniel Wallace (“Jesus ama Paulo”) e mostrou como um texto simples como esse poderia oferecer *milhares* de variantes sem alterar em nada o significado textual:

“Nós sabemos que existem palavras diferentes em grego para descrever ‘amor’. Por exemplo: em vez de usar *ágape* como amor, ele poderia ter usado *fileo*, o

¹⁶² WALLACE, Daniel Baird. **The Gospel according to Bart**. Disponível em: <https://bible.org/article/gospel-according-bart>. Acesso em: 04/11/2013.

que não faria diferença nenhuma. Mas, assim, nós teríamos 32 leituras diferentes (variantes). E se um copista desatento não tivesse ouvido ‘Paulo’, e tivesse escrito ‘Saulo’?¹⁶³ Nós já teríamos 128 possibilidades em uma sentença só. E se ele tivesse trocado ‘Jesus’ por ‘Cristo’? 256! E se ‘Cristo’ fosse transcrito como ‘Senhor’? 512! E se ele tivesse colocado ‘Senhor Jesus Cristo’? 1024!”¹⁶⁴

Mas, de todas essas 400 mil variantes textuais, quantas afetariam alguma doutrina da fé cristã? A resposta a essa pergunta é simples e objetiva: **nenhuma**. Westcott e Hort analisaram os manuscritos gregos antigos do Novo Testamento e concluíram que apenas 1,67% dessas variantes textuais nos diferentes manuscritos antigos são *minimamente relevantes*¹⁶⁵. Philip Schaff calculou que apenas 50 eram de todas essas 400 mil eram relevantes e que nem uma única sequer afetava “um artigo de fé ou um preceito de obrigação que não seja abundantemente apoiado por outras passagens indubitáveis ou pelo sentido geral do ensinamento das Escrituras”¹⁶⁶.

Nos cálculos do grande estudioso do Novo Testamento e professor da Universidade de Princeton, Bruce Metzger, apenas 0,5% dessas variantes poderiam mudar o sentido de algum texto, e que *nenhum* desses 0,5% afetava qualquer doutrina da fé cristã¹⁶⁷. Frederic Kenyon, autoridade em manuscritos antigos, afirmou:

“O número de manuscritos do NT, de traduções antigas dele e de suas citações pelos antigos autores da Igreja é tão grande que é praticamente certo que a verdadeira leitura de toda passagem dúbia esteja preservada em uma ou outra dessas autoridades antigas. Não se pode dizer isso em relação a nenhum outro livro antigo do mundo”¹⁶⁸

Benjamin Warfield conclui:

“Se compararmos a situação atual do texto do Novo Testamento com a de qualquer outro escrito antigo, precisaremos declarar que o texto é maravilhosamente correto, tão grande é o cuidado com que o Novo

¹⁶³ Saulo é o outro nome de Paulo nas Escrituras (Atos 13:9).

¹⁶⁴ BERTI, Marcelo. **O que Ehrman disse? O que Ehrman não disse?** Disponível em: <<http://vimeo.com/9831765>>. Acesso em: 04/11/2013.

¹⁶⁵ Mais detalhes sobre as fontes em GEISLER, *Enciclopédia de apologética*, p. 641.

¹⁶⁶ *A Companion to the Greek Testament and the English Version*, 3.ed. New York: Hamper, 1883, p. 177.

¹⁶⁷ Mais detalhes sobre as fontes em GEISLER, *Enciclopédia de apologética*, p. 641.

¹⁶⁸ *ibid.*

Testamento tem sido copiado - um cuidado que, sem dúvida alguma, é fruto de uma verdadeira reverência para com suas santas palavras - tão grande tem sido a providência de Deus em preservar para a sua igreja em todas as épocas um texto suficientemente exato, que o Novo Testamento não tem rival entre os escritos antigos, não apenas em termos de pureza de texto pela maneira como foi transmitido e mantido em uso, como também em termos de abundância de testemunhos, os quais chegaram até nós para corrigir falhas relativamente esporádicas”

Portanto, não há qualquer corrupção bíblica por causa das variantes textuais, que são plenamente compreensíveis e ocorrem com qualquer transcrição ou tradução. Se qualquer leitor abrir uma Bíblia João Ferreira de Almeida em um versículo qualquer e depois abrir o mesmo verso em uma Nova Versão Internacional, também notará muitas dessas variantes. As versões bíblicas traduzem de modo ligeiramente diferente entre si, mas isso não significa que uma ou outra decidiu deliberadamente “adulterar” algum texto. Elas apenas optaram por traduzir de forma diferente – porém plausível – diferentes passagens.

Por exemplo, a Nova Versão Internacional traduz Gênesis 1:1 da seguinte maneira:

“No princípio Deus criou os céus e a terra” (Gênesis 1:1)

Enquanto que a Almeida Corrigida, Revisada e Fiel traduz esse mesmo verso assim:

“No princípio criou Deus o céu e a terra” (Gênesis 1:1)

Há duas variantes entre os textos: o *céu* em um e os *céus* em outro, e a inversão na ordem das palavras - “Deus criou” em um, e “criou Deus” em outro. Mas nada que mude o sentido do texto ou que afete qualquer ponto de fé. Com os manuscritos gregos antigos é a mesma coisa. Há diferenças, mas não erros. Há variantes, mas não corrupção textual. Como já dissemos, apenas 1% dessas variantes podem alterar o sentido de um texto em particular, mas mesmo essas não afetam qualquer doutrina. Os críticos como Ehrman citam algumas delas. Iremos citar também.

• Hebreus 2:9

O texto de Hebreus 2:9 diz que, “[pela graça de Deus, ele \[Jesus\] experimentou a morte da parte de todos](#)”. Na variante textual que Ehrman expôs, o texto não estaria dizendo “pela graça de Deus”, mas “sem Deus”. Assim, o autor teria dito que “Jesus morreu sem Deus”, ou seja, abandonado por Ele. Contudo, em primeiro lugar, há apenas três manuscritos que vertem o texto desta forma, e todos eles datam do século décimo ou posterior. Todos os manuscritos mais antigos e confiáveis vertem por “pela graça de Deus”.

Em segundo lugar, o copista que transcreveu por “sem Deus” não o fez de forma intencional para adulterar o texto bíblico, mas simplesmente incorreu em um erro ortográfico muito comum em grego. Notem a semelhança entre “graça de Deus” e “sem Deus”, no original grego, onde se lê:

Graça de Deus	Sem Deus
ca rij qeou CA RIS	cw rij qeou CW RIS

Mudam-se apenas duas palavras entre uma sentença e outra. É, portanto, um erro ortográfico comum, e não uma corrupção proposital. Como já dissemos aqui, a Crítica Textual não trabalha em cima de apenas um único manuscrito antigo, mas no conjunto de todos os manuscritos. Manuscritos isolados, como os três do século décimo que Ehrman apontou, podem incorrer em erros ortográficos, mas esses erros são corrigidos pelo conjunto, isto é, pelos outros manuscritos mais antigos, mais confiáveis e em maior quantidade. E o conjunto aponta indiscutivelmente pela tradução de “pela graça de Deus”.

Finalmente, em terceiro e último lugar, ainda que a tradução correta do verso fosse “sem Deus”, que doutrina vital do Cristianismo estaria sendo atacada ou colocada em Xequê? Não foi exatamente isso que *o próprio Senhor Jesus disse* em Mateus 27:46, quando exclamou na cruz: “[Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?](#)” (Mt.27:46). Portanto, mesmo se a tradução correta fosse aquilo que Ehrman deseja, isso em nada incorreria em “adulteração bíblica”, pois o autor de Hebreus poderia meramente estar fazendo uma alusão ao que Jesus expressou na cruz, registrado no evangelho de Mateus.

O *significado* deste “desamparo” é *outro assunto*, é questão de *interpretação* e não de *tradução*. A tradução, em si, seja de um modo ou de outro, não

arremete a nenhuma adulteração textual. Quando muito, o mais provável é que tenha sido um erro accidental de um escriba desatento, que errou na ortografia de duas letras, e mesmo assim não afetou nenhum artigo de fé do Cristianismo nem contradisse o restante das Escrituras.

● Marcos 1:41

Marcos 1:41 diz que “Jesus, movido de grande compaixão, estendeu a mão, e tocou-o, e disse-lhe: Quero, sê limpo”. Porém, a resposta de Jesus ao pedido do leproso é outra de acordo com Ehrman. Cristo teria, conforme variantes textuais, ficado nervoso ou indignado, e a tradução correta seria: “Jesus, indignado, estendeu a mão...”. Mesmo se assumíssemos que “indignado” seja a leitura correta, em que isso afetaria a credibilidade dos evangelhos? Em nada. Isso porque Jesus é descrito por Marcos como estando indignado em diversas ocasiões. Em Marcos 3:4-5, por exemplo, há o seguinte relato:

“E perguntou-lhes: É lícito no sábado fazer bem, ou fazer mal? Salvar a vida, ou matar? E eles calaram-se. E, olhando para eles em redor **com indignação**, condoendo-se da dureza do seu coração, disse ao homem: Estende a tua mão. E ele a estendeu, e foi-lhe restituída a sua mão, sã como a outra” (Marcos 3:4-5)

Todos os manuscritos gregos antigos vertem por “indignação”, esse texto não é alvo de dúvidas ou polêmicas. Se um falsário quisesse adulterar um texto bíblico de Marcos para esconder ou omitir o fato de que Jesus ficou nervoso ou irritado em certa ocasião, por que ele teria deixado intacta outra passagem do mesmo evangelho em que Jesus é relatado como estando nervoso? É óbvio, então, que a irritação de Jesus não tem absolutamente nada a ver com corrupção textual.

Vale ressaltar, porém, que a maioria dos manuscritos antigos verte por “compaixão” (σπλαγχνισθαι), que parece mesmo ser o sentido diante do contexto, e não por “indignação” (ὀργισθείς), que mesmo se fosse a tradução correta de modo algum incorreria em algum ataque a qualquer doutrina bíblica que seja, já que Jesus não raramente era relatado com nervosismo por diferentes situações, em diferentes ocasiões (ex: Mc.3:5; Mc.10:14; Mt.21:12).

• Mateus 24:36

Em Mateus 24:36 vemos Jesus dizendo sobre a Sua volta que “daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do Céu, mas unicamente meu Pai”. Se o texto diz claramente “**unicamente o Pai**”, então é óbvio que o Filho não conhecia esse dia em sua natureza humana na terra. O texto deixa isso implícito, sem precisar fazer esforço. Mas como Bart Ehrman gosta de uma boa polêmica, ele argumenta que alguns manuscritos antigos trazem *nem o Filho*, ficando assim: “nem os anjos, *nem o Filho*, senão unicamente o Pai”.

Essa descoberta bombástica e extraordinária de Ehrman surge para confirmar a força de seus argumentos e sua qualidade como crítico bíblico, que resume-se a isso: nada. O que é que a inclusão ou a exclusão de οὐδὲ υἱός (“*nem o Filho*”) mudaria no sentido da passagem? **Absolutamente nada!** O mais provável é que pela expressão “unicamente o Pai” estivesse tão óbvio que o Filho não estivesse incluído que algum copista pensou nem ser necessária a inclusão neste texto. Ou o inverso: pelo fato de ser “unicamente o Pai”, algum copista tenha acrescentado “nem o Filho”, para deixar explícito aquilo que já estava implícito no texto.

De qualquer forma, de um jeito ou de outro, o fato é que a inclusão ou exclusão de οὐδὲ υἱός não muda absolutamente nada do sentido da própria passagem, pois ele está ali implícita ou explicitamente. Além disso, em Marcos 13:32 a expressão “**nem o Filho**” está explícita nessa passagem, e não há sequer uma única variante em nem um único manuscrito que a omita. Marcos 13:32 diz que “daquele dia ou hora ninguém sabe, nem os anjos no Céu, nem o Filho, senão somente o Pai”.

Portanto, não há qualquer dúvida de que Jesus incluía a si mesmo entre aqueles que não saberiam o dia de sua vinda por ocasião daquela solenidade. Se algum copista quisesse adulterar o texto bíblico por não crer que Jesus não soubesse o dia de Sua vinda teria obviamente tirado também a parte que diz “unicamente o Pai”, e substituído por algo como “o Pai e o Filho”. Além disso, teria também aproveitado a oportunidade para fazer a mesma modificação no texto paralelo de Marcos 13:32, que não possui nenhuma variante. Mas nem uma coisa nem outra procedem. Tudo o que ocorreu foi erro de copista, sem alterar em absolutamente nada o sentido da passagem.

Daniel Wallace conclui:

“Ehrman não menciona Marcos 13:32 nenhuma vez em *Misquoting Jesus*, apesar de que ele explicitamente discute Mateus 24:3... mesmo que Mateus 24:36 originalmente faltasse ‘nem o Filho’, o fato de que o Pai sozinho (εἰ μὴ ὁ πατήρ μόνος) tem este conhecimento certamente implica na ignorância do Filho (e o ‘sozinho’ é somente encontrado em Mateus 24:36, não em Marcos 13:32). Novamente, este detalhe importante não é mencionado em *Misquoting Jesus*, nem mesmo em *Orthodox Corruption of Scripture* [dois livros de Ehrman]”¹⁶⁹

• João 1:18

João 1:18 na ARA (Almeida Revista e Atualizada) diz que Jesus é o “**Deus** unigênito, que está no seio do Pai”. Mas esse mesmo texto na versão Almeida Corrigida, Revisada e Fiel é traduzido por “**Filho** unigênito, que está no seio do Pai”. Isso ocorre por causa das variantes textuais de diferentes manuscritos. Porém, nesse caso específico a tradução correta mais provável é de “Filho”, pois apenas sete dos mais de 5 mil manuscritos gregos antigos vertem por “Deus”, a saber: P66, P67, Aleph, Aleph-1, Vaticanus, C e L.

Como já dissemos anteriormente, a tradução correta deve ser aquela que é embasada pela maior quantidade de manuscritos, e neste caso apenas 0,1% do total de manuscritos gregos vertem por “Deus”. Esse não deveria ser um caso de dúvida ou polêmica. É um caso que muda o sentido do texto caso a variante esteja correta, mas não é de difícil identificação do original como muitos pensam. Seria difícil se 50% dissesse uma coisa e 50% dissesse outra, mas não quando 99,9% dizem uma coisa e apenas 0,1% diz outra. Mais uma vez, podemos neste texto chegar ao conteúdo original sem maiores dificuldades.

Mas Ehrman vai além. Ele diz que esses copistas que transcreveram esses sete manuscritos o adulteraram propositalmente. Mas será isso verdade? A resposta para isso se encontra apenas 17 versos antes, logo no primeiro versículo do evangelho de João. Ele diz que Jesus era o Verbo que estava com Deus e que era Deus. A declaração “**e o Verbo era Deus**” (*kai theos en ho logos*) é um

¹⁶⁹ WALLACE, Daniel Baird. **The Gospel according to Bart**. Disponível em: <<https://bible.org/article/gospel-according-bart>>. Acesso em: 04/11/2013.

depoimento categórico da divindade de Cristo, porque “se João tivesse a intenção de dar à frase um sentido adjetivo (que o Verbo era ‘semelhante a um deus’) ele teria à disposição um adjetivo (*theios*) pronto, a mão, que poderia ser perfeitamente utilizado. Mas, ao contrário, João diz que o Verbo é Deus (*theos*)”¹⁷⁰.

Portanto, os copistas que optaram pela tradução de “Deus” no lugar de “Filho” no fim do prólogo o fizeram possivelmente para dar ligação ao que o apóstolo disse no início do prólogo sobre a divindade de Cristo, ou seja, para que o prólogo terminasse da mesma forma que ele iniciou: com uma afirmação da divindade de Jesus. Não foi para incluir no texto bíblico uma “doutrina não-bíblica”, pois essa doutrina havia acabado de ter sido proclamada poucos versos antes e é confirmada por **todos** os manuscritos antigos.

Sendo assim, o fato de a transcrição correta de João 1:18 ser “Filho” de modo algum ataca qualquer doutrina vital do Cristianismo, pois a divindade de Cristo já está provada poucos versos antes, naquele mesmo evangelho. Além disso, ela é reafirmada com clareza alguns capítulos adiante no mesmo livro, quando Tomé reconhece Jesus como “**Senhor meu e Deus meu**” (Jo.20:28) - *ho kurios mou kai ho theos mou* – e sem variantes.

• Marcos 16:9-20; João 8:1-11; 1ª João 5:7-8

Finalmente, chegamos aos nossos 1% de variantes no Novo Testamento que são minimamente relevantes, por de fato não estarem no original, mas serem frequentemente incluídas na maioria das versões bíblicas de nossos dias. Trata-se de três textos: a parte final de Marcos 16 (Mc.16:9-20), a fórmula trinitariana de 1ª João 5:7-8 e o relato da mulher adúltera de João 8:1-11. Este último nem ao menos deve ser considerado uma variante, já que ele não está presente em *nenhum* daqueles mais de 5 mil manuscritos gregos antigos. Ele apenas aparece em manuscritos gregos a partir do **século doze**.

Portanto, na contagem e análise de manuscritos para a Crítica Textual, esse texto nem mesmo é alvo de dúvidas. A evidência é de 100% contra 0%. Ele provavelmente foi um comentário de algum copista à margem do texto *explicando* o texto bíblico, que tardiamente algum outro copista desatento

¹⁷⁰ GEISLER, Norman; RHODES, Ron. **Resposta às Seitas**. CPAD: 2ª Edição, 2001, p. 262.

incluiu pensando que fosse parte do próprio texto sagrado. Ehrman faz muito barulho com textos como esse, como se tivesse descoberto a pólvora, quando, na verdade, *há séculos* os eruditos e estudiosos já sabem disso e continuam cristãos, pois este texto não representa nenhum problema em Crítica Textual. Nenhuma dificuldade em se achar o que foi dito originalmente.

O mesmo deve ser dito em relação aos outros dois textos. O relato da mulher adúltera possui ainda menos base que o de 1ª João 5:7-8. Ele despontou como uma tradição oral daquilo que teria sido pregado por Jesus, e algum escriba achou por bem incluir essa história nos relatos de Jesus no evangelho. Por isso, alguns manuscritos incluem essa história em João 8:1-11, enquanto outros o incluem em Lucas 21:38. Foi uma forma de tentar incluir nos evangelhos – em algum lugar – um relato bem possivelmente real sobre Jesus que teria sobrevivido apenas por meio da tradição oral. Quem o fez o fez com boas intenções, mas não fez certo. Tal passagem não está originalmente no evangelho de João.

Podemos, então, discorrer sobre a plausibilidade deste relato tendo por base a *tradição*, mas não tendo por base a *Escritura*. Ou seja: o fato de aquele relato não fazer parte do original de João não significa que a história não seja verdadeira nem significa que alguém tenha agido fraudulentamente, como se estivesse inventando uma estória irreal sobre Jesus, mas não é certo dizer que aquilo faz parte da Sagrada Escritura. Mais uma vez, a Crítica Textual não tem qualquer problema com esse texto. É unanimidade entre os eruditos cristãos que esse texto é um acréscimo posterior em poucos manuscritos.

O caso da parte final do relato de Marcos é similar, porém por outra razão: o final do relato original de Marcos se perdeu, ou o próprio Marcos deixou de dar um final definitivo ao seu próprio evangelho. Ele originalmente termina seu evangelho no verso 8 do capítulo 16, dizendo:

“Tremendo e assustadas, as mulheres saíram e fugiram do sepulcro. E não disseram nada a ninguém, porque estavam amedrontadas” (Marcos 16:8)

Esse “final inesperado” levou alguns copistas a colocarem algum “fim” na história, e no século V pelo menos quatro finais diferentes foram encontrados. O que ficou mais famoso foi esse “final longo”, que foi proposto por Ariston, o

presbítero mencionado por Papias¹⁷¹ e conhecido como um dos fundadores da Igreja cristã. É por isso que os Pais da Igreja nunca citaram os últimos 12 versos de Marcos, mas sempre paravam no verso 8. Eles sabiam que o evangelho de Marcos terminava abruptamente.

O mais importante que temos que mencionar é que essas três adições que estão no Novo Testamento nas versões vernáculas não são nenhum problema para a Crítica Textual, pois, como já foi demonstrado anteriormente neste capítulo, a Crítica Textual trabalha tendo por base o *conjunto* de manuscritos, e não alguns deles, isoladamente. E como possuímos uma multidão de 5 mil manuscritos gregos antigos (além de outros 20 mil em outros idiomas), fica relativamente fácil perceber se um texto faz parte do original ou não.

Se tivéssemos apenas dois ou três manuscritos antigos do Novo Testamento (um tanto comum para as obras seculares daquela época), os estudiosos estariam quebrando a cabeça para descobrirem o que faz parte do original e o pode ter sido adicionado por algum escriba por qualquer razão. Mas como possuímos literalmente *milhares* de manuscritos, é virtualmente impossível que não possamos remontar o original com precisão.

Entre os acadêmicos e estudiosos, esses três relatos (Mc.16:9-20; Jo.8:1-11; 1Jo.5:7-8) não representam qualquer problema na reconstrução do original. Podemos ter plena segurança da autenticidade do Novo Testamento conforme foi originalmente escrito, se estivermos dispostos a olharmos *além* daquilo que as versões vernáculas nos mostram.

Finalmente, devemos perguntar: qual destes textos (ou qualquer outro proposto por Ehrman) muda qualquer doutrina central das Escrituras? Nenhum. A fórmula trinitariana de 1ª João 5:7-8 é uma explicação de um ensino provado nas Escrituras. O texto de Mateus 28:19 diz basicamente o mesmo e não é alvo de qualquer debate na Crítica Textual, pois está presente em **todos** os manuscritos antigos, sem exceção. A Escritura deixa claro que o Pai é Deus, que Jesus é Deus, que o Espírito Santo é Deus e que Deus é um. Assim sendo, ainda que a trindade possa ser pouco *entendida*, ela certamente é *bíblica*. Os Pais da Igreja criam nela desde os primeiros séculos, tendo por base as Escrituras.¹⁷²

¹⁷¹ Eusébio de Cesareia, HE, Livro III, 39:15.

¹⁷² Algumas citações dos Pais da Igreja sobre a doutrina da trindade antes do Concílio de Niceia podem ser conferidas aqui: <<http://marceloberti.wordpress.com/2010/05/21/doutrina-da-trindade-antes-de-niceia/>>.

O relato de João 8:1-11 é emocionante, indubitavelmente. Mas, se ele não é parte integrante do original das Escrituras, isso muda algo em termos de doutrina? Não. Nada. Tudo o que Jesus teria feito seria demonstrar compaixão, algo que ele demonstrou da mesma forma em diversas outras ocasiões. Ele inclusive chorou antes de ressuscitar Lázaro (Jo.11:35), ele era tomado por íntima compaixão (Lc.7:13), ele deu a vida por sua livre e espontânea vontade (Jo.10:18), aceitando a tortura, a crucificação e a morte – tudo fruto do amor. João 8:1-11 não contradiz nenhum ensino Escriturístico. A ausência dele também não nos deixa desamparados em nenhuma doutrina.

Da mesma forma, o final adicionado em Marcos 16:9-20 é um final tomado dos outros evangelhos, de forma sintetizada. Tudo o que ali está escrito, seja sobre ter aparecido a Maria Madalena (v.9), seja sobre a aparição de Jesus aos dois homens de Emaús (v.12), seja sobre a incredulidade dos discípulos (v.14), seja sobre pregar o evangelho (v.15), seja sobre falar em línguas (v.17), seja sobre expulsar demônios (v.17), seja sobre cura (v.18) ou sobre sua ascensão ao Céu (v.19) é relatado nos outros evangelhos ou nas epístolas. Até mesmo os pontos mais ousados de Marcos 16:9-20, como o fato de Deus ter poder para curar alguém que é picado por serpentes (v.18), tem paralelo bíblico (At.28:5).

Portanto, podemos ter plena certeza da autenticidade do Novo Testamento através da Crítica Textual, pela quantidade de manuscritos antigos que superam qualquer outra obra da história antiga e nos proporcionam capacidade de comparar os diferentes manuscritos e solucionar as dúvidas existentes em algumas variantes, que também não oferecem qualquer risco a qualquer doutrina cristã. Como Daniel Wallace acentua, “[nós precisamos enfatizar que estes textos não mudam nenhuma doutrina fundamental, nenhuma doutrina central. Estudiosos evangélicos os abandonaram há mais de um século sem mudar um pinga da ortodoxia](#)”¹⁷³.

¹⁷³ WALLACE, Daniel Baird. **The Gospel according to Bart**. Disponível em: <https://bible.org/article/gospel-according-bart>>. Acesso em: 04/11/2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de tudo o que foi mostrado, devemos perguntar: para que lado aponta as evidências? Para o ateísmo ou para o Cristianismo? Muitos ateus ainda têm a mentalidade ultrapassada de que ser religioso é meramente uma questão de fé irracional, enquanto ser ateu ou agnóstico é ser racional, é estar “do lado da ciência”. Isso é tão inverdade que quase todos os grandes cientistas que já pisaram por esta terra eram cristãos. Eles tiveram alguma *razão* para isso.

Mas e a fé? Ela é necessária, sim. Pois, sem ela, sempre haverá um ponto de dúvida pairando no ar. Podemos dar todas as evidências possíveis de que Deus existe, que Ele é um ser pessoal, que Jesus existiu e ressuscitou dos mortos, que mesmo assim isso levará as pessoas a crerem apenas de modo *racional* no Cristianismo, e não de coração.

O que queremos dizer com isso? Que está errado crer de modo racional em algo? Certamente que não. O que dizemos é que, por mais que as evidências racionais apontem que o Cristianismo é verdadeiro, isso dará apenas uma convicção *intelectual* da veracidade da fé cristã, mas o intelecto não é tudo. Enquanto a pessoa tiver apenas 99% de convicção intelectual em algo, esses 1% irão atormentá-lo ao ponto de começar a questionar e a duvidar.

Cristãos que são cristãos *apenas* pelo lado intelectual tendem a estarem edificados sobre a areia, pois somente a fé pode dar a certeza absoluta daquilo que cremos. É por isso que o autor de Hebreus chamou a fé de certeza e convicção das coisas que não vemos (Hb.11:1). Nós não vemos Deus fisicamente, porque, como constatamos, ele é um Criador *fora* do Universo, e não está limitado ao nosso tempo-espaço-matéria.

Por mais que todas as evidências racionais apontem juntamente que Deus existe e que o Cristianismo é verdadeiro, é somente por meio da fé que podemos ter *plena convicção* disso, uma *certeza absoluta*. A fé não serve para colocar certezas onde existe apenas uma crença cega sem estar respaldada por evidência nenhuma, mas sim para dar a certeza daquilo que as evidências *já indicam*.

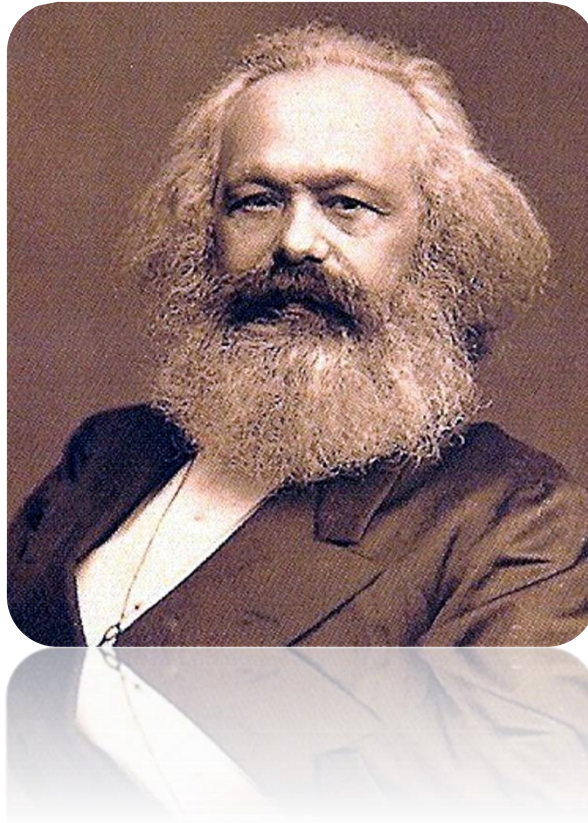
Todas as evidências apontam para o Cristianismo, mas é a fé que o leva a crer acima de qualquer dúvida. As evidências são como uma placa que indica o caminho certo a ser trilhado, e a fé é *esse caminho* que nos leva ao Cristianismo. Fé e razão, portanto, são *complementares*, e não *excludentes*. A questão então é: vale a pena depositar sua fé em Jesus Cristo?

Pense bem: as evidências indicam que Deus existe, que Ele é um ser pessoal, que Jesus realmente existiu, que os escritores bíblicos retrataram a verdade dos fatos e não inventaram histórias, que Jesus de fato ressuscitou dos mortos e que a Sagrada Escritura é autêntica e confiável. O Cristianismo é a única religião do mundo que ensina tudo isso.

Diante dos fatos, vale mais a pena colocar sua fé em Cristo como Senhor e Salvador pessoal da sua vida – que é aquilo que o Cristianismo ensina – ou colocar sua fé em uma crença *cega* na inexistência de Deus, indo contra as evidências e arriscando todo o seu futuro *eterno*? A decisão é sua. Deus não impõe nada a ninguém. Ele aponta o caminho certo a ser trilhado, e diz que todo aquele que o busca, o encontrará. Mas quem tem que tomar essa iniciativa é você.

A escolha é sua.

APÊNDICE 1 – A RELIGIÃO É O ÓPIO DO POVO?



*“Considero as Escrituras de Deus como sendo a filosofia mais sublime. Eu encontro mais marcas da autenticidade na Bíblia do que em qualquer história profana, seja qual for”
(ISAAC NEWTON, físico e cientista)*

Karl Marx afirmou: **“A religião é o ópio do povo”**¹⁷⁴. Para Marx, o ópio – que é um narcótico – é igual a religião, pois tem os mesmos efeitos desta droga. A religião seria uma droga para a sociedade, que vicia as pessoas e as torna piores. Infelizmente, muitos ateus têm essa mesma mentalidade ultrapassada: *ateus são fortes, teístas são fracos*. Os ateus são os intelectuais responsáveis por todos os avanços da sociedade, enquanto os religiosos são um bando de fanáticos que colocam uma bomba nas contas e explodem um prédio em nome da fé.

Mas será que essa visão está embasada pelos fatos?

¹⁷⁴ Crítica da filosofia do direito de Hegel, publicada em 1844 no jornal Deutsch-Französischen Jahrbücher.

Na verdade, o que os fatos nos mostram é exatamente o contrário. Os maiores intelectuais que já existiram na humanidade criam em Deus. É de Albert Einstein a frase: “A ciência sem a religião é aleijada; a religião sem a ciência é cega”. Einstein rejeitava veementemente ser chamado de ateu. De fato, ele disse: “Não sou ateu, e não acho que posso me chamar de panteísta”¹⁷⁵. Se Einstein não era nem ateu nem panteísta, ele só podia ser teísta ou deísta. De qualquer forma, ele cria na existência de uma Causa primeira eterna e atemporal que deu início ao Universo, ao que chamamos Deus.

Dos outros cientistas famosos que criam em Deus, podemos citar:¹⁷⁶

- Nicolau Copérnico (1473 – 1543)
- Johannes Kepler (1571 – 1630)
- Galileu Galilei (1564-1642)
- René Descartes (1596-1650)
- Isaac Newton (1642 – 1727)
- Robert Boyle (1627 – 1691)
- Michael Farady (1791 – 1867)
- Gregor Mendel (1822 – 1884)
- William Thompson (1824 – 1907)
- Max Planck (1858 – 1947)
- Leonardo da Vinci (1452 – 1519)¹⁷⁷
- Blaise Pascal (1623 – 1662)
- Thomas Burnet (1635 – 1715)
- William Whiston (1667 – 1752)
- John Woodward (1665 – 1728)
- Carolus Linneaus (1707 – 1781)
- Jonathan Edwards (1703 – 1758)
- William Herschel (1738 – 1822)
- Samuel Morse (1791 – 1872)
- Charles Bell (1774 – 1842)

¹⁷⁵ Biografia de Einstein escrita pelo seu amigo pessoal Max Jammer; citado por Antony Flew em: “Um ateu garante: Deus existe”.

¹⁷⁶ Para que não nos alongássemos demasiadamente nesta parte do livro, decidi apenas passar os nomes de cada cientista famoso, sem fazer questão de mencionar quem ele foi o que ele fez. Qualquer um que tenha interesse em saber pode fazer uma pesquisa simples e rápida na internet que achará material extenso sobre cada um deles, com ampla biografia, que não seria possível resumir em tão poucas linhas.

¹⁷⁷ Da Vinci ficou mais conhecido como pintor, mas ele também lidou com os problemas da dinâmica, anatomia, física, óptica, biologia, hidráulica e até mesmo aeronáutica.

- Joseph Henry (1797 – 1878)
- Charles Babbage (1792 – 1871)
- William Buckland (1784 – 1856)
- David Brewster (1781 – 1868)
- Matthew Maury (1806 – 1873)
- James Simpson (1811 – 1870)
- James Joule (1818 – 1889)
- John Herschel (1792 – 1871)
- John Dalton (1766 – 1844)
- Louis Agassiz (1807 – 1873)
- James Dana (1813 – 1895)
- John William Dawson (1820 – 1899)
- George Stokes (1819 – 1903)
- Charles Smyth (1819 – 1900)
- Virchow (1832 – 1902)
- Philip Gosse (1810 – 1888)
- Gregor Mendel (1822 – 1844)
- Luis Pasteur (1822 – 1895)
- Henri Faber (1829 – 1915)
- Joseph Lister (1827 – 1912)
- James Clark Maxwell (1831 – 1879)
- Bernhard Riemann (1826 – 1866)
- John Bell Pettigrow (1834 – 1908)
- George Romanes (1846 – 1894)
- Richard Owen (1804 – 1892)
- Edward Hitchcock (1793 – 1864)
- Edward Maunder (1851 – 1920)
- William Mitchell Ramsay (1851 – 1939)
- John Strutt (1842 – 1919)
- MacAlister (1844 – 1919)
- A. H. Sayce (1845 – 1933)
- John Ambrose Fleming (1849 – 1945)
- Howard Kelly (1858 – 1943)
- George Washington Carver (1864 – 1943)
- Charles Stine (1882 – 1954)
- Douglas Dewar (1875 – 1957)
- Paul Lemoise (1878 – 1940)
- Williams Ramssay (1852 – 1916)

- Werhner Von Braun (1912 – 1977)
- Yuan Lee (1936 - ?)
- Klaus von Klitzing (1943 - ?)
- Francis Collins (1950 - ?)

Esta não é uma lista completa de cientistas, o que tornaria o volume muito maior, esgotando o limite de escopo deste livro, mas simplesmente um resumo de alguns dos mais proeminentes nomes da ciência, os pais de grandes invenções, os cientistas que marcaram antigo milênio. Embora fossem de países e épocas diferentes, praticamente todos os grandes cientistas do passado tinham algo em comum: a crença em Deus. Na verdade, a maior parte deles não apenas cria em Deus, mas cria especificamente na fé cristã.

Assim sendo, a alegação de que a ciência está do lado dos ateus, que a fé não está ligada à razão ou às evidências, bem como a pretensa superioridade intelectual que os ateus querem passar sobre os teístas, não passa de mera propaganda ateísta sem qualquer fundamento, e uma propaganda muito enganosa, por sinal. Se existe superioridade intelectual de um lado sobre o outro, indiscutivelmente está a favor dos teístas, e, mais especificamente, ao lado dos cristãos.

Mas um ateu ainda poderia alegar: “Mas os cristãos derramaram muito sangue na Idade Média! Veja quanta gente foi morta em nome de Deus! Isso só pode significar que a religião faz mal ao mundo e que o mundo seria muito melhor e com muito mais paz e harmonia se fosse formado só por ateus”!

Infelizmente essa outra visão fantasiosa que mascara completamente a realidade também é crida por muita gente. A verdade é que, se fôssemos comparar lado a lado os maiores genocídios da humanidade praticados por cristãos com os maiores já cometidos por ateus, os ateus ganhariam disparado, em uma proporção realmente esmagadora. Em geral, costuma-se citar contra os teístas e religiosos a Inquisição católica medieval, que, segundo dados, teria matado aproximadamente cinco milhões de pessoas ao longo de mais de três séculos, em diferentes países¹⁷⁸. Qualquer um poderia olhar para este dado e pensar: “Isso é muita coisa! Está aí a prova indiscutível contra a religião e a favor do ateísmo”!

¹⁷⁸ Os dados podem ser conferidos neste link: <http://www.gordonconwell.edu/resources/documents/gd16.pdf>.

Não tão cedo. Embora os atos da Inquisição tenham sido desumanos e que nenhuma pessoa honesta nega isso (nós não estamos querendo justificar um erro por causa de outro maior), isso não é nada quando posto em comparação com o número de assassinatos praticados em regimes ateus. No debate sobre o Estado Laico que houve no programa *Na Moral*, da Rede Globo, Daniel Sottomaior (presidente da ATEA) tentou usar esse argumento contra os religiosos, dizendo:¹⁷⁹

“Na história da humanidade, os governos, na imensa parte dos nossos últimos milhares de anos, no Ocidente, se pautaram pela religião, e nos banharam de sangue com isso, sempre oprimindo os diferentes. Até que um belo dia chegou a revolução francesa e disse: ‘vamos separar o Estado da religião’, o Estado não tem mais poder para interferir na religião e vice-versa”

Ao que o pastor Silas Malafaia respondeu:

“Deixe-me discordar do colega sobre o banho de sangue, porque quem deu banho de sangue na humanidade foram aqueles que tinham o ateísmo como base. A Revolução que aconteceu na Rússia e que matou mais de 70 milhões de pessoas, a Revolução da China que matou mais de 50 milhões de pessoas, o Pol Pot lá, agora, no Camboja, naquela região (...) Estes camaradas tinham como doutrina a exclusão total da religião (...) Tanto a União Soviética como também a China, a exclusão total, o Estado laicista, ninguém derramou mais sangue do que aqueles que eram a favor da anulação de ideal da sociedade (...) Ninguém, isto é histórico, sociológico e antropológico”

Esses dados são verdadeiros. Se pegássemos *apenas* esses dois exemplos citados pelo pastor Silas, sobre a revolução russa que matou mais de 70 milhões e a revolução chinesa que matou mais de 50 milhões, já teríamos pelo menos 120 milhões de pessoas assassinadas! Compare esses 120 milhões com os 5 milhões da Inquisição, e vemos que **os ateus mataram 24 vezes mais gente do que os religiosos!** E isso que nós estamos pegando apenas dois exemplos isolados, quando casos semelhantes a estes ocorreram aos montões!

O ateu Stalin confessou a Churchill ter matado 60 milhões de pessoas, além de ter feito de 3 a 10 milhões de mortos pela fome na Ucrânia. Stalin ordenou na

¹⁷⁹ O vídeo pode ser visto no link: <<http://www.youtube.com/watch?v=rMgtncZk0JE>>.

União Soviética que qualquer pessoa que fosse teísta ou capitalista fosse considerada inimiga do Estado comunista e ateu, e, conseqüentemente, assassinada. Seu governo promoveu o ateísmo como propaganda de massa nas escolas, realizou campanhas de terror contra os religiosos, destruiu a Igreja Ortodoxa Russa, deixou em ruínas os templos cristãos e fuzilou mais de 100 mil padres e monges.

Outros líderes ateus com um governo voltado ao ateísmo não ficaram por menos. Lênin mandou fuzilar milhares de pessoas após a Revolução de 1917; Mao-Tse-Tung foi responsável por 70 milhões de assassinatos de seus próprios compatriotas chineses; Pol Pot no Kmer Vermelho matou mais de 3 milhões de cambojanos; Fidel Castro dizimou milhares de cubanos; Mussolini usou gás venenoso contra os etíopes, bombardeou hospitais da Cruz Vermelha, matou civis, executou prisioneiros sem julgamento, mandou fuzilar os religiosos, queimar aldeias e esmagar a população dos povos conquistados.

Esse verdadeiro banho de sangue levou Dinesh D' Souza a exclamar em resposta ao ateu Christopher Hitchens em um debate que os dois travaram há alguns anos:

“Os ateus mataram em três dias mais do que a Inquisição matou em três séculos!”¹⁸⁰

A própria filosofia de vida ateísta – fundamentada na teoria da evolução e em um mundo sem Deus – é extremamente nociva ao ser humano, pois ensina que o mundo não é governado por leis morais objetivas, uma vez que não existe um Criador da Lei Moral, e que o mais forte deve prevalecer sobre os mais fracos – este é o princípio da seleção natural do darwinismo. Quando este princípio ateísta foi aplicado para seres humanos, muitos passaram a justificar suas práticas genocidas com base na teoria da evolução. Até Hitler usou o evolucionismo como base para seu massacre do Holocausto. Ele disse:

“Se a natureza não deseja que os indivíduos mais fracos se casem com os mais fortes, ela deseja muito menos que uma raça superior se mescle com uma inferior porque, nesses casos, todos os seus esforços para estabelecer um estágio de existência evolucionária superior, realizados durante centenas de

¹⁸⁰ O debate completo entre os dois está disponível no link:
<<http://www.youtube.com/watch?v=Gm7N7qSf3wo>>.

milhares de anos, poderiam ter-se mostrado totalmente inúteis. Mas tal preservação anda ao lado da inexorável lei de que é o mais forte e o melhor que deve triunfar e que eles têm o direito de perdurar. Quem deseja viver precisa lutar. Aquele que não deseja lutar neste mundo, onde a luta permanente é a lei da vida, não tem o direito de existir”¹⁸¹

A teoria da evolução também foi usada como base para justificar o racismo no julgamento Scopes, em 1925. Ele falava de cinco raças humanas e chegou à conclusão de que os caucasianos eram “o tipo mais elevado de todos os homens”:

“Atualmente existem sobre a Terra cinco raças ou variedades de homem, cada uma bem diferente da outra em instintos, costumes sociais e, até certo ponto, em estrutura. Existe o tipo etíope ou negro, originário da África; a raça malaia ou marrom, das ilhas do Pacífico; o índio americano; os mongóis ou raça amarela, incluindo os nativos da China, Japão e esquimós. **Finalmente, o tipo mais elevado de todos, os caucasianos, representados pelos habitantes brancos e civilizados da Europa e Estados Unidos**”¹⁸²

O ateu e darwinista Peter Singer, professor da Universidade de Princeton, usou a teoria da evolução para justificar que “a vida de um recém-nascido tem menos valor do que a vida de um porco, de um cachorro ou de um chimpanzé”¹⁸³. Como se isso não bastasse, ele foi além e disse que os pais deveriam e poderiam matar seus filhos recém-nascidos até os 28 dias de vida!

James Rachels, outro ateu e darwinista convicto, e autor do livro: “A Evolução dos Animais: as implicações morais do darwinismo”, argumentou que a espécie humana não tem nenhum valor maior do que qualquer outra espécie, e por essa razão os seres humanos que possuem deficiência mental deveriam ser usados como animais de laboratório e até como comida dos seres humanos mais evoluídos:

“O que dizer sobre eles [os deficientes]? A conclusão natural, de acordo com a doutrina que estamos considerando [darwinismo], seria que sua situação é de

¹⁸¹ Adolf Hitler, *Mein Kampf*, ano 1924. Quarta reimpressão. Londres: Hurst&Blackett, 1939, p. 239-40,242 [publicado em português pela Editora Cenrauro, com o título de *Minha Luta*].

¹⁸² George William HUNTER. *Essentials of Biology: Presented in Problems*. New York, Cincinnati, Chicago: American Book, 1911, p. 320.

¹⁸³ *Practical Ethics*, 1.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 122-3.

simples animais. Talvez devêssemos ir adiante e concluir que eles podem ser usados da mesma forma como animais não humanos são usados – talvez como animais de laboratório, ou até como comida”¹⁸⁴

Randy Thornhill e Craig Palmer, ateus e evolucionistas, defendem que o estupro é “um fenômeno natural e biológico que é produto da herança evolucionária humana”¹⁸⁵, e o assemelha a coisas como “as manchas do leopardo e o pescoço comprido da girafa”¹⁸⁶. De fato, toda a discriminação étnica e racial que existe hoje no planeta, assim como todos os grandes genocídios da humanidade, provém da crença atéia e evolucionista na teoria de Darwin. Em um mundo sem Deus, sem um Criador de uma Lei Moral, e, conseqüentemente, sem qualquer existência de padrões morais absolutos.

Jesus, ao contrário, ensinou a amar o próximo como a si mesmo¹⁸⁷, e foi além: disse para amar até mesmo *os inimigos* e a *orar* por eles!¹⁸⁸ Além disso, disse que, se alguém o obrigar a andar uma milha, vá com ele duas¹⁸⁹. E, se alguém esbofetear a sua face direita, ofereça-lhe a esquerda¹⁹⁰. Quando Pedro quis se vingar do soldado romano à força bruta, decepando-lhe a orelha, Jesus curou a orelha daquele soldado e ainda disse para Pedro guardar a espada, “*porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão*” (Mt.26:52).

Então, enquanto o resultado lógico do darwinismo é o racismo e o genocídio, o resultado lógico do Cristianismo é amar aos inimigos e orar por eles, andar a segunda milha e dar a outra face quando agredido, guardar a espada e não se vingar de quem lhe faz mal. Qual dessas duas visões de mundo é superior? A ateuísta ou a cristã? Obviamente a cristã.

Alguns ateus poderão citar as chamadas “guerras em nome de Deus”, como as Cruzadas, como um argumento contrário a isso. Porém, em primeiro lugar, nem todo aquele que se diz cristão é cristão de fato. O próprio Senhor Jesus deixou isso claro ao dizer:

¹⁸⁴ *Created from Animals: The Moral Implications Darwinism*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 186.

¹⁸⁵ Apud Nancy PEARCEY. Darwin's Dirty Secret, *World*, March 25, 2000.

¹⁸⁶ *ibid*.

¹⁸⁷ Mateus 22:39.

¹⁸⁸ Mateus 5:44.

¹⁸⁹ Mateus 5:41.

¹⁹⁰ Mateus 5:39.

“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, **mas somente aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus**” (Mateus 7:21)

Existem muitos que apenas *se dizem* seguidores de Cristo, mas não o são. São meramente impostores. O Cristianismo, se for vivido como Jesus disse, em nada incita os episódios como esse. Além disso, a grande maioria das chamadas “guerras em nome de Deus” foi de cunho muito mais político do que religioso, cuja real motivação era a conquista de territórios e razões econômicas.

As Cruzadas, por exemplo, foram batalhas por conquistas de territórios e de novas rotas de comércio. A religião ou a conquista de uma “terra santa” era mero pretexto de fachada para aquilo que era a real motivação daquelas pessoas, que pouco estavam se importando se Jerusalém estava sob o domínio dos cristãos ou dos islâmicos, mas sim sobre as consequências políticas e econômicas que eles sofreriam caso não fizessem aquelas campanhas, pensando no lucro que poderiam obter caso tivessem sucesso.

Prova disso é que nunca algum líder religioso implantou uma perseguição dirigida especificamente aos ateus. Já os ateus, ao contrário, por diversas vezes já fizeram campanhas contra os cristãos, em verdadeiros genocídios, banhos de sangue. Nem precisamos ir tão longe para citar aqueles exemplos já listados, basta ir hoje mesmo a um país declaradamente ateu como a Coreia de Norte e ver quanta liberdade religiosa que há ali. Aproximadamente 50 a 70 mil cristãos estão presos naquele país em campos de concentração por causa de sua fé, e as igrejas são subterrâneas, pois há liberdade religiosa apenas de fachada. Dezenas de milhares de cristãos são assassinados anualmente naquele país.¹⁹¹

Em contrapartida, se tomarmos como exemplo a nação mais evangélica do mundo, os Estados Unidos da América, que foi colonizado por protestantes e tem a crença em Deus estampada na própria Constituição deles (que tem por base a Bíblia¹⁹²), vemos, curiosamente, que ali também é o berço da democracia e da liberdade de pensamento. Ateus podem ser ateus e viverem como ateus sem serem perturbados. O mesmo vale para qualquer não-cristão. Todas as outras democracias têm por base a democracia norte-americana.

¹⁹¹ Dados disponíveis em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/asia/coreia-do-norte-lidera-lista-de-perseguido-aos-cristaos,3b086380c0ada310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>.

¹⁹² <http://www.arcauniversal.com/mundocristao/series/noticias/a-constituicao-dos-estados-unidos-e-a-biblia---parte-1---20331.html>

Ou seja: em um país oficialmente ateu, os cristãos são perseguidos, subjugados a trabalhos forçados em campos de concentração e assassinados por causa de sua fé, e em um país historicamente cristão há liberdade e democracia para os ateus e qualquer não-cristão pode viver suas crenças com liberdade. Isso refuta aqueles que pensam que os evangélicos são os mais intolerantes. Se fossem, seria exatamente o inverso: os EUA seriam a nação que mais perseguiria os ateus e não-cristãos; seria uma ditadura como na maioria dos países oficialmente ateus onde ninguém é permitido crer em algo que não seja o que o Estado obriga a crer.

Por tudo isso e muito mais que poderíamos explanar com muito mais profundidade e exemplos, a alegação de Marx não é um retrato fiel em relação aos fatos, mas uma propaganda ateísta fantasiosa, que tenta passar um tom de superioridade intelectual do ateísmo sobre o teísmo, quando, na verdade, praticamente todos os grandes cientistas que já existiram criam em Deus.

Além disso, como já vimos, a crença em Deus é provada por argumentos lógicos, racionais, filosóficos e científicos, e os ateus mataram dezenas de vezes mais em poucos dias do que os religiosos mataram em séculos, além de possuírem uma filosofia de vida sem padrões morais absolutos, justificando atos racistas e preconceituosos colocados em prática pelos maiores déspotas e genocidas da humanidade, que tinham sempre um ponto em comum entre eles: o ateísmo.

Então, faz muito mais lógica crer que *o ateísmo é o ópio do povo* – uma ilusão criada na expectativa de convencer as pessoas a crerem em tudo aquilo que eles absolutamente não são.

APÊNDICE 2 – COMO EXPLICAR O MAL?



Talvez o ataque mais frequente dos ateus a Deus seja a existência do mal. Diariamente vemos relatos de pessoas sendo assassinadas, tsunamis varrendo cidades inteiras, genocídios em massa, mortalidade infantil, crianças morrendo de fome na África, inocentes sendo presos e pessoas honestas sendo maltratadas. Qualquer um que olhe este quadro poderá pensar: “[Onde está Deus em meio a isso tudo? Por que Deus criou o mal?](#)”

Em primeiro lugar, é importante ressaltar algo: Deus não criou o mal. Alguém poderá objetar, dizendo: “[se Deus criou tudo, como ele não criou o mal?](#)”? Acontece que o mal não é algo físico para ter sido “criado”. O mal não é como uma maçã que Deus poderia ter criado ou não. Você não pode ter um “pote” de mal. O mal não possui existência própria, mas é a ausência do bem. Como já vimos neste livro, Deus é o Bem máximo, a personificação da bondade. A Bíblia confirma isso dizendo que Deus **é** amor (1Jo.4:16), e não que ele **tem** amor. Se Deus é a personificação do bem, então o mal, como a ausência do bem, nada mais é senão a *separação* de Deus – estar afastado dEle.

Quando Deus criou o mundo originalmente, tudo o que existia era bom, inclusive o homem (Gn.1:31). Deus não criou o homem “mal”. Mas Deus

também não criou robôs para estarem pré-ordenados a o amarem e o seguirem como se fossem simples marionetes. Deus quis criar o homem não para que este fosse um boneco sem vida própria nem livre arbítrio, mas para que este pudesse *escolher* entre o bem e o mal (Gn.2:16,17), isto é: entre amá-lo ou se afastar dele.

Se existisse apenas a opção de fazer o bem, o homem seria como um mero robô. Não amaríamos a Deus por opção, mas por obrigação, por não ter escolha. Ora, só se ama alguém se há a possibilidade de não amar. Se você é pai ou mãe e tivesse de escolher entre ter um filho humano com livre arbítrio e liberdade própria para decidir amá-lo por vontade própria ou então um robô motorizado e já programado de antemão a apenas seguir ordens sem escolha pessoal, eu tenho certeza que você optaria por um filho humano e livre. Deus também. Ele criou seres livres para escolherem entre o bem (Deus) e o mal (ausência de Deus).

Mas o homem, por seu próprio livre arbítrio, optou pelo mal (Gn.3:6). Neste momento, houve uma *separação* entre a humanidade e Deus. Deus criou o homem livre para escolher entre o bem e o mal, e nós preferimos escolher o mal. A partir daí começa a existir aquilo que teologicamente chamamos de *pecado*. O pecado nada mais é senão a prática do mal. O homem ficou morto em seus próprios pecados a partir do momento em que optou por ele.

Mas Deus não ficou sem resposta. Se o homem se *separou* de Deus, havia a necessidade de *religá-lo* a Ele. É daí que vem a palavra “religião”, do latim *religare*. Mas como? Um simples ser humano não poderia reconciliar o homem com Deus, pois o homem estava morto em seus próprios pecados. Por isso Deus enviou Seu filho unigênito em forma humana, para efetuar essa *reconciliação* do homem com Deus (Rm.5:10), para colocar em ação esse *religare*. Assim, todos aqueles que creem na obra salvífica de Cristo e que optam livremente por segui-lo estão sendo *religados* a Deus, enquanto aquele que deliberadamente o rejeita continua separado dEle. Eis aí o plano de salvação.

Mas isso ainda não explica o porquê que Deus *permite* o mal¹⁹³. Se Deus não é o autor do mal, ele o tolera, pois é onipotente e mesmo assim não acaba com o

¹⁹³ O fato de Deus ser onisciente, eterno e atemporal, e por isso saber de todas as coisas que já existiram e que existirão na história humana, não significa que ele é o *causador* de todos estes eventos. Para ser

mal de uma vez por todas. Esse era o paradoxo de Epicuro. Para ele, o fato de Deus ter conhecimento de todo o mal e poder para acabar com ele e mesmo assim não o faz implica que ele não é onibenevolente. Contudo, se Deus quisesse mesmo acabar com o mal, ele teria que começar com você e comigo.

Por quê? Porque, como já vimos, o mal não é um objeto criado em algum lugar, como uma laranja que comemos e desaparece, ou como um copo de vidro que quebramos e que chega ao fim. O mal só existe por existirem os que *praticam* o mal. Dito em termos simples, para Deus eliminar o mal, ele terá antes que eliminar as pessoas que praticam o mal. Enquanto pessoas que praticam o mal continuarem existindo, o mal continuará em existência. Deus prometeu extinguir o mal, mas isso está reservado para o futuro (Ap.21:4). Enquanto isso, o mal continua porque Deus não deseja extinguir todas as pessoas, mas as ama e deseja dar a todos uma oportunidade de salvação, para que possam herdar a vida eterna em Seu Reino.

Quando dizemos que para Deus eliminar o mal ele teria antes que eliminar todas as pessoas, não estamos excetuando ninguém. Muitos podem pensar que isso só teria que acontecer com pessoas muito más, com os pedófilos, os bandidos, os corruptos, os déspotas e genocidas da humanidade, mas qualquer pessoa pode praticar o mal em potencial. Se você olhar para a sua própria vida e tentar lembrar-se dos momentos de maior sofrimento, verá que muitas vezes ele foi causado por alguma pessoa do seu círculo de convivência, como um parente ou um amigo.

E se você parar para pensar mais um pouquinho, verá também que muitas vezes *você* mesmo fez mal a alguém. Aquele que é perfeito e que nunca fez mal a ninguém, que atire a primeira pedra. Todos nós somos pecadores, todos nós praticamos o mal diariamente, ainda que em intensidades diferentes. É por isso que a Bíblia diz que “**todos pecaram**” (Rm.3:23) e que não há “**nenhum justo**” (Rm.3:10), porque justo mesmo só existiu um: Jesus Cristo. E é por isso que é mediante a fé **nele**, isto é, no **único justo**, que nós podemos ser justificados, e não mediante a fé em nós mesmos, a confiança em nossos próprios méritos e em nossas próprias boas obras. Disso decorre a famosa frase: “só Jesus salva”, baseada em Atos 4:12.

mais claro, desde quando Deus criou a terra ele já sabia que dois aviões atingiriam o World Trade Center em 11 de Setembro de 2001 causando a morte de milhares de pessoas, mas ele não foi o **causador** deste evento, apenas **permitiu** que isso ocorresse. As *razões* para a permissão é o que é discorrido daqui para frente.

Portanto, se Deus fosse eliminar o mal da Sua criação (e Ele irá, mas não agora), ele teria que eliminar todas as pessoas do mundo todo, que não estivessem justificadas em Cristo. Enquanto isso, ele continua dando o livre arbítrio a todas as pessoas decidirem entre viver a vida de Cristo ou viver a sua própria vida. Aquelas que decidem viver por Cristo e colocam a sua fé nEle, a justiça deste único homem justo – Cristo Jesus – lhes é imputada, e consequentemente elas são salvas (herdam uma vida eterna), enquanto que as outras pessoas terão o destino que naturalmente merecem (a morte eterna, a eliminação do mal que implica na eliminação dos que praticam o mal).

Mas por que Deus não faz isso já *hoje*? Por que temos que continuar sofrendo até a volta de Jesus? Porque o principal objetivo de Deus não é a salvação do *sofrimento* humano, mas a salvação da *alma* humana. Cristo veio ao mundo para nos libertar de nossos pecados, e não para nos libertar de nossos “romanos”. Ele esperará até que o evangelho chegue a todas as nações para que todos tenham oportunidade de salvação (Mc.13:10), e então virá o fim e a “[regeneração de todas as coisas](#)” (Mt.19:28), quando, aí sim, não haverá mais o mal e o sofrimento.

Além disso, quando Deus criou o homem, Ele lhe deu a autoridade sobre a terra:

[“Os céus são os céus do Senhor; mas a terra a deu aos filhos dos homens”](#)
(Salmos 115:16)

Deus é Todo-Poderoso e tem todo o poder sobre o Céu e sobre a Terra, mas a *autoridade* da terra foi confiada ao homem. O que está em jogo aqui não é o poder, mas a autoridade. Deus criou Adão e Eva no Jardim do Éden e disse: “cuide desse Jardim” (Gn.2:15). Da mesma forma, Deus criou a humanidade sobre a terra e disse: “*vocês* tem a autoridade sobre a terra”. Por isso, os males que acontecem na terra não são culpa de Deus, mas daquele que tem autoridade sobre a terra: o homem.

Ao invés de culparmos Deus pela fome na África, nós deveríamos fazer algo de útil pelos necessitados e ajudarmos a acabar com a fome no mundo. Deus nos deu todos os *recursos* necessários a isso. Na verdade, mesmo com o ser humano devastando a maior parte das florestas e desperdiçando inutilmente

grande parte dos recursos naturais, ainda assim temos recursos suficientes para que ninguém morra de fome no mundo – esses recursos são simplesmente mal distribuídos.

E quem é que distribuiu errado? Deus ou o homem? O homem. Deus criou o homem, lhe deu autoridade sobre a terra e o livre arbítrio para escolher entre o bem e o mal. Deus deu todos os recursos necessários para acabar com a fome no mundo, mas o homem, por mau uso do seu próprio livre arbítrio, prefere gastar inutilmente os recursos, investindo bilhões com guerras e em armas nucleares, deixando pouca gente com muitos recursos e muita gente com poucos recursos e, conseqüentemente, permitindo que muitos morram de fome, *por nossa própria culpa*.

Então, antes de apontarmos o dedo contra Deus e colocarmos nEle a culpa pelos males da humanidade, deveríamos rever sobre *quem* realmente está com a culpa. Deus criou o mundo perfeito, perfeitamente habitável, com rica vegetação, abundantes recursos, sem miséria, sem nenhuma desgraça natural. Mas o homem usa seu livre arbítrio para desmatar a natureza, destruir a camada de ozônio, poluir o ambiente, se encher de vícios, pensar mais no bem de si mesmo do que no bem do próximo... e depois ainda arruma espaço para dizer que a culpa é de Deus, que entregou tudo perfeito ao homem!

É como se você desse uma empresa para o seu filho administrar, e nesse meio-tempo ele toma as piores decisões possíveis, demite errado os funcionários, quebra o caixa da empresa, a leva à falência e às dívidas, e depois coloca a culpa em você por ser o dono! Essa mania de colocar a nossa própria culpa em outro (neste caso, em Deus) é muito mais comum do que se pensa. Quantas vezes nós erramos e colocamos a culpa em outra pessoa? Quantas vezes já usamos como pretexto o erro do próximo para justificar o nosso? Se fazemos isso com seres humanos, com Deus não é diferente. De fato, quando o primeiro homem (Adão) pecou, ele não assumiu sua culpa e responsabilidade, mas disse:

“Foi a mulher que tu me deste por companheira que me deu do fruto da árvore, e eu comi” (Gênesis 3:12)

Adão não assume sua culpa pelo pecado cometido, mas joga a responsabilidade nas costas de Eva e do próprio Deus, o que fica implícito no fato de ter dito “a mulher *que tu me destes*”, querendo dizer: “se você não

tivesse me dado Eva como mulher, eu não teria pecado!” - esquecendo-se de que foi em resposta ao próprio Adão que se sentia solitário que Deus lhe deu uma mulher (Gn.2:23). Eva também não ficou por menos: colocou a culpa na cobra (Satanás).

Desse primeiro relato do primeiro casal já conseguimos ver claramente aquilo que até hoje é comum: colocarmos a culpa no próximo, em Deus e no diabo, ao invés de assumirmos nossos próprios erros. Somos nós que administramos mal essa terra e que somos responsáveis pelo o que acontece de ruim aqui, e não Deus. É claro que não estamos sendo deístas e dizendo que Deus não pode intervir na natureza. Ele pode. Tanto pode que até hoje se veem milagres por todas as partes, sendo o maior deles a ressurreição de Jesus.

Mas, como o homem tem a autoridade sobre a terra, ele atua *através* dos seres humanos, e não interdependentemente. Deus não *precisa* do homem, mas ele *quis* dar a terra de “presente” a ele. Se dependesse apenas da vontade de Deus, todo o mal que há no mundo acabaria no próximo segundo. Mas quando Deus intervém na terra, ele o faz em resposta a uma *atitude humana*.

Até mesmo quando ele enviou chuva sobre Israel que estava sete anos em seca, ele levantou um homem chamado Elias para orar pedindo a chuva, e só depois choveu (Tg.5:17,18). Da mesma forma, mesmo tendo profetizado setenta anos de cativeiro para Israel, ele não retirou o povo do cativeiro sem mais nem menos, mas somente depois de Daniel ter orado pedindo isso (Dn.9:2-4).

Em outras palavras, como Deus deu a autoridade da terra ao homem, ele intervém em nosso mundo *mediante* os homens. Como? Através de duas coisas: oração e ação. O fato de o mundo estar tão ruim deve-se à falta de ambos. Pouca atitude prática, pouca oração efetiva pelo próximo. Consequentemente, pouca intervenção divina.

• Mas e os desastres naturais?

Se a culpa do mal no mundo é do homem e não de Deus, então como podemos explicar os desastres naturais? Em primeiro lugar, é importante ressaltar que muitos desses desastres têm influência humana. A desflorestação causada pelo homem causa a redução da biodiversidade, que por sua vez é responsável pela

diversidade de genes existentes no mundo e necessária para a produção de medicamentos, alimentos e outros recursos biológicos, além da infertilidade do solo e da diminuição do oxigênio. A poluição das águas causa enormes danos aos organismos vivos e, conseqüentemente, à cadeia alimentar e à nossa saúde.

A poluição do solo prejudica também a vegetação e os animais, e com a queima da vegetação o terreno fica mais exposto ao sol e ao vento, causando a perda de nutrientes e a erosão do solo. A poluição da atmosfera, por sua vez, causa o aumento da temperatura e provoca asma, bronquite, problemas respiratórios e cardíacos, além de chuvas ácidas e efeito estufa. O aquecimento global altera o ritmo das chuvas e a temperatura ambiente e do solo, além de interferir na umidade do ar.

Muitos grandes desastres ambientais são causados pelo homem¹⁹⁴. Outros são consequência da ignorância humana sobre o meio ambiente, desconsideração de alertas, erros de engenharia, má administração, mau planejamento humano. É comum vermos no noticiário que um morro deslizou e matou tantas pessoas que estavam na favela. Mas quem mandou construir uma habitação em cima de um morro, que não foi feito para isso? Na verdade, isso é fruto da má distribuição *humana* das riquezas, fazendo com que as pessoas menos favorecidas não tenham onde morar e assumam esses riscos. Não é “culpa de Deus”, mas do próprio homem.

Regiões onde já se sabe que possui encontros de placas tectônicas e grande possibilidade de terremoto (ou tsunamis) não deveriam ser habitáveis. Mas são porque o ser humano não controla a natalidade, nasce muito mais gente do que morre, e conseqüentemente causa uma superlotação no planeta. São erros estratégicos *humanos* que são responsáveis por catástrofes *naturais*, e não culpa de Deus.

A Bíblia também nos diz que a consequência do pecado afetou a própria natureza. Foi por isso que Paulo nos disse que “a natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados” (Rm.8:19), pois “a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (v.21).

¹⁹⁴ Uma lista de 10 desastres ambientais causados pelo homem pode ser vista neste site: <http://www.em10taque.com/10interessante/10-desastres-ambientais-provocados-pelo-homem/>. Acesso em: 12/11/2013.

Em outras palavras, a própria natureza foi afetada como consequência do pecado, e ela também espera a segunda vinda de Cristo para que todas as coisas sejam regeneradas. Os desastres naturais são apenas mais um modo da natureza atestar ao mundo que está gemendo por causa do pecado humano, e ansiosa pela sua redenção em Cristo. Serve para manifestar visivelmente a grandeza da calamidade que o pecado é, e a grandeza dos desastres que ele é capaz de gerar.

Deus não quis originalmente que nenhum tsunami destruísse cidade nenhuma, que criança nenhuma morresse de fome, que nenhum recém-nascido nascesse com deficiência, mas, com o pecado, entrou a morte: tanto física como espiritual. Todas as tragédias, doenças, deficiências e tudo aquilo que conhecemos como “mal” nada mais é senão o reflexo do pecado humano. E é exatamente por ser tão grande que necessitamos tanto de um Salvador justo que tenha dado sua vida em amor por nós, como o único meio de alcançarmos uma vida eterna onde nenhum efeito do pecado existirá mais, e onde todo o mal causado pelo homem será revertido pelo Filho do homem.

• Textos bíblicos dizem o contrário?

Alguns contestam tudo isso se apegando a um texto bíblico que parece dizer que Deus criou o mal. Trata-se de Isaías 45:7, que diz:

“Eu formo a luz, e crio as trevas; eu faço a paz, e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas” (Isaías 45:7)

Contudo, o original hebraico possui quatro palavras diferentes para o “mal”, e nem todas elas representam o mal *moral*. Aqui a palavra hebraica utilizada é *ra*, que tem como um de seus significados “calamidade”¹⁹⁵. Essa interpretação é ainda mais reforçada pelo contexto, que traça um contraste entre **paz e guerra**, e não entre **bem e mal**. Se a tradução correta fosse por “mal”, o texto estaria contrastando o bem e o mal, e ficaria assim: “eu faço o bem e crio o mal”. Mas ele está em contraste com *paz*, o que significa que está no contexto de *batalha*, pois o inverso de paz é guerra.

¹⁹⁵ De acordo com a Concordância de Strong, 7451.

Norman Geisler e Thomas Howe acrescentam no “Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e ‘Contradições’ da Bíblia”:

“Na sua forma temporal, a execução da justiça de Deus às vezes é chamada de ‘mal’, porque parece ser um mal aos que estão sujeitos a ela (cf. Hb 12:11). Entretanto, a palavra hebraica correspondente a ‘mal’ (*rá*) empregada no texto nem sempre tem o sentido moral. De fato, o contexto mostra que ela deveria ser traduzida como ‘calamidade’ ou ‘desgraça’, como algumas versões o fazem (por exemplo, a BJ). Assim, se diz que Deus é o autor do ‘mal’ neste sentido, mas não no sentido moral”¹⁹⁶

Assim, a tradução mais correta desse verso é aquela oferecida pela Nova Versão Internacional e por outras versões, que diz:

“Eu formo a luz e crio as trevas, promovo a paz e causo a desgraça; eu, o Senhor, faço todas essas coisas” (Isaías 45:7)

A “desgraça” (NVI) ou “mal” (ARA) não é o mal *moral*, como o pecado, mas a *guerra*, em contraste com a paz. A Bíblia não é absolutamente contrária à guerra, contanto que seja por uma boa razão. Se os Aliados não tivessem lutado contra Hitler na Segunda Guerra Mundial, provavelmente o mundo teria sido dominado pelos nazistas e seus planos de exterminar todas as raças exceto a “raça pura” ariana teria sido levado à ação em todo o mundo. Isso é totalmente diferente de dizer que *toda* guerra é boa, ou de justificar guerras por motivos fúteis como mera conquista territorial ou roubar petróleo do Iraque.

• Deus enxugará toda lágrima

Finalmente, devemos sempre lembrar que, embora haja dor e sofrimento neste mundo hoje, chegará o dia em que Deus “**enxugará toda a lágrima dos olhos deles. Não haverá mais morte, nem haverá mais pranto, nem choro, nem dor, porque as primeiras coisas são passadas**” (Ap.21:4).

Nessa Nova Terra, o pecado e os pecadores serão extintos e nela “**não entrará coisa alguma impura, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente**

¹⁹⁶ GEISLER, Norman; HOWE, Thomas. **Manual popular de dúvidas, enigmas e 'contradições' da Bíblia**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1999.

os que estão escritos no livro da vida do Cordeiro” (Ap.21:17). Deus só está esperando que a Igreja complete a missão pela qual foi incubida na terra: de ir a todo o mundo e pregar o evangelho a toda criatura, pois “é necessário que antes o evangelho seja pregando a todas as nações, e, então, virá o fim” (Mt.24:14).

Essa vida é apenas uma *passagem*, onde temos a chance de fazer bom uso do nosso livre arbítrio e optar livremente por amar a Deus e segui-lo, em obedecer seus mandamentos e cumprir a grande comissão, para, depois, herdarmos a vida eterna na ressurreição dos mortos. Se Deus tivesse criado todos direto no Céu, não haveria a necessidade de crer nEle pela fé. Ele quis estender Seu Reino na Terra, para que nela fiquem aqueles que não amaram suas próprias vidas, mas Aquele que as resgatou e salvou.

Se você gostou deste livro, não deixe de compartilhá-lo e divulgá-lo onde quiser e puder. Você também poderá gostar dos meus blogs, onde escrevo frequentemente, e dos meus outros livros, todos disponíveis para download gratuito em: <lucasbanzoli.com/2017/04/0.html>.

-Meus blogs:

-LucasBanzoli.Com (www.lucasbanzoli.com)

-Compêndio que reúne todos os artigos já escritos por mim.

-Apologia Cristã (apologiacrista.com)

-Artigos de apologética cristã sobre doutrina e moral.

-Heresias Católicas (heresiascatolicas.blogspot.com)

-Artigos sobre o Catolicismo Romano.

-Ateísmo Refutado (ateismorefutado.blogspot.com)

-Provas da existência de Deus e da veracidade da Bíblia.

-O Cristianismo em Foco (ocristianismoemfoco.blogspot.com)

-Reflexões cristãs e estudos bíblicos.

-Desvendando a Lenda (desvendandoalenda.blogspot.com)

-Refutando a imortalidade da alma.

-Reflexões Políticas (reflexoes-politicas.blogspot.com)

-Análises políticas e ideológicas.

-Siga-me pelo Facebook:

<https://www.facebook.com/lucasbanzoli1>

-Siga-me no YouTube:

<https://www.youtube.com/channel/UCIWkZNgtKfDDqITGYICPKAA/videos>